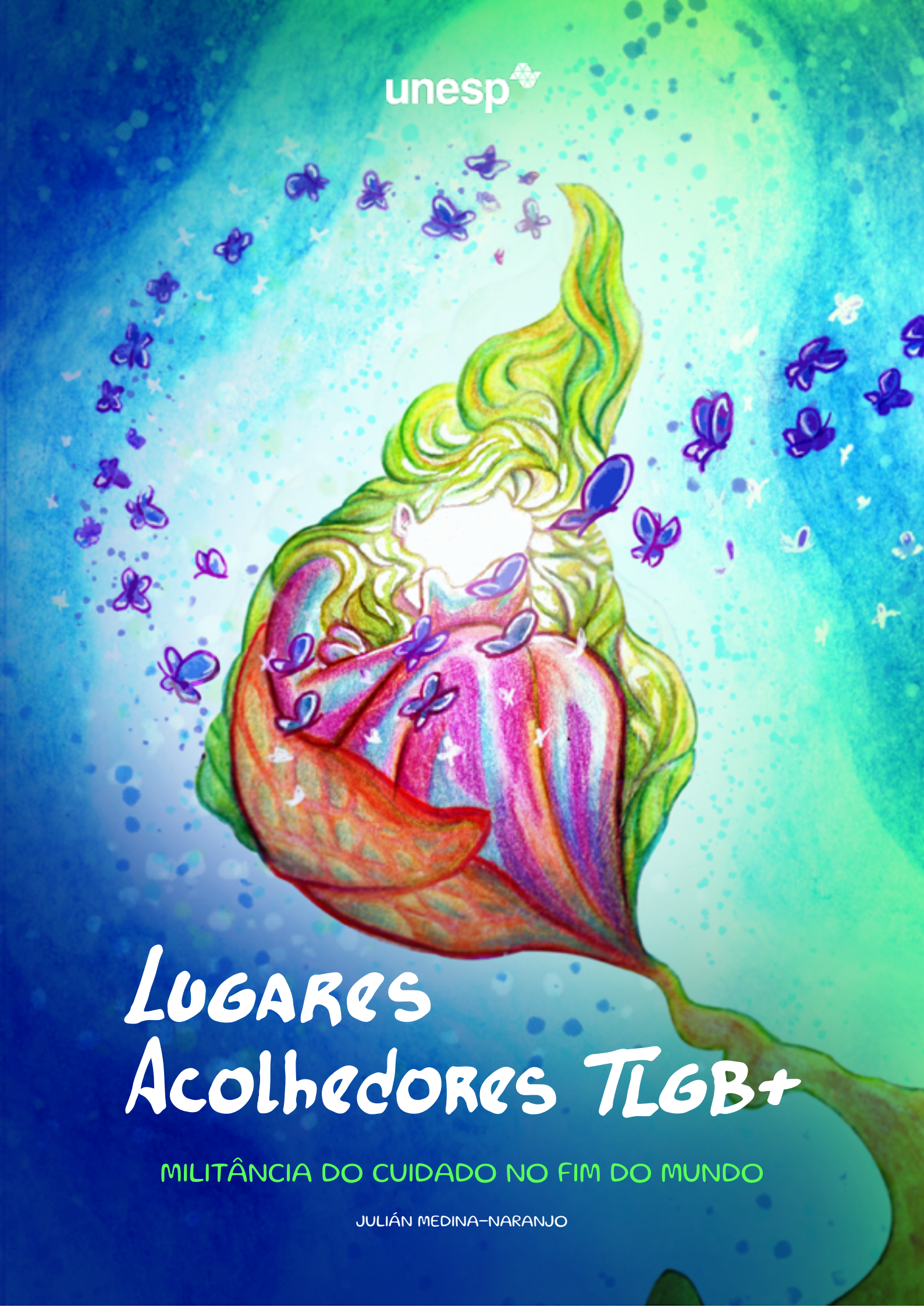


unesp



LUGARES Acolhedores TLGB+

MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO

JULIÁN MEDINA-NARANJO





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE DOUTORADO EM GEOGRAFIA



Julián Medina-Naranjo



LUGARES Acolhedores TLGB+

MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO

Julián Medina-Naranjo

LUGARES Acolhedores TLGB+

MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO

Tese apresentada ao Programa de Pósgraduação
em Geografia da Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), como exigência
para obtenção do título de doutor em Geografia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Raul Borges Guimarães

PRESIDENTE PRUDENTE 2022



M4911 Medina-Naranjo, Julián Eduardo
Lugares Acolhedores TLGB+ : militância do cuidado no Fim do Mundo / Julián Eduardo Medina-Naranjo. -- Presidente Prudente, 2022
192 p. : il., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Raul Borges Guimarães

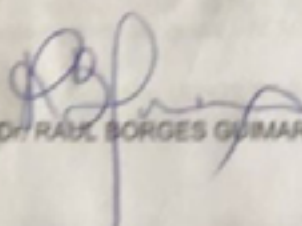
1. Lugares acolhedores. 2. Militância do cuidado. 3. Dorodidade. 4. Militância TLGB+. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

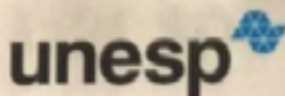
Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JULIAN EDUARDO MEDINA NARANJO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 21 dias do mês de outubro do ano de 2022, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro II, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de JULIAN EDUARDO MEDINA NARANJO, intitulada **LUGARES ACOLHEDORES TLGB+: MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente, Profa. Dra. MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Planejamento e Administração Escolar / Universidade Federal do Paraná (UFPR), Prof. Dr. MARTIN IGNACIO TORRES RODRÍGUEZ (Participação Virtual) do(a) Departamento de Geografia / Universidad de Chile, Prof. Dr. NECIO TURRA NETO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente, Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Social / Unesp/FCL - Câmpus de Assis. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: LUGARES ACOLHEDORES TLGB+: MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO

AUTOR: JULIAN EDUARDO MEDINA NARANJO

ORIENTADOR: RAUL BORGES GUIMARÃES

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em GEOGRAFIA, área:
Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Participação Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Profa. Dra. MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA (Participação Presencial)
Departamento de Planejamento e Administração Escolar / Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof. Dr. MARTIN IGNACIO TORRES RODRÍGUEZ (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / Universidad de Chile

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO (Participação Presencial)
Departamento de Geografia / FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA (Participação Presencial)
Departamento de Psicologia Social / Unesp/FCL - Câmpus de Assis

Presidente Prudente, 21 de outubro de 2022



PARA MINHA PRIMA ÂNGELA,

uma pessoa trans de quem minha família não fala
e quem nunca conheci,
mas que esteve presente em cada página deste texto.

Eu teria gostado de falar contigo
e ter te perguntado tantas coisas;
ou pelo menos, só ficado em silêncio
no meio de um abraço.







AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas com quem tenho uma dívida enorme, mas eu faço questão de, virtual ou pessoalmente, agradecer cada vez que posso. Minha dívida de gratidão só aumentará com o tempo e seguirei fazendo questão de renovar meus votos de gratidão com todas elas. Pessoas que amo e com as quais tenho aprendido muito do Brasil, da Argentina, do Chile, do Uruguai, da Bolívia e também da Colômbia e dos outros países do nosso Abya Yala e, sobretudo, da luta TLGB+ no nosso continente. Se tentasse escrever cada um dos nomes das pessoas que contribuíram, de uma ou de outra forma, pecaria, seguramente, por omissão; por essa razão, decidi usar as palavras que o mítico Gustavo Cerati usou em março de 1997, no Estádio de River Plate na Argentina: *GRACIAS TOTALES*.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ESCLARECIMENTOS

Considero importante apontar dois assuntos antes de começar:

1. Faço questão de deixar registrado aqui meu pedido de desculpas para o Paraguai, e a luta das organizações TLGB+ desse país, que no meu entendimento faria parte do que chamei nesta tese: Fim do Mundo, mas que por questões de tempo e capacidade logística não consegui incluir neste trabalho, mesmo tendo informações sobre projetos de lugares acolhedores paraguaios.
2. Se você lê este trabalho digitalmente vai encontrar o ícone de um olho (👁) que terá o link para as músicas (🔊), sites e informações. Se você está com a versão impressa, poderá usar o seguinte código QR para escutar as músicas e visitar os perfis dos lugares acolhedores enquanto faz sua leitura.



RESUMO

Esta é uma análise da história, o trabalho e a militância do cuidado de alguns lugares acolhedores no Fim do Mundo. Chama-se Fim do Mundo nos países visitados por nós: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile e Uruguai; cinco nações no sul da América do Sul. Estes lugares acolhedores abraçam corpos TLGB+, propiciando espaços para que eles possam SER e não só ESTAR, constituindo-se como Casas ou *House*: casas de abrigo, de acolhimento, drag, ballroom, centros de referência, coletivas ou redes acadêmicas; organizações sociais, alimentadas pela histórica luta TLGB+ latino-americana, lideradas por pessoas TLGB+ que fazem da sua própria dor a fonte de energia para o seu trabalho militante. A Casassa, casa de acolhimento TLGB+ de Presidente Prudente e Região, no Brasil, foi a porta de entrada para conhecer outras organizações, tendo sido o trabalho realizado ali a motivação para fazer uma viagem pelo sul da Abya Yala, buscando conhecer as diversas formas como as pessoas TLGB+ encontram estratégias para possibilitar a existência de lugares, em que além de terem vínculos afetivos, possam ser acolhidas. O protagonismo das mulheridades que atravessam os corpos diversos, na luta TLGB+ latino-americana, evidencia-se em cada uma das casas visitadas, motivando a reorganização da sigla e o uso da letra T no começo, como se faz na Bolívia há mais de dez anos.

Palavras-chave: lugares acolhedores; militância do cuidado; dorodidade; mulheridades TLGB+; militância TLGB+.

RESUMEN

Este es un recorrido por la historia, el trabajo y la militancia del cuidado de algunos lugares acogedores en el Fin del Mundo, se llama Fin del Mundo a los países que fueron visitados: Argentina, Brasil, Bolivia, Chile y Uruguay, cinco países al sur de América del Sur. Estos lugares acogedores abrazan cuerpos TLGB+, propiciando espacios para que esos cuerpos puedan SER y no solo ESTAR, constituyéndose como Casas o House: casas de abrigo, de acogimiento, drag, ballroom, centros de referencia, coletivas o redes académicas; organizaciones sociales, alimentadas por la histórica lucha TLGB+ latinoamericana, lideradas por personas TLGB+ que hacen de su propio dolor la fuente de energía para su trabajo militante. La Casassa, casa de acogimiento TLGB+ de Presidente Prudente y Región, en Brasil, es la puerta de entrada para conocer otras organizaciones, recibiendo motivación en su trabajo para realizar un viaje por el sur de la Abya Yala y conocer las diversas formas como las personas TLGB+ encuentran estrategias para propiciar lugares, en los que además de poder tener vínculos afectivos, puedan ser acogidas. El protagonismo de las mujeridades que atraviesan los cuerpos diversos, en la lucha TLGB+ latinoamericana, se evidencia en cada una de las casas visitadas y motivaron la reorganización de la sigla y el uso de la letra T al comienzo, como se hace en Bolivia desde hace más de diez años.

Palabras clave: lugares acogedores; militancia del Cuidado; Doloridad; Mujeridades TLGB+; Militancia TLGB+.

ABSTRACT

This is an analysis of the History, the work and the care militancy of some welcoming places at the End Of The World. We call End Of The World the countries visited by us: Argentina, Brazil, Bolivia, Chile and Uruguay; five nations in the south of South America. These welcoming places embrace TLGB+ bodies, providing spaces where they can EXIST, not just STAY, consisting of homes or Houses: shelters, drag queens foster homes, ballrooms, health services, collectives and academic network; social organizations, supported by Latin-American TLGB+ historical fight, led by TLGB+ people who turn their own pain into power source for their militant work. Casassa, a foster home for TLGB+ people from the region of the city of Presidente Prudente, Brazil, was the gateway to get to know other organizations, since the work done there became the motivation for a trip to the south of Aby Yala, searching knowledge of the different ways in which TLGB+ people find strategies to enable the existence of places where, besides having affective bonds, they are welcome. The MULHERIDADE protagonism that crosses different bodies, in Latin-American TLGB+ fight, became more evident in each of the houses that were visited, motivating the reorganization of the acronym and the use of the letter T at its beginning, in the same way it has been used in Bolivia for over ten years.

Keywords: welcoming places, militancy of care; dororidade; TLGB+ mulheridades, TLGB+ militancy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- p.04 ILUSTRAÇÃO 1: Sistemas do corpo
- p.10 ILUSTRAÇÃO 2: Sigla e bandeira TLGB+ do Abya Yala
- p.33 ILUSTRAÇÃO 3: Modelo do Corpo Dominante
- p.60 ILUSTRAÇÃO 4: Fachada da Casassa. Autor: Derick Sanches, 2017
- p.60 ILUSTRAÇÃO 5: Planos da Casassa. Autor: Derick Sanches, 2017
- p.80 ILUSTRAÇÃO 6: Catálogo de serviços Anjos da Casassa, 2019
- p.156 ILUSTRAÇÃO 7: Logo Rede Yumbrel, 2019

LISTA DE MAPAS

- p.13 MAPA 1: Cidades visitadas, com lugares acolhedores no Abya Yala



LISTA DE IMAGENS

- p. 27 IMAGEM 1: Primeira Marcha do Orgulho no México, 29 de junho de 1979
- p. 30 IMAGEM 2: Sisygambis, a mãe de Darius, confundindo Hephaestion com Alexandre o Grande, de Francesco de Mura
- p. 30 IMAGEM 3: Frida Kahlo e Chavela Vargas
- p. 31 IMAGEM 4: Lili Ilse Elvenes
- p. 32 IMAGEM 5: Muxes, transgêneros indígenas do sul do México
- p. 32 IMAGEM 6: We'wha (1849-1896): uma das mais famosas Dois Espíritos da Nación Zuni
- p. 36 IMAGEM 7: Carlos Espinoza (Ofelia), Carnaval de Oruro, Bolívia 1974
- p.36 IMAGEM 8: Marsha P. Johnson, ativista e uma das principais protagonistas da histórica luta de Stonewall, de 1969
- p. 37 IMAGEM 9: Mobilização TLGB+, Bogotá, 28 de junho de 1982
- p. 38 IMAGEM 10: Carlos Jáuregui, 1984. Primeiro homossexual na mídia argentina. Foto: Gentileza Pietro Salemme. Biblioteca LGTBI+ "Oscar Hermes Villordo"
- p. 39 IMAGEM 11: Parada do Orgulho, domingo 9 de Junho de 2017 - Parque do Povo de Presidente Prudente
- p.41 IMAGEM 12: Marcha do Orgulho em Buenos Aires. Foto: Alejandro Pagni/AFP/Getty images
- p.45 IMAGEM 13: XVIII Marcha do Orgulho, em Santiago de Chile. Fonte: Fotografia de arquivo. EFE/Alberto Valdés
- p.55 IMAGEM 14: Casassa: Casa de Acolhimento TLGB+
- p.56 IMAGEM 15: Reunião "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil

- p.56 IMAGEM 16: Reunião "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil.
- p.57 IMAGEM 17: Reunião "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil
- p.59 IMAGEM 18: Minha casa e, ao fundo, a Casassa, 2017
- p.61 IMAGEM 19: Reunião de fundadores na Casassa, 2017
- p.62 IMAGEM 20: Reunião de fundadores e voluntários da Casassa, 2017
- p.63 IMAGEM 21: Levante Popular da Juventude pintando a Casassa, 2017
- p.63 IMAGEM 22: Levante Popular da Juventude pintando a Casassa, 2017
- p.64 IMAGEM 23: Reunião de fundadores, voluntários e acolhidos da Casassa, 2018
- p.65 IMAGEM 24: Reunião de fundadores e voluntários no dia do Bazarsasso, 2017
- p.65 IMAGEM 25: Divulgação do Bazarsasso, 2017
- p.66 IMAGEM 26: Bazarsasso, 2017
- p.66 IMAGEM 27: Bazarsasso, 2017
- p.67 IMAGEM 28: Festa DRAG O'QUEEN, 2017
- p.67 IMAGEM 29: Festa DRAG O'QUEEN, 2017
- p.67 IMAGEM 30: Festa DRAG O'QUEEN, 2017
- p.68 IMAGEM 31: Noite Cultural da Casassa, 2017
- p.68 IMAGEM 32: Noite Cultural da Casassa, 2017
- p.69 IMAGEM 33: Doações da Casassa, 2017
- p.69 IMAGEM 34: Doações da Casassa, 2017
- p.71 IMAGEM 35: Visita da deputada Sâmia Bomfim na Casassa, 2018
- p.71 IMAGEM 36: Storie no Bazar de Marcela Mc Gowan, 2019
- p.72 IMAGEM 37: Portão da Casassa destruído, 2019
- p.73 IMAGEM 38: Reunião Coletiva LUTA na Casassa, 2018

- p.74 IMAGEM 39: Roda de conversa na Casassa, 2018
- p.74 IMAGEM 40: Roda de conversa na Casassa, 2019
- p.75 IMAGEM 41: Museu Municipal com a Exposição “Visibilidade LGBTQ+”, 2019
- p.76 IMAGEM 42: Reuniões no Museu Municipal de Presidente Prudente com integrantes do Coletivo Mãos Negras e da Casassa, 2019
- p.78 IMAGEM 43: Visita de estudantes no Museu Municipal, na Exposição (Re)existimos: Histórias, Arte e Ativismo do Movimento LGBTQ+, 2019
- p.78 IMAGEM 44: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019
- p.78 IMAGEM 45: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019
- p.79 IMAGEM 46: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019
- p.82 IMAGEM 47: Reconstrução do portão da Casassa, 2019
- p.84 IMAGEM 48: Turma da Oficina de Libras na Casassa, 2019
- p.84 IMAGEM 49: Organização do Brechó da Casassa setembro, 2019
- p.86 IMAGEM 50: Faxina final na Casassa, 2019
- p.86 IMAGEM 51: Doação da Casassa à Fundação Tra Noi, 2019
- p.86 IMAGEM 52: Entrega da doação da Casassa à Fundação Tra Noi, 2019
- p.88 IMAGEM 53: Algumas mulheres da Casassa em uma atividade na UNESP, 2019
- p.90 IMAGEM 54: Algumas mulheres da Casassa em uma atividade na UNESP, 2018
- p.91 IMAGEM 55: Encontro de algumas lideranças da Casassa e suas famílias, 2019
- p.103 IMAGEM 56: Primeiro Fórum de Casas de Acolhida LGBTQ+ do Brasil, setembro de 2019
- p.104 IMAGEM 57: Significado da logo Casinha
- p.106 IMAGEM 58: Natália e Douglas da Casinha
- p.109 IMAGEM 59: Convocatória da Casinha para voluntários
- p.111 IMAGEM 60: Bloco da Casa Miga.
- p.112 IMAGEM 61: Primeira Reunião, 2020, Coordenação da Casa Miga

- p.116 IMAGEM 62: Recebimento de doações na Casa Miga.
- p.117 IMAGEM 63: Primeira reunião, 2019, Casa chama.
- p.120 IMAGEM 64: A Casa Chama é FOGO
- p.122 IMAGEM 65: Primeiro Chama Festival: TRANSversalidades, no Teatro Oficina
- p.126 IMAGEM 66: Apresentação da Agenda Política - Colectivo TLGB Bolívia
- p.129 IMAGEM 67: Reunião com voluntárias de "YO SOY MI PRIMER AMOR", experiências da Oficina Região Livre de Discriminação
- p.131 IMAGEM 68: Josué em uma Kiki Ball, Categoria VOGUE
- p.135 IMAGEM 69: Casa Polenta 2019
- p.136 IMAGEM 70: House of Polenta
- p.138 IMAGEM 71: HOUSE OF C-PHER
- p.142 IMAGEM 72: Marcha por la Diversidad 2017
- p.145 IMAGEM 73: Kiki Party na House of Keller, 2017
- p.148 IMAGEM 74: Marcela Romero na Casa Trans, 2019
- p.150 IMAGEM 75: Algumas pessoas da equipe Casa Trans, 2019
- p.153 IMAGEM 76: Encontro na Casa Trans 2019
- p.157 IMAGEM 77: Aplicativo Yumbrel, 2019
- p.157 IMAGEM 78: Aplicativo Yumbrel, 2019
- p.157 IMAGEM 79: Aplicativo Yumbrel, 2019
- p.159 IMAGEM 80: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018
- p.159 IMAGEM 81: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018
- p.159 IMAGEM 82: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018
- p.161 IMAGEM 83: Primeira reunião virtual Rede Yumbrel, 2020

LISTA DE ABREVIATURAS

- **A.T.T.A** - Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros da Argentina
- **ACNUR** - Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
- **BBB** - Big Brother Brasil
- **CEDES** - Centro de Estudos de Direito Econômico e Social
- **CHA** - Comunidade Homossexual Argentina
- **CIDH** - Comissão Interamericana de Direitos Humanos
- **COVID** - Corona Virus Disease
- **CUT** - Central Única dos Trabalhadores
- **DTS** - Doenças de Transmissão Sexual
- **FGV** - Fundação Getúlio Vargas
- **GGB** - Grupo Gay da Bahia
- **GLBT** - Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais
- **GLS** - Gay, Lésbicas e Simpatizantes
- **GT** - Grupo de Trabalho
- **HIV-AIDS** - Vírus da Imunodeficiência Humana - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- **ILGA-LAC** - Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais para a América Latina e o Caribe
- **IURD** - Igreja Universal do Reino de Deus
- **LGBT** - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

- **LGBTQIAP+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e mais
- **LGBTQQICAPF2K+** - Lesbiana, Gay, Bissexual, Transgênero, Transexual, Travesti, Queer, Questioning (questionador), Intersexual, Curioso, Assexual, Agênero, Aliado, Pansexual, Polisssexual, Amigos e Família, Dois espíritos, Kink e mais
- **MLHC** - Movimiento por la Liberación Homosexual
- **MOHL** - Movimento Homossexual de Lima
- **MSTPC-AG** - Movimentos Socioterritoriais em Perspectiva Comparativa - Alianças Globais de Pesquisa
- **MSTPC-RPI** - Movimentos Socioterritoriais em Perspectiva Comparativa - Redes de Pesquisa Internacionais
- **OAB** - Ordem de Advogados do Brasil
- **OIM** - Organização Internacional das Migrações
- **ONG** - Organização Não Governamental
- **ONU** - Organização das Nações Unidas
- **PCD** - Pessoas Com Discapacidade
- **PEP** - Profilaxia Pós-Exposição
- **PrEP** - Profilaxia Pré-Exposição
- **PSC** - Partido Social Cristão
- **PT** - Partido dos Trabalhadores
- **RH** - Recursos Humanos
- **SciELO** - Scientific Electronic Library Online
- **SESC** - Serviço Social do Comércio
- **TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso
- **TLGB+** - Transexuais e Travestis, Lésbicas, Gays e Bissexuais
- **UNAIDS** - Joint United Nations Programme on HIV/AIDS
- **UNESP** - Universidade Estadual Paulista
- **UNIRIO** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
- **UNOESTE** - Universidade Oeste Paulista
- **USP** - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO p. 01

I.	EN ALGÚN LUGAR	P. 03
II.	YO VENGO A OFRECER MI CORAZÓN	P. 09
III.	MULHER DO FIM DO MUNDO	P. 13
IV.	RELATO DE UM HOMEM DE BOM CORAÇÃO	P. 18

UMA HISTÓRIA DE LUTA TLGB+ p. 27

1.1	POR DENTRO DA TERRA	P. 28
1.2	CANCIÓN CON TODOS	P. 31
1.3	MAL NECESSÁRIO	P. 35
1.4	PONTE CHINGONA	P. 41
1.5	ABRÁZAME MUY FUERTE	P. 45
1.6	CORAZÓN RESISTE	P. 48

A CASASSA: UM LUGAR ACOLHEDOR p. 55

2.1	LA GUERRILLA DE LA CONCORDIA	P. 58
-----	------------------------------------	-------

2.2	REMEMOS	P. 62
2.2.1	BAZARSASSO	P. 65
2.2.2	DRAG O'QUEEN	P. 66
2.2.3	NOITE MUSICAL NA CASASSA	P- 68
2.3	PASSE EM CASA	P. 69
2.4	NA RUA, NA CHUVA, NA FAZENDA	P. 75
2.5	A QUEDA	P. 80
2.6	ME LLEVARÁS EN TI	P- 87

MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO p. 103

CASINHA - RIO DE JANEIRO

3.1	VIAJEI O MUNDO TODO DENTRO DO RIO DE JANEIRO	P. 104
3.2	SE BUSCAN VALIENTES	P. 107

CASA MIGA - MANAUS

3.3	O TEMPO E A ETERNIDADE	P. 110
3.4	UN MUNDO MENOS MIERDA	P. 113

CASA CHAMA - SÃO PAULO

3.5	NÃO EXISTE AMOR EM SP	P.117
3.6	MEU MUNDO É O BARRO	P.121

COLECTIVO TLGB - BOLÍVIA

3.7	UNA PENA TENGO YO	P.124
-----	-------------------------	-------

HOUSE OF POLENTA - URUGUAI

3.8	TE VOY A ENSEÑAR	P. 130
-----	------------------------	--------

3.9	CUÍDAME	P. 134
-----	---------------	--------

HOUSE OF C-PHER - CHILE

3.10	Y TODOS ME MIRAN	P. 137
------	------------------------	--------

3.11	SIN TI NO SOY NADA	P. 141
------	--------------------------	--------

CASA TRANS - ARGENTINA

3.12	AMOR PLANERO	P. 147
------	--------------------	--------

3.13	NO ME ESCONDO MÁS	P.151
------	-------------------------	-------

REDE YUMBREL - ABYA YALA

3.14	QUÉDATE UN RATITO MÁS	P. 155
------	-----------------------------	--------

3.15	QUE NO FALTE UN SUEÑO	P. 160
------	-----------------------------	--------

LIÇÕES transFORMADORAS p. 165

I. SOBRE FRACASSAR E NÃO MORRER TENTANDO	P. 166
--	--------

II. SOBRE A DORORIDADE QUE MOBILIZA	P. 169
---	--------

III. SOBRE O PROTAGONISMO DAS MULHERIDADES	P. 171
--	--------

IV. SOBRE A MILITÂNCIA DO CUIDADO	P. 174
---	--------

V. SOBRE OS LUGARES ACOLHEDORES	P. 179
---------------------------------------	--------

REFERÊNCIAS p.185



INTRODUÇÃO

Passaram-se muitas coisas antes de começar a escrita desta introdução. Comecei muitos textos antes deste, descartei muitos desses textos; passei muitos meses brigado com estas páginas e muitas horas olhando para a tela do computador tentando entender o porquê deste aparelho não me apoiar com um pouco de inspiração. Pensei em não continuar. Cogitei desistir muitas vezes. Muitas vezes pensei em fugir com Derick, meu namorado, pegar nossos quatro gatos, nosso cachorro, alguma plantinha da casa e viajar. Foi um texto que sobreviveu a uma pandemia; a introdução de uma tese que naufragou e não morreu, que viveu isolada e com medo das pessoas, mas que, mesmo com todas essas tempestades, hoje está aqui, dando as boas-vindas.

Embora este primeiro parágrafo possa parecer um pouco dramático, considero que é uma ótima forma de começar uma tese autobiográfica, descritiva e que está redigida em primeira pessoa; um texto autoral escrito em um estilo literário porque a realidade não tem uma linguagem pela qual deseja ser descrita e acredito, que escrever desta forma autoral não é distante da academia. Muito pelo contrário, como cada vez mais fica demonstrado pelas metodologias feministas participativas que se distanciam da visão androcêntrica que observa o mundo desde um olhar heteropatriarcal (em que homens brancos, heterossexuais e, preferivelmente europeus ou anglo-saxões interpretam a realidade), esta tese não podia ser escrita de outra forma, pois são apresentadas experiências marcantes de acolhimento e abrigo para pessoas Transexuais e Travestis, Lésbicas, Gays e Bissexuais (TLGB+).

Uma dessas experiências, construída na cidade de Presidente Prudente, foi nossa Casassa, um casa para acolher pessoas TLGB+ e que foi uma oportunidade incrível de crescimento que me trouxe muitas alegrias, mas que não deixou de trazer também tristezas. Um espaço que construímos com as nossas mãos e que também com as nossas mãos destruímos, experiência que vou compartilhar no segundo capítulo. Antes disso, no primeiro capítulo vamos refletir um pouco sobre a luta TLGB+ na América Latina e como chegamos ao que estamos chamando, neste texto, de Militância do Cuidado; como chegamos a ter projetos de autoproteção aqui no nosso Abya Yala, a grande terra que hoje chamamos de América. Finalmente, no capítulo três, vão ser compartilhadas experiências de lugares acolhedores TLGB+ em cinco países do sul da América do Sul, no fim do mundo como diria o Francisco no dia da sua proclamação como Papa (GUEILBURT, 2013).

Foi um grande desafio, talvez até grande demais, porque começamos esta pesquisa querendo abranger os dez países latino-americanos da América do Sul, com o intuito de conhecer um pouco das realidades das lutas TLGB+ neste canto do continente. Foi grande demais, ambicioso e impossível de conseguir, porque no meio da pesquisa houve o fechamento da Casassa com a chegada da pandemia, e com ela a mudança da realidade econômica, o

que impediu-nos de conseguir desenvolver o planejado e alcançar nosso propósito. Contudo, o trabalho foi feito, contando apenas a experiência central desse lugar-abrigo e de outras casas em cinco países do Fim do Mundo: três experiências no Brasil; a luta de uma coletiva na Bolívia; de uma casa trans na Argentina; uma *House Drag* no Chile; uma *Casa Ballroom* no Uruguai; e uma Rede Acadêmica latino-americana; o sul do Sul, o canto final do planeta, o Fim do Mundo.

Para entender melhor o que temos denominado de Lugares Acolhedores LGBTQ+, vamos trilhar um caminho dividido em três capítulos. O primeiro, como anunciado, fará uma percurso histórica pelo movimento TLGB+ na América Latina e, especialmente, na América do Sul, focando nos cinco países em que se localizam as casas e os projetos que vamos conhecer depois, tentando compreender a realidade do nosso continente e o que levou ao surgimento destes lugares, que como adjetivo principal, são acolhedores. A seguir, no segundo capítulo, será apresentada a experiência da Casassa: Casa de Acolhimento TLGB+ de Presidente Prudente e Região, que manteve suas portas abertas de 2017 até 2019. Neste capítulo, acompanhando os relatos de alguns dos seus fundadores, entre os que está quem escreve, iremos revistar a experiência de trabalho desta casa e sua proposta como um Lugar Acolhedor. Para fortalecer esta análise da Casassa como um Lugar Acolhedor, serão apresentadas, no capítulo três, outras experiências no Brasil, na Bolívia, na Argentina, no Chile e no Uruguai. Finalmente, teremos um texto final sobre Lições que denominamos de TRANSformadoras, que serão expostas nas últimas linhas dessa pesquisa.

02

A estrutura desta tese passou por muitas mudanças, como acredito que acontece na maioria das vezes, mas algo que esteve sempre na minha mente foi o desejo de deixar em cada página a essência da pessoa que escreve, minha essência; não por vaidade, senão por necessidade; e para conseguir isto, precisei escrever um texto com destinatário. Esta tese, claramente, deseja ser lida por todas as pessoas que quiserem, mas no momento da escrita, foi pensada para três tipos de remetentes, e por esse motivo escrevi, para cada um deles, um texto. Cada capítulo, então, começa com um pré-texto; estes têm uma função dupla: primeiro, são um texto inicial, um texto de abertura, um endereçamento. A segunda função é ter uma desculpa, um pretexto, uma possibilidade para expressar o que nos textos acadêmicos não me permito, de uma forma muito mais pessoal, sem a rigidez de um texto acadêmico.

Os três pré-textos são dirigidos para três pessoas: O primeiro para Margy, em representação das pessoas TLGB+ na academia, aquelas que são ou que estudam e que trabalham assuntos TLGB+ nas universidades, aquelas pessoas que pesquisam, refletem e escrevem sobre a nossa realidade e nossas lutas. O segundo foi escrito para Benjamin, em representação das pessoas que são ou precisam dos Lugares Acolhedores TLGB+; aquelas pessoas que em algum momento ficaram sem um lugar, porque todos à sua volta eram muito cruéis. Finalmente, o terceiro foi escrito para um grupo de cinco pessoas: Sally, Francisca, Werner, Olímpia e Ninna, em representação das pessoas que lideram esses Lugares Acolhedores TLGB+ dos quais falamos; militantes do cuidado, protetoras das pessoas e da saúde dos corpos dissidentes.

Outra preocupação que tive durante este tempo foi me distanciar da minha essência ao escrever, tentando reproduzir os textos acadêmicos que leio, mas que não sou capaz de escrever igual, talvez porque além de texto, eu também assisto vídeos e documentários, acompanho debates e participo de grupos e, sobretudo, escuto muita música. Gosto tanto

da música latino-americana que no meu cotidiano cito muitas canções, mas não consigo citar com a mesma naturalidade autores, para expressar uma ideia ou opinião, pois quase nunca lembro de nomes de autores ou de livros que possam argumentar minha postura. Para conseguir fazê-lo, preciso estar sentado, analisando e refletindo. Contudo, como disse, minha limitação com citações acadêmicas não existe ao fazer citações musicais. Eu falo com músicas, lembro de trechos de canções quando expresso minhas idéias e faço, com relativa facilidade, relações entre acontecimentos e produções musicais latino-americanas, e não queria deixar essa parte tão forte da minha pessoa fora deste texto. Por isso decidi que todos os subtítulos desta tese seriam títulos de canções em espanhol ou português, que tratam e cantam sobre os assuntos em questão. Algumas vezes vou dialogar com as músicas, outras vezes só vou fazer a citação para introduzir o tema.

Este exercício de procurar títulos de canções, escutá-las, prestar atenção nas letras e em algumas oportunidades, pesquisar as motivações dos e das autoras no momento de escrevê-las, foi uma atividade que ajudou com a minha motivação na escrita. Consegui uma trilha sonora para esta tese e quero compartilhá-la. Escutei muitas músicas, de artistas que já conhecia e outras que não, e cada vez entendia mais as palavras de um dos meus professores do mestrado, que disse em uma aula: “os artistas explicam tudo tão maravilhosamente, mesmo não sabendo nada; já os cientistas, que sabem de tudo, não sabem explicar nada”.

Nesta introdução, além desta primeira parte em que explico a forma como apresento o trabalho, vou esclarecer alguns conceitos que considero importantes, antes de entrarmos na discussão que proponho.

03

I. EN ALGÚN LUGAR

*“Em algum lugar de um grande país
esqueceram-se de construir
Um lar onde não queime o sol
e nascendo não se precisa morrer.
E nas sombras, morrem gênios sem saber
da sua magia concedida, sem pedir,
muito tempo antes de nascer...”
(DUNCAN DHU)*

O mundo está repleto de gênios desperdiçados em lugares esquecidos, como disse o grupo espanhol Duncan Duh, de forma magistral em sua música. Esses pontos geográficos, que podem ser chamados de muitas outras formas, são sempre lugares, uma categoria geográfica tão interessante pela sua subjetividade quanto perigosa, especificamente por essa subjetividade.

Dialogando com muitos companheres, escutando as críticas, comentários e sugestões de pares e professores, uma situação constante foi a proposta insistente de trabalhar desde o olhar de outros conceitos, como o de Território, e não o de Lugar. E mesmo compreendendo a importância deste conceito, ainda mais na geografia brasileira, minha resistência sempre foi grande. Essa resistência não era contra o conceito de Território, senão porque o conceito de Lugar sempre me pareceu mais significativo para os objetivos deste texto. Não ignoro que quando falamos destas Casas e projetos TLGB+, podemos analisá-los a partir de muitos olhares

diferentes; estes lugares são claramente Contra Espaços (MOREIRA, 2006); mas também podem ser Espaços Subversivos (SILVA, 2009) e também são Territórios Afetivos (HUTTA, 2020); são espaços em disputa, com lutas de poderes, relações em muitas vias e características particulares, porém, em minha visão, também são, acima de tudo, Lugares. Como diz Antonio Bernardes (2011): “a própria perspectiva do geógrafo pode ser considerada como particular, assim como a dos biólogos, antropólogos, físicos, matemáticos etc. A particularidade a qual nos referimos aqui indica o modo de interpretação para certa ciência, pois a objetividade é a mesma para todos os cientistas, o que os difere é o seu respectivo modo de interpretação”.

E meu modo de interpretação me orientou a usar, nesta oportunidade, a compreensão que o todo é composto por partes, que não são autossuficientes, uma vez que precisam do todo para existir enquanto parte funcional. Desse mesmo modo funciona o corpo humano, que é formado por vários sistemas, e que, se colocados em imagens sobrepostas, permitem que possamos entender o funcionamento do macro. Segundo essa lógica, que está ciente desse macro e do micro, é que se entende a escolha de utilizar o conceito de Lugar, conceito aprofundado mais a frente.

A escolha pela ideia das sobreposições de imagens surgiu em uma tarde enquanto caminhava. Nessa oportunidade, lembrei dos livros de biologia da minha escola e lembrei que, ensinando sobre o corpo humano, o livro trazia imagens dos diversos sistemas. Era curioso e interessante ver um esqueleto e entender que ele estava dentro da gente, mas que na foto, na imagem, estava isolado. Ver as imagens do sistema circulatório e olhar veias e artérias em vermelho e azul; o sistema muscular, e ver uma pessoa marrom e vermelha que era muito

04

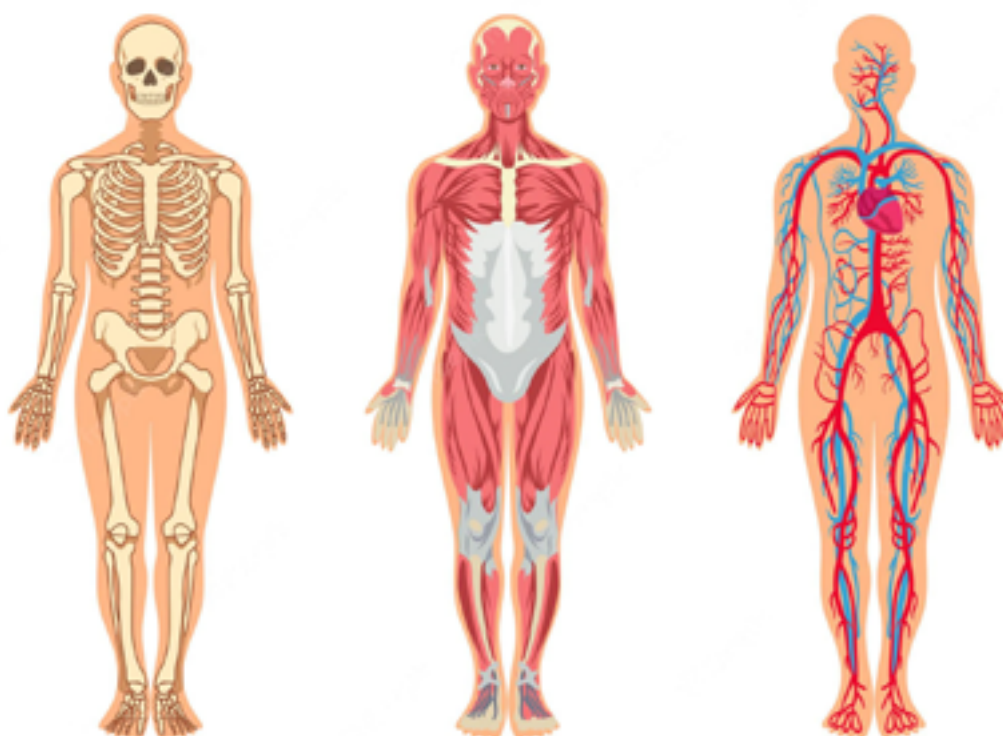


ILUSTRAÇÃO 1: Sistemas do corpo humano.

Fonte: www.freepik.com

mais parecida com a gente que aquela dos ossos; a imagem do sistema respiratório e ver uma pessoa na sua mínima expressão, um pouco maior que aquela da imagem do sistema reprodutor, como podemos ver na ILUSTRAÇÃO 1. Imagem após imagem para olhar em separado aquilo que dentro da gente estava junto, comunicando-se, interagindo. Não poderia um esqueleto andar pela rua sem os outros sistemas, pois um ser humano é composto por todos esses sistemas juntos. Foi a partir desse entendimento do corpo humano descrito acima que entendi o conceito de lugar e de território. Eu não ignoro a luta de poderes, as características dos contra-espacos, as particularidades dos espacos dissidentes, pois são imagens interligadas entre si; mas a imagem que decido observar é aquela que mostra os vínculos, das relações afetivas que se desenvolvem nesses espacos e, para isso, escolhi usar o conceito de Lugar. Nesses lugares se criam vínculos, tanto entre os organizadores, os acolhidos, os colaboradores, como entre a comunidade; conexões afetivas entre as pessoas que habitam esses espacos, que passam por esses espacos e entre todas essas pessoas com os espacos. A imagem do LUGAR dá conta desse “sistema”, em minha visão. O conceito de LUGAR e, ainda mais, de Lugar Acolhedor TLGB+, que será aprofundado com mais detalhe depois, dá conta de falar dos vínculos, dos apegos, das relações afetivas entre as pessoas TLGB+ que habitam estes espacos e compartilham suas dores e suas lutas, e porque uns lugares são acolhedores e outros não, mesmo que isso não necessariamente coincida com a ideia comum.

Existem tantos lugares como pessoas. Lugar é um aqui e um agora. Mas principalmente um “com quem”, e por isso as dificuldades de algumas pessoas de entenderem, e aceitarem esse conceito que parece tão abstrato. O conceito de lugar é muito subjetivo e depende muito desses vínculos. Existem tantos lugares como pessoas porque nós os criamos, são nossos vínculos com outras pessoas e com esses espacos que essas pessoas habitam. Isso faz com que o que é lugar para uma pessoa pode não ser para outra. Ainda mais um lugar acolhedor. O conceito de LUGAR é o mais fascinante e mágico conceito da Geografia, pelo menos para um licenciado em psicologia e pedagogia, pesquisador da geografia da saúde, trabalhador pelos direitos de populações em situação de vulnerabilidade e militante TLGB+. É um conceito vertebral para o entendimento da visão desta pesquisa e, por isso, é fundamental fazer um esclarecimento de como está sendo abordado. Como sabemos, todo conceito tem um passado e uma razão de ser; contem sua história e, por isso, talvez seria relevante antes de fornecer uma definição, entender como esse conceito evoluiu no tempo, lembrando de alguns autores e identificando como tem sido construída sua significância na sociedade.

Esta ideia de lugar existe, seguramente, há muito tempo, como todo “conhecimento geográfico surgiu – sem dúvidas – antes das cidades, antes da escrita, antes do fogo” (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014, p. 120). Contudo, parecem ter sido os filósofos gregos aqueles que começaram a refletir sobre este conceito, a exemplo do próprio Aristóteles, que definiu o lugar como o limite que circunda o corpo e, por muito tempo, este foi o conceito predominante. Poucas aproximações da ciência geográfica viu Lugar como conceito e categoria do conhecimento geográfico. De fato, por muito tempo foi pouco seu destaque sendo entendido, na maioria das vezes, como sinônimo de local (LEITE, 1998).

No entanto, através do tempo, chegou-se a duas ideias de Lugar: um Lugar Geométrico, com medidas de longitude e latitude, um espaco físico medível; e um Lugar onde acontece a vida, um Lugar que pressupõe a existência humana na Terra, um espaco geográfico “vivido ao vivo”, onde as ligações de cada pessoa com ele e com outras pessoas

criam os sentidos (HOLZER, 2003).

Esta segunda proposta de Lugar, esse Lugar vivido, surgiu de um olhar da Geografia dos anos 70, quando profissionais desta área, cansados de uma Geografia sem pessoas, e na tentativa de quebrar com o positivismo que por muitos anos tem invadido a academia, procuraram respostas para suas inquietações e acharam caminhos alternativos junto com a Filosofia. Na década seguinte, o Lugar tomou um pouco mais de protagonismo nos estudos geográficos, e já na década dos 90, tornou-se um tema relevante não só para a Geografia, senão para outras áreas e disciplinas (HOLZER, 2003). Apesar disso, este conceito, em comparação com as outras categorias do espaço como Território, Região ou até Paisagem, é menos estudado na Geografia, e quando não é esquecido, acaba sendo confundido (BARTOLY, 2011).

De fato, na Geografia brasileira,

“...a importância e a atenção que os geógrafos humanistas e fenomenológicos dão ao lugar são maiores do que recebem as outras perspectivas. Isso não significa, pois, que o lugar, assim como qualquer outro conceito ou categoria, seja uma espécie de propriedade de um conjunto de praticantes de ciência. Quanto às dissertações e teses, a expressividade de estudos é pequena, assim como demonstramos a respeito do espaço. No total, são sete trabalhos, somente dissertações”
(CLAUDINO, 2019, p. 198).

06

Assim, o Lugar possui mais amplitude que o simples conceito de Local no momento em que incorpora sentidos e experiências, no momento em que cada pessoa reconhece seu significado através das relações construídas, estabelecidas e compartilhadas; os Lugares são os “centros aos que atribuímos valor” (TUAN, 1977, p. 12). Um Lugar é um local que tem significado para uma pessoa ou para um grupo de pessoas. Ao fim, o espaço transforma-se em Lugar à medida que adquire definição e significado (TUAN, 1977). Neste sentido, o Lugar precisa de valor, significado e propósito, e é configurado como tal a partir das redes afetivas que tecem as relações humanas, “por este motivo ele não pode ser descrito em termos de aparência ou de localização” (HOLZER, 2019).

Poder-se-ia entender, talvez, a fascinação de uma pessoa que trabalhou na área da educação e com população em situação de vulnerabilidade, por este conceito da Geografia, uma vez que é uma categoria geográfica diretamente ligada à essência das pessoas; um conceito que carece de estruturas positivistas de medição, e que guarda em seu interior os profundos significados que cada pessoa constrói; um conceito que privilegia a psique dos seres humanos. O Lugar atravessa a história pessoal e coletiva, foca sua atenção no indivíduo e em tudo o que toca a experiência dos sujeitos. Contudo, a escala do Lugar não necessariamente se reduz a um local, já que as práticas espaciais acontecem em múltiplas escalas (BARTOLY, 2011).

O Lugar tem uma íntima relação com o corpo, o corpo como ferramenta de conexão com o mundo, o corpo que sente, olha, percebe o local e faz dele um Lugar. É através do nosso corpo que percebemos o mundo, o entendemos e o transformamos. É com nosso corpo que podemos ir ao local onde encontramos sossego e acolhimento, este local torna-se um Lugar depois dessa experiência. É por esta razão que este conceito geográfico é tão relevante no momento de entender as Casas para população TLGB+. Nem todos os corpos são bem-vindos em todos os locais, nem

todos os corpos são permitidos de habitar lugares, independentemente de quanto vínculo esses corpos possam ter com esses locais. Existem corpos vulnerabilizados na própria realidade familiar, na casa dos pais, no convívio com os irmãos. Corpos que não têm um lugar, nem no famoso e hiper valorizado “lar doce lar”. Esse espaço geográfico tão especial, tão amoroso e de conforto para muitas pessoas no mundo, sua casa, seu lugar; para muitos outros corpos é violento, não é um lugar acolhedor, se configurando como um espaço de medo.

Oposto aos Lugares, alguns autores, a exemplo de Augé (1994), propõem os Não-Lugares também chamados de DesLugares ou de Lugares de passagem, como aeroportos e grandes mercados: “para este autor a vida cotidiana na supermodernidade se passa nestes espaços”, que carecem de significado e identidade (HOLZER, 2019). Os Lugares, por sua vez, têm identidades, lembranças e vínculos, contudo, muitos Lugares não são acolhedores para alguns corpos e geram exclusão, afastamento e angústia. Existem, então, Não-Lugares que são muito mais Lugares que outros para determinados corpos, porque aqueles que deveriam ser Lugares, são espaços onde esses corpos podem estar, mas não podem ser.

A população TLGB+ conhece muito bem esses lugares que não são acolhedores: a casa dos pais, dos avós, a igreja, a sala de aula, a rua que leva para a padaria. Lugares carregados de significado e história que, para esses corpos TLGB+, tornam-se motivo de ansiedade e aflição. Lugares com muita história e lotados de conexões, que acolhem e consideram dignos de afeto uns corpos e rejeitam outros; que privilegiam o amor que uns corpos oferecem e desprezam o amor dos outros. Mas o amor desses corpos é maior que esses lugares porque “o amor a si próprio pode nos levar a rejeitar uma vida que não está à altura desse amor e que resulta, pelo tanto, indigna de ser vivida” (BAUMAN, 2003, p. 69).

Quando os lugares que conhecemos, os mais próximos, aqueles que fisicamente são acessíveis ao nosso corpo, são proibidos de serem visitados, o nosso próprio corpo começa a procurar por outros lugares. Ter um lugar é uma necessidade vital, e nós, seres humanos, somos criaturas de vínculos. Por vezes esses lugares acabam sendo protegidos pela escuridão da noite ou pela falta de preferência dos outros corpos neles; onde esses corpos, “donos dos lugares”, não conseguem exercer seu controle: O parquinho do bairro, uma rua específica, o espaço que fica embaixo de uma ponte. Esses acabam sendo os lugares para os corpos rejeitados. Limitar a ideia de um lugar a uma escala micro, limita a possibilidade de compreender a complexa rede de significados que as pessoas criam em escalas maiores, ainda mais quando os lugares não são acolhedores para alguns corpos.

É este o desafio das Casas TLGB+, casas que têm como principal objetivo ser um lugar acolhedor para corpos que não tem um lugar, corpos que podem ocupar espaços, mas são proibidos de sentir eles como próprios. Estes projetos, artísticos ou assistenciais, podem ser espaços genéricos de atendimento, apoio psicossocial, distribuição de doações, apresentações, formação ou até ensaios; podem ser espaços de suporte educativo, ou para entrega de cestas básicas, mas precisam, acima de tudo, ser um lugar acolhedor, isto é, um lugar onde os corpos TLGB+ possam ser.

Quando um lugar acolhedor é constituído por pessoas protagonistas da sua própria vida, ou seja, quando esses locais não são resultado de uma obra benéfica e assistencialista, senão iniciativas das próprias pessoas que buscam seus Lugares, estes locais se tornam espaços de militância pelo simples fato de existirem. Quando uma casa de pessoas socialmente excluídas consegue dialogar com o bairro, com os vizinhos; quando as pessoas de uma coletiva conseguem ocupar outros espaços e têm um local onde voltar, quando um espaço permite a presença de todos

os corpos, principalmente os esquecidos e invisibilizados, ativa uma forte corrente que começa a tecer relações que criam significados, e estes espaços, mesmo sendo de passagem, tornam-se lugares para muitas pessoas.

Talvez esta seja a importância destes lugares acolhedores na luta e na militância TLGB+, porque esses espaços, mais que muitos outros, são espaços políticos e fazem militância pela simples razão de existir. Mesmo que explicitamente não se pautasse manifestações e marchas nesses ambientes, ali se faz um tipo de luta que chamamos de Militância do Cuidado, um tipo de ativismo que dá suporte às bases, que acolhe, que abraça, que cria conexões. Ainda mais neste mundo onde vivemos, convivemos e alguns corpos sobrevivem, uma sociedade acostumada a dividir, segregar, classificar por cor, por identidade ou orientação, por sexo, por religião. Entender estes espaços como lugares acolhedores, como lugares de militância, é muito importante e significativo.

O conceito de Lugar que defendemos nasce de uma abordagem humanista, que tenta conversar com novas formas de fazer ciência, onde as pessoas protagonizam e suas emoções tenham relevância. Ao fim, a pouca importância que as ciências positivas dão a estas questões limita as habilidades humanas para entender, construir, e também acaba enganando e dando legitimidade para uns olhares, tirando a razão de outros.

Outro assunto relevante a esclarecer nesta introdução é o foco desta pesquisa. Desde os dias de trabalho na Casassa, as pessoas estavam muito interessadas nas e nos abrigados, por serem uma população vulnerável. Conhecer suas histórias, as razões para terem sido expulsas das suas casas ou as desventuras que tinham vivido nesses dias era gasolina para movimentar as rodas do projeto. Semanalmente, recebemos propostas de projetos das diferentes universidades da região, dos mais variados cursos, desde Arquitetura até Medicina; desde Matemática até Geografia; das mais variadas empresas, dos mais dissimiles grupos de militância, todos interessados em trabalhar com as pessoas abrigadas na Casassa. Porém, para uma pessoa vulnerável, não é tão benéfica toda essa exposição. Na verdade é avassalador e nossa luta como organizadores foi ser um filtro para essas propostas.

Uma vez mais preciso filtrar os interesses de quem possa se interessar na leitura deste texto. Não é minha intenção expor as e os abrigados pelas casas, suas histórias, suas tragédias e conquistas; mesmo que muitas das suas experiências vão atravessar as falas das lideranças das casas. Mas o foco da atenção está nas pessoas que criaram e lideram estes lugares acolhedores, os e as organizadoras, colaboradoras: Porque fizeram isso? Para que uma casa assim? Qual o objetivo? Qual o lucro? Em que momento e por que razão decidiram tentar resolver algo que o Estado deveria estar resolvendo? Em cada uma das entrevistas, com cada uma das pessoas que lideram os projetos que conheci, nos diferentes países do Fim do Mundo, sempre me pareceu fácil enxergar uma motivação além da militância, um desejo de que “quando não houver ninguém, perto ou longe” eles e elas vão “oferecer seu coração”.

II. YO VENGO A OFRECER MI CORAZÓN

*"Quem disse que tudo está perdido?
Eu venho oferecer meu coração
Tanto sangue que levou o rio,
eu venho oferecer meu coração
Não será tão fácil, já sei o que está acontecendo
Não será tão simples quanto pensava!
Como abrir o peito e tirar a alma,
uma facada de amor!"
(FITO PAEZ)*

Atualmente, já no século XXI, ainda existem países onde as diferentes orientações sexuais e as diversas identidades de gênero são perseguidas. Segundo Notícias ONU (17 de maio de 2020), 69 países criminalizam, neste ano, os relacionamentos homoafetivos e em 26 países as pessoas trans foram submetidas a castigos ou sofreram altos níveis de violência. Mais preocupantes ainda são os países onde as pessoas TLGB+ podem acabar encarceradas ou, pior, aqueles 13 países onde são castigados com a pena de morte (CARROLL, 2016). Contudo, nem tudo está perdido: "eu venho oferecer meu coração", como disse Fito Paez, e não só o meu, muitos corações estão sendo oferecidos por esta luta.

Corações em corpos que ocupam espaços como atos de coragem, ideológicos e até políticos. Corações em corpos que usam, ou não, conceitos, palavras ou até letras como atos de coragem. No caso da sigla que reúne os corpos dissidentes, usar um Q, um P, um mais (+), ou não usar, é um ato ideológico e político também. A forma como são organizadas as letras, se vamos usar quatro, sete, ou treze, tudo transparece um posicionamento. Mesmo assim, essas letras da sigla que representa a diversidade têm sido uma construção da qual, não necessariamente, participamos. Algumas dessas letras têm sido reivindicações de pessoas de outros países, em outros cantos do mundo.

Segundo alguns ativistas do Reino Unido, divulgados pelo site The Gay UK, na atualidade a sigla tem treze (13) letras, pelo menos até 2019: LGBTQQICAPF2K+, e mesmo com todas essas letras na sigla, continua sendo importante o mais (+) no final, para seguir marcando presença das múltiplas possibilidades que ainda não estão sendo representadas, visibilizando todas as possibilidades que podem ainda não estarem sendo nomeadas. Nessa sigla, tentam-se convocar, talvez utopicamente, todos os corpos dissidentes da Ideologia dos Dois Gêneros, essa ideologia que tenta encaixar todos os corpos em duas únicas estruturas. Contudo, são letras de palavras que nem sempre têm se reivindicado no nosso continente, a exemplo da letra G, que é a reivindicação da palavra GAY, usada no idioma inglês de forma depreciativa para falar das pessoas homossexuais; a moderna letra Q é a reivindicação da palavra QUEER, usada também no inglês para insultar as pessoas de corpos e expressões de gênero dissidentes. Junto com elas estão outras letras que representam *Curious*, *Pansexual*, *Polysexual*, *Familiares e Amigos*, *Kink* e até o número dois (2) que representa os *Two-Spirit*.

Se nossa sigla fosse construída aqui no Fim do Mundo, seguramente teria um V de VIADO, um B de BICHA para o Brasil ou um M de MARICA, um J de JOTO ou até um P de PUTO nos países hispânicos, mas mesmo assim somos representados por aquele G que importamos. Se a sigla fosse construída no Fim do Mundo, com certeza poderia ter um S

de SAPATÃO, um A de AREPERA ou um T de TORTILLERA para representar as mulheres Lésbicas, dependendo de cada país, mulheres que são representadas pelo L na sigla. A própria letra T que acoberta as pessoas transsexuais, travestis e transgênero, poderia ser representada por um V de VESTIDAS, um I de INVENTADA, um M de MANA ou de MUXES, e até pelo próprio T, mas de TRANSFORMISTA ou TRAVA. Todas estas palavras foram ressignificações feitas aqui no nosso continente, e muitas delas foram insultos que nas nossas bocas viraram mantras. Se nossa sigla fosse construída por nós, teriam palavras em Pajubá, em Guaraní, em Mapugundun, Nahuatl ou em algum outro idioma nativo.

E se essa sigla fosse parte de uma bandeira feita no Fim do Mundo, seguramente seria uma bandeira inspirada na *Whipala*, a bandeira andina, com uma franja vermelha central inclinada para representar o Planeta Terra e a filosofia cósmica, como no mundo andino, mas também todo o sangue das que vieram antes de nós. Também teria uma franja laranja para representar a nossa riqueza patrimonial, a formação, a educação e a cultura da nossa terra; seguida de uma franja amarela para representar a energia e a força. No canto inferior teria outra franja verde para representar a economia e as riquezas naturais, da superfície e do subsolo, a flora e a fauna finalizando com um quadro marrom para representar a verdadeira tonalidade das nossas peles. Na parte superior teria a cor rosa para representar o tempo e a transformação permanente; o azul em representação do espaço cósmico e as dimensões e fenômenos naturais; uma franja roxa representando o misticismo, a espiritualidade e a magia da nossa terra, finalizando com um quadro violeta, representando as diversas ideologias das culturas do Abya Yala como expressão de poder comunitário e harmônico (ILUSTRAÇÃO 2).

Contudo, temos as letras que temos, e a bandeira que é. É o consenso, neste momento, que são letras e cores que nos representam e sua importância não será objeto de debate neste trabalho, porque partimos da base que a representatividade de todas e cada uma dessas dissidências é de altíssima importância para todas aquelas pessoas que fogem da Ideologia dos Dois Gêneros.

A reflexão sobre a Ideologia dos Dois Gêneros surgiu no interior da Casassa devido à, vilmente divulgada, Ideologia de Gênero, tão importante para os discursos conservadores. Diariamente, durante os dois anos de trabalho, escutamos a famosa Ideologia de Gênero sendo falada na mídia, nas redes sociais, em encontros; um conceito não-conceito, palavras sem semântica própria e ao mesmo tempo carregadas de preconceito. Ideologia de Gênero é uma expressão que carrega um sentido pejorativo, negativo e até ofensivo; usado por alguns dos setores mais conservadores da sociedade e repetido com o intuito de protestar contra atividades que buscam falar sobre a questão de



ILUSTRAÇÃO 2: Sigla e bandeira TLGB+ do Abya Yala.

Fonte: Julián Medina-Naranjo

gênero e assuntos relacionados – como sexualidade e orientação – nas escolas; temendo que ao falar sobre as questões mencionadas, a escola acabe indo contra o que alguns grupos têm denominado de valores da família tradicional.

Embora as origens do termo “Ideologia de Gênero” às vezes não parecem claras, o certo é que foi a Igreja Católica, no texto do cardeal Joseph Aloisius Ratzinger em 1997, onde foi usado pela primeira vez (MISKOLCI, R; CAMPANA. 2017). Também podemos identificar um antecedente importante nas críticas à perspectiva de gênero e os Direitos Sexuais e Reprodutivos durante alguns encontros na década de 1990, principalmente nas discussões nas Cúpulas das Organizações das Nações Unidas, finalizando o século. De fato, o Vaticano se manifestou contra as declarações da Conferência de População e Desenvolvimento no Cairo (1994), assegurando que era um evento para promover o aborto e a homossexualidade. As primeiras campanhas contra as identidades de gênero começaram na Europa e, em seguida, seguiu pelo mundo; e na América Latina não foi diferente. No México, em 2016, houve mobilizações contra os casais homoafetivos e em quase 20 cidades centenas de pessoas marcharam a favor da “família tradicional”, convocadas pelas igrejas; enquanto no Peru, no Equador e no Brasil, em 2017, as manifestações foram contra as iniciativas da educação sexual, e assim em vários outros países. Toda esta batalha contra a identidade de gênero na América Latina é patrocinada, principalmente, pelas igrejas cristãs que consideram que os países da região estão sob ameaça de uma colonização ideológica por parte de pressões políticas e financeiras estrangeiras, que tem por objetivo obrigar as pessoas a abortarem ou ter relacionamentos homossexuais (CAMPOY, 2017).

Nosso trabalho na Casassa fez com que os ataques fossem constantes por conta desta “Ideologia de Gênero”; e permanentemente tínhamos que escutar pessoas argumentando algum ataque baseado nela. Foi preciso, então, começar a refletir sobre o assunto. Analisamos que existe sim uma ideologia imposta que obriga as pessoas a viverem sem escolha, uma ideologia que decide sobre os corpos antes do nascimento e que obriga a gente a falar, vestir e se comportar de uma forma determinada. Refletimos que não tem maior processo de ideologização que separar as pessoas em caixas binárias e entregar para cada caixa benefícios, permissões ou limitações de acordo com o órgão genital. Não tem uma ideologia mais perigosa que aquela que é imposta e separa os seres humanos em duas interpretações de sexualidade, orientação, identidade e expressão de gênero, segregando toda alternativa diferente. Essa é a “Ideologia dos Dois Gêneros” que diz que pessoas com pênis têm que gostar, sexual e emocionalmente, de pessoas com vagina; que pessoas com pênis podem e devem se vestir de uma forma e pessoas com vagina de outra; que o cabelo de umas deve ser de uma forma e o cabelo das outras deve ser de outra forma; que os trabalhos que um pode fazer são estes e os trabalhos que a outra pode fazer são esses outros; que uma pessoa com pênis tem que gostar de umas atividades e não de outras, enquanto as pessoas com vagina têm que gostar de uma limitada variedade de atividades, normalmente atividades de serviço. Esta Ideologia indica que existem cores para as pessoas com pênis e cores para as pessoas com vagina. E na nossa reflexão, concluímos que essa Ideologia dos Dois Gêneros precisa acabar.

Para ajudar com o fim dessa terrível Ideologia dos Dois Gêneros é que existe a famosa sigla das 13 letras ou do número de letras que cada um tiver necessidade de usar. As letras e

a ordem delas têm sido pautadas em diferentes momentos desde 1970, quando o movimento era conhecido como Movimento Homossexual e, depois de várias conferências e encontros de ativistas e militantes, em diferentes países, incluídos os nossos, começaram a se incorporar novas letras que identificassem a particularidade de pessoas que não estavam se sentindo contempladas com a denominação "Homossexual". Primeiro como um simples GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), polêmico para as discussões atuais; logo em 1997 surge um GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais), que permaneceu até 2008, quando o movimento de mulheres demandou seu protagonismo conseguindo o conhecido LGBT (FIGARI, 2010). A partir desse momento, os debates acontecem, as letras aparecem e somem, mas seja como for, a sigla continua ressignificando toda a diversidade. Poderíamos também situar essa discussão acerca do uso das letras na crítica decolonial e refletir se no contexto do "Fim do mundo" não seria mera reprodução de uma visão do centro do sistema mundial. Na presente tese, compreendo que essas denominações criadas, por exemplo, nos Estados Unidos, acabaram sendo apropriadas e adaptadas pela cultura de resistência que se criou em diferentes movimentos que serão aqui contextualizados.

Para esta tese e, como ato político e de reconhecimento, tem se tomado a decisão de reconhecer o protagonismo das pessoas Transexuais e Travestis nesta luta das dissidências latino-americanas, deixando, como pode-se ver desde o título, a letra T no começo da sigla. Além de um ato reivindicativo, é um reconhecimento da realidade latino-americana: depois de falar com pessoas das Casas, nos diferentes países, de participar de atividades, de trabalhar na Casassa e receber acolhidas e acolhidos; depois de ler e acompanhar a história do movimento TLGB+ no nosso continente, parece evidente o protagonismo das pessoas T. A principal população atendida pelas Casas são pessoas T, as mais desprotegidas são estas pessoas e, ao mesmo tempo, são as que estão na primeira linha na luta; vários dos e das colaboradoras mais potentes e dedicados da Casassa, e dos outros projetos que visitei, são pessoas T. E principalmente, são elas, as pessoas T, as que sempre têm dado a cara à tapa nestas lutas, seja nos Estados Unidos, na famosa rebelião de Stonewall, ou na América Latina, como veremos no primeiro capítulo. E, se não for suficiente, também é porque as pessoas T são as que mais incomodam aos corpos dominantes.

A razão de não usar mais que quatro letras veio de uma observação que recebi na minha banca de qualificação, quando me perguntaram se eu tinha recebido pessoas QUEER na Casassa. Refleti e percebi que não, nossas letras são outras e essas quatro primeiras representam a grande diversidade, e o mais (+) indica a pluralidade de todos os outros corpos que fazem parte desta luta. Por essa razão, para este trabalho, serão usadas as quatro primeiras letras desta sigla, que representam as diversas identidades, orientações e expressões de gênero, usado o mais (+) em representação de todas as outras que poderiam estar, mas usaremos a letra T no início como homenagem, reconhecimento e reivindicação do protagonismo das pessoas T no nosso continente, uma vez que, como disse Usagi Glitter, da Casa de C-pher, do Chile, uma das casas que visitei para esta tese: "nós temos mais direitos graças a um monte de sangue derramada por elas, sangue que ainda corre. Se hoje podem sair, algumas vezes, e trabalhar, foi por todas essas que estavam antes" (USAGI - House of C-pher, 2022).

Tomar a decisão não foi uma tarefa fácil, mas um dia lendo o livro *"Crisis y Movimientos Sociales en Nuestra América: Cuerpos, Territorios e Imaginarios en Disputa"*, da coleção

Teorias Críticas e Transformação Global (DAZA; HOETMER; VARGA, 2012), descobri um texto do boliviano Wilmer Galarza, intitulado “Movimiento TLGB en Bolivia: un movimiento social diverso”, que chegou a mim como uma epifania, uma achado milagroso. Na Bolívia chegaram à mesma conclusão e estavam usando essa sigla que eu já tinha intenção de usar. Precisei, então, ir atrás para descobrir mais sobre essa revelação e descobri que a grande novidade que eu tinha pensado estava sendo usada na Bolívia fazia mais de dez (10) anos. Isso indicou, para mim, uma intenção das Coletivas da Bolívia de descolonizar também o discurso de gênero, algo que aprofundaremos no capítulo três, quando for apresentada a Coletiva boliviana que tive a oportunidade de conhecer.

Sendo assim, então, fica explicada a decisão de usar, para este texto, a sigla TLGB+ e só faltam alguns outros detalhes antes de começar, a exemplo dessa loucura de fala de Fim do Mundo, América Latina, Sul-américa ou Abya Yala em diferentes momentos.

III. MULHER DO FIM DO MUNDO

*“Meu choro não é nada além de carnaval
e lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval,
me joga na avenida que não sei qualé (...)
A minha fala, minha opinião.
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar (...)
Mulher do fim do mundo,
eu sou e vou até o fim cantar”
(ELZA SOARES)*

13



MAPA 1: Cidades visitadas com lugares acolhedores no Abya Yala, 2022.

Fonte: Carolina Russo Simon

Um dia, enquanto caminhava pelas ruas da minha cidade, pensei como poderia justificar o meu falar sobre a América Latina nesta tese, de uma forma geral, se o intuito era conhecer as experiências de alguns poucos países dos 33 que compõem a região. Pensei no dinheiro da viagem, na limitação da internet para encontrar lugares acolhedores TLGB+, e no meu desejo de conhecer a maior quantidade de países latino-americanos que fossem possíveis. Ia caminhando, bastante agoniado, ao mesmo tempo que ouvia minhas músicas, quando escutei: “...e não me diga pobre, por ir viajando assim. Não vê que estou contente? Não vê que estou feliz viajando neste trem ao sul?” (Canção: Tren al Sur; Los Prisioneros, 1990). Esta música foi

uma epifania: eu iria viajar ao sul, à América do Sul, aos dez (10) países latino-americanos da América do Sul. Depois, pela pandemia, essa proposta também ficaria inviável e precisei tomar uma nova decisão de trabalhar só com cinco países do sul do continente, os cinco países ao sul do Sul: o Fim do Mundo. Foi nesse momento que decidi que seria necessário explicar a diferença, para melhor entendimento deste texto, do que entendemos por América Latina, América do Sul, Abya Yala e o Fim do Mundo. Quatro conceitos que não significam a mesma coisa e que farão referência a ideias diferentes neste texto (MAPA 1).

O primeiro esclarecimento deve ser a propósito do uso da expressão Abya Yala, e os motivos são reivindicativos, pois, este grande continente foi chamado de América desconhecendo os idiomas, tradições e culturas que aqui habitavam. Por tradição, e convenção, seguimos usando essa palavra, mas neste texto será usado o conceito de Abya Yala quando eu precisar me referir ao continente inteiro. Abya Yala, que “significa Terra Madura, Terra Viva ou Terra em Florescimento, foi o termo usado pelos Kuna, povo originário que habita na Colômbia e Panamá para designar o território compreendido pelo Continente Americano. Segundo o momento histórico vivido, se falava deste território de maneiras diferentes: Kualagum Yala, Tagargun Yala, Tinya Yala, e Abya Yala, este último sendo o que coincidiu com a chegada dos espanhóis. O termo Abya Yala é em si mesmo um símbolo de identidade e respeito às raízes dos povos originários” (CARRERA; RUIZ, 2014). Há trechos em que serão apontados momentos prévios à chegada dos europeus ou a tradições ancestrais do nosso continente, e nessas oportunidades, será usado o conceito Abya Yala para fazer referência a este território.

14 Sobre a identidade latino-americana, vale a pena começar afirmando que a construção do conceito de América Latina é um debate desenvolvido por décadas e que gera reflexões diversas, pois há desde visões divergentes, um entendimento mais regional, até um olhar mais colonizador. Essa controvérsia tem motivado questões sobre o futuro de um continente soberano e, ao mesmo tempo submisso, com fortes vestígios das correntes da época da invasão europeia. Devido a isso, achei que vale a pena elucidar como serão entendidos esses conceitos e de qual ponto partimos na interpretação, uma vez que, no primeiro capítulo, faremos um percurso histórico pelos movimentos TLGB+ americanos, não só Estados Unidos, e mais especificamente da América do Sul, e em alguns momentos chegaremos a falar do Abya Yala. Por que? Para que tantas diferenciações? Foram umas das primeiras perguntas que me fizeram quando falei do meu projeto para algumas pessoas da universidade: Por que América do Sul e não Latino-américa? Para aproveitar e responder a essas pessoas, esclarecendo sobre o assunto, decidi incluir esta parte.

Poder-se-ia começar falando do consenso que agrupa na atualidade América Latina, que é a região que corresponde a 12 países da América do Sul, 07 da América Central e 14 do Caribe; são mais de 700 milhões de habitantes, ou seja, toda a região que fica abaixo do Rio Grande, aquele que separa os Estados Unidos e o México; com uma superfície total de 21.000 quilômetros quadrados. Contudo, grande parte da literatura histórica entende a região a partir de um olhar negativo, e a origem do termo, mesmo com várias definições, tem herdado uma interpretação até discriminatória (ARAÚJO, 2006).

Partindo de um olhar mais histórico, o termo América Latina parece ser essencialmente de origem francesa e foi usado, principalmente, por intelectuais desse país por volta do século XIX, para justificar a invasão no México, da França de Napoleão III. De fato, o próprio Napoleão III tinha usado o termo alguns séculos após a invasão europeia no continente americano, para

justificar uma suposta identidade linguística (BETHELL, 2009). Contudo, essa categorização continua sendo uma herança da colonização e congrega, aleatoriamente, povos que nada têm a ver uns com os outros.

Sobre a origem do conceito, tem-se ainda muito mais perguntas que certezas, pois mesmo os franceses tendo usado, academicamente, o termo no século XIX, parece que foi no próprio Abya Yala onde nasceu, segundo Bethell (2009), tendo na lista vários possíveis criadores:

Na verdade, alguns anos antes, alguns escritores e intelectuais hispano-americanos, muitos deles residentes em Paris (e Madri), utilizavam não só a expressão “la raza latina” – como fez, por exemplo, o poeta dominicano Francisco Muñoz Del Monte (1800-65) nos ensaios publicados em Madri para os periódicos *Revista Española de Ambos Mundos* (1853) e *La América: Crônica Hispano-Americana* (1857) –, como também a expressão “América Latina”. Existem três grandes candidatos ao primeiro uso do termo “América Latina”: José María Torres Caicedo, jornalista, poeta e crítico colombiano nascido em 1830 em Bogotá e falecido em 1889 em Paris; Francisco Bilbao, intelectual socialista chileno (1823-1865), e Justo Arosemena, jurista, político sociólogo e diplomata colombo-panamenho (1817-1896). (2009).

Além de não ter uma certeza sobre local e data do seu nascimento, outro assunto polêmico deste conceito é a inclusão do Brasil nesse debate. De fato, no ideal popular brasileiro, parece que quando se fala de música latina, países latinos ou autores latino-americanos, refere-se a músicas, países e autores hispanos nascidos na América. O mesmo ocorre com a literatura acadêmica brasileira. De fato, segundo Bethell (2009), o Brasil não fazia parte da América Latina até começar a ser usada a expressão *Latin America* pelos Estados Unidos e pela Europa por volta do final da segunda guerra mundial e da guerra fria. Em resumo, para muitos estadunidenses, todos os países que ficam no sul do Rio Grande são o México, independentemente se falam português, espanhol ou algum idioma nativo. E para Europa, os Estados Unidos são América, precisando, assim, uma palavra que resumisse tudo o que não era aquela potência econômica mundial, razão pela qual esta expressão torna-se a mais usada para se referir aos habitantes das antigas colônias espanholas e portuguesas.

A literatura dominante manteve uma interpretação negativa, de subdesenvolvimento ou submissão, para este conceito por muito tempo, mas este paradigma começou a ser quebrado a partir de autores e teóricos da região, como o brasileiro Manoel Bomfim, que em sua obra “América Latina: Males de Origem”, publicada em 1905, manifestou sua contrariedade ante esta tradição dominante da literatura que enaltece a visão colonizadora e resolveu definir o que realmente seria América Latina. Junto com Bomfim está o uruguaio José Henrique Rodó, que publicou em 1913 diversos ensaios nos quais manifestava a danosa influência dos Estados Unidos sobre a América Latina, entre vários outros autores da época (MONTEIRO, 2006).

Quer seja pelo olhar colonizador, quer pela visão regional, o conceito de América Latina representa, além de uma região geográfica, uma ou várias línguas, tradições ou história; o conceito invoca ideias interessantes sobre como está sendo entendido o mundo. E foi a partir deste olhar mais regional, que no século XX começou todo um processo literário e acadêmico de identificação com o conceito de *latino-americanidade*, como comenta Monteiro quando afirma que o passado desse conceito está “(...) constituído pelo século vinte, que além de toda

a importante carga de mudanças impostas pelos progressos científico-tecnológicos, deve ser sondado naquilo que representa uma tomada de consciência da identidade latino-americana” (MONTEIRO, 2006).

A quebra dessa visão colonial beneficia essa identidade latino-americana, até porque a marginalização da América Latina foi resultado de autores europeus que entenderam e construíram o mapa de dominação mundial ao longo do século XX desde a Europa e deixaram a América Latina na periferia. Essa compreensão também se dá pelo fato da região estar longe dos conflitos centrais nesses 100 anos e ser a fonte de matéria-prima para os países centrais; assim como afirma o próprio Galeano (1978): “a América era o vasto império do diabo, de redenção impossível ou duvidosa, mas que a fanática missão contra a heresia dos nativos confundia-se com a febre que provocava, nas hostes da conquista, o brilho dos tesouros do Novo Mundo” (GALEANO, 1978, p. 11).

O conceito de América Latina, então, traz junto fortes ideias, muitos países, muitas pessoas, tradições e culturas. Uma identidade em constante construção. Porém, parece que ultimamente, em textos ou produções audiovisuais que falam da realidade latino-americana, a atenção fica focada na história do México e da Argentina. Parece que falar da história ou da realidade da América Latina fica resumido a falar destes dois países. Como no documentário *Rompan todo: La historia del rock en América Latina*, da Netflix (TALARICO, 2020), que apresenta o maravilhoso processo histórico da música Rock no nosso continente, mas centra sua atenção nas bandas e artistas do México e da Argentina, fazendo leves menções para alguns outros países como Colômbia, Chile e Uruguai. É uma tarefa titânica fazer de outra forma, tentando dar o protagonismo necessário para todos os países, mas o problema está no uso do conceito América Latina.

Eu não queria cair no mesmo erro desse documentário, que se promovendo como uma produção Latino-americana, focou seu olhar em dois países, comentou sobre outros três ou quatro e esqueceu, talvez involuntariamente, os outros 29. Por essa razão, desde o começo desta pesquisa, tentou-se focar os esforços em 10 países latinos do sul do continente.

Os laços entre os 10 países latinos do sul do continente vêm de longa data. Uns por semelhanças culturais nas fronteiras, como Venezuela e Colômbia; ou por relações históricas conflitivas, a exemplo do Equador e Peru; até por brigas do passado, como Bolívia e Chile; inclusive por relações esportivas de longa data, como Brasil e Argentina. E poderíamos fazer esse fluxograma também incluindo nessas relações o Uruguai com seus dois vizinhos, e o Paraguai com os seus. Uns com mais ou com menos contato, mas todos conectados de múltiplas formas.

No nosso continente todas essas relações Sul-Sul não acontecem isentas de conflitos e tensões, mesmo com o interesse de alguns governos, pela identidade sul-americana, e inclusive pelos interesses comuns, as últimas décadas têm sido marcadas pela diversidade ideológica e política, muitas vezes antagônica. Mesmo assim, enquanto no Brasil nascia a proposta de uma Escola Sem Partido defendida por partidos políticos defensores da Ideologia dos Dois Gêneros, em 2016 (PORTAL EBC, 2016), uns anos depois, na Colômbia, fazia-se a proposta de punir professores que promovessem ideologias políticas nos colégios, também por partidos políticos muito afinados com aqueles do Brasil (EL PAÍS, 2019). Enquanto no Peru eram convocadas marchas pela família contra a inexistente e imprecisa Ideologia de Gênero, por movimentos cristãos que convocaram centenas de mães e pais que deram origem ao Movimento Con

Mis Hijos no te Metas (Não Mexa com meus filhos) em 2016 (EL COMERCIO, 2019). No mesmo ano, na Colômbia, famílias cristãs marchavam para defender a família contra supostas apostilas que o Ministério da Educação estava usando para espalhar a mesma Ideologia que era repudiada no Peru (EL HERALDO, 2016), aparentemente, sem uma relação direta. Alguns anos depois, uma grande quantidade de pessoas se fez presente na Marcha por Jesus, no Brasil, reivindicaria as mesmas consignas e voltaria na pauta daquela Ideologia de Gênero (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Um exemplo ainda mais recente são as multitudinárias manifestações que aconteceram no Chile e que levaram para o começo de um processo pela reelaboração da constituição do país em 2019 (BBC NEWS, outubro de 2019), e a greve nacional na Colômbia, que convocou centenas de pessoas para marchas contra o governo Duque, que aconteceram no final desse mesmo ano (BBC NEWS, novembro de 2019). Exemplos como estes abundam e são pão diário para quem acompanha jornais de mais de dois países da região. Parece que o movimento é espontaneamente em um país, contudo, ele já está sendo feito em outro; que começa a ser falado por um coletivo em um país, mas já está sendo reivindicado em outros. Os grupos, os coletivos, os movimentos, literalmente, se movimentam e dialogam independentemente das distâncias e das limitações, possivelmente, ajudados pelo acesso à internet que temos na atualidade.

O mesmo movimento acontece com os movimentos TLGB+, e com as propostas de acolhimento nos países da região. É por esse motivo que se tomou a decisão de nos distanciar do conceito de Latino-américa quando formos falar das experiências dos Lugares Acolhedores para a população TLGB+. Primeiro tentamos fazer um recorte territorial desde a América do Sul, visibilizando experiências nos 10 países do continente, e não falando de dois ou três enquanto se invisibiliza o resto, tentando passar a ilusão de *latino-americanidade*. Contudo, como foi explicado, a proposta de 10 países ficou inviável e foi necessário, mesmo compreendendo a conexão destes 10 países, focar apenas em cinco. Para diferenciar estes cinco países dos outros da América do Sul, foi usado o termo Fim do Mundo.

O Fim do Mundo foi explicado anteriormente e, acredito, não precisa maior aprofundamento. Contudo, e para não perder a oportunidade, vale a pena mencionar que no momento de tomar a decisão de visitar apenas cinco países no sul da América do Sul, e conversando com meu orientador, surgiu a lembrança do Papa Francisco falando em seu primeiro discurso no Vaticano como Sumo Pontífice da Igreja Católica, que ele era um Papa que tinham achado no Fim do Mundo. Esta denominação para falar da Argentina, mas em geral dos países longe do centro europeu, ficou ecoando em minha cabeça. Fiquei pensando que chamar estes cinco países que visitei (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile e Uruguai) de países do Fim do Mundo, daria uma licença poética ao meu texto e poderia diferenciar estes dos outros países da América do Sul. Pensei também que as pessoas TLGB+ já pertencemos à “turminha do fundo”, à periferia; e olhando a partir da Europa, somos a periferia da periferia, e quase que literalmente, estamos no Fim do Mundo. Pensando e pensando, lembrei da música da Elza Soares, mais uma mulher negra brasileira me inspirando – você vai entender depois porque afirmo isso – e lembrei que enquanto os corpos TLGB+ servem para entreter e divertir, são enxergados, mas quando não, nosso “choro não é nada além de carnaval, é lágrima de samba na ponta dos pés”; para o mundo e ainda mais neste Fim do Mundo, estamos na parte de atrás, temos como nosso o final da fila.

IV. RELATO DE UM HOMEM DE BOM CORAÇÃO

*"Eu procurei.
Jurei que não iria mais falar de mim.
Porque eu achei que eu tinha
Outras histórias pra contar..."
(FRESNO)*

A proposta de incluir a experiência de fazer parte da construção de uma Casa de Acolhimento para população TLGB+ para a presente pesquisa de doutorado, trouxe muitos desafios. O projeto exigiu uma revisão constante da literatura que debatesse diferentes disciplinas: a construção da identidade, a expressão de gênero e a orientação sexual; o conceito de Lugar e a relação com os corpos marginalizados; a identidade latino-americana, sul-americana, se existe ou não, além da luta dos movimentos TLGB+ no Abya Yala; também a legislação para instituições de atendimento e a constituição de organizações em algumas oportunidades e, não menos importante, os mecanismos de comunicação através das redes sociais que foram as principais fontes de apoio.

Já na hora de focar no entendimento da proposta de tese, foi preciso procurar entender conceitos de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo de organizações sociais e ações coletivas, da sociologia; a Teoria do Vínculo da psicologia, entre outros. No campo do conhecimento geográfico, a pesquisa se encaminhou ao estudo da literatura, principalmente latino-americana, sobre Lugar e questões de gênero e saúde, procurando termos como redes colaborativas, corpo e lugar, militância do cuidado e promoção da saúde, lugares acolhedores para população em situação de vulnerabilidade, casas de abrigo, a realidade da população TLGB+ na América do Sul, e também um conceito nascido na geografia anglo-saxã, mas muito útil para este trabalho, que foi a posicionalidade. Estas procuras foram feitas em plataformas e sítios de busca como: a Biblioteca Científica Eletrônica OnLine (SciELO), Dialnet, World Wide Science, Scholarpedia, Ciencia.Science.gov e Google Acadêmico. Ferramentas estas que ganharam ainda mais protagonismo em 2020 devido à pandemia de Covid-19, que me obrigou a modificar toda a agenda de visitas e trabalho de campo. Sem contar as redes sociais como Instagram, WhatsApp, Twitter, Zoom e Google Meet, que foram fundamentais para a comunicação, a realização das entrevistas e as possibilidades de contato com as pessoas que lideram os projetos visitados.

Uma das principais propostas na primeira etapa do projeto foi a eleição das iniciativas que pudessem se constituir como Lugares Acolhedores para, posteriormente, começar a indagação da maior quantidade de organizações neste Fim do Mundo. Foi proposta, então, a criação de uma plataforma virtual de localização geoespacial de espaços acolhedores chamada YUMBREL, que consistia em uma plataforma colaborativa capaz de identificar os lugares acolhedores para a população TLGB+ - desta proposta falaremos com mais detalhe no Terceiro Capítulo. O plano era identificar os lugares acolhedores TLGB+ através da plataforma, fazer os contatos, marcar as visitas e construir um itinerário para conhecer cada uma das casas. Essa plataforma, mesmo com quase um ano de trabalho, recebeu um golpe mortal por conta da pandemia e precisaram ser mudados os planos. Mesmo assim, esta experiência, como tantas outras, trouxe muito aprendizado. Contudo, para poder realizar a identificação das casas que propiciam lugares acolhedores para pessoas

TLGB+ no Fim do Mundo, foi usada a técnica milenar do “boca a boca”, perguntando para conhecidas, amigos e contatos das redes sociais, buscando achar, ao menos, um projeto em cada país dos cinco propostos.

Partimos do reconhecimento de que estudar seres humanos é desafiador, ainda mais uma população tão diversa quanto somos as pessoas TLGB+ de uma região tão grande como nosso Fim do Mundo. Por essa razão, e na procura de resultados confiáveis, o máximo possível, usamos a metodologia de Triangulação, um termo que começa a ser construído na psicologia quando se pretendia testar empiricamente resultados obtidos através de diferentes técnicas quantitativas, pela necessidade da pesquisa social de combinar esforços e métodos. A metodologia de triangulação permite, então, combinar dados, investigadores, teorias ou até outras metodologias (DUARTE, 2009).

Por ser uma pesquisa qualitativa, foi decidido usar a triangulação de dados. Este sistema de checagem permite recolher dados sobre um mesmo fenômeno estudado e comparar os resultados. Outras opções poderiam ter sido a triangulação teórica. Nesta se usam diferentes teorias para entender os dados de um estudo, verificando, deste modo, utilidade e capacidade. Ou a triangulação metodológica, que emprega variados métodos para estudar alguma questão. Também existe a Triangulação Intra Método, quando é usado o mesmo método em diferentes ocasiões; ou a Triangulação Inter métodos, que é quando são usados diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo (DENZIN, 1978).

Embora a triangulação possa ser feita com teorias, pesquisadores e metodologias, como dito acima, foi decidido usar a Triangulação de Dados, uma vez que nesta alternativa a pesquisa pode ser validada por diferentes fontes de informação, distinguindo fenômenos segundo o tempo e o espaço. Quando falamos de Tempo, não se faz referência a datas, senão à exploração das diferenças temporais na constituição e organização dos Lugares Acolhedores TLGB+ estudados; e quando falamos do Espaço, estamos nos referindo aos locais, fazendo uma observação comparativa dos projetos desenvolvidos em cada um dos países.

Em ciências da saúde e na psicologia, é comum fazer uso de estudos longitudinais, nos quais um mesmo sujeito é submetido a testes em diferentes datas. Porém, em contraste, temos a alternativa em que os dados são obtidos de diferentes ambientes, que será a alternativa que empregaremos; por esta razão, usaremos as informações das entrevistas com os líderes dos projetos escolhidos, contrastando suas informações com pesquisa documental, material jornalístico e confrontação com as publicações nas redes sociais, quando for possível.

Foi proposto, desde o início, usar nos locais visitados a entrevista semi-estruturada com as lideranças das organizações sociais, utilizando um roteiro preestabelecido com perguntas flexíveis que estimulassem o diálogo; além da possibilidade da observação dos espaços quando as possibilidades permitiram. Contudo, o próprio roteiro e a proposta da visita precisou ser reavaliada com a chegada da pandemia de Covid-19, pois não foi possível fazer visitas e as entrevistas tiveram que ser de forma virtual, algumas por Zoom e outras por WhatsApp. Um dos objetivos das entrevistas foi trazer informações sobre a história da instituição, a equipe que trabalhava no local e os processos de atendimento, além das alternativas que as pessoas TLGB+ têm na região onde a casa está. Consideramos importante poder conhecer a visão que as lideranças têm de como seus projetos podem estar intervindo nas vidas cotidianas das pessoas beneficiadas e da comunidade, e talvez,

quando possível, poder enxergar como a própria liderança foi a primeira beneficiada pelo projeto, assunto que será aprofundado ainda mais no capítulo três.

A forma de abordagem da pesquisa foi qualitativa, uma vez que este tipo de pesquisa "(...) trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização" (MINAYO, 1996, p. 21-22), e para nosso entendimento do conceito de Lugar Acolhedor TLGB+, todos estes significados e motivações são, sem dúvida, de radical importância. Normalmente, no processo de pesquisa as ideias mudam, os objetivos variam, as metodologias são trocadas, avaliadas e analisadas, ainda mais neste tempo de pandemia, que fez o mundo inteiro reavaliar a vida.

Como anunciado uns parágrafos antes, um conceito da geografia muito importante neste trabalho foi a Posicionalidade. Na Geografia Cultural, tem-se desenvolvido conceitos como este, junto com outros, a exemplo do conhecimento localizado e a flexibilidade; para as geógrafas feministas, é de muita valia a subjetividade e a não neutralidade do conhecimento (SABATÉ; RODRÍGUEZ; DÍAZ, 1995). Preciso reconhecer que essas ideias não nasceram no Fim do Mundo, senão no centro do universo, porque foram justamente as autoras anglófonas as primeiras a usar estes conceitos nas suas pesquisas e reflexões (ROSE, 1997), entretando, aos poucos na literatura em espanhol, tem-se introduzido (BAYLINA; ORTIZ; PRATS, 2008), e nas pesquisas latino-americanas, cada vez mais se valoriza este olhar que enriquece de muitas maneiras a perspectiva com que encaramos o processo de pesquisa.

20

A posicionalidade faz referência ao lugar de quem pesquisa em relação às categorias e às suas experiências enquanto gênero, identidade, orientação, classe social, idade, contexto cultural, econômico e político, realidade familiar, entre outros múltiplos fatores; já a reflexividade faz referência à relação entre essa posicionalidade e o processo de pesquisa (BAYLINA; ORTIZ; PRATS, 2008). Desta forma, situo a investigação longe da ideia de que as nossas próprias vivências e experiências, individuais e coletivas, são fatores distantes da pesquisa. Ao contrário, todos esses elementos ajudam a compreender, contextualizar e até justificar o enfoque que se dá à pesquisa; ainda mais no caso da população TLGB+ que comumente é abordada na academia como um fenômeno, com pesquisadores que olham sem corpo, acima do objeto, com a visão que se consideram privilegiados e que analisam corpos em posições menos privilegiadas. Enfim, um olhar que reclama "o poder de ver e de não ser visto", de "representar ao mesmo tempo que pretende escapar a ser representado" (Haraway, 1988: 581). Analisando sobre o assunto, refleti que a Geografia chama tudo isto de posicionalidade, enquanto que no feminismo brasileiro é chamado de Lugar de Fala, como diz Djamila Ribeiro, mais uma vez uma mulher negra brasileira me dando ferramentas, e mais uma vez o conceito de Lugar encontrando seu lugar.

Por vezes se confunde o conceito de Lugar de Fala com Representatividade, o que se configura como um equívoco, porque todas as pessoas podem falar de qualquer assunto, desde que habitem esse lugar: "uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa (...). A travesti negra fala a partir da sua localização social, assim como o homem branco cis" (RIBEIRO, 2019), o que não tira a necessidade das travestis negras ocuparem os espaços para falar das suas realidades.

No caso desta pesquisa, a minha posicionalidade, ou meu lugar de fala, marcou a rota no processo de investigação, pois sou eu, uma marica cis latino-americana que escreve, que pergunta, que se questiona; não sou um ente etéreo, um narrador onisciente ou um oráculo da verdade; minha própria dor ficou registrada nestas páginas.

Sendo dessa forma, apresento a seguir a estrutura deste trabalho. Esta tese intitulada “Lugares acolhedores TLGB+: Militância do cuidado no Fim do Mundo” está dividida em três capítulos, e cada um desses se preocupa em resolver assuntos do próprio título, a exemplo do primeiro capítulo, Uma história de luta TLGB+, que apresenta o percurso histórico da luta do movimento TLGB+ no continente; o protagonismo das pessoas trans e como esta luta de sobrevivência torna-se uma militância de suporte; de fato, como cuidar, acolher e proteger a outra, outra entendido ontologicamente como pessoas humanas, faz deste tipo de militância o que chamamos de Militância do Cuidado.

O segundo capítulo, A Casassa: Um Lugar Acolhedor, apresenta a experiência de fundação, trabalho, militância e fechamento da Casassa – Casa de Acolhimento de Presidente Prudente e Região. Neste capítulo, a linha condutora da narrativa se dá pelo meu próprio relato como fundador e diretor da casa de acolhida, acompanhada por depoimentos feitos em entrevistas por cinco (5) outros fundadores. Como anunciado, foram confrontadas essas informações com textos jornalísticos da época em que a Casassa funcionou, publicações nas redes sociais e documentos legais, como atas e fichas de atendimento, fazendo uso da triangulação de dados para poder falar de datas e acontecimentos com mais clareza.

A seguir, no capítulo três, Militância do Cuidado no Fim do Mundo, apresentam-se outras três experiências de casas de acolhida no Brasil, uma coletiva na Bolívia, uma *House Drag* no Chile, uma *House Ballroom* no Uruguai e uma Casa Trans na Argentina, além da Yumbrel, rede acadêmica latino-americana de geografia e saúde TLGB+; todos, e cada um, Lugares Acolhedores que trabalham pela população TLGB+, desde uma Militância do Cuidado; através da arte, da dança, da promoção da saúde, da gestão, das relações interinstitucionais, da doação de alimentos, de geração de emprego, da vinculação afetiva ou da promoção do empreendedorismo; desde diferentes alternativas que, ao fim, têm um objetivo derradeiro: promover a dignidade e empoderar pessoas esquecidas, empobrecidas e vulnerabilizadas.

Como comentado anteriormente, todos os subtítulos dos capítulos são títulos de canções em espanhol ou português; não são músicas aleatórias, pois foram pensadas para dialogar com o assunto trabalhado em cada parte, esforçando-nos para ter artistas que representam toda a diversidade da sigla TLGB+, toda a diversidade da nossa Abya Yala e as músicas e ritmos dos nossos países do Fim do Mundo. Espero que este momento também sirva para lembrar aquilo que foi anunciado no começo: antes de cada capítulo, o leitor poderá encontrar um pré-texto para uma destinatária específica, escritos que têm o intuito de contribuir com a minha posicionalidade em cada capítulo; o primeiro foi escrito para a Margy em representação das pessoas TLGB+ da academia; o segundo para Benjamin, em representação das pessoas que precisam de Lugares Acolhedores porque nos lugares que habitam nada é acolhedor; e, finalmente, um pré-texto dirigido para cinco pessoas em representação das equipes de trabalho que lideram as casas que conheci, em especial a equipe de trabalho da Casassa que me acompanhou nessa aventura.

Finalmente, se fecha esta tese com algumas reflexões que aparecerão nas Lições

TRANSformadoras. Esta discussão foi acadêmica, mas também militante, pessoal e familiar, e em cada uma dessas dimensões o protagonismo das “mulheridades” esteve presente; por essa razão, as lições não poderiam ter outro nome mais que transformadoras. Esse texto final tenta ser uma reflexão sobre os aprendizados, acadêmicos ou não, que se deram neste tempo de estudo, pesquisa e trabalho, pensando nos impactos e como consegui obter importantes ensinamentos destas experiências. Principalmente, entender que os lugares que acolhem pessoas TLGB+, no Fim do Mundo, são espaços onde esses corpos podem SER e não apenas ESTAR, e onde se trabalha a partir de uma Militante do Cuidado.

Este texto foi um exercício de catarse, de retrospectiva, de reconciliação. Chegar ao fim dele e conseguir apresentar esta tese foi a única pretensão no momento da escrita. Então, se você está lendo neste momento, posso dizer: Missão Cumprida. Daqui para frente só resta você ler e compartilhar comigo esta experiência. Bem-vinde! Espero que consiga sentir meu abraço.

Pre-Texto 1

Cara Margy, precisamos falar antes de começar

Eu posso imaginar que quando você começa a leitura de um texto acadêmico não espera encontrar um pré-texto, mas preciso conversar com você antes de começar. Falar com você, admirada Margy, e, através de você, com todas aquelas pessoas da academia que possam se aproximar do meu texto. Pensei em você porque é uma pessoa que faz pesquisa e que também faz parte da luta TLGB+. Por essa razão, acredito que você, mais do que ninguém, pode compreender a necessidade deste texto.

Você sabe que pesquisar é uma aventura. Surgem perguntas, pensamos em caminhos para respondê-las; temos ideias geniais que achamos que resolverão tudo, e depois de um tempo descobrimos que nada faz sentido. Aí precisamos começar novamente. Esse processo faz parte da pesquisa, né? Acredito, cara Margy, que você sabe e entende o desafio que significa pesquisar; sei que seguramente já experimentou a frustração e a animação que este processo provoca; e mais importante que tudo, essa motivação de estar aprofundando-nos em assuntos que acreditamos indispensáveis, o que dá força para seguir indagando.

23

Mas a pesquisa também fala muito da gente, e por isso desejo que você me conheça, pelo menos academicamente, antes de ler meu texto. Eu sou Julián, sou colombiano e me sinto acolhido pelo Brasil. Já faz quase dez anos que moro neste país tropical. Também sou Licenciado em Psicologia e Pedagogia, pela Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia, e mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, pela UNESP. Títulos e mais títulos que, às vezes, tentamos que sejam a garantia de que nossas palavras façam sentido. E agora, com este doutorado em Geografia, outra vez me sinto adotado. Talvez toda esta viagem possa parecer um pouco aleatória, mas garanto que em algum momento fará sentido. Posso tentar explicar se você me permitir, e talvez através do compartilhamento de minhas motivações possa ser mais fácil entender as razões que nos trouxeram até aqui. Vou tentar não ocupar muito o tempo falando de mim, vou tentar ser muito sucinto.

Logo após acabar a graduação em 2007, comecei um trabalho em instituições educativas e alguns outros projetos com o Ministério de Educação da Colômbia, visando a alfabetização de adultos. Neste trabalho, conheci muitas comunidades camponesas em situação de vulnerabilidade em meu país, pessoas de uma Colômbia profunda, pessoas invisíveis para quem nasceu nas cidades. Conhecer as suas histórias, escutar da sua própria voz, a voz das vítimas de uma longa guerra, fez-me questionar minhas

prioridades e me motivou a começar a trabalhar para contribuir com essas comunidades.

Depois de uma experiência de quase sete anos trabalhando com populações em situação de vulnerabilidade na Colômbia, em diferentes instituições, a exemplo da Organização Internacional das Migrações (OIM), achei importante fortalecer minha formação profissional. Na busca de alternativas, encontrei o teu Brasil, querida Margy, e descobri o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, da UNESP. Prometo que todo este percurso fará sentido mais para frente, e por isso peço a você paciência. Na dissertação, que fiz junto com minha orientadora, a professora Ana Lúcia de Jesus Almeida, fizemos uma comparação dos Sistemas de Saúde para atenção da população do campo do Brasil e da Colômbia. Estes foram anos de muito aprendizado, Margy, anos que me fizeram abrir canais de comunicação com as organizações e movimentos sociais da cidade de Presidente Prudente, onde estive morando durante este tempo. Contudo, Margy, se você perceber, até agora não apareceu na minha vida acadêmica nada relacionado com a militância TLGB+, mesmo eu sendo um homem homossexual, não é? Bom, aqui as coisas mudam.

24

O que aconteceu foi que esta nova experiência de diálogo aberto com atores próximos me possibilitou participar de muitas atividades e, pela primeira vez na vida, conhecer a luta TLGB+, uma pauta que por muito tempo esteve distante de mim, embora fosse uma pauta que me contemplava. Eu posso imaginar sua cara neste momento e preciso confessar que talvez por auto preconceito, por falsa precaução ou por medo mesmo, sempre estive envolvido com múltiplas lutas sociais e jamais tinha me interessado pela única que me atingia diretamente. Ser marica, na minha casa, nunca foi uma opção; tive uma prima trans que foi expulsa até das conversas da família. Eu era muito pequeno e escutava os adultos falando dessa pessoa, eu sabia da sua existência, mas era proibido perguntar. Com 12 ou 13 anos, eu adorava usar vestidos e roupas da minha mãe. Ali fui descoberto, repreendido... fizeram uma mochila com muitas roupas de mulher e me deixaram do lado de fora da casa. Passei várias horas agachado, abraçando meus joelhos e esperando a porta se abrir de novo. Hoje eu sei que minha família não queria outro caso como aquele da minha prima, e por isso eu era censurado, em público e no privado, quando meus pulsos não ficavam rígidos como “deveriam ficar os pulsos dos homens”. Eu precisei odiar essa criança viada porque ela exigia de mim toda a atenção e vigilância, como disse a professora Oliveira: “meu jeito abichalhado exigia uma vigilância constante, contribuindo para que eu controlasse meu jeito de andar e de correr, a maneira de gesticular mãos e braços e o modo como balançava a cabeça e mexia nos cabelos”.

De fato, querida Margy, até descobrir o nome da minha prima, a quem

dediquei este trabalho, foi outro processo de pesquisa paralelo; porque depois dela morrer, foi ainda mais complicado tocar no assunto; o nome usado pela minha família continua sendo seu nome de registro, e quando se fala dela, fazem no masculino, e tentar indagar algo da sua história cria o famoso “climão”.

E eu, eu precisei sobreviver; eu cresci e resisti me fantasiando de homem, evitando falar fino, evitando cores demais, mesmo gostando; minha vida precisava ser cinza para garantir a menor quantidade de inconvenientes. Com o tempo acabei olhando para as populações em situação de vulnerabilidade e quis ajudar, mas fechei os olhos para esse movimento do qual faço parte. De fato, por muito tempo fugi dessa discussão intencionalmente, visto que abrir essa porta era perigoso demais, até porque o fantasma sempre estava me perseguindo, e eu tentava parecer “machudo”, mas o mundo ficava me lembrando que não era tão assim.

Só aqui no Brasil, enquanto acabava o mestrado, e movido por algumas situações pessoais, pela primeira vez, mergulhei nesse debate e, paralelo ao processo de finalização da dissertação, começamos a construção da Casassa, junto com uma coletiva de outras pessoas da cidade. A Casassa me salvou. E acho que fui um dos primeiros acolhidos dessa Casa de Acolhimento TLGB+ que atendia em Presidente Prudente e Região. Ali trabalhei por dois anos apoiando e dando suporte para pessoas expulsas de casa pela sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero. Foi na Casassa onde, pela primeira vez, me permiti usar ponchos coloridos, que tanto amo.

E Margy, foi quase que ao mesmo tempo: defender o mestrado e começar as reuniões para construir a Casassa. Nesse ponto percebi que as minhas motivações e interesses estavam focados em outra direção, pois agora era do meu interesse entender a luta TLGB+ na América Latina, um recorte territorial que nunca conseguiu ficar de fora do meu entendimento de mundo. De fato, minha única tatuagem é um mapa da América-Latina feito por uma única linha, que nasce de um milho. Foi então que apresentei meu projeto para o meu atual orientador, o Raul, que me aceitou em sua família acadêmica e tem sido, desde esse dia, um grande apoio.

Eu sentia que precisava contar a você tudo isto, Margy, porque esse trabalho na Casassa foi o principal fornecedor de experiências para esta pesquisa que compartilho com você. Mas esse trabalho na Casassa também foi a etapa final de uma vida de foragido, a vida de uma pessoa que começou a fugir desde cedo e achou um Lugar naquela casa.

Bom, a história não acaba aí, já que após dois anos de trabalho, a Casassa fechou suas portas por falta de dinheiro, falta de tempo, e um monte de outras razões que talvez eu fale depois; um fechamento temporário

em 2019, que tornou-se definitivo com a chegada da Pandemia, pois não tivemos condições de nos reorganizar para seguir a caminhada. Toda esta vivência proporcionou muitas informações e experiências para esta pesquisa, porém também trouxe muito estresse e preocupação.

Durante o tempo de trabalho na Casassa, conheci outras equipes que trabalhavam em casas de acolhimento, umas com alternativas de abrigo e outras não, e percebi que estes eram lugares para aquelas pessoas que tinham sido expulsas de todos os outros lugares. Ali, acabei entendendo que o trabalho que fazemos nessas casas é uma forma de militância, mas uma militância que não necessariamente protagoniza as manchetes e as matérias dos jornais, porque é uma militância que cuida, que protege e que cura as feridas de quem vai para a luta. Senti que precisava escrever sobre isto.

Contudo, ainda sou um professor como você Margy, e no meu caso, textos muito acadêmicos, muito rígidos e lotados de citações me criam um conflito interno, é um segredo, por favor fique só entre nós dois. Por isso decidi começar cada capítulo com um pré-texto, e neles posso compartilhar de forma menos rígida outras informações que, no momento de ler os capítulos, possam dar um novo olhar, e algumas outras ferramentas para quem lê.

Eu consigo imaginar que talvez pela sua cabeça Margy, estejam passando perguntas e mais perguntas; perguntas que talvez eu mesmo ainda me faça, perguntas que talvez não tenha conseguido me responder, mas que vou tentar responder, de uma forma ou de outra, nesta tese.

Sou muito grato, Margy, por você estar lendo, mas acima de tudo por você estar aqui, aqui na academia. Sua presença já quebra muitas dinâmicas, que permitem novas acomodações.

Abraços, Margy.



IMAGEM 1: Primeira Marcha do Orgulho no México, 29 de junho de 1979.

Fonte: Site Homsensual

UMA HISTÓRIA DE LUTA TLGB+

São muitas as lutas que as pessoas precisam travar durante a vida, independentemente da sua posição, orientação, identidade, raça ou nacionalidade. Essas lutas nos marcam, ensinam e nos formam. Eu tenho certeza que todes nós temos escutado alguém de sucesso falando dos obstáculos e dificuldades que precisou superar para se tornar a pessoa de sucesso que é hoje. Parece que essas lutas nos definem e, algumas vezes, parece que essas lutas dão a autorização para opinar nas lutas das outras pessoas. Eu pelo menos já escutei milhares de vezes aquela famosa frase: “eu na sua idade já tinha feito muito mais...”, ou “puro vitimismo, eu também sofri bastante”.

Porém, nem todas as lutas são iguais, e nem podem ser comparadas. Mesmo que muitas pessoas defendam a enganosa palavra “meritocracia”, não faz sentido comparar a luta de uma pessoa que mora em uma favela e outra que mora em um condomínio privado. Aquela pessoa que tem internet, computador e um espaço exclusivo para estudar, em comparação àquela que compartilha uma casa minúscula com outros familiares, ainda mais neste tempo de pandemia, vivem realidades diferentes. É necessário saber e conhecer cada luta, reconhecer sua particularidade e entender a diferença; e é ainda mais necessário reconhecer nosso próprio privilégio em conseguir compreender a luta das outras pessoas.

Eu, por exemplo, posso reconhecer que fui uma criança muito feliz, uma criança que formou vínculos afetivos com tranquilidade; tive uma mãe e um pai presentes e participantes em minha formação, em minha infância. Uma criancinha privilegiada definitivamente, porque nem sempre essa vinculação afetiva acontece com tranquilidade. Chegando à adolescência, algumas coisas mudaram, pois eu virei um espião entre meus amigos, nas reuniões familiares e na escola; ri de piadas homofóbicas e machistas, fiz comentários desnecessários e escutei opiniões sem graça sobre pessoas que não conhecia sem reagir; comentários sobre “maricas”, “desviados” e “sodomitas”. Eu já sabia que se falasse alguma coisa, a próxima vítima seria eu, e essa foi minha forma de sobreviver. Eu sabia que se fizesse algum comentário contra, meus vínculos não suportariam, pois eram vínculos muito frágeis e, talvez, eu ficasse sozinho, ou pior, virasse alvo desses comentários e dessas piadas, o que acabou acontecendo em algumas ocasiões. Foi essa a forma de me proteger: ficando calado, por desconhecimento ou por medo,

o silêncio foi meu melhor amigo nestes anos.

Acabei virando um nômade que, procurando ser feliz, começou a viver o presente sem tanta preocupação, e como o cantor, andei sem rumo pensando: “não sou daqui nem sou de lá; não tenho idade nem futuro; e ser feliz é minha cor de identidade” (Canção: No soy de aquí, ni soy de allá; Facundo Cabral, 1971). Viajar e começar tudo de novo virou minha nova forma de sobreviver. Não era preciso criar vínculos, e se alguém não gostasse de quem eu era, ali me demoraria pouco, porque novas pessoas iriam aparecer.

Talvez você que está lendo possa pensar: “ué, e toda esta explosão de sinceridade, por quê?”. E eu vou precisar responder que esta foi a forma que achei para introduzir este capítulo sobre a Luta TLGB+ na nossa Abya Yala. Um capítulo para revisar a história TLGB+ latino-americana, porque as poucas flores que temos nos lugares que habitamos hoje, foram semeadas pelas lutas de muitos corpos dissidentes do passado. Somos nós uma geração de transição, entre aquelas lutas e os futuros avanços, uma geração que nasceu sem internet nem redes sociais e virou adulto com uma explosão de possibilidades e conexões. E com tanto avanço, às vezes parece que tudo sempre foi do mesmo jeito, contudo, as coisas mudaram e mudaram muito. Por isso considere importante começarmos fazendo uma discussão das lutas TLGB+ do nosso continente, porque às vezes abundam as informações sobre as lutas nos Estados Unidos ou nos países europeus, e isso pode tirar o foco da nossa realidade e, talvez, pudéssemos acabar pensando que foi a mesma história. Temos o estranho costume de amar o que vem de lá, enquanto ignoramos o que temos aqui.

28

1.1. POR DENTRO DA TERRA

*“Você só vê minha pele
só vê o que transborda por fora
Se eu me deixar enganar
eles levam meu espírito embora
Ouço o maracá pra não esquecer,
entro na terra pra acordar
Sussurro segredos no entardecer
emanando e recebendo no luar”
(KAÊ GUAJAJARA)*

Por vezes sentimos que nada muda. Quando visitamos um bosque e voltamos anos depois, antes que alguma multinacional arrase com tudo construindo um shopping, parece que estamos no mesmo bosque, mesmo que tenha mudado tudo nesses anos e nada seja igual. Na nossa Abya Yala, este enorme bosque em que moramos é igual, pois nossa história TLGB+ tem profundas raízes aqui, e como disse maravilhosamente a artista indígena Kaê: “As raízes se unem por dentro da terra”, por isso vai ser preciso cavar um pouco e dar uma olhada nelas antes de prosseguirmos.

Mesmo em países onde existe uma legislação que tenta proteger às pessoas TLGB+, como é o caso de muitos dos países sul-americanos, estes não estão sendo tempos fáceis para os corpos dissidentes, ainda mais no meio de uma pandemia. No Brasil, por exemplo, 300 pessoas TLGB+ morreram violentamente em 2021, e 92% dessas mortes foram por homicídio (276), enquanto que 8% das pessoas se suicidaram (24) por conta do acaso ou da

perseguição. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia 2021, "o Brasil continua sendo o país do mundo onde mais TLGB+ são assassinados: uma morte a cada 29 horas" (GRUPO GAY DA BAHIA, 2021), o que faz do Brasil um país muito perigoso para não ser um homem branco cis heterossexual e, preferivelmente, cristão.

Poder-se-ia pensar então que a luta TLGB+ é uma luta recente, de alguns anos e fruto da modernidade ou das redes sociais, entretanto, o termo "homossexualidade" foi usado pela primeira vez no século XIX, por psicólogos alemães, mostrando ser mais uma importação europeia. De fato, para alguns pesquisadores não é possível nem afirmar que houve pessoas homossexuais antes disso por ser um termo muito específico no seu contexto, o que impediria a aplicação do termo em tempos e lugares diferentes. Imagino muitas respostas variadas para essas pessoas, mas vou me limitar a refletir que esta história é muito mais antiga que os termos, pois existem registros históricos da homossexualidade que datam de dez séculos antes de Cristo, em civilizações antigas da Índia, do Egito, da Grécia e também da nossa Abya Yala, inclusive com registros de pessoas homossexuais retratadas em esculturas, pinturas ou cerâmicas, mesmo sem a existência do termo (SOLANA, 2018). Tal afirmação demonstra, e com suficiente evidência, a invisibilidade das populações que não são protagonistas em livros de história que foram escritos, na sua grande maioria, pelos mesmos corpos; corpos de homens, de homens brancos, de homens cis heterossexuais e, preferivelmente nos últimos séculos, de homens cristãos.

Devido ao exposto, não se conheciam nos idiomas dominantes palavras ou termos específicos para se referir àquilo que hoje chamamos "homossexual" ou "heterossexual". Não podemos esquecer, como afirmou Foucault, "que a categoria psicológica, psiquiátrica, médica, da homossexualidade se constituiu no dia em que foi caracterizada [...] ela apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi rebaixada da prática da sodomia a uma sorte de androginia interior, de hermafroditismo da alma. O sodomita era um relapso, o homossexual é agora uma espécie" (FOUCAULT, 1976, p. 28). Porém, também não podemos esquecer que estamos falando de palavras em idiomas europeus e que toda esta tradição semântica está atravessada por relações de dominação de um grupo de pessoas específico.

Por essa razão, por não haver registro do termo anterior ao século XIX, algumas pessoas podem pensar que as relações entre pessoas do mesmo sexo se tratam de uma moda do nosso século, como também falar de pessoas TLGB+. Sobre o mencionado, refletindo calmamente, até pareceria possível, já que o conceito que usamos hoje tem um significado tão particular que é difícil aplicá-lo em outros tempos históricos, basicamente, por três razões: primeiro, pelo seu caráter recíproco, já que estamos falando de uma decisão livre de, pelo menos, duas pessoas que são sujeitos de direitos; segundo, pela sua independência dos papéis de gênero, já que na atualidade uma relação TLGB+ não pressupõe, necessariamente, comportamentos que se percebem na sociedade como adequado para cada pessoa, segundo sua genitália; e, finalmente, porque na atualidade entendemos a homossexualidade ou a heterossexualidade como orientações e não como ações (SOLANA, 2018). Por esta razão, considero importante lembrar que, como afirmou o historiador argentino Tulio Halperín em 1989, citado pela Mariela Solana, "os conceitos nas ciências humanas - a diferença, talvez, dos conceitos nas ciências naturais (como a gravidade) - não descrevem meramente a realidade senão, em parte, a constroem" (2018, p. 410).

É importante lembrar que quando falamos de homossexualidade, transexualidade,

bissexualidade, ou de qualquer outra identidade ou orientação, para explicar a luta das pessoas TLGB+ no passado, estão sendo considerados os contextos de tempo e espaço particulares de cada cultura. Não pretendemos supor que Alexandre Magno e Heféstion viveram um romance e defenderam seu amor homossexual, como se estivéssemos falando de celebridades da atualidade (IMAGEM 2); ou que a Frida Kahlo e a Chavela Vargas militaram nos seus dias como as mulheres bissexuais ou lésbicas fazem na atualidade (IMAGEM 3); muito menos que a Lili Elbe, a famosa garota dinamarquesa, entendia sua transição como uma mulher trans da nossa época (IMAGEM 4). Longe disso, pois precisamos entender que são contextos sociais, políticos, históricos e geográficos diferentes; contudo, tampouco é possível negar a existência dessas, e muitas outras pessoas, que mesmo não usando as palavras que hoje usamos para se definir, foram aquilo que hoje definimos. Ao fim, as sociedades não criam os sentimentos nem as identidades, apenas operam sobre eles e, por essa razão, Alexandre, Heféstion, Frida, Chavela, Lili, e muitas outras, eram sim, pessoas TLGB+, mesmo que eles e elas nunca tenham se auto reconhecido por estas denominações.

Estas, e algumas outras celebridades do passado, são só exemplos isolados de muitas outras pessoas apagadas da história, pessoas e culturas riscadas e substituídas, civilizações inteiras que tiveram talvez palavras para definir as pessoas TLGB+, mas foram esquecidas, como aconteceu na nossa Abya Yala com a chegada dos europeus. A história de muitas comunidades nativas desapareceu e começou a ser contada pelos visitantes, autoproclamados novos donos; novos donos que contaram uma história protagonizada por corpos brancos, cis e heterossexuais.

Não vamos romantizar os povos e as culturas pré-colombianas, que, decerto, tinham construído suas próprias relações com os corpos e entre os corpos; não vamos supor que o jeito certo era aquele e o errado o outro, primeiro porque uma visão maniqueísta não



IMAGEM 2: Sisygambis, a mãe de Darius, confundindo Hephæstion com Alexandre, o Grande, de Francesco de Mura.

Fonte: Site Meisterdrucke



IMAGEM 3: Frida Kahlo e Chavela Vargas.

Fonte: Site Revista Central

contribui para o entendimento e, segundo, porque só temos como referência a visão de mundo que os colonizadores deixaram e sua particular forma de entender o “novo mundo que descobriram”. Por isso, vamos apenas lembrar alguns antecedentes da população TLBG+ na América do Sul, desde a chegada dos europeus, já que começa, nesse momento, o choque das culturas desses continentes; uma delas que acreditava ser dona de tudo, até dos corpos alheios, por virtude da conquista, e outra que perdeu o direito sobre tudo, até dos seus próprios corpos, por virtude da invasão.



IMAGEM 4: Lili Ilse Elvenes.

Fonte: Blog 20 Minutos

1.2. CANCIÓN CON TODOS

*“Eu saio a caminhar
pela cintura cósmica do sul.
Piso na região
mais vegetal do tempo e da luz
Sinto ao caminhar
toda a pele da América em minha pele
E anda em meu sangue um rio
que liberta em minha voz seu caudal”
(MERCEDES SOSA)*

31

A invasão europeia no Abya Yala trouxe muitas novidades: linguagens novas, crenças diferentes, práticas espaciais estranhas e cosmovisões que até esse momento, seguramente, não tinham sido compartilhadas nestas terras. Outra novidade que trouxe esse acontecimento foi a regulação dos corpos, seja pela religião ou pela ideia de civilização e desenvolvimento da época. Independentemente da motivação, desde a chegada dos europeus começou, no “novo mundo”, um “novo dogma” de como, quem e porque deveriam se expressar, manifestar e mostrar os corpos e a sexualidade. E faço questão de destacar “a sexualidade” porque, embora em algumas culturas pré-colombianas existissem outras construções e entendimentos dos gêneros, essa pluralidade tornou-se singular com a chegada dos delegados do “velho mundo”.

Pluralidades como o entendimento que se tem na região de Istmo de Tehuantepec, estado de Oaxaca, no sul do México, onde, desde antes da chegada dos espanhóis, existem três gêneros: homens, mulheres e *muxhes* (IMAGEM 5), uma terceira classificação que designa o que hoje poderíamos interpretar como mulheres Trans, uma terceira classificação que permite o trânsito entre a corporeidade e a identidade, reconhecida e celebrada desde épocas pré-hispânicas (BBC MUNDO. 2020). Pluralidades como aquela dos povos nativos da América do Norte, que reconheciam até cinco gêneros: feminino, masculino, feminino de dois espíritos (IMAGEM 6), masculino de dois espíritos e transgênero (BÁEZ, 2015), e é este o número dois (2)

que aparece na sigla de treze letras, lembra?. Ou pluralidades como as dos Mapuches, na nossa América do Sul, que compreendiam a vida como cíclica, a corporeidade como algo efêmero e o espiritual como algo constante e, por essa razão, as características de gênero e sexualidade eram fixas na alma e não no corpo, o que faz com que uma *machi*, termo usado no idioma mapugundun para falar das médicas místicas sacerdotisas, pudessem ser homens ou mulheres (PAINEMAL, 2011).

Os europeus encontraram um “novo mundo” muito diverso, e para conseguir compreendê-lo, diminuíram-no em sua mínima expressão, usando as categorias que conheciam e que usavam na Europa. O sistema patriarcal ajudou nessa empreitada, apoiado por uma igreja fortemente reguladora, e que definiu como centro de todo entendimento um modelo de “corpo dominante”: um homem branco europeu, cristão e heterossexual, dono da civilidade e que tinha o poder e o controle sobre todos os outros corpos, os “corpos dominados”. Assim acaba se configurando a dominação de corpos mais próximos ao corpo dominante, centro das relações entre os corpos, e se justifica, desde esta visão, a apropriação econômica, social, cultural e simbólica desses outros corpos dominados.

Corpos dominados como os corpos das mulheres, opostas anatomicamente e com um papel definido de submissão; corpos dominados como dos negros, opostos pela raça e com um papel de serviço; corpos dominados como os corpos dos não-europeus, corpos brancos que não nasceram na Europa, e por isso opostos pela nacionalidade e com funções que não precisassem de confiança; corpos dominados como os corpos indígenas, opostos pela religião e também pela raça, e por esta razão opostos pela sua ausência de alma; corpos dominados como aqueles corpos com incapacidade, opostos pela funcionalidade desses corpos. Corpos e corpos dominados, pelos corpos dominantes donos da verdade, e, claramente, também estavam os corpos entendidos como de homens com características femininas, corpos opostos à definição estabelecida de masculinidade. Todas as outras interseccionalidades, como as mulheres negras ou indígenas, nem precisavam de atenção, pois o mundo girava em volta do corpo dominante, que era o modelo e dele nascia a fonte da compreensão (ILUSTRAÇÃO 3).



IMAGEM 5: Muxes, transgêneros indígenas do sul do México.

Fonte: Site Alzajeera



IMAGEM 6: We'wha (1849-1896) – uma das mais famosas Dois Espíritos da Nación Zuni.

Fonte: Site Opinion Breve

Naquele tempo, o poder civil, não tão claramente diferenciado do poder religioso, era a principal fonte de interpretação para definir as bases de comportamento e, pela mesma via, as regras para a repressão ou perseguição contra tudo aquilo que fosse oposto ao modelo do corpo dominante, ou que, pelo menos, fosse útil para ele. O que fosse desnecessário para aquele corpo dominante, poderia ser eliminado. O México foi um terrível exemplo, pois em 1658 foram denunciadas 123 pessoas sob o delito de sodomia, sendo 19 delas encarceradas e 14 queimadas pela santa inquisição, sempre punindo muito mais radicalmente os corpos mais distantes daquele “corpo dominante”, negros, indígenas, mulheres. Assim como no México, no resto do continente latino-americano tudo aquilo que pudesse significar desordem ou excesso, especificamente, na área da sexualidade, entrou no território do pecado, no primeiro momento, e da doença posteriormente, apoiado pela ciência europeia (AMNISTIA INTERNACIONAL, 1994).

Os processos de independência dos novos Estados americanos e a fantasia de liberdade daquele jugo colonial, não mudaram necessariamente as relações com os corpos; na lógica construída e imposta pelos europeus, o modelo do corpo dominante seguiu sendo o centro, e ante a “expulsão dos conquistadores do velho mundo”, nada mais lógico que ceder a hegemonia para o seguinte na lista: o homem branco não europeu, porém cristão e heterossexual. Um “filho legítimo” do centro do universo, que desde o início olhou para a Europa como Tântalo para a água que nunca poderia beber, nascendo, assim, esse Complexo de Catalina, que faz com que, no nosso continente, mantenhamos uma constante sensação de débito, de ausência, pois há a “convicção de estar por natureza errados, necessitados da orientação daqueles que sabem e conhecem, porque estão no centro do mundo” (MEDINA-NARANJO, 2017, p. 51).

Nas jovens nações americanas, baseando-se no higienismo importado da Europa, usaram-se muitas categorias e classificações patológicas daquilo que “não era normal”: daquilo que era perverso, invertido, sodomita, etc. A “normalidade” daquele modelo de corpo dominante marcou e determinou o que devia ser feito; tudo que era oposto precisava continuar sendo repudiado. Essa suposta normalidade reafirmou as funções que o patriarcado delimitou, entendendo o patriarcado como: “o sistema social baseado na apropriação, concentração e monopolização do poder e da autoridade por parte dos homens sobre as mulheres e outros homens, existente nas sociedades antigas e modernas” (FUNDACIÓN JUAN VIVES SURIA, 2010, p. 57).

Desde esta visão patriarcal, a mulher, como serva da igreja ou do marido, tinha a missão biológica de ter filhos ou a missão religiosa de servir a Deus; nenhuma outra função podia ser considerada normal nem digna, condenando todas aquelas que não fossem úteis para aqueles corpos dominantes à segregação, a exemplo das meretrizes, que foram/

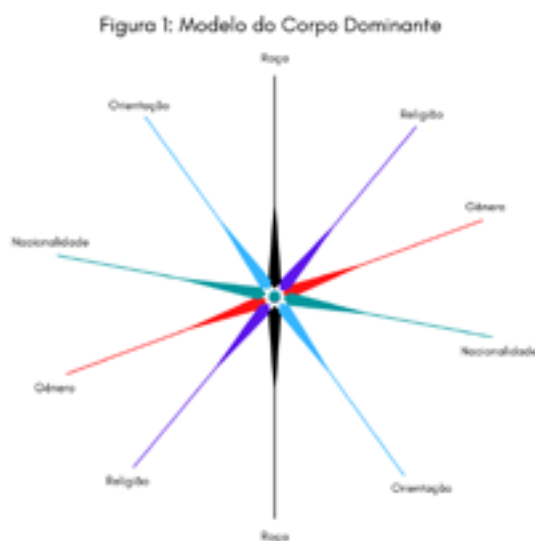


ILUSTRAÇÃO 3: Modelo do corpo dominante. Fonte: Julián Medina-Naranjo

são usadas, escondidas, mas não eliminadas, porque serviam ao prazer dos homens. A função destes na igreja, na pátria ou na família; era a de pai, sem excessos, com virtudes, cabeça da família e para quem a esposa devia respeito e abnegação; era visto como o responsável da função provedora e tinha nas mãos a fiscalização para que tudo fosse feito de forma correta, e não por acaso a expressão “o homem da casa” ainda invoca a função de domínio sobre as outras pessoas; o oposto a isso era considerado libertino, vagabundo ou sodomita. Toda esta dinâmica fortaleceu o poder dos corpos dominantes, e no final “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Um setor dos estudos feministas atuais tende, aliás, a quantificar estes privilégios e a mostrar concretamente os efeitos da dominação masculina” (WELZER-LANG, 2001, p. 461).

O mundo caminhou política, econômica e socialmente após essas revoluções de independência. Chegaram guerras, processos de reconciliação e mais guerras, sempre lideradas por esses corpos dominantes. Os outros corpos, os dominados, contudo, continuaram sendo reprimidos com as mesmas lógicas e argumentos, ano após ano, e a dialética do “normal” continuou dominando. Embora tivessem existido personagens e acontecimentos importantes, em diferentes cantos do mundo, contribuindo com algumas mudanças deste discurso patriarcal, somente até a segunda metade do século XX é que a homossexualidade tornou-se um assunto falado, como exposto acima. “Homossexual” foi o termo genérico, desde sua aparição no século anterior e até os anos 80, usado para definir todo tipo de orientação, identidade ou expressão de gênero dissidente. Algumas poucas pessoas “homossexuais” foram aceitas neste tempo sempre que fossem úteis para os corpos dominantes, limitando, claro, seus espaços a certos ambientes específicos; isto é, se estas pessoas, alvo de jocosidade, tinham alguma profissão específica que servisse, podiam existir, mas não em qualquer espaço. Esse pensamento fez com que poucos lugares fossem acolhedores para aquelas pessoas “homossexuais”, pois, na maioria dos espaços seriam submetidas a situações cruéis e à discriminação. Estes foram anos em que os lugares acolhedores em que podiam estar as pessoas TLGB+, chamadas de “homossexuais”, eram escondidas, camufladas ou até relegadas aos porões.

O século XX foi um tempo de muita turbulência. Começaram muitas lutas e movimentos de reivindicação; o medo alimentou o sentimento histórico de rejeição contra as pessoas que ousassem se distanciar daquele corpo dominante, medo pelo desconhecimento e desinformação daquela doença “de homossexuais” surgida nesses anos. Esse século foi, ao mesmo tempo, de trevas e de luzes para a população TLGB+: trevas porque além da perseguição histórica que já sofriam, fez sua aparição o HIV, chamado na época de “câncer homossexual” (FRANCE 24, 2020), que deu para esta população uma visibilidade que não tinha. Justamente por essa razão, também foram anos de luzes, porque a visibilidade só aumentou com a chegada da Internet, finalizando o século.

1.3. MAL NECESSÁRIO

*"Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher
(...) sou seu amor profundo, sou o seu lugar no mundo
Sou a febre que lhe queima, mas você não deixa
Sou sua voz que grita, mas você não aceita..."*
(NEY MATOGROSSO)

O século XX chegou junto com as ditaduras na nossa Abya Yala, e com elas as agressões contra as pessoas TLGB+ só aumentaram; e esses regimes foram terrenos férteis para fortalecer ainda mais o poder dos corpos dominantes, que eram os corpos válidos. Como a "humilhação dos 41 maricas" no México, depois de uma batida militar no dia 18 de novembro de 1901, em que 42 homens celebravam uma festa, a metade deles vestindo roupas de mulher, com brincos, perucas e maquiagem durante o governo do General Porfirio Díaz (SANZ, 2013). As humilhações pelas que passaram 41 dos 42 homens que estavam na festa, seriam só a introdução do que as populações TLGB+ latino-americanas acabariam encontrando neste século. Algum tempo depois, no Brasil, aconteceriam experiências e estudos antropométricos com "homossexuais" na década de 1930, e na Argentina as desapareições de população TLGB+ na ditadura entre 1976 a 1983 (FIGARI, C. PONCE, E. 1999). O século inteiro sendo perseguidos. Nos regimes autoritários, o "homossexualismo" foi incluído como delito em vários países latino-americanos e, no mesmo patamar, seriam julgados "homens vestidos de mulher", "mulheres que tivessem relação com outras mulheres", "homens sodomitas" e qualquer outra perturbação, segundo os códigos penais da época (FIGARI, 2010).

Contudo, e ante a perseguição, as coletivas TLGB+ começaram um processo de resistência, e desde os anos 50 é possível perceber relevantes tentativas de organização e socialização de homens e mulheres homossexuais nas principais cidades sul-americanas. Clubes, grupos jornalísticos, associações em São Paulo, Buenos Aires, La Paz ou Bogotá; grupos clandestinos, alguns deles de socialização mais que de militância, acabaram sendo os lugares acolhedores dos homens homossexuais latino-americanos (FIGARI, 2005). Faço questão de separar os homens homossexuais neste caso e não generalizar como pessoas TLGB+ porque, de fato, eram lugares acolhedores para homens brancos, de uma classe social alta e homossexuais; não eram lugares acolhedores para mulheres lésbicas, transexuais ou travestis, ainda menos para populações marginalizadas, empobrecidas e vulnerabilizadas, a exemplo da indígena e da população negra. Estamos falando de grupos de homens homossexuais brancos que tiveram suas lutas, mas contavam com o privilégio da proximidade daquele corpo dominante.

Na segunda metade do século, começa um movimento de visibilidade muito importante para várias organizações sociais latino-americanas: indígenas, negros, mulheres, estudantes e, claramente, também grupos de "homossexuais" que começam a aparecer em vários países da América Latina (IMAGEM 7). Movimentos reivindicando suas categorias políticas, a importância da visibilidade, definindo e redefinindo sua identidade (FIGARI, 2010). Os "movimentos homossexuais" começaram, então, a pensar em agendas políticas comuns, definindo sua identidade para conseguir visibilidade, o que era, e ainda é, de uma complexidade crescente. Este processo leva a refletir uma única identidade, mesmo com redes de grupos e ações coletivas que evidenciam a disparidade. Esta "identidade única" nasce

da ideia do “sujeito homossexual” e cria-se com uma grande influência das lutas nos Estados Unidos na década dos anos 60, com o famoso caso de Stonewall (IMAGEM 8), quando houve uma violenta invasão policial em um bar de Nova York, no dia 27 de junho de 1969, e que duraria três dias, constituindo-se como a “origem” dos movimentos homossexuais no mundo (REVISTA LADO A, 2003).

Desde o ano seguinte, começou-se a celebrar a Semana do Orgulho Gay, que acabou com uma grande marcha, o que seria, através dos anos, replicado em diversas outras cidades do mundo, entre elas Santiago, no Chile, que no dia 22 de abril de 1973 celebra a primeira Marcha do Orgulho. A partir de então, vários países sul-americanos começam a organizar movimentos cada vez mais fortes. Na Argentina, por exemplo, foi criado o primeiro grupo abertamente homossexual do sul do continente, e nos anos 70 se publica a primeira revista deste tema (FIGARI, 2005). Alguns anos depois, na Bolívia, aparecem os primeiros agrupamentos orgânicos devido à crise de saúde pública envolvendo o HIV-AIDS, e já contavam com a participação de ativistas, mas com pouca visibilidade e reconhecimento (ARUQUIPA PÉREZ; ESTENSSORO VELAOCHAGA; VARGAS, 2012).

No sul do continente, a violência contra “os homossexuais” adquire ainda mais força com a ascensão dos militares ao poder em vários países sul-americanos. Campanhas de “limpeza social”, que tinham por objetivo eliminar a perturbação das pessoas decentes, faziam com que muitos grupos acabassem ou decidissem trabalhar desde o exílio. Entre as décadas de 60 a 80, “a emergência dos movimentos de liberação homossexual constituiu uma iniciativa sem precedentes na América-latina. Os convulsivos anos sessenta e setenta conjugaram uma crise de



IMAGEM 7: Carlos Espinoza (Ofelia), Carnaval de Oruro, Bolívia 1974.

Fonte: álbum pessoal de Carlos - Memorias Colectivas 2012.



IMAGEM 8: Marsha P. Johnson, ativista e uma das principais protagonistas da histórica luta de Stonewall, de 1969.

Fonte: Site CNN Espanhol

hegemonia com a participação de trabalhadores e jovens dos setores médios na vida política que reforçou o ideal da transformação radical na região. Paralelamente, pequenos grupos tentaram incidir na agenda da esquerda com um programa que unificava a revolução sexual com a social” (SIMONETTO, 2017, p. 158).

No final dos anos 70, enquanto na Argentina os homossexuais estavam sendo mortos por grupos neonazistas, no Brasil, as greves dos metalúrgicos e da indústria automotora em São Paulo, criava um clima ideal para que movimentos sociais feministas, negros e homossexuais estabelecessem seus primeiros coletivos com caráter político (FIGARI, 2010). Na Colômbia, mesmo havendo um movimento antigo chamado *Los Felipitos*, nos anos 40, grupo clandestino limitado para homens de uma classe social alta, vê-se surgir, nos anos 70, um coletivo organizado, de nome *Movimiento por la Liberación Homosexual* (MLHC), uma organização ativa entre os anos de 1976 e 1989, na cidade de Medellín (CARO ROMERO, 2020), enquanto que na Bolívia começava um processo de redemocratização, em 1982, momento em que surgem os primeiros agrupamentos das diversidades sexuais e de gênero em cada uma das capitais departamentais do país (ARUQUIPA PÉREZ; ESTENSSORO VELAOCHAGA; VARGAS, 2012). Estes são alguns poucos exemplos da efervescência social das organizações TLGB+ dessas décadas no nosso continente.

Então começa um novo momento: ONGs, associações, coletivos, novos grupos financiados por cooperação internacional e, até pelo próprio estado, começam o trabalho pela população TLGB+ latino-americana (IMAGEM 9). No Brasil, por exemplo, grupos como o Triângulo Rosa, de Rio de Janeiro, ou o GGB (Grupo Gay da Bahia), mantiveram em pauta a necessidade de combater o estigma contra a população gay e ampliar a base de direitos. Também foram importantes os trabalhos das mídias alternativas com temática TLBG+, desta forma o *Lampião da Esquina* foi um jornal homossexual entre 1978 e 1981 e o boletim *Chanacomchana*, uma publicação dos coletivos Lésbico-Feminista - LF (1979-1981) e Ação Lésbica-Feminista - GALF (1981-1989).

Na Argentina, pós-ditadura e com a volta da democracia, criaram-se grupos que tratavam a questão homossexual para as eleições, porém, foram retiradas as estratégias repressivas, o que levou, em 1984, depois de uma operação focalizada contra a população homossexual, criasse-se a Comunidade Homossexual Argentina (CHA).

Na Bolívia começa a incursão de projetos contra a HIV-AIDS, para que alguns ativistas e representantes, que tinham visibilidade no Movimento, fossem educadores e líderes de programa que trabalhassem na prevenção do HIV e Doenças de Transmissão Sexual (DTS) com a população “homossexual”. No Peru surgiu o Movimento Homossexual de Lima (MOHL), e no Chile, no meio da ditadura, criou-se um grupo feminista lésbico chamado *Ayuquelén*, após o assassinato de uma mulher lésbica no centro de Santiago (ARUQUIPA



IMAGEM 9: Mobilização TLGB+, Bogotá, 28 de junho de 1982.

Fonte: Red Somos

PÉREZ; ESTENSSORO VELAOCHAGA; VARGAS, 2012; FIGARI, 2010).

A organização social começa um esforço em diferentes países para divulgar, visibilizar e comunicar os avanços e desafios destes agrupamentos que trabalham pela dignidade e pelos direitos das pessoas TLGB+. Revistas e jornais começam, então, a circular com a intenção de deixar manifestada a existência das diversidades, a exemplo da revista *El Otro*, que fez esse trabalho pelo MLHC na Colômbia. Na Argentina foi a revista *Somos*; no México, a revista *Mariposa*, e no Brasil foi a revista *Limpão Esquina*. Cada uma delas trazia assuntos relacionados à cultura, à vida homossexual e à política; recebiam e-mails dos leitores, faziam contatos internacionais e comunicavam sobre a revolução sexual e social que estava acontecendo (SIMONETTO, 2017). Contudo, nenhuma dessas propostas conseguiria o alcance que teria na mídia a aparição da Síndrome da Imunodeficiência Humana.

Os anos 80 chegaram com uma grande visibilidade dada à população TLGB+, devido à ligação feita com essa parcela da população, apesar que “há evidências de que a AIDS já vinha fazendo vítimas antes mesmo de seu primeiro caso confirmado”, em 1981 (PEDROSO, 2017, p. 14). Mas foi a ideia do HIV-AIDS como o “câncer gay” que acabou determinando, em grande medida, um novo estilo de organização e uma nova forma de vida. Nunca antes o assunto da “homossexualidade” foi tão visível, nem tão comentado, nem causou tanto interesse, o que acabou alimentando o medo em relação à população TLGB+. Já não era mais um assunto oculto, não podia ser clandestino, precisava ser falado abertamente, fosse para apoiar ou para condenar a população homossexual, que começou a estar constantemente nas conversas (IMAGEM 10).

Se nesse decênio começa a visibilidade por conta do HIV-AIDS, no seguinte essa exposição vai receber uma potência com as novas tecnologias de comunicação, o que vai impulsionar um processo particularmente rápido de interação; o mundo começa a parecer menos distante e acessar as informações começa a ficar muito mais fácil (MARINGONI, 2017). Esse “mundo novo”, um mundo muito mais próximo e conectado, trouxe uma visibilidade ainda maior para o assunto TLGB+ o que, longe de contribuir para a tolerância, acabou alimentando o medo, a discriminação e as agressões. Poder-se-ia pensar que toda aquela visibilidade que a Internet, a mídia e as novas tecnologias trouxeram com a virada do milênio, chegou junto a uma forte resistência de vários setores da sociedade. Ante essa nova exposição, frente a filmes, séries, novelas e programas de televisão falando, de uma ou outra forma, de pessoas TLGB+, não somente com malícia, mas como uma realidade; o ataque chegou junto e essa resistência veio de mãos dadas com uma violência generalizada.

Os anos 90 finalizam e começa o milênio com muitas organizações surgindo no



IMAGEM 10: Carlos Jáuregui, 1984. Primeiro homossexual na mídia argentina.

Fonte: Site do Ministério da Cultura, Argentina.

continente inteiro, principalmente, nas grandes cidades latino-americanas. Novas categorias como Lésbica e Gay fizeram com que se acabasse abandonando a expressão “homossexual” como genérico, e trouxesse à baila, pela primeira vez, as siglas GLS (Gay, Lésbicas e Simpatizantes), como uma primeira tentativa de abranger um pouco mais as particularidades das pessoas que integravam o coletivo; posteriormente acabariam entrando as letras das pessoas Transexuais, Travestis e Bissexuais. Começa, desta forma a articulação de associações nacionais e internacionais e de organizações; surgem novos espaços de conexão, tomando força as multitudinárias Marchas do Orgulho, que tinham começado com pouquíssimas pessoas alguns anos atrás, em 73 no Chile. No México, foi em 78; na Colômbia em 82; em 92 e 93 na Argentina, Brasil e Uruguai; em 95 no Peru; em 2000 na Bolívia; e em 2001 na Venezuela e no Equador (FARÍAS; TROTTA, 2020). Estas marchas começam a aparecer na mídia e vários eventos começam a ser divulgados na Internet, abrindo novas portas para interações, articulações e contato entre pessoas TLGB+, o que trouxe novas possibilidades e novos horizontes (IMAGEM 11).

É relevante lembrar, neste momento, que o acesso à Internet atravessa diversas interseccionalidades e esse protagonismo que as pessoas TLGB+ começam a ter no final do século XX, e começo do XXI, tem cor. Paralelo a isto, a luta das populações negras e indígenas não teve orientações nem identidades dissidentes, pois “naquele momento histórico, nos anos iniciais do século XXI, o movimento negro não pautava discussões de gênero e sexualidade, da mesma maneira que o movimento LGBT era avesso às discussões sobre racismo” (OLIVEIRA, 2017); e mesmo assim, sempre foram esses corpos dissidentes e racializados, os que protagonizaram, e protagonizam, as lutas que abrem as portas para que possam entrar todos os outros corpos.

Nas primeiras décadas dos anos 2000, visibilizou-se novas identidades, visto que as pessoas começaram a se agrupar, a se organizar em função dos seus gostos, das

39



IMAGEM 11: Parada do Orgulho, domingo 9 de Junho de 2017
Parque do Povo de Presidente Prudente.

Fonte: Site da Globo Notícias

suas preferências, das suas particularidades, sejam sexuais, afetivas ou por identidades. Falou-se na mídia sobre as tribos urbanas que viraram assunto nos jornais, e devido a certas particularidades, começaram a ficar mais evidentes. Vários grupos de pessoas começaram a sentir que não estavam sozinhas e se identificaram com outras pessoas pelas suas especificidades corporais, culturais, religiosas ou raciais, acrescentando sua orientação sexual, ou de identidades. O acesso à informações através da Internet, permitiu que pessoas de outras partes do mundo recebessem informações do que acontece, porém com menos filtros. Entram na pauta programas e concursos de *Drag Queens* ou *Ballroom*. Concursos que tiveram seu auge nos Estados Unidos, nas décadas de 70 e 80, principalmente entre pessoas latinas e negras da cidade de Nova York, e que eram expulsas das suas casas devido à orientação sexual ou à identidade de gênero. Foi na década dos anos 90 que muitas dessas pessoas rejeitadas pela própria família tiveram visibilidade graças a Madonna e sua música *Vogue*, que pôs em evidência a cultura *ballroom* em nível mundial, história maravilhosamente documentada no *Paris is Burning*, uma crônica da cultura *drag queen* e *ballroom* nova-iorquina que foca nos bailes e na vida daquelas pessoas que protagonizaram o nascimento deste movimento artístico (LIVINGSTON. 1991).

O crescente fluxo de exposição dos assuntos TLGB+ na mídia e na Internet trouxe junto um contra fluxo de rejeição, motivado por discursos religiosos e posicionamentos radicais que acabaram impactando a população TLGB+ latino-americana. A aparição de projetos em que as pessoas TLGB+ se juntaram e propiciaram espaços de convívio entre as mesmas pessoas TLGB+ pareceria evidenciar a falta destas alternativas dentro dos lugares habituais para as pessoas socializarem. Coletivos de pessoas e organizações sociais decidem começar um trabalho de cuidado, com casas subsidiadas pelos estados para pessoas trans e travestis; casas para pessoas TLGB+ expulsas de suas famílias, lugares liderados por pessoas TLGB+ que usufruem de algum tipo de privilégio; grupos artísticos; associações culturais ou políticas que reivindicam para que pessoas TLGB+ possam habitar diversos lugares. Grupos de pessoas que fazem uma resistência através da existência, de existir com bem-estar. Esse tipo de espaços, hoje, é liderado por seres humanos incríveis que fizeram da dororidade, um conceito nascido no feminismo brasileiro que será aprofundado posteriormente, o combustível para continuar e fazer delas gente “*chingona*”, um adjetivo coloquial usado no México para falar de pessoas ótimas, alguém extremamente bom fazendo algo, indivíduos além da média.

1.4. PONTE CHINGONA

*"Quanto mais você quer-me fazer dano
Destruíu minha liberdade
Chorei mil rios e cem mil vezes
Do chão precisei me levantar
'Foda-se' o que podem pensar
É minha vida, o que mais dá
Não sou de ninguém
Nasci perfeita, distinta,
'Fodona' e você também"
(LA MÁS DRAGA)*

Ponte Chingona é uma música do programa mexicano *La Más Draga*, um concurso drag que se faz desde 2018 e pode ser assistido pelo YouTube; junto com este, outros produtos audiovisuais são feitos na América Latina, como *The Switch* ou *Amigas y Rivales*, no Chile; *Diva's Drag Race*, na Argentina; eventos como *Miss Universo Drag Star*, na Colômbia, ou séries como *Nasce uma Rainha*, da Netflix Brasil, programas e concursos estes que visibilizam e divulgam a arte e a diversidade. Esta música é um hino de empoderamento e energia, uma canção que usa a arte drag para enviar sua potente mensagem: "eu escolho como ser e como me vestir, se pinto minha boquinha, não é um crime... e você: vire uma *chingona*".

E, de fato, é necessário ser *chingona* para viver e sobreviver na América Latina; as pessoas TLGB+ precisam repetir, constantemente, esse mantra de autoaceitação, autocuidado e autopromoção – sou incrível nada vai me derrubar –, porque mesmo morando em países com leis progressistas que, em teoria, as defendem, não necessariamente estão protegidas, uma vez que muitas dessas leis não conseguem se fazer cumprir (IMAGEM 12). Em muitos países da região foram aprovadas, no novo milênio, leis que visam proteger as pessoas TLGB+, uma luta difícil e tortuosa de todas essas organizações e coletivos que vêm trabalhando desde o século anterior, para poder declarar abertamente a orientação sexual ou a identidade de gênero, sem que seja um delito nos países do Abya Yala. Os últimos a conquistar esse direito foram Nicarágua e Panamá, em 2008 (KAIPPER. 2014).

Contudo, ainda não se fazem efetivas muitas dessas leis, o que sugere impunidade e, muitas vezes, permissão para o preconceito, como aconteceu durante o conflito armado contra a guerrilha das FARC na Colômbia, que



IMAGEM 12: Marcha do Orgulho em Buenos Aires.

Foto: Alejandro Pagni/AFP/Getty images.

Fonte: Site DW

durou mais de 50 anos, até os Acordos de Paz. Ali, muitas pessoas TLGB+ decidiram guardar silêncio sobre as violências que têm vivido, não denunciando e nem participando de processos organizativos que onde precisem falar das suas experiências por medo ou vergonha; o que igualmente acontece com suas famílias que, pelos mesmos motivos, acabam não reportando a orientação sexual ou a identidade de gênero das vítimas (COLOMBIA DIVERSA. 2020). Ou, ainda, o exemplo do Brasil, que registrou 44% de todos os casos de homofobia letal (homicídio motivado pela orientação sexual da vítima) do mundo em 2012, e em 5 de março de 2014, quando foram registrados 74 homicídios de pessoas LTGB+. Mas no começo do referido ano, o país inteiro se paralisava para assistir o primeiro beijo homossexual em uma novela (KAIPPER. 2014).

Dois exemplos para refletir sobre a realidade de ser TLGB+ no nosso continente; dois casos, entre muitos outros, que convidam a entender que ser TLGB+ nestes países da América Latina é diferente de sê-lo em outros países do mundo, nem melhor nem pior, só diferente. Mesmo levantando bandeiras muitos parecidas, e acompanhando processos globais, pensar nas lutas TLGB+ latino-americanas e sul-americanas exige uma ampla caixa de ferramentas que permita ter uma visão mais interseccional, racial e étnica, econômica e social, além da visão do gênero; para potencializar a visibilidade dos impactos de não sermos corpos dominantes neste canto do planeta. As violências que nos atravessam são diferentes pela própria história da nossa região, mesmo parecendo similares às que são pautadas nos centros globais.

42 Grupos e coletivas TLGB+ da região, como a Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais para a América Latina e o Caribe (ILGA-LAC), e até organizações internacionais, a exemplo da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), advertem, a cada ano, sobre a violência contra a população TLGB+ e os ataques contra a diversidade sexual e de gênero nos nossos países. Uma das principais razões apontadas é a necessidade de controlar socialmente a forma como as pessoas constroem suas identidades e praticam sua sexualidade, muitas vezes influenciados por discursos de ódio apoiados por posicionamentos fundamentalistas, machistas ou religiosos. Discursos como aquele promovido pela Ideologia dos Dois Gêneros, que comentamos na introdução. Segundo a CIDH, entre 2013 e 2014 foram registrados 594 assassinatos de pessoas TLGB+ e, pelo menos, 770 casos de violência contra esta população na América Latina. Esses números poderiam ser muito maiores se existissem mecanismos de denúncia efetiva que pudessem garantir os direitos de todas e todos (CIDH, 2015). De todas as violências e agressões, as mais preocupantes são aquelas que afetam a saúde mental das pessoas TLGB+, em especial das pessoas trans e travestis devido ao “quadro de exclusão sistemática em que são forçadas a viver, a discriminação e a violência na qual estão geralmente expostas. A rejeição que normalmente sofrem desde idades precoces no seio familiar e por parte da sociedade no seu conjunto, assim como a patologização das suas identidades e expressões diversas, acostuma se traduzir em afetações da sua integridade psicológica e sua saúde mental, incluindo altos níveis de estresse, tristeza, depressão e sentimento de abandono” (CIDH, 2020, p. 152).

Os números, as informações, as cifras nos relatórios destas organizações deixam em evidência que a violência contra as pessoas TLGB+ é sistemática, recorrente e, também, que os mecanismos governamentais para defendê-las não parecem ser suficientes nem

efetivos, como tinha sido anunciado anteriormente. Sobre essa parcela da população, quando esses corpos são autorizados a habitar os espaços, quando não a rua, são frequentes as agressões físicas e psicológicas, agressões feitas por desconhecidos ou até, e principalmente, pela própria família, torturas, expulsões de casa ou relacionamentos abusivos, perseguição no trabalho ou na escola. Agressões nas igrejas, nos postos de saúde ou até nas próprias delegacias de polícia também puderam ser contabilizadas.

São muitas as violências contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e contra todas as pessoas que não se encaixam no padrão do corpo dominante, mesmo com a quantidade de leis aprovadas nos países da região, visando defender, ou pelo menos punir os agressores. São tantas as violências que acabam sobrando para pessoas que não são TLGB+, como o caso daquele pai e filho, na cidade de São Paulo, em 2011, agredidos por estarem abraçados e parecerem um casal gay (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011). Enfim, neste grande território latino-americano, os lugares não são acolhedores para as pessoas TLGB+, mesmo com todas as leis que organizações e coletivos têm conquistado, e esses lugares são ainda menos acolhedores quando esses corpos TLGB+ são atravessados pelas diversas interseccionalidades, permitindo ver aquilo que não seria visível, analisando as categorias de gênero, raça e etnia de forma separada (LUGONES, 2008). Os lugares na nossa América Latina, onde as pessoas TLGB+ poderiam, ou deveriam, se sentir acolhidas, são espaços atravessados por relações de dominação, o que as leva a estabelecer relações de vínculos e afetos entre excluídos.

Depois de tantas lutas e batalhas desde os anos 60, as organizações e coletivos TLGB+ latino-americanos conquistaram, na base da Militância de Trincheira, de protestos, escraches, marchas e manifestações, muitos dos direitos que usufruímos na atualidade. Esses processos aconteceram de uma forma particular no Abya Yala porque vários destes direitos TLGB+ foram conquistados antes mesmo daqueles direitos reivindicados pelo Movimento Feminista, a exemplo dos direitos reprodutivos, como aconteceu na Europa. Toda esta luta das organizações TLGB+, que se fortaleceu ainda mais na década de 80, viu materializada sua dedicação, principalmente nas primeiras décadas deste milênio, quando vários países latino-americanos avançaram nos seus marcos legais. Foi nessas primeiras décadas que Equador e México incorporaram em sua constituição proibições contra a discriminação por identidade de gênero ou orientação sexual. Foi nessas primeiras décadas deste século que Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, México e Uruguai legislaram a favor do matrimônio igualitário, e no Chile apareceu a particular opção de União Civil. Foi também nessas duas primeiras décadas que Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica e Uruguai reconheceram a adoção para famílias homoparentais e, Brasil e Equador, legislaram contra os tratamentos para modificar a orientação sexual e a identidade e expressão de gênero, dívida que ainda é cobrada nos outros países da região. Foram todas essas lutas nas décadas anteriores as que permitiram que nas primeiras décadas deste milênio se pudesse legislar a favor das identidades auto-percebidas no Panamá, Uruguai e Brasil, e que a Argentina tomasse a frente no mundo, promulgando uma lei de identidade de gênero que marcaria o reconhecimento das pessoas trans, seguida pela Colômbia, Bolívia, Equador, Peru e Chile (CHAVES GARCÍA; ESTER, 2021).

Têm sido muitos anos de luta, muitos anos de marchas, de protestos. Muitos anos de uma militância que protagoniza as manchetes. Muitos anos em que esses corpos combativos curaram suas feridas no meio da luta. Contudo, e mesmo com uma luta que continua ativa, começam a

organizar outro tipo de espaços, que trabalham a partir de um tipo de militância, um pouco mais preocupada com corpos que combatem que pelas lutas que reivindicam. Organizações, grupos e coletivos que propiciam espaços para responder às necessidades da população TLGB+, que não vê suas necessidades atendidas pelos governos da região. Espaços que gritavam para serem criados em resposta aos ataques que diariamente as pessoas TLGB+ recebem. Pessoas TLGB+ que não podem “ser” nas suas casas e precisam sair, expulsas ou pela mortificação; pessoas sem possibilidades de emprego, educação ou lazer; pessoas que não conhecem todos esses direitos que foram conquistados nestas décadas; pessoas que precisam de um lugar acolhedor onde ficar e principalmente, onde podem “ser”.

Não parece provável que estes espaços possam ser proporcionados por alguém que não entende das dores que as pessoas TLGB+ sofrem; simples processos organizativos, como dividir de forma binária, entre masculino e feminino, uma casa de abrigo, pode significar ainda mais violência para uma pessoa que foi expulsa da sua casa por conta da sua identidade de gênero; ou coletivas artísticas ou esportivos em que a opressão sobre os corpos impede qualquer tipo de divergência; ou mesmo organizações sociais em que algumas vozes ecoam mais fortes que outras. Não foram as missões evangelizadoras nem as damas de rosa, filhas e esposas de políticos, com seus trabalhos voluntários, aquelas que construíram esse tipo de espaço; foram as organizações e coletivas TLGB+, que ante a omissão dos governos, e junto com uma militância ativa, acabaram oferecendo alternativas de cuidado para sua própria comunidade. Não com uma visão de caridade, ou com um intuito assistencialista, mas a partir de um olhar solidário e, muito mais importante, a partir de um sentimento de dororidade TLGB+, pedindo emprestado o conceito da Vilma Piedade, mais uma mulher negra brasileira que inspira este texto. Parafraseando-a: a solidariedade, e até a sororidade, une diversas irmãs, mas não alcança para os corpos dissidentes, para nós, bixas, bissexuais, mulheres lésbicas, travestis, mulheres e homens trans, para todas as diversidades, entre nós o sentimento de solidariedade não alcança (VILMA PIEDADE, 2021).

São muitas as vozes das organizações sociais espalhadas pelo continente que estão fazendo dos espaços comuns, verdadeiros lugares acolhedores para pessoas TLGB+. Organizações que buscam mitigar esse vazio do Estado e essa ausência da família como instituição, porque quando falamos de orientação sexual ou identidade de gênero, as casas de família que podem ser espaços tão, ou ainda mais cruéis, que qualquer outro espaço do mundo. Por vezes a rua acaba tornando-se a opção menos perigosa. Essas casas são esperança para as pessoas que ficam sem teto por se reconhecerem e decidirem assumir ser quem elas são; ou para aquelas que não encontram sossego nas suas próprias casas; aquelas que sentem constante perseguição por estarem junto da pessoa que amam, ou de tantas outras situações. Em vários países têm se espalhado iniciativas que buscam criar as condições necessárias para que alguns espaços possam ser lugares acolhedores para as pessoas TLGB+; onde as pessoas possam se sentir bem-vinda, um lugar em que não precisam se esconder e onde encontram outras pessoas que as aceitam e valorizam.

Poderíamos comentar alguns exemplos, como a Casa Nem, no Rio de Janeiro, e muitíssimas outras casas de mulheres Trans que têm cumprido essa função. A Casa Nem tem acolhido muitas pessoas em situação de rua com refeições, apoio e abrigo, transformando-se em um refúgio para pessoas TLGB+, em especial transexuais e travestis do Rio de Janeiro (O GLOBO, 2019). Ainda temos a Casa1, fundada pelo jornalista Iran Giusti em janeiro de 2017, e que abriga e acolhe a população TLGB+ expulsa de casa na capital paulista (SOUZA DUARTE; CYMBALISTA, 2020). Também no Brasil, a Casa Cristal Lilás, na Bahia, que é um espaço criado pela Portaria N° 2.836



IMAGEM 13: XVIII Marcha do Orgulho, em Santiago de Chile.

Fonte: Fotografia de arquivo. EFE/Alberto Valdés.
Site: Agencia EFE

mudado as leis e as constituições dos países do Abya Yala. Contudo, essas organizações têm lutado desde uma militância menos confrontativa, realizando um trabalho que visa proporcionar conforto e bem-estar para aquelas pessoas que, em outros momentos, vão e se manifestam nas marchas e nos protestos na rua; lugares acolhedores para alimentar os espíritos, e muitas vezes, também os corpos (IMAGEM 13).

de 1º de dezembro de 2011, graças à Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Além desses importantes projetos, foram fundadas muitas outras alternativas, como a Casa Miga, em Manaus; a Casinha, no Rio de Janeiro; a Casa Chama, em São Paulo, e a nossa Casassa, em Presidente Prudente. Na Argentina há a Casa de Lohana e Diana ou a Casa Trans, um referente latino-americano; no Uruguai, a *House of Polenta* e a *House of C-pher*, no Chile, e até o Colectivo TLGB da Bolívia, que trabalha no seu país, propiciando e apoiando a conformação de lugares acolhedores.

Muitas destas organizações têm desenvolvido um trabalho que, no início, pode não parecer tão relevante como o trabalho feito pelas organizações e coletivas que têm

45

1.5. ABRÁZAME MUY FUERTE

*"Quando você está comigo
É quando eu digo
Que valeu a pena tudo,
Tudo o que eu tenho sofrido
Não sei se é um sonho ainda
Ou é uma realidade
Mas quando eu estou com você é quando eu digo
Que este amor que sinto
É porque você o mereceu
Com dizer, amor, que outra vez acordei
Chorando de felicidade"
(JUAN GABRIEL)*

Neste espaço, vou começar falando de Juan Gabriel, um grande cantor mexicano, um cantor homossexual mexicano; para ser mais exato, uma grande marica cantora mexicana. Um artista homossexual que conseguiu ser ovacionado e amado em um dos países mais machistas do continente, um país que admira aquelas figuras que representam o modelo do corpo dominante. Juan Gabriel escreveu mais de mil músicas, sobre muitos

assuntos, mas aquela que mais me toca chama-se “Abraça-me Muito Forte”. Nesta música, ele diz: *“Cuando tú estás conmigo es cuando yo digo; que valió la pena todo, todo lo que yo he sufrido”* (Canção: *Abrázame muy fuerte*; Juan Gabriel, 2000). Juan Gabriel, como muitas outras TLGB+ latino-americanas, foi uma pessoa que por muito tempo não teve um lugar para chamar de seu, pois foi expulso de casa, sofreu múltiplas violências, sendo, inclusive, preso. A história dele deu uma virada, pois ficou famoso pela sua arte, conseguindo escrever canções como esta; uma música em que pede para que essa pessoa que ele ama fique por perto, ao seu lado, porque assim qualquer sofrimento parecerá pequeno. E sobre esse assunto, através de sua história, podemos ver que seu entendimento é legítimo.

São poucos os lugares que sobram para pessoas como Juan Gabriel, antes de que fosse famoso. Quando não somos expulsos, precisamos viver camuflados, como em um campo de batalha atentos e atentas para não dar um passo errado, como disse minha mãe: “caminhando sobre ovos”. Os lugares que habitamos são cruéis; os lugares que deveriam nos vincular emocionalmente não são acolhedores conosco. E o assunto está em que nós, seres humanos, independentemente do tipo de corpo, dominante ou não, somos seres que precisamos de vínculos; não somos criaturas que possamos habitar espaços sem criar relações, conexões, afetos.

Segundo o Dicionário de Psiquiatria, o afeto é uma parte essencial de todos os vínculos emocionais; é um estado emocional e anímico difuso e com uma escassa participação fisiológica (PSIQUIATRIA.COM). Mesmo com essa pouca relevância fisiológica, esse afeto é essencial para nós, seres humanos. Sobre esse tema, há uma teoria na psicologia que explica a necessidade destes vínculos: a Teoria do Apego Afetivo (Attachment Theory), do psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990). Estou ciente das limitações desta teoria, uma teoria muito determinista e europeizada que não pode ser usada estritamente em todo contexto, mas que pode nos ajudar a entender a conexão que como seres humanos criamos com as outras pessoas e com os lugares. Certamente, aqui se abre a possibilidade de aprofundamento a partir de outras abordagens na interface da Geografia e a Psicologia social, mas nesta tese compreendo que a Teoria do Apego Afetivo pode explicar a natureza das ligações afetivas entre os seres humanos, principalmente entre as crianças, em que o apego faz referência ao vínculo afetivo entre o bebê e uma figura de apego, como a mãe, o pai ou um cuidador. Segundo Bowlby, nós, os seres humanos, temos uma necessidade imperativa de formar vínculos afetivos estreitos e próximos, a quem possamos recorrer em momentos de estresse ou sofrimento, como na música do Juan Gabriel, que aceita os momentos de dor, sempre que possa estar perto da pessoa com quem tem esse afeto. A pesquisa sobre a Teoria do Apego Afetivo “tem sido abundante desde que Bowlby publicou seus primeiros resultados e conclusões”, em especial os trabalhos realizados nos últimos 20 anos, quando se têm observado diferenças dentro do amplo “leque de possibilidades de apego” (MONETA, 2014, p. 265). Geralmente, este sistema de apego constitui um modelo emocional, cognitivo e comportamental que organiza as atividades humanas, possibilitando a aproximação entre as pessoas; e é este sistema que consegue criar laços emocionais que permitem nossa sobrevivência.

Mesmo que no começo esta teoria tenha salientado o vínculo que se forma entre

um bebê e a pessoa que cuida dele, logo serviu para explicar todas as nossas relações familiares, de amizade, relacionamentos afetivos, afirmando que os comportamentos dos adultos estão modelados por representações mentais que têm sua origem nessas relações primárias. Nós, os seres humanos, estamos configurados para sentir necessidade da proximidade, pois nossa natureza nos leva a criar vínculos, e esses vínculos ficam mais evidentes em momentos críticos. Sentimos bem-estar ante a presença dessas figuras com quem criamos vínculos, e ansiedade ante sua ausência. Tal sensação é natural, uma vez que faz parte do sentimento de vazio quando perdemos uma pessoa com quem nos sentimos vinculados. Somos uma espécie que cria laços emocionais, laços com outras pessoas, com outros seres ou com os espaços que habitamos. "A teoria do apego é uma forma de conceitualizar a tendência dos seres humanos de criar fortes laços afetivos com determinadas pessoas em particular e uma tentativa de explicar a ampla variedade de formas de dor emocional e transtornos de personalidade, tais como ansiedade, ira, depressão e distanciamento emocional, que se produzem como consequência da separação indesejada e da perda afetiva" (MARRONE, 2002, p. 31).

Nesta ordem de ideias, também podemos criar vínculos com os espaços que nos acolhem, o nosso aqui e o nosso agora, e com as pessoas que estão a frente deles. Essa afirmação reflete o conceito de Lugar, dos espaços físicos onde habitam nossos vínculos. Existem espaços que têm um peso emocional, que trazem lembranças, que evidenciam sentimentos, que abraçam. Esses são os lugares. Porém, nem todos os lugares são acolhedores, pois alguns lugares são hostis para alguns corpos, que não são convidados a habitá-los ou que são expulsos.

De fato, a infância e adolescência, que são etapas de muitas mudanças e descobertas, também são etapas de fortes necessidades emocionais, e uma delas é a necessidade de lugares seguros. Sabemos que as crianças e adolescentes costumam ser muito cruéis umas com as outras em diferentes espaços, e quem é professor sabe quão déspotas e impiedosos pode ser uma criança com outra, e o trabalho dobrado que os profissionais da educação precisam fazer para acompanhar este tipo de comportamento. Contudo, muitas crianças e adolescentes que sofrem perseguição escolar têm lugares seguros para onde voltar, como suas casas, o colo da mãe, do pai, da avó ou de algum familiar; podem chorar e sentir o cheiro de um abraço. Outras crianças e adolescentes não têm esse lugar para voltar, porque seu "lar-doce-lar" não é tão doce. Por vezes a casa é o lugar mais perigoso do mundo para esses corpos.

A fragilidade das crianças e adolescentes TLGB+ submetidos, de diferentes formas, à situações de violência, ruptura e separação, cria uma fragilidade nos futuros adultos TLGB+ em sua forma de vinculação emocional. Onde você pode ir quando não tem lugar para você? Onde você pode se sentir segura se nenhum lugar é acolhedor para você? Embora, usualmente, em nossas sociedades, sejam a mãe/pai, avós ou familiares as pessoas que habitam esses lugares, e com quem se cria esses vínculos, existem algumas outras possibilidades, através das interações em ambientes sociais ou culturais acolhedores, favorecendo as condições para o desenvolvimento de relações afetivas saudáveis. Tendo presente a flexibilidade das relações emocionais dos seres humanos, que podem dar-se das mais diversas formas, entende-se a possibilidade de reconstruir, ou pelo menos ressignificar os vínculos afetivos entre pessoas que os têm

quebrado por conflitos, violências ou perdas. E no fim, as pessoas continuam construindo vínculos afetivos ao longo de toda a vida, e todos os eventos, do passado e os atuais, são significativos e têm o poder e a força de alterar ou ressignificar os vínculos.

É este o objetivo principal dos lugares acolhedores para pessoas TLGB+ que foram criados nas últimas décadas na América Latina. Algumas pessoas TLGB+ têm decidido que se não existem lugares que acolhem outras pessoas TLGB+, se os lugares são hostis, violentos e perigosos para alguns corpos, então vai ser preciso criar novos lugares, lugares acolhedores com diferentes configurações: alguns que abriguem pessoas expulsas de casa, outros que propiciem espaços seguros, outros que apoiem atividades culturais, mais alguns que promovam arrecadações; uns com infraestrutura e espaço físico, e outros virtuais, na internet, sem espaço físico, mas que contribuem com atividades de apoio para pessoas e coletivos. Lugares acolhedores TLGB+ feitos por pessoas TLGB+; lugares que trabalham além das práticas assistencialistas ou da caridade; lugares de pessoas que conhecem a dor do abandono emocional e, por isso, criaram espaços para pessoas que estão sentindo essa mesma dor. Lugares constituídos na base da dororidade, sempre vale a pena lembrar a Vilma Piedade que vamos aprofundar a seguir, só que desta vez, mas numa dororidade TLGB+.

1.6. CORAZÓN RESISTE

*"...e não tenho culpa nem medo,
Nosso canto curou e se fez voo.
Meu amor forjou-se entre dores,
Da rejeição geramos as cores.
Coração não deixe nunca de bater,
Coração não deixe nunca de lutar,
Coração resiste que somos milhões,
Você continue amando,
Não deixe de amar"
(EME, 2018)*

Falar de dororidade é um grande desafio para mim porque é um conceito que nasce no movimento feminista negro brasileiro e eu não sou mulher, não sou negro nem sou brasileiro. Porém, este conceito é tão forte e potente que transcende minhas próprias limitações; um conceito que grita desde o fundo: "coração não deixe nunca de lutar", uma música de um cantor trans peruano que fala diretamente para mim; para mim que não sou cantor nem trans nem peruano, mas compreendo, porque igualmente como canta Eme, "meu amor forjou-se entre dores, da rejeição geramos as cores". Pareceria que existem conceitos que precisam ser sentidos para poderem ser interpretados.

Quando aprendi português, por exemplo, demorei muito para entender o singular, particular e complexo conceito de "saudades". Foi em minha primeira viagem de volta para Colômbia, depois de ter morado quase quatro anos no Brasil, para visitar minha família, que senti uma estranha dor, uma sensação que não parecia tristeza, pois me pegava sorrindo enquanto olhava pela janela do avião; eu tinha conhecido alguém no

Brasil e estava sentindo saudades dele. Nesse dia consegui identificar o sentimento, que seguramente já tinha experimentado antes, mas nunca tinha lhe dado uma palavra. Horas depois, quando senti o abraço apertado da minha família, senti, pela primeira vez, o que era “matar a saudade”. Eu não tinha identificado, com uma palavra, o sentimento que se experimenta quando você, depois de muito tempo, abraça uma pessoa que ama tanto.

Algo similar aconteceu comigo ao ler o livro *Dororidade*, da Vilma Piedade (2021). Eu reconheço na leitura a força das palavras da autora para expressar a relação para além da sororidade entre mulheres negras, já que “dororidade leva no seu significado a dor em todas as mulheres provocada pelo Machismo. Contudo, quando se trata das mulheres pretas existe um agravamento dessa dor (...). A sororidade parece não contemplar nossa pretitude” (VILMA PIEDADE, 2021, p. 55). Por senti-la em mim, guardei essa reflexão no coração enquanto continuava com outras leituras, participava de outros eventos e realizava outras atividades.

Uma tarde assisti a um programa espanhol chamado *Gente Maravillosa*. Este programa, da televisão de Andaluzia, faz uso de câmaras ocultas, descobrindo pessoas que não ficam caladas ante as injustiças. Nesse dia, a situação era de um garçom, com transtorno bipolar, que sofria ataques do seu companheiro de trabalho, e o objetivo era identificar quantas pessoas o defenderiam; dentre muitas, Ângela foi especialmente acolhedora com ele, e ante os comentários agressivos que o garçom recebia, ela não ficou calada. Ângela acabaria confessando, depois que chorou e abraçou o jovem, porque ela sentia especial empatia, porque ela tinha sido diagnosticada e medicada por conta de uma doença mental; e nesse momento eu pensei na dororidade, um sentimento para além da empatia: Ângela sabia a dor que o jovem sentia porque ela tinha experimentado a mesma dor, e isso a fez agir.

No mesmo programa também houve a participação da dupla espanhola *Azúcar Moreno*, composta pelas irmãs Toñi e Encarna, que assistiram à câmara oculta e, posteriormente, escutaram as mensagens que a família da Ângela enviou em sua homenagem. Em uma das mensagens, uma das filhas de Ângela contou da força da mãe ao superar o câncer de pulmão. Nesse momento, a feição de Encarna mudou, pois ela também tinha passado por um tratamento contra o câncer há algum tempo, e, então, aproveitou a oportunidade para mandar uma mensagem para Ângela: “Te admiro igual, mas agora tenho uma conexão especial. Isso acontece com as pessoas que viveram o câncer. Não sei o que se movimenta dentro de nós, mas quando você conhece uma pessoa e fica sabendo que passou pelo que você passou, você pensa: Olha, esta pessoa me compreende, sabe o que é isto, sabe pelo que passamos” (CANALSUR, 2022). Nos olhos e nas palavras de Encarna, eu enxerguei, novamente, dororidade.

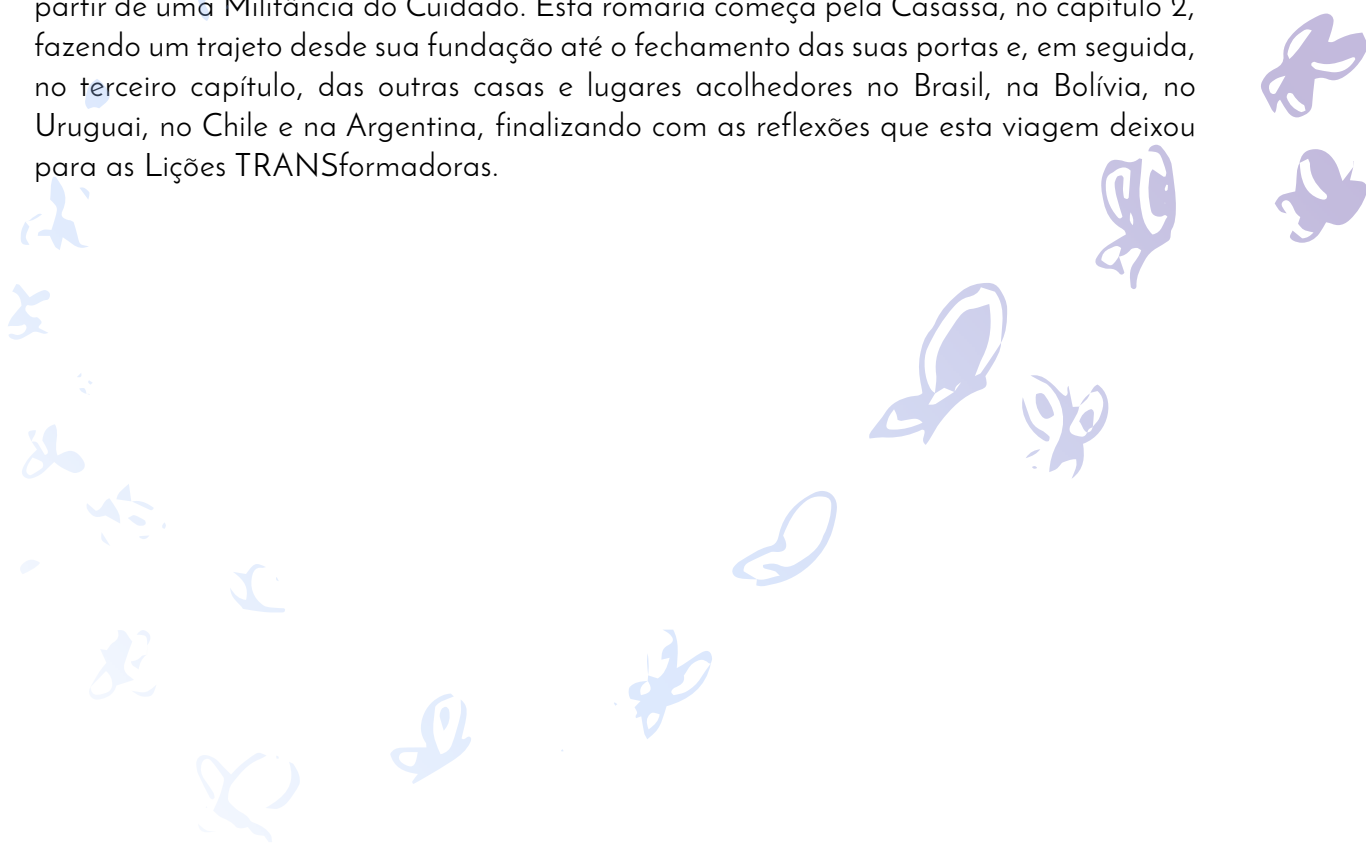
Depois desse programa, voltei ao livro da Vilma Piedade, conseguindo interpretar esses dois momentos a partir de um sentimento de dororidade, um sentimento que vai além da empatia ou da solidariedade, e que tem a força de mobilizar. Claramente a dororidade é um sentimento que nasceu, é das, e para as mulheres pretas, mas é um conceito tão potente que vejo que também poderia ser usado por outras pessoas que compartilham dores, como nós, as pessoas TLBG+, porque, ao fim, “Não há dor menor ou maior. A dor não se mede. É de quem sente. Há dor: A dor doe y ponto” (VILMA

PIEIDADE, 2021, p. 20). E o mais importante e potente do conceito da dororidade não é o fato de sentir uma dor similar, pois todas as pessoas sentem. Quando você sente e se abre para entender a dor da outra pessoa, essa dor é capaz de fortalecer, de ser mola propulsora para mudanças, de transformação e de força; como disse Eme em sua música: "...meu amor forjou-se entre dores, da rejeição geramos as cores".

Aqui não estou tentando romantizar a dor, estou apenas tentando entender a força e motivações que levam pessoas sem nenhuma obrigação, pública ou privada, a se organizarem, fazer uso dos seus privilégios, herdados ou conquistados, a propiciar espaços seguros, lugares acolhedores para pessoas TLGB+. Vou chamar, então, esse sentimento de dororidade TLGB+, para marcar a distância e reconhecer a diferença com o conceito de Vilma Piedade, e tentar, em um exercício de respeito e admiração, fazer uma homenagem usando esse conceito sem desconhecer sua definição voltada às mulheres pretas.

Este sentimento de dororidade TLGB+, então, é diferente da solidariedade ou da caridade; é diferente até da empatia. Assim como não é possível a sororidade entre homens e mulheres, justamente porque a sororidade é um sentimento entre mulheres, a dororidade é um sentimento entre iguais, uma dor compartilhada, uma dor vivida que faz entender a dor do outro. Não precisa explicação. Mesmo para a população TLGB+, que é tão diversa e atravessada por tantas interseccionalidades, a dor começa no mesmo lugar: a solidão em um mundo desconhecido, criado pela Ideologia dos Dois Gêneros. A partir daí as dores ficam diversificadas pelas interseccionalidades; mas essa primeira dor é comum para todas nós: uma dor que quebra os vínculos por conta daquilo que está dentro e não é possível compreender, porque não tem ninguém para explicar.

Depois desta discussão acerca da história da luta TLGB+ no Abya Yala, e destas reflexões sobre o vínculo e a dororidade, passo a apresentar as experiências que foram visitadas no Fim do Mundo, itinerário essencial para entender que os lugares que acolhem pessoas TLGB+, neste canto do planeta, são espaços onde esses corpos vulnerabilizados, descartados, rejeitados podem "ser" e não apenas "estar", e onde o trabalho se faz a partir de uma Militância do Cuidado. Esta romaria começa pela Casassa, no capítulo 2, fazendo um trajeto desde sua fundação até o fechamento das suas portas e, em seguida, no terceiro capítulo, das outras casas e lugares acolhedores no Brasil, na Bolívia, no Uruguai, no Chile e na Argentina, finalizando com as reflexões que esta viagem deixou para as Lições TRANSformadoras.







Pre-Texto 2

Benjamin precisa de um lugar.

Salve, pequeno Benjamin.

Parece contraditório eu chamar você de pequeno quando você leva nas costas anos e anos da raiva desta sociedade doente. Não parece justo chamar você de pequeno quando sua dor é grande. Eu conheço sua história, Benjamin, já a vi muitas vezes e compreendo sua dor; eu sei da solidão que faz você baixar a cabeça, olhar pelos cantos e ficar em silêncio; conheço o deserto que faz você sentir pequeno, porque eu senti também.

Eu estava aí quando seus companheiros de escola faziam piadas por causa da sua voz, quando os seus primos comentavam aquilo que fazia você chorar, ou quando você mesmo, frente ao espelho, tentava encontrar o erro. Mas Benjamin, não tem erro, nunca teve, não em você. O erro sempre esteve fora e você precisou se adaptar, desviar das facadas e conviver com estes burburinhos que machucavam mais que os golpes. Eu não sei se isso fez você mais forte ou tirou todas as suas forças, mas você se adaptou e sobreviveu. Têm outros Benjamins que não conseguiram.

Sei que você pode achar que é covarde, que outras pessoas na história bateram de frente e mudaram a realidade. Você pode até pensar que ser valente era ter enfrentado aquele menino que criticava você na escola, responder, revidar, bater de volta, se for o caso. Mas Benjamin, muitas outras crianças fizeram e não conseguiram resolver nada, pois, às vezes, o único espaço que sobra para algumas pessoas é dentro do seu próprio corpo. Às vezes, o único lugar que sobra para a gente é o guarda-roupa, um minúsculo espaço onde ninguém julga você.

Então, é compreensível que você tentasse passar essa imagem para seus pais, arrumando uma namoradinha, que você ama porque compreende e acolhe, mas que não faz você sentir o que essa outra pessoa faz. É normal você ficar curioso, estar curioso, viver curioso; são muitos sentimentos e sensações, reações químicas, respostas físicas, a ação-reação que a sua professora ensinou, não é? Se já foi complicado para seus primos e irmãos, que tiveram que descobrir o mundo pelos comentários das outras crianças, com revistas roubadas e falas descontextualizadas que escutaram dos adultos; imagina para você, que ninguém nunca disse nada. Crescer e se sentir deslocado, escutar essa turma e não poder opinar porque não é isso que você sentia, Benjamin, não eram esses corpos que estavam nessas revistas os que faziam despertar o desejo em você.

E mesmo assim você tentou, não é? Você lutou contra toda essa quí-

mica dentro de você, com as famosas borboletas do inferno que ficavam dormindo quando chegava a hora de encontrar sua namorada e acordaram quando aquele outro menino olhou para você. Malditas borboletas! Ninguém explicou para elas o problema que seria voar no momento errado? Nunca pensaram que poderiam poupar muita dor se, simplesmente, não voassem?

Eu compreendo você Benjamin. Depois que as desgraçadas voam, não tem jeito... a gente não consegue deixar de olhar e sorrir por tolices. O problema foi que ninguém esperava que suas borboletas fossem daltônicas e confundissem a cor rosa com o azul.

Não vale a pena achar culpados do que aconteceu nesse dia, Benjamin. Não foi sua culpa por não trancar a porta; nem da sua mãe por não avisar que voltaria cedo. Não foi culpa desse menino, que gosta de você e está tão confuso quanto, acredite. Ele está vivendo sua própria tragédia com os seus pais.

E posso falar para você que não é culpa da química, da física e nem das borboletas. Aconteceu, simples assim, e agora você está na rua, chorando e sem saber aonde ir. Sei que a dor é grande porque parece que nem seu quarto era um lugar para você, e o que parecia ser a trincheira contra toda a raiva do mundo, não conseguiu suportar o primeiro bombardeio.

Ficar na rua não vai ajudar você neste momento, Benjamin. Não vai servir para tomar as melhores decisões. Você precisa ficar calmo para poder pensar. A fome e o medo fazem com que a gente decida com desespero e acabe optando pelos caminhos que parecem mais fáceis. Você precisa, neste momento, de um lugar acolhedor para chegar, e pode ser que não seja o seu lugar, esse depois você constrói, mas pelo menos é um lugar, um lugar um pouco mais amplo que o guarda-roupa. Um lugar com pessoas que aprenderam a conhecer suas borboletas e descobriram que nunca foram daltônicas, senão... ecléticas, borboletas rebeldes. Um vale, sabe? Um oásis. Um lugar... você precisa urgentemente de um lugar.

Eu espero que você encontre esse lugar. Tenho sabido que existem alguns por aí. Algumas pessoas têm se organizado para criar esses oásis para vocês, Benjamins. Sei que nada que eu possa falar neste momento ajudaria mais do que o trabalho que essas pessoas fazem, então, só posso adicionar mais um desejo: encontre seu lugar e construa mais lugares, para novos Benjamins, até que consigamos mudar o mundo.

Força. Amo você.

Carinhosamente, Julián.



IMAGEM 14: Casassa: Casa de Acolhimento TLGB+.

Fonte: Arquivo pessoal.

A CASASSA: UM LUGAR ACOLHEDOR

E chegou o terrível dia de ver as portas da Casassa fechando. Ver esse espaço vazio, novamente, trancando suas portas para sempre, foi um dos momentos mais tristes da minha vida. Depois de dois anos de trabalho, de muitas atividades, reuniões, polêmicas e momentos marcantes, doeu fechar essas portas. Mas, talvez, estou me adiantando muito, né? Talvez seria mais conveniente contar desde o começo e explicar o que foi, como foi, o que fez e como chegamos neste ponto.

Explicar uma casa de acolhimento talvez não seja uma tarefa tão fácil quanto pareceria, pois, o acolhimento vai além de receber uma pessoa e oferecer uma cama e comida; envolve muitas dimensões de atendimento para seres fragmentados pela vida que se encontraram em espaços comuns e tentam fazer deles lugares acolhedores. E não falamos só das pessoas beneficiadas por estes projetos, mas das organizadoras, das colaboradoras, de todas as pessoas que transitam por esses lugares. A Casassa foi um lugar desses que nasceu na cidade de Presidente Prudente, em julho de 2017, por uma quantidade incrível de razões, e fechou suas portas em setembro de 2019, por outra infinidade de motivos. Foi uma proposta que juntou as forças e as capacidades de várias pessoas da cidade que encontraram nesse espaço uma alternativa diferente para se organizar e contribuir (IMAGEM 14).

O contexto que acompanhou a constituição da Casassa não podia ser mais intimidador: no ano anterior, a única presidenta mulher eleita democraticamente no Brasil tinha sofrido um processo de impeachment, uma destituição que foi a consumação de um processo complexo e muito controverso que começou em dezembro de 2015 (DOMÍNGUEZ AVILA, 2017). Os ataques nas redes sociais contra os movimentos sociais, de qualquer tipo, especialmente os movimentos TLGB+, só aumentavam e o novo presidente, fruto do golpe político, apresentava uma Emenda Constitucional que limitava por 20 anos os gastos públicos, emenda que foi promulgada pelo Congresso Nacional em dezembro de 2016 (AGÊNCIA SENADO, 2016).

O cenário parecia desolador e o futuro muito preocupante; uma notícia vinha atrás da outra, nesse primeiro semestre de 2017, e fazia com que a sensação fosse de incerteza. E, mesmo nesse contexto, começamos a ler notícias de um grupo de pessoas na cidade de São Paulo que tinha aberto uma casa de acolhimento para pessoas TLGB+ expulsas das suas casas.

A CASA1 começou a aparecer em revistas, jornais e nas redes sociais, que compartilhavam essa iniciativa que trazia esperança em meio ao caos; uma casa que tinha começado a funcionar desde janeiro de 2017 e que, sem apoio do governo, tinha conseguido convocar apoiadoras e voluntárias. Com eventos, conseguiram arrecadações pela internet e projetos solidários estava fazendo um tipo de militância que antes não tínhamos visto protagonizar as manchetes, cuidando e acolhendo jovens na gigante cidade de São Paulo (RUDNITZKI, 2017). Minha sensação nesse momento foi de grande admiração pelo trabalho solidário que realizavam. Agora, tempo depois, olhando para esse dia, só consigo pensar que foi um trabalho de dororidade, sempre foi dororidade.

E foi nesse contexto que o Grupo SOMOS, o coletivo TLBG+ de Presidente Prudente, que promove ações na região desde 2015, organizou a XI Parada do Orgulho. Durante a semana prévia a essa festa de inclusão, convocou-se para a Semana da Diversidade, com duração de sete dias - domingo a sábado -, em que foram feitas algumas atividades para refletir, compartilhar e debater sobre assuntos relacionados à realidade da população TLGB+ (IMAGEM 15). Naquele ano, o encontro da segunda-feira trabalhou a temática "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", uma reunião organizada pelo Levante Popular da Juventude da cidade, sediado em uma das salas do Centro Cultural Matarazzo. Daquele momento, participaram entre 30 e 40 pessoas de Presidente Prudente e região; um encontro em que o sentimento de aflição e tristeza parecia dominar o ambiente. Embora o grupo organizador tivesse uma pauta e uma atividade pensada para esse dia, o encontro foi achando seus próprios caminhos, culminando no momento em que todas começamos



IMAGEM 15: Reunião "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 16: Reunião "Racismo, Machismo e Lgbtfobia", 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal.

a desabafar. Eram muitas coisas acontecendo e poucos espaços para sermos escutadas. A sala do Matarazzo virou, por pouco mais de duas horas, um lugar acolhedor para pessoas angustiadas (IMAGEM 16).

Essa reunião foi um encontro de pessoas aflitas, como lembra Fran, do Levante Popular da Juventude, uma das pessoas que liderou a atividade e, alguns dias depois, uma das fundadoras da Casassa: “eu não lembro o ano, mas eu lembro que a gente teve uma roda de conversa durante a semana da diversidade sobre as mulheres e o movimento *LGBT* e muitas angústias surgiram pela roda, trazendo relatos especialmente de casos. E a gente não tinha respostas, questões colocadas ali naquela hora, naquele espaço de partilha, a gente partilhava coisas, as vivências, mas e aí? Quais as respostas que a gente dava tanto emocional quanto de construção e de outras coisas. E aí eu lembro já no final da roda de conversa, você me procurou junto com a Ana Flores, que era então presidente da CUT (Central Unitária de Trabalhadores), e fez a proposta, fez uma proposta de construção, né, de uma casa que é pra acolher pessoas *LGBTs* que teriam sido expulsas de casa. Eu lembro assim por alto desse momento...” (FRAN – Casassa, 2021).

Efetivamente, os relatos eram muitos e as angústias tantas que eu fiquei preocupado da gente estar participando de um encontro de dores que acabaria sem sossego nem propostas. Parte da preocupação era a gente ter aberto as portas de um lugar que pareceria acolhedor, que as pessoas que participavam se sentissem seguras, tranquilas para falar e ser abraçadas, expressando-se, compartilhando suas dores e, no final, só terem suas feridas abertas antes de voltar para as casas; lugares que, segundo os relatos, não estavam sendo acolhedores. Poder se expressar é valioso demais, contudo, quando existe somente o exercício de exposição, sem apoio ou acompanhamento, as pessoas podem ir embora se sentindo pior, mais fragilizadas; podem ir embora pensando: “se aquelas pessoas que deveriam me entender, porque têm vivências parecidas, não se importaram com meu relato, o que posso esperar do resto do mundo? O que posso esperar na minha casa?”. Eram tantos relatos que eu estava me sentindo exaurido.

Expressei, então, essa preocupação para o Derick, meu namorado, que estava junto: “Deveríamos ter um lugar para nos encontrar, abraçar e nos fortalecer. Poder chegar nestas reuniões para falar sobre *Racismo*, *Machismo* e *Lgbtfobia* e poder sair com propostas”. O Derick fez, então, um comentário que ficou martelando em minha cabeça: “Se cada um daqui doasse vinte reais, conseguiríamos alugar um espaço e acolher todo este povo”. A ideia não me pareceu inconsequente, tanto que fiz o comentário para todas e, como bem lembra a Fran, acabando a reunião, fui falar com algumas pessoas pensando em construir, em conjunto, alguma proposta que pudesse dar resposta a essas dores. Algumas outras pessoas vieram



IMAGEM 17: Reunião “*Racismo, Machismo e Lgbtfobia*”, 03 de julho de 2017, organizada pelo Levante Popular da Juventude. Centro Cultural Matarazzo, Presidente Prudente, Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal.

falar comigo, interessadas em participar e contribuir; troca de contatos, de números, de perfis nas redes sociais. A semente havia sido plantada (IMAGEM 17).

Sobre este momento, o Vagner, outro dos fundadores, lembra que: "...a partir da ideia do Julián, na Semana da Diversidade da Parada LGBTI+, [que] falou sobre essa ideia (...) e aí meio que fascinou algumas pessoas com essa ideia de criar uma casa para acolher pessoas LGBTI+, e aí a gente meio que se animou, aí o próprio Julián puxou uma reunião para as pessoas se encontrarem para tratar o tema" (VAGNER - Casassa, 2021). Claro que entre aquele primeiro encontro no Matarazzo e a reunião que lembra o Vagner, ainda aconteceram algumas outras coisas que são importantes mencionar, como por exemplo, o contrato de aluguel de uma casa, que se assinou no dia seguinte da reunião no Matarazzo.

Quando voltamos para casa, eu não consegui tirar a ideia da cabeça, indo, no dia seguinte, à imobiliária que alugava minha casa para negociar a casa dos fundos, que estava vazia fazia muito tempo. Naquela terça de 2017, sem muita consciência do que estava prestes a fazer, mas com bastante energia e empolgação pelo encontro do dia anterior, aluguei as duas casas. Precisava agora, só, um grupo para me apoiar, minha própria guerrilha da concórdia.

2.1 LA GUERRILLA DE LA CONCORDIA

*"Amar é ficar cego,
O coração dispara,
Enquanto tudo queima.
Odiar é muito mais fácil,
O ódio é o guia dos covardes (...).
Armemo-nos de coragem, até os dentes,
O medo saiu de seu túmulo
E hoje: amar é só para os corajosos."
(JORGE DREXLER).*

O cantor uruguaio Jorge Drexler canta em sua música *La guerrilla de la concordia*: "*Hoy amar es cosa de valientes*", e foi exatamente isso que aconteceu. Armamo-nos de coragem e iniciamos; e começar um projeto desta magnitude dá muito medo, sentimento evidenciado em nossas caras. Fomos várias pessoas nessa primeira etapa, entre elas, as cinco que foram entrevistadas para este trabalho. Elas eram importantes para poder fazer a reconstrução desse processo, como também para lembrar de diversos detalhes. Entre eles estavam Fran e Vagner, citados nos parágrafos anteriores, além de Olivia, Suri e Nane. Todas elas, pessoas TLBG+ e, por sorte, representantes de cada uma das letras dessa sigla. Essa informação, junto com a transcrição da minha própria experiência como parte dessa equipe fundacional, meus diários de campo e a triangulação de dados de entrevistas, relatos, material fotográfico, postagens nas redes sociais, documentos e matérias, permitiu reconstruir a história da Casassa.

Como mencionado, naquela segunda-feira da Semana da Diversidade se falou da proposta que viria a se converter na Casassa, que até esse momento não tinha nome, pois havíamos falado apenas de uma casa de acolhimento para pessoas TLBG+, não necessariamente expulsas de casa, mas todas as pessoas que precisassem se sentir abraçadas. Um lugar acolhedor para pessoas TLBG+ da cidade, uma cidade que não contava com um

lugar desses, um espaço que pudesse nos abraçar, onde pudéssemos nos cuidar; um lugar para todas nós que estávamos naquela reunião e que sentíamos a ameaça do preconceito respirando do nosso lado.

Como disse antes, nessa terça-feira de manhã, impulsionado pela energia da reunião do dia anterior, fui à imobiliária e aluguei a casa dos fundos da minha casa. A proposta era simples: deixar as duas casas em um valor único. Duas casas de madeira, uma atrás da outra, totalmente expostas, em um bairro de casas com muros enormes. Duas casinhas com um muro de metro e meio para protegê-las. Parecia, naquele momento, uma ótima ideia, pois era um valor que se ninguém mais doasse, eu poderia pagar por um ano e, se ninguém embarcasse na ideia, pelo menos teria mais espaço para meus gatos. Não parecia tão arriscado, pois haviam soluções claras (IMAGEM 18).



IMAGEM 18: Minha casa e, ao fundo, a Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

No dia seguinte, na quarta-feira, participei de outra atividade da Semana da Diversidade. Fui para contar o que tinha feito, e nesse dia, depois de um filme e no meio de uma conversa, contei sobre a casa alugada e as expressões foram de surpresa. Falei, novamente, com várias pessoas dois dias depois, na sexta-feira, quando participei de outra atividade da Semana da Diversidade, realizada no SESC (Serviço Social do Comércio) Thermas, uma instituição privada brasileira, sem fins lucrativos, financiada por empresários do comércio, serviços e turismo; instituição que recebe muitas atividades que se organizam na cidade. Sobre esse encontro, a Suri comenta: "...você falou, porque umas discussões que foram levantadas foram que a gente debate e debate, mas pouco se avança concretamente. A gente precisava usar aqueles espaços de debate para sair dali propostas concretas, né? (...) [Então,] na mesma semana depois, na quarta ou na quinta feira (...) [no dia do] evento lá do Sesc, no final do evento, você fez um informe falando que já tinha dado o pontapé inicial, uma atitude ousada, mais emocional do que racional. E tinha dado o pontapé inicial e já feito um contrato de aluguel de um imóvel que podia ser esse lugar, mas que precisava ser todo reformado. Essa atitude assim, de espontâneo, contagiou todo mundo, todo mundo falou então bora lá, se tem um lugar, vamos trabalhar e, rapidamente, o projeto foi contagiando as pessoas, ganhando as pessoas e todo mundo foi se mobilizando em uma quantidade de pessoas para se organizar em torno disso..." (SURI - Casassa, 2021).

Porém, até esse momento, eram pessoas mais ou menos conhecidas, pessoas que participaram das reuniões, amigas, companheiros de luta, amigas das minhas amigas; muitas dessas pessoas muito animadas falavam que poderia dar certo essa aventura. Tudo tomou outra proporção no dia da esperada XI Parada do Orgulho, quando subimos no palco com o Derick e contamos a proposta; sobre aquele domingo, a Nane rememora: "...eu me lembro que foi uma parada, não lembro o ano (...) vocês tiveram essa ideia, eu me lembro que subiram no

palco e chamaram o pessoal (...) [também me] lembro que o pessoal gostou muito, foi muita gente [para a primeira reunião] eu lembro que vocês falavam que muita gente foi, gostou da ideia e o pessoal apoiou..." (NANE - Casassa, 2021). E justamente naquele domingo, subimos no palco sem estar na programação, entre uma apresentação e outra, comentamos que havia sido alugada uma casa para acolher pessoas TLGB+, e que faríamos uma reunião na semana seguinte, reunião aberta para todas aquelas pessoas interessadas em participar.

Foi na noite daquele domingo que pensamos no nome do projeto: Casassa. Depois da nossa fala no palco da Parada, precisávamos ter um canal de comunicação com as pessoas interessadas, e por isso decidimos abrir um perfil nas redes sociais FACEBOOK e INSTAGRAM. Para iniciar tudo, era necessário um nome, e na pressa o Derick pensou nesse. Fizemos uma logo no Paint e criamos nossos perfis. O nome fez uma referência ao superlativo "azo-aza", em espanhol, que denota aumento, intensidade ou excesso. Com esse nome, tentava-se definir uma casa que, mesmo pequena fisicamente, fosse uma casa enorme, onde todas as pessoas pudessem entrar (ILUSTRAÇÃO 4).

Na segunda-feira, uma semana depois daquela primeira reunião no Matarazzo, tínhamos uma casa, um projeto e redes sociais com mais de mil pessoas, gente que de domingo para segunda tinha encontrado o projeto e seguido os perfis. Estávamos recebendo mensagens pedindo informações, e decidimos, então, convocar todo mundo para uma primeira reunião, essa reunião que Vagner lembrou, uma primeira reunião sediada em uma das salas do PT (Partido dos Trabalhadores), que emprestou suas instalações para organizarmos nosso encontro. Alguns de nós se organizaram antes da hora programada, e criaram uma apresentação da proposta, até planos da casa fizemos (ILUSTRAÇÃO 5). Estávamos ansiosas e esperávamos menos pessoas do que aquelas que chegaram; entre elas a Olívia: "o primeiro momento mais marcante mesmo do início da Casassa foi a reunião que a gente teve (...) na sede do PT (...). Foi aonde eu conheci a proposta. Lembro de chegar pra mim o convite pela internet, de não conhecer ninguém nessa reunião e achar a proposta muito bacana e já me comprometer ali naquele primeiro momento, ali naquela reunião" (OLÍVIA - Casassa, 2021).

Nesse dia falamos, pela primeira vez, da Casassa como uma proposta real de acolhimento. Criamos vários GTs (Grupos de Trabalho) para nos organizar e construir propostas,

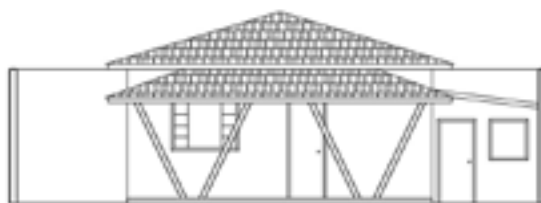


ILUSTRAÇÃO 4: Fachada da Casassa.

Autor: Derick Sanches, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



ILUSTRAÇÃO 5: Planos da Casassa.

Autor: Derick Sanches, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

entre eles: GT de Acolhimento, GT Financeiro, GT Jurídico, GT de Divulgação e GT de Educação e Cultura. Esses GTs organizaram nossas propostas para as seguintes reuniões. O segundo encontro, convocado na UNESP, trouxe menos gente, porém, a maioria das pessoas que chegaram faziam parte de um GT e tinham pensado naquela semana em propostas. Começaram a aparecer sugestões para arrecadação de dinheiro, porque tínhamos, até esse momento, só paredes de madeira sem nada; sem cadeiras, nem mesas, nem um ventilador para suportar o calor intenso da cidade. Uma casinha de madeira que queria acolher todos os corpos, mas que teria que acolhê-los no chão. Precisávamos mobiliar a Casassa, e era urgente (IMAGEM 19). Depois dessas primeiras reuniões, e de nos organizarmos nos GTs, resolvemos algumas questões relevantes, a exemplo da definição do semestre para finalizar as propostas de cada GT. Janeiro de 2018 seria a data para abrir oficialmente a Casassa.



IMAGEM 19: Reunião de fundadores na Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

O intuito foi, desde o começo, abrir um espaço alternativo na cidade de Presidente Prudente, que pudesse abraçar e agregar o máximo de diversidade possível. A casa construiu-se, então, enquanto “um espaço de acolhimento, tendo como objetivo a inclusão das pessoas acolhidas na sociedade sem temer sua sexualidade, sua orientação ou sua expressão de gênero” (ATA FUNDACIONAL CASASSA, 2017).

Esta definição do trabalho da Casassa, que está na ata fundacional, deixa em evidência uma confusão que depois seria cada vez mais complicada de resolver. Se alguém lesse esse texto pensando, exclusivamente, em pessoas TLBG+ expulsas de casa, poderia chegar a entender que o trabalho da Casassa era o de uma Casa de Passagem, de uma Casa de Acolhimento enquanto Abrigo Institucional, voltado a dar suporte àquelas pessoas que ficaram fora das suas casas devido ao preconceito que sofrem. Se alguém lesse esse texto pensando na população TLBG+ da cidade, nessas pessoas da reunião no Matarazzo, que não têm um lugar onde ficar à vontade e que, por vezes algumas delas não se sentem bem-vindas em suas próprias casas, pode parecer que o trabalho é mais de uma Centro de Apoio, um Lugar Acolhedor enquanto um espaço de convivência. E a falta de clareza nessa definição fez com que começássemos um trabalho que tentava cuidar do mundo todo e, por isso, tentávamos fazer as duas funções: alguns de nós focados em um tipo de tarefa, enquanto outras pessoas em outras. No início as tarefas se pareciam bastante, contudo, com o tempo as diferenças acabaram sendo mais evidentes e algumas pessoas dentro da própria Casassa acabaram focando sua atenção para um lado só. Depois falaremos com calma disso.

2.2 REMAMOS

*"Remamos,
Sabendo qual é o preço
Com os punhos cerrados
Sem pensar em parar.
Remamos,
Com a cara contra o vento
Com a coragem pela frente,
Com um povo entre os dedos.
Remamos,
Com um nó aqui no peito
Sonhando que do outro lado
Outro começo está chegando"
(KANNY GARCÍA)*

Durante cinco meses, desde aquele julho até dezembro de 2017, o objetivo da equipe da Casassa foi mobiliar a casa e fazer dela um espaço habitável, e para isso pegamos a única coisa que tínhamos: nossa dororidade, e trabalhamos; subimos no barco e remamos, esperando chegar a bom porto, como disse a cantora porto-riquenha Kanny García: *"Remamos, sabiendo cuál es el precio (...) soñando que al otro lado se avecina otro comienzo"*. Trabalhamos durante cinco meses, fizemos diversas atividades com o intuito de arrecadar doações, dinheiro ou objetos, o que era necessário para nossa casa. Imaginamos que nosso trabalho começaria em

janeiro de 2018 e, sem percebermos, o nosso trabalho e a nossa militância do cuidado já tinham começado; e de fato começou desde aquelas primeiras reuniões no PT e na UNESP. Foi falado que precisávamos de um lugar para nos acolher, e começamos a construir esse lugar. Foi construindo esse espaço para nos encontrarmos, para nos sentirmos abraçados, esse lugar para que a população TLBG+ da cidade pudesse ser acolhida, independente do que acreditassem, sentissem ou pensassem sobre o início de nossa militância. Pensávamos que nosso trabalho começaria ao abrir as portas da Casassa em janeiro de 2018, contudo, as portas da Casassa foram abertas desde junho de 2017 (IMAGEM 20).

Um exemplo interessante da construção desse lugar acolhedor, foi que na Casassa convergiram dois grupos da cidade com ideologias muito distantes, ou até opostas. De um lado, o Levante Popular

62



IMAGEM 20: Reunião de fundadores e voluntários da Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

da Juventude, uma “organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira, a juventude do Projeto Popular” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE), e do outro, o Rotaract, uma rede global de jovens de 18 a 30 anos, que faz parte do *Rotary International*, uma das maiores e mais respeitadas organizações humanitárias do mundo, membro da Organização das Nações Unidas (ROTARY.ORG). Estas duas organizações são antagonistas em muitos espaços da cidade, mas na Casassa, os integrantes destes dois grupos marcaram plantões para pintar as paredes da casa: a Casassa já estava sendo, na prática, um lugar acolhedor, onde todas as pessoas podiam entrar.

Fran, que fazia parte do Levante, lembra este momento de forma especial: “Um momento que lembro muito também foi o nosso mutirão de pintura, eu acho que eu não vou esquecer desse dia nunca. Acho que foi um negócio muito livre, né? A gente poder ter pintado, dar a nossa cara naquela casa. Lembro que o Marcelo colocou na porta o trecho da poesia dele e foi um negócio muito marcante. Também ter a imagem, acho que foi você que fez, da América Latina do lado do corredor e a minha ideia de fazer a bandeira LGBT das cores da parede da entrada. Então a gente deu muita vida nossa para aquele lugar... (FRAN – Casassa, 2021) (IMAGEM 21 e 22).

Nossa vida ficou nessas paredes, e nossos sonhos e os sonhos de muitas pessoas que durante esse tempo colaboraram com as atividades que programamos. Junto com esta atividade, a Casassa conseguiu convocar grupos de estudantes das duas maiores universidades da cidade: UNESP e UNOESTE, uma universidade pública e outra privada; além de empresas, empreendimentos, políticos da cidade, lideranças de organizações sociais e, acima de tudo, de pessoas interessadas em colaborar. Todas essas conquistas fizeram com que nesses primeiros cinco meses parecesse que podíamos conseguir qualquer coisa que nos propuséssemos. Planejamos, então, realizar uma atividade a cada mês, atividades que classificamos da seguinte forma:



IMAGEM 21: Levante Popular da Juventude pintando a Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 22: Levante Popular da Juventude pintando a Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

- De arrecadação: quando tinha o objetivo de ser um evento para levantar fundos ou doações.
- De divulgação: quando tinha o objetivo de compartilhar as informações do nosso trabalho com quem ainda não conhecia.
- De formação: quando o intuito era aprender mais sobre nós ou sobre algum outro assunto que pudesse nos interessar.
- De integração: quando o propósito era nos juntar e curtir um momento de descontração.

Muitas das nossas atividades acabaram sendo híbridas, e quase sempre o objetivo de arrecadação estava presente, por decisão autônoma do grupo organizador ou por iniciativa das pessoas que participavam.

Antes de continuar, é preciso fazer um esclarecimento: como foi dito, a casa foi alugada em julho, porém o contrato com a imobiliária começou em setembro e o primeiro aluguel teria que ser pago nos primeiros dias de outubro. Para que alugássemos as duas casas, foi acordado com a imobiliária que fariam um muro para dar um pouco de segurança, muro que foi feito em agosto, e que foi protagonista depois. O mês de agosto, então, foi um tempo de reuniões. Reuniões dos GTs, reuniões gerais, reuniões na nossa Casassa, sentadas no chão ou em *puffs* de pneus, cadeiras emprestadas e escrivaninhas resgatadas da rua; nossas reuniões eram de muitas risadas, e mesmo que as condições não fossem as melhores, sentíamos-nos acolhidas neste lugar e nos nossos encontros (IMAGEM 23).

Foi um tempo de muitas ideias, de muitos projetos, de muitas propostas, “foram momentos de reuniões, de organização, tinha sempre muita reunião, lembro de momentos de confraternização entre nós e aí, acho, que é um fator importante, minha memória disso são memórias afetivas e eu acho que a Casassa era uma construção afetiva” (FRAN – Casassa, 2021). Desde aquela reunião no PT, tinham chegado novas pessoas e saído outras. Naquele momento a ilusão era nossa



IMAGEM 23: Reunião de fundadores, voluntários e acolhidos da Casassa, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

guia e as incomodidades dessa casinha de madeira pareciam episódios engraçados de uma aventura maior. Passado esse mês de encontros, ideias e preparativos, chegou setembro e as obrigações de gente adulta: aluguel e serviços. Já não dava mais tempo de planejar, era hora de “botar a mão na massa”. Decidimos, então, fazer nossa primeira atividade mensal e agendamos algumas outras para os meses seguintes, pelo menos uma que pudesse garantir o dinheiro das contas do mês (IMAGEM 24).



IMAGEM 24: Reunião de fundadores e voluntários no dia do Bazarsasso, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.2.1 BAZARSASSO

No mês de setembro, fizemos as primeiras aproximações com os vizinhos do bairro e com os amigos da Casassa, divulgando o bazar que faríamos no primeiro final de semana de outubro. Naquele novo muro, que fizeram durante essas semanas, penduramos um aviso com o nome do nosso primeiro evento; era uma aposta arriscada porque precisávamos pagar o aluguel até o dia 10 e marcamos nosso bazar para o dia 7, tentando garantir que as pessoas tivessem dinheiro para participar. Estávamos dependendo inteiramente desta atividade, sem um plano B (IMAGEM 25).



IMAGEM 25: Divulgação do Bazarsasso, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

A organização do bazar começou nos primeiros dias de setembro, com a ajuda de muitas pessoas da UNOESTE e da Unesp, com caixas de arrecadação que deixamos nessas instituições e campanhas de arrecadação nas redes sociais. Passamos o mês de setembro planejando, promovendo a atividade e divulgando a necessidade de doações em roupas, artes, artesanatos, eletrodomésticos e tudo que as pessoas tivessem intenção de doar para colaborar. A arrecadação foi incrível e na semana prévia daquele sábado 7 de outubro fizemos plantões para organizar tudo.

A proposta era simples: a Casassa virou uma loja, organizamos os cômodos por seções e enfeitamos com o que tínhamos para dar as boas-vindas às pessoas que durante aqueles meses tinham nos acompanhado através das redes sociais. Pela primeira vez as pessoas podiam entrar e conhecer a casa que tínhamos divulgado tanto e, mesmo com a chuva, recebemos muitas visitas e vendemos bastante. Porém, o mais importante foi que naquele dia nosso propósito de ter um lugar acolhedor tinha alcançado um novo patamar, pois nos visitaram famílias do bairro, crianças, pessoas da cidade, estudantes e professores

das universidades; pessoas de todas as orientações, identidades e expressões de gênero, e todas foram acolhidas, enquanto compravam roupas, artes ou uma bebida que chamamos “Cura Gay” (IMAGEM 26).

Vagner lembra desse bazar, e dos outros eventos, como uns dos momentos mais marcantes que viveu na Casassa: “Quando a gente fazia eventos também como o bazar, festas e outras atividades para arrecadar fundos, que também tinham uma grande recepção, sempre compareciam um público em peso e isso também era bem gratificante” (VAGNER – Casassa, 2021). Igualmente a Suri lembrou destes eventos como um dos momentos mais importantes: “Ai Julián, teve tantos momentos assim, significativos (...) mas eu acho assim, que o Bazar foi muito significativo; quando eu fui (...) eu até levei o meu pai e eu falei: nossa meu, que dedicação das pessoas, que transformação e que como tá isso aqui, como o pessoal pegou de um jeito e agora olha o jeito que tá, isso? É muita gente com energia de realização” (SURI – Casassa, 2021) (IMAGEM 27).

Definitivamente, o Bazarzasso marcou um antes e um depois, primeiro porque foi nossa primeira tentativa e tínhamos acertado em cheio e, segundo, porque sentimos que com ele estávamos garantindo o aluguel de quase três meses. Mesmo assim, não deixamos de organizar outros eventos para esse 2017.

2.2.2 DRAG O’QUEEN

Um dos debates que mais tivemos nesses meses foi se faríamos ou não festas na Casassa. Tínhamos em mente a ideia de distanciar uma casa como a nossa, do preconceito generalizado que alguns sujeitos têm das pessoas TLGB+ como gente noturna, festeira e escandalosa, ainda mais pensando na nossa relação com a vizinhança. Porém, em outubro daquele ano, e depois de muitos debates, concordamos que a festa também era uma forma de nos aproximarmos das pessoas na cidade e decidimos fazer uma noite de fantasias que chamamos de: *DRAG O’QUEEN* (IMAGEM 28).

Fran também lembrou da festa quando foi pedido para ela relembrar o momento mais significativo do tempo de trabalho na Casassa: “...eu lembro também da festa né, pra mim a festa foi um grande momento, embora depois a gente avaliou outras coisas em relação



IMAGEM 26: Bazarsasso, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 27: Bazarsasso, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

a questão de invadir a sua privacidade, a festa de fantasia do Halloween que a gente fez foi muito boa também” (FRAN – Casassa, 2021) (IMAGEM 29 e 30).

Esta festa trouxe nosso primeiro desencontro, o que resolvemos com muita tranquilidade; ainda estávamos empolgados com o sucesso das nossas atividades e uma desavença não iria, por enquanto, atrapalhar nosso percurso. Como explicado anteriormente, a Casassa ficava nos fundos e minha casa na frente, duas casinhas de madeira separadas por uma cerca também de madeira; e nossa festa tomou tamanhas proporções que uma casinha ficou pequena e a festa acabou invadindo a outra. Cadeiras saindo da minha casa, desconhecidos carregando seu celular no meu quarto, grupos de amigos conversando na minha cozinha, pessoas usando meu banheiro. A festa, um momento de muita alegria e felicidade para muitas pessoas, tornou-se um pesadelo para mim, que tinha virado um procurador, um policial, um pai atrás dos seus filhos adolescentes, bêbados e irresponsáveis. Por essa razão a Fran comenta: “depois a gente avaliou outras coisas em relação a questão de invadir a sua privacidade”, porque minha atitude no final da festa foi o motivo dessa primeira briga.

A total harmonia tinha se quebrado, já tínhamos deixado na história da Casassa uma marca de excessos e falta de cuidado por um lado, e de controle desmedido por outro. Estas seriam as bases para futuras discussões e desencontros. Mesmo assim, com a harmonia um pouco quebrada, a festa foi um sucesso, sendo comentada por semanas e lembrada depois em outros eventos. A festa trouxe novos amigos para nosso projeto e dinheiro para nossa caixa, que permitiu seguir com tranquilidade no processo de construção da Casassa.



IMAGEM 28: Festa DRAG O'QUEEN, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 29: Festa DRAG O'QUEEN, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 30: Festa DRAG O'QUEEN, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.2.3 NOITE MUSICAL NA CASASSA

Finalizando novembro, organizamos uma noite musical com a colaboração do Grupo de Câmara da UNOESTE. Esta foi a primeira atividade que fizemos com um objetivo de Integração e Formação, e mesmo assim, conseguimos arrecadar algum dinheiro por conta das vendas de comidas, bebidas e alguns itens que tinham sobrado do Bazar (IMAGEM 31).

Este encontro foi proposto por um dos fundadores da Casassa, o Marcelo. Quando ele trouxe a ideia, mesmo achando muito interessante, quase ninguém acreditou que poderia dar certo: era um Grupo de Câmara dentro de uma casa minúscula tocando música clássica; só um dos instrumentos já ocupava quase toda a sala da casa. Mesmo assim, o evento foi organizado, divulgado e, em uma noite de muita chuva, a orquestra tocou; percebemos que desde o começo o Marcelo estava certo: era um evento incrível e acabaria marcando, novamente, um antes e um depois na Casassa (IMAGEM 32).

Depois da apresentação de algumas músicas, o diretor do grupo fez uma atividade sensorial musical com os participantes que estavam, e a noite continuou. A casa virou um centro de tertúlia e vimos a lua passar da metade do céu antes de ir embora. Estas três atividades garantiram os pagamentos de vários meses de aluguel e serviços públicos. Enquanto acabávamos de arrumar a casa, seguíamos recebendo doações de camas, sofás, elementos para a cozinha e o banheiro. E assim acabou 2017, com alguns encontros de amigos entre nós, que faziam parte da Casassa.

No ano seguinte, fizemos a mesma proposta: um evento todo mês, pelo menos um dos “eventos também como bazar, festas e outras atividades para arrecadar fundos que também tinham uma grande recepção, sempre compareciam um público em peso” (VAGNER – Casassa, 2021). Eventos tão variados como um almoço afro-brasileiro de domingo organizado em parceria com o coletivo Mão Negras, feiras de empreendedorismo, mais bazares, festas juninas, rodas de conversa, encontros sobre saúde ou sexualidade, cursos de inglês, arrecadações de livros, venda de autoadesivos da Casassa; rifas de tatuagens, sessões de fotos... etc. O tempo todo trabalhando para arrecadar dinheiro para pagar as contas. Todos os meses, acabava um evento e começava a organização do outro. Sempre recebendo muito apoio da comunidade, dos grupos da cidade e das



IMAGEM 31: Noite Cultural da Casassa, 2017. **Fonte:** Arquivo pessoal.



IMAGEM 32: Noite Cultural da Casassa, 2017. **Fonte:** Arquivo pessoal.

organizações sociais da região.

Mas nosso plano de abrir oficialmente as portas da Casassa em janeiro de 2018 foi modificado. Com a Noite Cultural fechamos a agenda de atividades de 2017, mas não nosso trabalho, porque em dezembro desse ano chegou nosso primeiro abrigado. Não estávamos preparados para receber ninguém. A equipe de psicologia e assistência social, que chamamos GT de Acolhimento, tinha trabalhado durante esses meses definindo os critérios, formulários e protocolos para o processo de acolhimento interno, para aceitar ou não abrigar uma pessoa. Tínhamos recebido algumas camas e colchões doados, roupa de cama e toalhas, além de elementos para a cozinha, mas não tínhamos a casa pronta (IMAGEM 33 e 34). Contudo, mais uma vez, a urgência não deu trégua, e o trabalho de acolhimento, de abrigo, precisava começar e, começou, do jeito que estávamos.

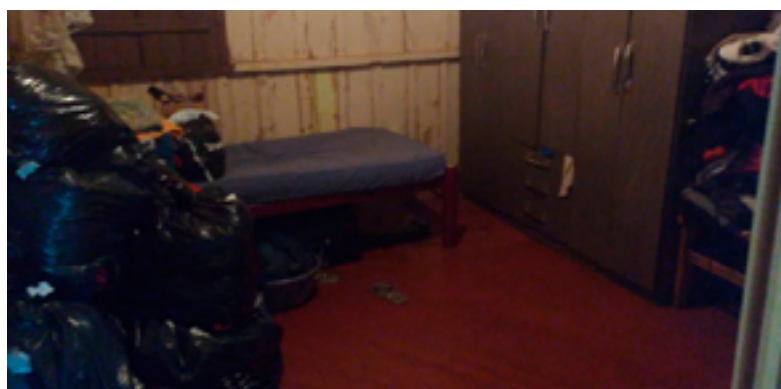


IMAGEM 33: Doações da Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 34: Doações da Casassa, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

69

2.3 PASSE EM CASA

*Passe em casa.
Tô te esperando, tô te esperando!
Estou esperando visita,
Tão impaciente e aflita.
Se você não passa no morro
Eu quase morro, eu quase morro
(TRIBALISTAS)*

Abrimos as portas no susto. Pensamos que poderíamos adiar esse momento e o momento acabou se adiantando, o momento não deu espera. Esta parte do texto pode trazer alguma desilusão para quem estiver esperando conhecer agora as histórias mais tristes e comoventes de pessoas que passaram pela Casassa, que foram abrigadas porque acabaram sendo expulsas das suas casas pela sua orientação, identidade ou expressão de gênero. Como disse na introdução, foi uma decisão da equipe da Casassa nunca expor a vida das pessoas abrigadas e não vai ser este o momento para começar a fazê-lo.

Para esta parte, trarei generalidades dos casos que chegaram, sem aprofundar nessas histórias porque, como vale a pena lembrar, o objetivo deste texto é analisar a construção de um

lugar acolhedor para pessoas TLGB+, como a Casassa; e mesmo estas histórias fazendo parte deste processo, não são o único ingrediente nesta receita. Existem outras histórias de pessoas que não moraram na Casassa, de pessoas que colaboraram ou doaram para este projeto, e essas também são histórias que contribuíram para a construção deste lugar acolhedor. No final das contas, a Casassa, como disse a Fran, “era uma casa, uma casa que foi tomando sentido, que foi sendo construída. E ela não era só uma casa física, ela era um debate que acho que a gente tinha de não ser só o espaço físico, mas da gente ter outras dimensões de atuação, além do espaço físico da própria casa. E aí, nesse sentido, a Casassa se tornava rede de apoio pros *LGBTs*” (FRAN – Casassa, 2021).

Muitas histórias das pessoas que abrigamos na Casassa marcaram nossas vidas, foram marcantes para as pessoas que estavam participando do projeto, assim como as histórias de algumas outras pessoas colaboradoras, apoiadoras e participantes. Para o Vagner, um dos momentos mais marcante desses dois anos de trabalho na Casassa foi “sem dúvida, quando chegou o primeiro acolhido e a gente não sabia muito bem como lidar com a situação, mas parece realmente que aquilo estava tomando forma, estava tomando sentido. Parece que a casa tomava vida. Foi um negócio muito louco, a gente teve que correr para instalar chuveiro, eu lembro disso, sabe? Correr instalar gás lembra? (Risos). Então a casa passou a existir a partir do momento em que chegou o primeiro acolhido, e essa primeira demanda, acho que esse é o grande momento que eu lembro com muito carinho” (VAGNER – Casassa, 2021).

E parece louco pensar como depois de quase seis meses de trabalho de acolhimento, para a gente, a Casassa fez sentido, finalmente, quando chegou o primeiro acolhido. Parecia que até esse momento, tudo o que tínhamos feito adquiriu forma, uma forma que mudou várias vezes durante esses dois anos, com todas as pessoas que entraram e saíram, e que permitiram que nossa casa ganhasse ainda mais forma. Fizemos muitas atividades externas, mas também muitas atividades internas, como lembra a Suri: “uma vez que eu comi com o pessoal. Era um domingo, um almoço que foi o pessoal acolhido que fez, sabe? Eu comi lá com o pessoal e assim, a gente fez esse almoço, só a gente (...) não era aberto. O almoço assim foi bem legal e teve bastante significado para mim também aquele momento” (SURI – Casassa, 2021).

Os processos de abrigo não foram fáceis. O GT de Acolhimento tinha decidido que o tempo que as pessoas ficariam abrigadas seria no máximo de três meses; um tempo determinado e limitado para que elas pudessem voltar às suas casas, se fosse possível, conseguir um emprego ou resolver de alguma outra forma. Porém, durante os dois anos de trabalho, quase nunca esse tempo foi suficiente. Esse limite de tempo foi decidido pelo GT de Acolhimento baseado nas experiências de outras casas que conhecemos e pesquisamos, e depois de alguns debates entre os profissionais que participaram. Mesmo assim, poucas vezes as situações resolveram-se nesse tempo, mas ter essa margem fazia com que o foco ficasse ligado. O nosso trabalho durante esses dois anos apoiou pessoas, interna ou externamente, que conseguiram resolver algumas das suas situações, o que foi motivo de muita alegria para nós como equipe coordenadora; como bem lembra a Olivia: “quando elas se acertavam e saíam, então a gente via que era possível ajudar de alguma maneira e isso sempre foi muito gratificante” (OLIVIA – Casassa, 2021).

Vários foram os casos que deram certo, no sentido de conseguir emprego ou poder viajar para outra cidade com algum familiar, ou até voltar para casa dos pais com a situação

mais resolvida. Tivemos reuniões com familiares e explicamos o que acontecia, levando a uma melhoria nas relações; acompanhamos com impressão de currículos para buscas por emprego, ligações para poder coordenar traslados, etc. Junto com esses casos que acreditamos que foram de sucesso, existiram outras situações que não se resolveram.

Um caso muito complicado foi quando recebemos uma menina trans de 17 anos, e o problema era nossa impossibilidade de acolhê-la devido à idade e ao Conselho Tutelar. Para tentar resolver, fomos juntos eu, uma amiga travesti colaboradora da casa muito implicada com os abrigados e um dos coordenadores do GT de Acolhimento, no carro dele, fazendo a via sacra pelas instituições da cidade: polícia, albergues e quantas instituições pensamos que poderiam nos ajudar. Nos albergues não a receberam; na polícia nos orientaram a levá-la de volta para casa, de onde tinha saído fugindo. E até chegaram a nos dizer: “mas vocês estão querendo o que? Que eu a leve para minha casa?” Finalmente, às 23h, depois de quase sete horas indo de um lado para o outro, decidimos voltar para a Casassa, fazer o ingresso e enfrentar as consequências, que nunca existiram e a menina acabou indo embora da cidade com o passar dos meses.

A Casassa não teve apoio institucional, apenas algumas doações de pessoas que trabalhavam em instituições públicas ou visitas de políticos, como a deputada Sâmia Bomfim, que depois da visita ficou atenta às necessidades da Casassa através da irmã, que sempre respondeu à equipe ante pedidos de doações (IMAGEM 35). Recebemos também uma doação de uma médica da região, que fez um bazar com suas roupas e, solidarizada por conta do seu irmão trans, decidiu doar 10% da arrecadação para a Casassa. Essa médica, no ano seguinte, acabaria no reality Big Brother Brasil de 2020 (IMAGEM 36).

O processo de aprendizado com as pessoas abrigadas na Casassa também foi toda uma aventura. Tínhamos algumas regras de convivência, a exemplo do horário para dormir

71



IMAGEM 35: Visita da deputada Sâmia Bomfim na Casassa, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 36: Storie no Bazar de Marcela Mc Gowan, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

ou, ao menos, para estar em silêncio: a partir das 22h. Em uma oportunidade, quase à meia noite, escutei uma gritaria e fui saber o que acontecia, e quando cheguei, uma das acolhidas, que era da Umbanda, tinha incorporado a Maria Padilha. Ali, desenvolvia-se uma conversa muito animada com todas as outras pessoas abrigadas. Ciente da necessidade imperativa de respeitar a religião, as crenças e as tradições das pessoas abrigadas, porém, tendo em mente a regra das 22h, falei com ela e disse: "Senhora Maria Padilha, estamos honrados com a sua visita, mas esta é uma casa que tem umas regras. Eu espero que a senhora compreenda que nesta casa, como seguramente acontece em outras casas que a senhora visita, temos horários. Todas e todos devemos dormir às 22h, pessoas corpóreas ou não. Se você quiser, amanhã volta e seguimos esta conversa tão animada". Dessa vez deu certo meu pedido, dissolveu-se a reunião e todas, até a Maria Padilha, foram dormir. A Maria Padilha, infelizmente, nunca mais nos visitou.

Um das decisões deram certo e outras não. Em um final de semana, por exemplo, dormindo em minha casa, escutamos com o Derick, um barulho estrondoso, seguido de muita gritaria, às 4 horas da manhã. Olhamos através da janela, e vimos que nossos abrigados – que nesse momento eram dois – brigavam entre si. Vimos que entre eles havia outra pessoa, que para nós era desconhecida. Um dos nossos acolhidos tinha uma faca e acusava o outro de ter trazido um contato da internet para um encontro na escuridão da noite. Foi um momento muito caótico. O desconhecido, ante essa ameaça com a faca, tentou pular o muro, aquele muro que fizeram em agosto de 2017. Esse muro tinha um portão de metal e aquele desconhecido acabou derrubando-o. Um portão instalado de forma improvisada naquele agosto de 2017 e que dava a sensação de segurança, mas que, claramente, não tinha as mínimas condições para proteger, já que ante o escape furtivo daquele sujeito, acabou caindo e ficando todo amassado no chão (IMAGEM 37).

Todas as coisas que aconteceram foram modificando a Casassa; muitas ideias que no começo pareciam incríveis, na prática percebemos, com o tempo, que não iam resolver os problemas. Sobre isso, a Fran comenta: "Acho que com respeito à construção e criação, é isso e foram aparecendo as demandas né? A partir disso foi chegando um ou outro. Eu lembro que os primeiros que chegaram foram homens. Foi um menino gay, se eu não me engano, que chegou, e aí a gente estava meio que sem saber como agir; o que fazer... porque era nosso primeiro, né? Então, assim, a gente: 'vou lá levar comida'; 'ah vou lá não sei o que'. A gente mesmo foi se organizando e correndo para acolher esses meninos e já de cara entraram várias questões para gente que tinha haver com a



IMAGEM 37: Portão da Casassa destruído, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

idade. Porque era uma questão para a gente também, ele não era menor de idade, mas era bem novinho, eu acho. (...) A partir dele, a gente foi criando vários critérios, acho que a partir dessas primeiras experiências a gente foi sistematizando e conseguindo criar alguns critérios" (FRAN - Casassa, 2021).

Foram relevantes e importantes todas as histórias; "todo mundo que estava ali. Que eu pensava: 'se não tivesse ali, estava na rua', já me dava a sensação de que estava valendo a pena. E assim acho que o que mais me marcava era quando a pessoa ficava ali depois de algum tempo e depois conseguia resolver, entendeu? Voltar e fazer as pazes com a família; voltar para casa; pensar melhor ou ia viajar para um lugar e mudava de ideia e voltava para cidade da família. (...) Gente que conseguiu emprego. Eu acho que (...) se a pessoa não tivesse aquele tempo para ficar ali, talvez a história dela seria totalmente de outra forma. Então, a gente, a Casassa, ajudou naquele momento a redirecionar a história dela pra um lugar, sei lá, melhor do que seria se não tivesse a Casassa no caminho. Então isso valeu muito a pena. A questão é que não era só isso né? Não era só chegar, dar um espaço pra pessoa ficar um tempo; algumas pessoas precisavam de muito mais do que isso" (SURI - Casassa, 2021).

E não só isso, como comentado anteriormente. Algumas pessoas nunca foram abrigadas na Casassa e, mesmo assim, receberam o apoio do GT de Acolhimento. Casos de tentativas de suicídio, de expulsões de casa que se resolveram antes do abandono ou pessoas que precisavam desabafar e procuraram a Casassa para achar um espaço seguro. Meus dias na Casassa nunca aconteceram de forma planejada, porque sempre tinham novidades, assuntos para resolver, pessoas com quem falar, pedidos de visitas, entrevistas, doações.

Outro trabalho importante de acolhimento que fizemos nesses dois anos de trabalho foram os eventos de formação que foram possíveis na Casassa, a exemplo de um que a Fran lembra: um "momento que marcou muito foi [a atividade da] Coletiva Luta, que organizou o debate no espaço da Casassa, e isso pra mim é bastante simbólico. Foi a Coletiva Luta que organizou um bate-papo sobre a saúde de mulheres lésbicas, e aí a gente ocupou a Casassa. Com muita mulher lésbica, que era inclusive um debate que a gente tinha, porque só tinha eu de mulher lésbica na organização da casa e, embora tivessem outras mulheres bissexuais, transexuais, mas de mulher lésbica só tinha eu. E pra mim esse foi um momento muito marcante, mesmo da gente ocupar né? Estar lá naquela casa de forma tumultuada, que nem cabia de tanta gente que tinha, de tanta sapatão" (FRAN -



IMAGEM 38: Reunião Coletiva LUTA na Casassa, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Casassa, 2021) (IMAGEM 38).

Esses encontros foram de muita importância porque abriam a possibilidade de conversar e de encontrar outras pessoas para falar de diferentes assuntos que não era habitual conversar em outros espaços; era um lugar acolhedor para conversar sobre temas dos quais não era comum falar em outros ambientes. A Nane lembra de um momento muito marcante: “quando pela Casassa eu fiz aquela roda de conversa sobre bissexualidade, que foi uma coisa que a Casassa me proporcionou. Foi assim muito marcante pra mim, porque nunca tinha sido feito nada sobre aquilo na cidade mesmo. Nunca tinha sido feito nada falando especificamente sobre isso, né? (NANE, N2-A). “Esse momento da palestra BI pra mim foi muito, muito marcante. Me emociono até hoje de ver as fotos porque foi uma abertura de assunto. Foi uma abertura ali pra pessoas que nunca tinham falado sobre isso, muita gente que não era bi, foi e ficou surpresa, sabe? De ver isso, de falar sobre. Foi muito marcante pra mim, foi uma coisa muito poderosa, mudou muito sobre quem eu sou, como eu me vejo no mundo, e a Casassa me trouxe isso e falei: “meu, vale muito a pena os contatos que a gente tá formando e as pessoas, a informação. Acho que pra mim a parte da informação foi muito importante, né? Fora as outras coisas das feiras, das amizades e tudo mais” (NANE – Casassa, 2021) (IMAGEM 39).

O acolhimento, que virou uma palavra especial para falar do trabalho interno de recepção e abrigo de pessoas em situações de vulnerabilidade, foi o grande protagonista da Casassa em todo momento, mesmo nas oportunidades em que as pessoas não precisavam ficar em uma das camas dispostas. Mesmo a gente falando sempre de acolhimento para nos referir ao trabalho urgente de receber as pessoas expulsas de casa, na verdade, o nosso acolhimento foi além disso e permitiu que essa casa, e outros lugares, fossem acolhedores para as pessoas TLGB+ da cidade. Foram muitos os casos em que trabalhamos neste tempo, e uns marcaram com mais força que outros; uns foram mais divulgados e comentados que outros; algumas histórias ficaram guardadas entre as pessoas abrigadas e o GT de Acolhimento, e vão ficar assim, protegidas (IMAGEM 40)



IMAGEM 39: Roda de conversa na Casassa, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 40: Roda de conversa na Casassa, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.4 NA RUA, NA CHUVA, NA FAZENDA

Nos dois anos de trabalho da Casassa, foram muitos os espaços ocupados e conquistados; espaços físicos, simbólicos e virtuais. Foi cada dia uma luta permanente por ficar nesses espaços e fazer deles lugares acolhedores TLGB+. Mesmo que dentro da própria equipe os vínculos já estivessem rachando, o trabalho fazia com que a cada mês só tentássemos chegar ao outro mês; sem apoio de nenhum governo, e cada vez com menos energia. Mesmo assim, o trabalho de acolhimento da Casassa não ficou limitado para dentro daquelas portas coloridas, pois a gente ocupou muitos espaços da cidade. Nossa Casassa esteve no Museu e no Teatro; no Parque do Povo, o espaço de entretenimento e lazer mais importante e concorrido; nas praças, nas universidades, nas escolas, “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”, como diria a famosa canção interpretada pelo grupo Kid Abelha. Nós estivemos em espaços que pensamos que não poderíamos estar, e conseguimos, umas do lado das outras “jogar as mãos para o céu e agradecer se acaso tiver, alguém que você gostaria que estivesse sempre com você” (Canção: Na rua, na chuva, na fazenda; Kid Abelha, 1996).

Um desses espaços foi o Museu Municipal, como bem lembra a Olivia: “Outra situação que me fez ver que valia a pena foi quando eu estava fazendo estágio em uma escola pública em Presidente Prudente e eu propus uma visita lá no Museu que estava com a exposição temática LGBT organizada pela Casassa, em parceria com outros grupos. Tinha alunos que falaram que nunca tinham ido a um museu e muito menos pensaram que poderiam ver esse assunto, inclusive alunos LGBT também que vieram comentar o quanto que foi importante esse momento e esse tema. Isso também foi bem bacana” (OLIVIA – Casassa, 2021) (IMAGEM 41).

E a gente fez por dois anos consecutivos, 2018 e 2019, e quando estávamos organizando o terceiro ano, mesmo a Casassa tendo fechado as portas, a pandemia chegou e precisamos cancelar essa terceira exposição. A nossa primeira participação no Museu foi com toda a energia de quem começa um sonho; e a seguinte foi com o último suspiro de quem percebe de perto seu fim. Mesmo assim, a experiência trouxe muitos aprendizados, ensinamentos incríveis e reflexões sobre o que diversas expressões da arte fazem na vida dos corpos marginalizados. Conseguimos ver de perto como a arte trabalha nas mentes e nos corações das pessoas que abrem seus olhos e ouvidos para entender as mensagens.

A nossa primeira exposição chamou-se “(Re)existimos: Histórias, Arte e Ativismo do Movimento LGBT+”, e a segunda, “Visibilidade LGBT+”. Para a primeira, uma das integrantes da Casassa recebeu o convite para preparar uma exposição com a temática TLGB+ no Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto, de Presidente Prudente; o convite



IMAGEM 41: Museu Municipal com a Exposição “Visibilidade LGBT+”, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

surgiu em um contexto conturbado, em que o assunto estava sob holofotes devido ao mês de junho, que é, habitualmente, o mês do Orgulho TLGB+, o que reflete em diversas manifestações e eventos sobre o tema, como a própria Parada do Orgulho, que se realiza em diferentes cidades neste mês. A partir desse convite, houve um repasse para alguns membros da Casassa e outras pessoas e coletivos que estivessem interessados em participar, para compor um grupo responsável pelo desenvolvimento da exposição. A princípio, esse grupo foi conversando mediante via WhatsApp e, posteriormente, alguns membros, já em menor número, reuniram-se presencialmente para as tomadas de decisão (IMAGEM 42).

Para os convidados, a proposta soou como uma oportunidade relevante de trazer o tema à tona, com a visibilidade e legitimidade que poucas vezes tínhamos na cidade. No fim, tratava-se do Museu Municipal, um equipamento oficial da Secretaria de Cultura, visitado tanto pelo público local como por pessoas de toda a região e de outros locais mais distantes, incluindo grupos escolares e instituições de grande relevância social. Aceitamos, então. Fizemos algumas reuniões em conjunto com a equipe do Museu para a definição dos temas e das abordagens. Definimos essa primeira exposição da seguinte forma:



IMAGEM 42: Reuniões no Museu Municipal de Presidente Prudente com integrantes do Coletivo Mão Negras e da Casassa, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

“A exposição busca apresentar importantes recortes da história, das artes e do ativismo do movimento LGBT+. Os recortes se fazem necessários pela grande amplitude de conteúdo e materiais sobre o tema, mas o talento, a sensibilidade, a força e a resistência se fazem presentes na cultura LGBT+ como um todo, refletindo na luta contra o preconceito e a discriminação. A proposta é oferecer ao visitante a possibilidade de ter contato com histórias, artistas e conteúdo que quebraram paradigmas e ajudaram na evolução da compreensão humana sobre a diversidade sexual e de gênero enquanto possibilidades de expressão e vivência de cada pessoa em sua singularidade, bem como da composição de um todo mais amplo, que reúne essas experiências e suas nuances. Utilizando instalações e atividades que podem estimular reflexões sobre o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero como um aspecto natural da humanidade, a equipe desenvolvedora do projeto, que é composta por ativistas LGBT+ de Presidente Prudente, apresenta esse riquíssimo universo colorido e suas personagens de uma forma ora lúdica e descontraída, ora direta e impactante. Entender a diversidade com naturalidade é um passo importante para desenvolvermos uma cultura de respeito onde todas e todos possam ser livres para amar e existir” (DOCUMENTO APRESENTADO AO MUSEU, 2018).

Nas duas exposições, 2018 e 2019, buscou-se misturar componentes artísticos e históricos dentro da temática, apresentando fotos históricas e atuais, objetos, peças de arte e artesanato, textos poéticos e explicativos, entre outros materiais. Buscamos construir ambientes que contassem histórias, utilizando os materiais disponíveis e o espaço físico do Museu de forma criativa, sem apego à organização tradicionalmente vista em exposições do local. Uma das maiores dificuldades foi lidar com as peças que não podiam ser retiradas do espaço físico do Museu. Entretanto, a dificuldade motivou a criatividade e muitos itens foram agregados à exposição de forma complementar. Foi o caso dos equipamentos de um renomado médico da cidade que, representando um consultório médico antigo, serviu de pano de fundo para expor o debate sobre a “cura gay” que envolve internações e tratamentos violentos na tentativa de reverter a homossexualidade que, tristemente, para alguns grupos conversadores ainda se entende como uma doença que precisa de tratamento. Nessa instalação, os equipamentos médicos serviram de cenário para expor textos e fotos sobre os tratamentos abusivos que pessoas recebem nestas clínicas; também foi colocada uma TV, reproduzindo um vídeo sobre o assunto.

O aproveitamento dos itens já presentes do Museu também aconteceu na instalação denominada “A casa da travesti” que, aproveitando móveis antigos disponíveis no Museu, buscou aproximar o público da humanidade das travestis, ainda tão estigmatizadas e condenadas socialmente a espaços marginalizados, como os da prostituição, por exemplo. Na instalação, a travesti foi mostrada a partir de sua real condição de alguém que vive, cuida da casa, paga contas, chora e ri, como todos nós. Foram fixados também nesse espaço textos explicativos sobre as definições de travesti, transexual, transgênero e *drag queen/drag king*, buscando esclarecer os termos que ainda são motivo de muita confusão.

77

Outra importante referência buscada, a partir de itens fixos do acervo do museu, foram as imagens dos santos. Muito se pensou em como utilizar as imagens sagradas da Igreja Católica em um contexto TLGB+ de forma respeitosa, evitando interpretações dessa inclusão como afrontas ou “profanação de símbolos religiosos”. Assim, optamos por abordar a história de santos que teriam sido TLGB+, usando as imagens disponíveis como pano de fundo para textos e fotos que contextualizavam as histórias dessas celebridades canonizadas. Uma máquina antiga de tecido também compôs a exposição ao lado de roupas diversas, mostrando que as definições de roupa “masculina” e “feminina” já não servem a partir do entendimento de que roupa não tem gênero, sendo apenas tecidos que podem expressar, ou não, o interior de quem os veste, sem relacionarem-se diretamente ao gênero ou sexualidade.

Ainda sobre itens já disponíveis no museu, utilizamos também imagens de entidades do candomblé e da umbanda, expondo a aceitação que se faz mais presente nas religiões de matriz africana quando se trata de diversidades. Ainda refletindo sobre essa aceitação, foram expostas fotos históricas dos carnavais prudentinos, dos poucos eventos com muita participação de pessoas TLGB+ na cidade; lugares onde podiam estar e ser protagonistas, ainda que por um tempo limitado.

Contemplando a exposição, foi trazida a arte TLGB+, como previsto no título da exposição, com artistas da cidade que enviaram desenhos, peças de artesanato e poesias. Além da produção local, também foram selecionados alguns títulos de obras literárias que trazem personagens TLGB+, a exemplo das obras *O Ateneu: Crônicas de Saudades*, de Raul Pompéia e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, ou de autores TLGB+, entre eles Mário de Andrade

e Oscar Wilde (IMAGEM 43).

Tivemos, na segunda exposição, um espaço com fotos e histórias de pessoas TLGB+ do Brasil e do mundo com diferentes profissões, que trazia a reflexão “Posso ser gay e também ser...”; “Posso ser lésbica e também ser...”; “Posso ser transexual e também ser...”, e assim com vários outros exemplos de pessoas diversas. Em cada uma dessas fotos estava a biografia de pessoas que eram políticas, astronautas, acadêmicas, religiosas... e também eram TLGB+. Junto com estas instalações, tivemos rodas de conversas nas duas exposições e atividades culturais para abertura e fechamento.

Esta atividade tão desgastante acontecia perto do mês do Orgulho TLGB+, o mês de junho, trazendo às semanas que antecediam o evento muito trabalho. A Parada da cidade, como sabemos, está precedida pela Semana da Diversidade e a Casassa foi sede de diversas atividades organizadas por outras coletivas ou fomos parte da organização de outras atividades em outros espaços, levando nossas rodas de conversa ao Teatro Matarazzo, o mais importante da cidade.

Para o ano de 2019, decidimos fazer nossa festa junina fora da Casassa e organizar um Arraiá diverso na quadra coberta do Parque do Povo, um dia que, mesmo com chuva, conseguimos ter a participação de muitas pessoas amigas da Casassa, e outras que estavam no local e decidiram fazer parte da atividade (IMAGEM 44). Nesse dia a gente vendeu algumas comidas, dançou e convidou empreendedores amigos para também vender no



IMAGEM 43: Visita de estudantes no Museu Municipal, na Exposição (Re)existimos: Histórias, Arte e Ativismo do Movimento TLGB+, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

78



IMAGEM 44: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

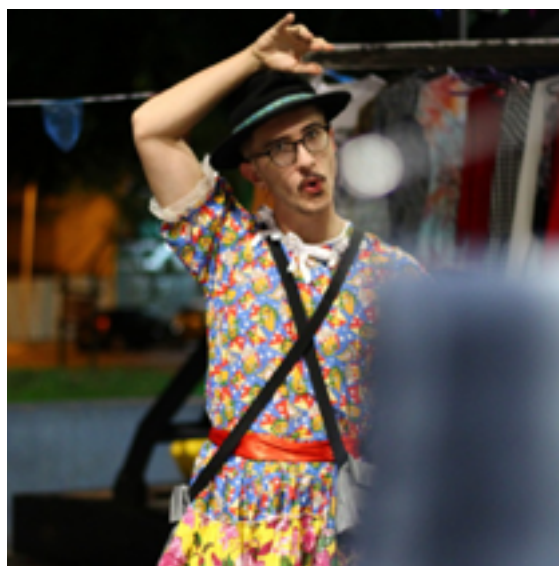


IMAGEM 45: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

evento, permitindo-nos expressões de afeto entre a gente, sem medo de sermos agredidas, mesmo naquele Parque do Povo, epicentro da heterossexualidade prudentina (IMAGEM 45). Esta atividade motivou que continuássemos realizando, mensalmente, uma Feira de Empreendedorismo, que tínhamos organizado pela primeira vez no Museu, no ano anterior, para fortalecer a compra e venda de produtos feitos por pessoas TLGB+ da cidade.

Sobre estas atividades, a Nane lembrou: “O que foi muito marcante foram nossos eventos. Quando a gente começou a fazer nossas feiras que foi um start assim. Até mesmo para outros grupos se formarem, comecem a fazer feira, até então não tinha e a gente começou com feirinhas pequenas nos domingos né? E depois a gente fez a festa junina que foi o primeiro evento que coordenei, e aí depois disso veio outros eventos a partir deste que também foi muito incrível, além de todas as reuniões, deliberações e questões que foram acontecendo, sabe? Foi muito importante, todo mundo que eu conheci até mesmo as brigas, até as brigas eu acho que foi de grande aprendizado, tanto que eu tirei grandes amigos dali” (NANE - Casassa, 2021) (IMAGEM 46).

Nossa Casassa também chegou nas Universidades e em algumas outras instituições. Várias pessoas deixaram caixas para arrecadação de roupas e livros nas faculdades ou em bares e restaurantes. Todo o apoio que não tínhamos do governo, tínhamos dos Amigos da Casassa, que foi como começamos a chamar essas pessoas. Para fortalecer e facilitar a comunicação entre esses Amigos da Casassa, foi criado um grupo de WhatsApp.

Não foi só nos espaços físicos da cidade que a Casassa conseguiu chegar; chegamos também nos espaços virtuais. Foram tempos de entrevistas para a televisão da cidade, revistas e redes sociais. Algumas matérias queriam focar nas tristes histórias dos abrigados, mas desde o início nunca permitimos e sempre avisamos que o foco deveria ser o trabalho que se realizava e não a vida das pessoas. Só uma vez, por decisão do próprio abrigado, que estava meses procurando emprego e que pensou que essa seria uma alternativa de encontrar algo, foi feita uma entrevista para o jornal da TV Fronteira. Na entrevista não foi mostrado o rosto dele e só se escutou sua voz distorcida. Até hoje não gosto dessa matéria e gostaria que não tivesse acontecido.

Contudo, além de todos esses espaços, além do Parque do Povo, da rua, da fazenda, atingimos várias “casinhas de sapê”; ou casinhas de tijolos mesmo, porque conseguimos entrar nas casas de algumas pessoas e fazer do trabalho uma alternativa possível para as pessoas acolhidas pela Casassa, abrigadas ou não. Ante a impossibilidade de achar trabalho para



IMAGEM 46: Festa Junina da Casassa no Parque do Povo, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

nossas acolhidas, depois de muitas tentativas, de muitos currículos impressos, de muitos contatos, ligações e propostas, decidimos abrir um perfil no Instagram e oferecer serviços de limpeza e reparações em casas: os Anjos da Casassa. Com esta proposta apresentamos a possibilidade de pessoas relacionadas com a Casassa, acolhidas e abrigadas, prestarem seus serviços de faxina e daquilo que no Brasil chama-se de “marido de aluguel”. A proposta foi simples: a gente divulgava nas redes sociais, as pessoas entravam em contato e nossos Anjos da Casassa faziam seu trabalho. Um incrível trabalho, por sinal (ILUSTRAÇÃO 6). Constatamos que poucas pessoas fazem um trabalho com mais carinho, capricho e dedicação que uma pessoa TLGB+, pelo menos isso nos disseram. No fim, nós temos que ser muito boas para não sermos expulsas dos lugares, não é?

Dois anos de muitos espaços físicos transformados em lugares acolhedores para pessoas TLGB+ da nossa cidade. Contudo, não pensávamos que nossa Casassa, aquela casinha onde tinha começado toda esta aventura, deixaria de ser um lugar tão acolhedor em pouco tempo.



ILUSTRAÇÃO 6: Catálogo de serviços Anjos da Casassa, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.5 A QUEDA

*"Respeitável público, um show tão maluco
Essa noite vai acontecer aqui a gente vai armar
Um circo, um drama com perigo
E nessa corda bamba quem vai caminhar sou eu.
E venha ver os deslizes que eu vou cometer,
E venha ver os amigos que eu vou perder.
Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa,
Hoje tem open bar pra ver minha desgraça"
(GLORIA GROOVE)*

Mesmo com tanto trabalho, tantas histórias, tantas alegrias e tantos momentos marcantes nesses dois anos de Casassa, eu comecei este capítulo com o momento do fechamento das portas, lembra? Talvez seja porque este foi o primeiro grande golpe que receberia e a maior das dores que a Casassa me proporcionou; e continua doendo até hoje. Não foi a primeira vez que precisei fechar uma porta para sempre. Em outro momento da minha vida eu me mudei, fui embora, fechei processos, senti o fracasso; mas a dor igual a desse dia não tinha sentido nunca, só me restando a vontade de esquecer. Mas eu tinha uma tese para entregar, tinha uma família sendo construída nessa região e uma vida que já não era possível reiniciar novamente, então, o que fazer? O que fazer quando você planejou uma rota e a estrada ruiu? Quando você pensou que seria de uma forma e as coisas não saíram

como imaginou? Bom, o que eu fiz? Eu precisei me reconciliar com este dia para poder escrever sobre ele.

Este foi o primeiro de vários outros golpes que viriam depois, mas mesmo assim, nesse momento, eu decidi continuar, seguir caminhando; não desisti, embora era o que eu queria, mas fiquei longe das lembranças, das pessoas e deste trabalho também. Este capítulo virou um fantasma, um texto necessário para minha tese que eu não queria fazer. Mas chegou o dia e precisei, como disse, me reconciliar; viajar, literalmente, longe de tudo e em uma mesa, em um parque, rodeado de árvores em uma cidade da Argentina, pensei em tudo de novo. Do primeiro dia até o último da Casassa. Talvez por isso comecei este capítulo pelo final, porque precisava superar este momento para me dar a oportunidade de lembrar com carinho de tudo o que aconteceu nessa casinha de madeira.

Foram muitos meses sentindo-me culpado; evitando o assunto para não ter que encarar o sentimento de fracasso. Passaram vários outros meses antes de ter a coragem de perguntar para as minhas e meus companheiros de batalha da Casassa, o que eles achavam desses dois anos, e o porquê eles acreditavam que a Casassa tinha acabado. Tamanha foi minha surpresa quando, diferente do que eu pensava, eu não estava protagonizando sozinho essa queda. A Fran, por exemplo, que saiu antes do final; ela se distanciou da Casassa meses antes, na visão dela houve vários fatores que levaram a esse destino, e que eram visíveis desde muito antes desse último setembro: “O *gran finaly* eu não estava presente(...), mas, o que aconteceu, pra mim, foram primeiro divergentes na leitura política do movimento LGBT. Eu acho que começa aí, pra mim foi esse rompimento, a leitura que a maioria da casa fazia do movimento LGBT não coincidia com a mesma leitura que eu fazia (...). O fim da Casassa pra mim tem haver primeiro com essa leitura política do movimento LGBT e dessa própria fragmentação do movimento, qual vai ser a voz das bissexuais? Qual vai ser a voz das transexuais? Das lésbicas, dos gays? A gente não conseguiu ponderar tudo isso a ponto de se compreender mesmo. E aí, depois, na consequência disso, pra mim, é que a Casassa foi construída como se a base da casa fosse a partir de afeto, das relações afetivas. Então, enquanto existir afeto entre a gente, existiu a casa. A partir do momento que as relações de afeto, de amizade mesmo, de companheirismo foram se rompendo, a gente rompeu com a casa também. Aí desmoronou, entende? Porque não tinha outra coisa que sustentasse. Então, a gente faltou construir relações políticas, na minha opinião, para sustentar a casa. Então, eu acho que faltou pra gente firmar mais politicamente enquanto movimento, enquanto coletivo LGBT mesmo e, aí também, eu acho que não é uma tarefa fácil organizar pessoas LGBTs que nunca tiveram experiência de organização. Então, eu acho que é isso, fundou-se a partir das relações de afeto e junto com essas relações de afeto fundou-se as relações de respeito também, porque eu acho que [um] elemento chave também foi assim, uma falta de respeito no final com todo mundo” (FRAN – Casassa, 2021).

Ainda sobre esse momento final, a própria Fran reflete acerca do desgaste que trouxe para algumas pessoas, entre elas eu mesmo, o trabalho que fazíamos na Casassa: “Mais uma questão, (...) acho que a centralização da casa, a centralização de tarefas da casa sobre você, por exemplo, por morar na frente, também foi uma das coisas que fundou a casa, não fazendo com que a gente distinguisse o que era espaço seu e o que era espaço da Casassa. Na euforia da gente não pensar na localização da casa, e aí simplesmente você chegou com uma possibilidade e a gente abraçou a possibilidade e foi isso e a gente não pensou

estruturalmente, o que significaria ter essa casa nos fundos da sua casa. Você pensou que traria mais segurança, porque você tinha alguns problemas com segurança, mas o significado disso pra sua vida e pra própria vida da casa, a gente não conseguiu fazer isso. Então, eu acho que é isso a falta de cuidado em pensar a localização da casa, onde ela deveria existir, também fez com que ela acabe porque quando ela começa a invadir a sua privacidade começam os conflitos” (FRAN – Casassa, 2021).

E de fato a segurança daquela casa sempre foi uma questão; tinha sido roubada antes, e de fato a proposta do famoso muro antes de assinar o contrato foi sob o argumento da segurança que essas casas precisavam. Mesmo assim, a casa foi roubada durante esses dois anos, e foi um roubo o acontecimento que deu a facada final em uma casa que estava agonizando, como lembra a Olivia: “O fim, claro que foi marcado por uma situação bem específica e complicada que aconteceu, que foi, digamos, a cereja do bolo né? Mas que eu acho que também foi o estopim de vários acúmulos, de um desgaste até de todo mundo por ser um trabalho voluntário. Desgastante em vários sentidos: físicos muitas vezes, porque a gente tinha que fazer várias coisas; emocional principalmente, de estar lidando com tudo que precisava ser feito. Então acho que chegou em um ponto em que a gente não dava conta mais, ficou pesado pra todo mundo, e com essa situação que aconteceu das ameaças, do medo mesmo, do que poderia acontecer, acabou sendo crucial para resolver parar mesmo com o projeto” (OLIVIA – Casassa, 2021).

E esse desgaste que comenta a Olivia, também pareceu que afetou a imagem de nós, as lideranças da Casassa, com outras pessoas da militância TLGB+ da cidade. Criaram-se muitos comentários, e pessoas da cidade começaram a divulgar histórias ou distorcer fatos. Uma fofoca muito marcante foi a que falava que a gente tinha recebido uma doação muito grande de uma deputada que visitou a casa, e que tínhamos usado o dinheiro para nós. Essa fofoca misturou dois acontecimentos distintos e plantou uma dúvida no trabalho da gente. A gente recebeu a visita da deputada Sâmia Bomfim e sua equipe, que trouxe doações em alimentos por intermédio de sua irmã. Não recebemos dinheiro público. A doação a que se referia aquela fofoca foi feita pela Marcela Mc Gowan, a médica que fez um bazar e doou uma porcentagem do lucro, e que no ano seguinte seria uma das participantes do reality BBB 20. O dinheiro da doação foi usado para pagar o aluguel da Casassa e reconstruir o muro e consertar o portão, que havia sido derrubado naquela noite assustadora que foi comentada anteriormente (IMAGEM 47). Esse dinheiro também foi muito útil para conseguir pagar os últimos compromissos da Casassa antes de fechar suas portas. Sobre as ameaças que



IMAGEM 47: Reconstrução do portão da Casassa, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

Olívia comenta, falaremos depois.

Já para a Suri, o final da Casassa esteve atravessado pela nossa inexperiência e inocência, além de alguns outros fatores: "Então, na minha opinião bem sincera, a gente não sabia de verdade qual era o tamanho das responsabilidades que a gente estava assumindo. As pessoas que vinha ser acolhidas na Casassa, vinham com demandas e problemas muito maiores do que simplesmente ter um lugar pra poder se abrigar, pra poder se alimentar, roupas pra se vestir. [As demandas] sociais e psíquicas dessas pessoas eram muito grandes e ninguém estava preparado para lidar com coisas assim. A gente conseguiu oferecer, na verdade, essa parte de material de roupa, alimento e morada para dar essa acolhida para a pessoa não ficar exposta na rua, só que não era o suficiente (...), e a gente não tinha recursos assim humanos, especialistas, profissionais para lidar com coisas tão grandes; nem recursos financeiros, nem recurso de estrutura da casa. A casa era pequena, então, eu acho que o que fez isso acabar é isso, a gente ter abraçado demandas muito maiores do que a nossa capacidade de lidar e oferecer respostas. Por exemplo, o próprio poder público, que era um órgão que podia nos dar suporte, na verdade, eles estavam nos dando eram demandas, né? Problemas que eles não conseguiam resolver estavam vindo para a Casassa resolver. Foi muito mais um projeto de coração. A gente não recusava, vocês não recusavam nenhum tipo de demanda, acolhia todo mundo, sem previamente falar se eu vou conseguir lidar ou não vou, porque vocês entendiam que não dava pra fazer esse juízo de valor de quem está precisando de ajuda né? Mas, pra mim, a grande questão foi essa" (SURI – Casassa, 2021).

Como lembra Suri, chegou um momento em que diferentes assistentes sociais de algumas prefeituras de outras cidades próximas ou da própria cidade de Presidente Prudente, começaram a ligar para a gente receber todo tipo de pessoas TLGB+, cada vez esticando mais a corda do parâmetro que tínhamos definido naqueles primeiros seis meses de trabalho do GT de Acolhimento. Pessoas que tinham saído da cadeia, moradores de rua, visitantes temporários da cidade sem ter onde morar; todas essas pessoas TLGB+ que precisavam de, ao menos, uma cama para dormir e a gente nunca negou abrigo, pois aceitávamos e aceitávamos. A Casassa nunca esteve ocupada além da sua capacidade de camas, também nunca esteve desocupada, pois tinham pessoas entrando e saindo, o tempo todo. Esse trabalho desgastante de constante atendimento nos fez, passados os meses, esquecer a ideia de acolhimento que fundou a Casassa. A proposta de termos um lugar acolhedor para pessoas TLGB+, para nós, as pessoas TLGB+ da cidade, passou a ser uma casa de abrigo para pessoas TLGB+ sem apoio governamental. Nesse momento chegaram as ameaças faladas por Olívia, porque alguns casos fugiram do nosso controle e das nossas possibilidades, e precisávamos pedir para as pessoas saírem da casa, por segurança ou por terem quebrado alguma norma de convivência mínima como, por exemplo, não ingressar pessoas sem autorização que tinham sido encontradas mediante aplicativos, para aproveitar a calmaria da noite; algumas destas pessoas saíram jurando que voltariam.

Toda esta demanda diária de atenção das pessoas fez com que o trabalho ficasse nas costas de poucas pessoas, e muitas decisões comessem a ser tomadas sem o coletivo. Tínhamos começado com uma visão muito horizontal da nossa organização e, passados os meses e as demandas imperativas, as decisões começaram a ser tomadas no susto da urgência, sem passar pelo coletivo. Para Vagner esta foi uma das principais razões para o fim da Casassa: "eu acho que no início da construção da Casassa, os debates eram horizontais.

Todo mundo contribuiu com uma especificidade né? Cada um tinha um talento a oferecer para instituição, tinha um trabalho a desenvolver conforme a sua área, o seu conhecimento, e acho que, com o passar do tempo, meio que se perdeu essa ideia da construção horizontal e começou a ficar mais é ... como se diz, começou a ficar mais determinada por uma pessoa, um grupo reduzido de pessoas. Eu acho que isso desmotivou o geral, bastantes pessoas ficaram desmotivadas e ao mesmo tempo também não se via mais representada, não se via mais construindo o próprio projeto” (VAGNER – Casassa, 2021).

Todos esses problemas que carregamos mês após mês, sem separar tempo para resolvê-los, foi desgastando nosso trabalho, essa a opinião da Nane sobre este momento: “Pelo que eu me lembro foi uma sequência de coisa que foi acontecendo, mas acho que acabou principalmente pelo desgaste né? Acabou sobrando o fato da casa ser no fundo da sua casa; acabaram acontecendo problemas que foram envolvendo a vida pessoal de vocês e o pessoal foi saindo e brigas acontecendo. Então foi entendível. Teve todas as questões das brigas, das ameaças do pessoal que foi acolhido, todas essas questões que foram acontecendo. Pelo menos foi o que eu me lembro, principalmente pelo desgaste de vocês, super compreensível” (NANE – Casassa, 2021).

Mas, além do que foi comentado, de várias dificuldades que poderiam ter sido resolvidas e outras um pouco mais profundas, que precisavam de mais atenção, o que aconteceu realmente? O que fez que se tomasse a decisão de fechar? Qual foi o estopim que levou ao fim da Casassa no meio da celebração dos dois anos de trabalho? Foi exatamente nesse contexto que se deu o fechamento, naquele mês de setembro decidimos celebrar os dois anos de trabalho com algumas atividades: um curso de libras, rodas de conversa e alguns outros eventos (IMAGEM 48). Tínhamos começado o projeto de deixar um quarto como Bazar fixo, proposta que seria uma fonte permanente de dinheiro (IMAGEM 49); estávamos trabalhando com os acolhidos, organizando as roupas e planejando horários e, no final do mês, estávamos convidadas para o Primeiro Encontro de Casas de Acolhimento organizado pela Casa!, na cidade de São Paulo. Mesmo com

84



IMAGEM 48: Turma da Oficina de Libras na Casassa, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 49: Organização do Brechó da Casassa setembro, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

todas as dificuldades que foram mencionadas, não parecia que a Casassa fosse fechar, então, o que aconteceu?

O desfecho começou duas semanas antes do dia final. Com todas as atividades planejadas, a logística da casa estava complicada, pois eram poucas pessoas para fazer muitas atividades e com tempos limitadíssimos. A Casassa estava, além de tudo, com o limite de ocupação – cinco pessoas –, com as brigas e desencontros normais da convivência. Como falamos, não tínhamos apenas as pessoas abrigadas habituais. Na casa também tínhamos pessoas enviadas por assistentes sociais de algumas prefeituras, uma delas tinha saído da cadeia e outra estava de passagem pela cidade, as duas de idades muito acima da proposta. De fato, foi uma delas quem nos ameaçou, como bem lembrou a Olívia. A Casassa estava fervendo, a gente só assoprava e esse fogo conseguiu nos queimar.

Um dia, uma menina trans, uma das acolhidas, saiu para fazer umas atividades pessoais e levou com ela as chaves da Casassa sem perceber; vale lembrar que tomamos a decisão de fechar por conta dos roubos. Na hora da atividade planejada para esse dia, uma das rodas de conversa, estávamos várias pessoas na porta da Casassa a esperando voltar; ela não chegou, a atividade precisou ser adiada. Quando ela voltou, eu pedi para ir ao meu escritório e lá conversamos, sobre responsabilidade, sobre comprometimento, sobre solidariedade... estava me sentindo a mão de Deus, só eu falava. Dias depois refleti, olhei para trás e olhei minha mãe brigando comigo na adolescência, falando muitas coisas que não faziam sentido para mim no momento e que, seguramente, para nossa acolhida, também não fizeram sentido nesse momento. Ela saiu da minha sala, saiu da Casassa e ficou o dia todo fora; no momento que ela saiu da minha casa, eu senti um profundo arrependimento por tudo o que tinha falado. Liguei insistentemente para ela, enviei mensagens me desculpando e aguardei até a hora dela voltar.

E ela voltou à noite, tarde, acompanhada por uma das colaboradoras da Casassa, uma travesti que sempre foi muito solidária nas nossas atividades. Nessa noite foi a minha vez de escutar, e escutei da nossa colaboradora mais até do que eu falei de manhã. Em alguns momentos tentei responder, mas não me foi permitido. Precisei escutar cada uma das palavras que foram ditas com o intuito de machucar, e machucaram. Sem controle nenhum sobre a organização da Casassa, entrei na minha casa, liguei para o Derick e fui embora. Fiquei na casa dele durante o final de semana chorando. Chorei muito, de arrependimento, de raiva, de frustração e na segunda, com um pouco menos de angústia, voltei para tentar reorganizar tudo de novo. Quando cheguei, minha casa tinha sido roubada, não era a primeira vez que acontecia, como já disse, mas nesta oportunidade levaram também minha vontade e minha fé; até minha esperança, que a sabedoria popular tinha prometido que seria a última coisa a se perder. Esse dia escrevi para o grupo de líderes da Casassa e comentei que eu estava indo embora e que precisávamos decidir o que fazer, porque eu não poderia continuar.

Em uma semana foram organizadas as pendências, e um dos abrigados que estava de passagem na cidade foi embora; outro tinha conseguido, pelo trabalho dos Anjos da Casassa, alugar um apartamento, levando junto uma abrigada; o acolhido que ficou foi morar alguns meses conosco na casa do Derick. As duas casas foram entregues para o dono depois de fazer a faxina e os consertos necessários (IMAGEM 50); a mobília foi doada para a Fundação Tra Noi, de Presidente Prudente e o dinheiro que sobrou foi gasto no aluguel e



IMAGEM 50: Faxina final na Casassa, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 51: Doação da Casassa à Fundação Tra Noi, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

nas mudanças (IMAGEM 51 e 52). E assim, chegou o terrível dia de ver as portas da Casassa fechando definitivamente, ver esse espaço vazio, novamente como em 2017, ver cada um dos cômodos desocupados como quando entramos no primeiro dia. Trancamos as portas pela última vez e para sempre depois de dois anos de trabalho, de muitas atividades, reuniões, polêmicas e momentos marcantes.

Não houve uma razão definitiva, um único motivo para o fechamento da Casassa; teve muitas pequenas razões que levaram ao seu fechamento. Situações que deram um pouco de cinza para uma história muito colorida, que mesmo com todas as dificuldades, eu garanto, valeu a pena.



IMAGEM 52: Entrega da doação da Casassa à Fundação Tra Noi, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

2.6 ME LLEVARÁS EN TI

*"Vai me levar em você, como as sombras,
Quem têm nas tardes o pôr-do-sol;
Como levam as rosas seus espinhos
Como os sofrimentos têm choro.
Vai me levar em você mesmo que não queira,
Embora passem os dias e os anos,
Mesmo que precise me amaldiçoar para me esquecer.
Nunca poderá negar que me amou;
Tampouco vai poder negar que sente saudade.
Jamais poderá me apagar da sua vida,
Porque vai me levar, junto das tuas lembranças".
(JORGE VILLAMIL)*

Conheço uma música tradicional colombiana, em ritmo de *pasillo*, do Jorge Villamil, que diversos artistas têm cantado e que promete: *"Me llevaras en ti aunque no quieras, aunque pasen los días y los años, aunque para olvidarme me maldigas (...) Nunca podrás negar que me has querido; tampoco has de negar que te haga falta. Jamás podrás borrar de tu vida; porque me llevarás, unido a tu recuerdo"*. E eu só consegui pensar nessa música escrevendo este capítulo, porque esses dois anos na Casassa estão nas minhas lembranças e vão ficar ali, mesmo passando os dias e os anos. O melhor foi descobrir que esse sentimento não é exclusivo, pois para algumas pessoas que passaram pela Casassa nesses dois anos, também vão ficar junto das lembranças.

Para Suri, a experiência da Casassa foi um grande aprendizado, para a própria vida; porque permitiu maior proximidade com pessoas em situações de vulnerabilidade, uma luta que a Suri protagonizou como uma mulher trans, com deficiência visual, universitária e militante: *"...na verdade eu acho que até então eu não tinha tido contato com pessoas em situação de vulnerabilidade tão extremas. Eu acho que os espaços que eu frequentei, os espaços acadêmicos, a câmara (de vereadores da cidade), eu ficava de certa forma distanciada dessas situações concretas de vulnerabilidade. Eu acho que ter esse contato mais próximo com as pessoas da Casassa me fez refletir muito sobre o meu lugar de privilégio; apesar de ser trans e ter deficiência visual, eu tinha uma vida de muito mais segurança e proteção do que aquelas pessoas (...). Me fez pensar muito qual é a minha posição na sociedade, entendeu? É só eu viver minha vida pessoal e virar as costas? Ou para que eu viva bem eu tenho que colocar energia para tentar melhorar a vida dessas pessoas, sabe? Eu acho que é uma coisa que me trouxe muito"* (SURI – Casassa, 2021).

Termos encontrado un Lugar, um espaço onde criar e cultivar os vínculos, onde ser acolhidas, onde poder SER plenamente; sentir a dor do outro e ser capazes de entender essa dor porque nós passamos por dores parecidas, ter experimentado a dororidade, foram os aprendizados que a Casassa trouxe para todas nós. A própria Suri sobre isto disse: *"Eu acho que eu penso muito mais no que eu estou fazendo no meu cotidiano, se está servindo só pra mim ou pode servir pra outras pessoas também, que não tiveram as mesmas oportunidades que eu, sabe? Eu acho que é essa a grande lição da Casassa pra mim, talvez pra todo mundo né?"* (SURI – Casassa, 2021).

Esse trabalho da Casassa, não só o mais visível, que foi o de abrigar pessoas expulsas de casa ou sem moradia, mas o trabalho de acolhimento geral, a militância do cuidado com outras pessoas TLGB+ da cidade, de organizações e movimento ou de atividades culturais ou educativas, foi uma grande motivação para trabalhar e continuar trabalhando, como comenta a Fran: “Acho que, no primeiro momento, o que vem na cabeça da existência da casa, para além do espaço físico, foi uma das coisas que me fazia acreditar que valeria muito a pena. A gente tinha vários projetos de educação, de cultura; várias questões, acho que isso era uma coisa que me dava muito gás. Mas também a resistência dela como espaço físico que acolhia os movimentos (...) reuniões de organizações que não tinham espaços físicos, esse foi o primeiro retorno da própria casa. Eu acho de dizer: olha para o quê que essa casa está servindo nesse momento” (FRAN – Casassa, 2021). A cidade precisava de um Lugar assim, nós precisávamos e ele aconteceu, aconteceu só por dois anos, mas foram dois anos que valeram a pena (IMAGEM 53).



IMAGEM 53: Algumas mulheres da Casassa em uma atividade na UNESP, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

88

A própria experiência com as pessoas acolhidas trouxe muitos momentos marcantes para a Fran: “Depois pra mim uma coisa que mexeu muito, sem dúvida, (foi uma das pessoas abrigadas). Com todas as questões que teve em torno *dela*. Eu lembro de chegar com o pão na casa e *ela* não saber passar a manteiga; eu lembro exatamente assim, que *ela* não sabia o que fazer com o pão e com a manteiga, e aí a gente teve que passar a manteiga no pão para *ela* enquanto o Luiz trocava o chuveiro. E aí eu parei pra pensar da importância daquilo, eu acho que esse foi outro grande momento que passou na minha cabeça agora assim lembrando, rememorando. Porque é um aspecto assim, se a gente está ali como casa que acolhe, o nosso papel de dar assistência, quando aparece a necessidade real, aquilo passa a fazer sentido. Esta pessoa chegou com todas essas necessidades, uma pessoa novíssima que estava numa situação de extrema violência e *ela* chega e aquilo mexeu emocionalmente comigo em vários sentidos. Aí foi meio que: Isso valia muito a pena” (FRAN – Casassa, 2021). A história que a Fran lembrou é de uma pessoa abrigada que saiu de casa por rebeldia com os pais, e que era muito mimada pela avó. Mimada até o ponto de receber o próprio pão com a manteiga pronta; nesse momento, a gente teve que ensinar muitas coisas básicas de sobrevivência. Como este caso, teve uma infinidade de pequenos momentos muito marcantes que sempre acabávamos comentando nas nossas reuniões, porque a Casassa era uma máquina de aprendizados para a gente, era um Lugar em que diariamente podíamos enxergar nossas próprias experiências de vida em alguma outra pessoa acolhida.

Já para a Olívia, a Casassa trouxe um acompanhamento e acolhimento para seu próprio descobrimento pessoal: “...o primeiro, o próprio fortalecimento da minha identidade enquanto

LGBT, que através da Casassa, e com o contado com as pessoas, com a comunidade, eu pude entender melhor; me sentir legitimada dentro desse espaço e dessa identidade. Também acho que entender melhor o papel da militância, do movimento que precisa ser feito ainda, que precisa de esforço para trazer a questão à tona, então, eu tive mais noção da importância desse trabalho, de estar nos espaços falando sobre. E acho que também no sentido da empatia, de estar em contato com pessoas de vivências diferentes, e a partir disso desenvolver um olhar mais empático, mais carinhoso, mesmo com todas as pessoas e, principalmente, considerando todas as diferenças, e conseguir olhar um pouco mais para diversidade como algo bom, como algo positivo” (OLÍVIA – Casassa, 2021). Seguramente, a Olívia disse com outras palavras o que a Doreen Massey comentou quando falou do “sentido de lugar” (MASSEY, 2015).

As aprendizagens internas e de crescimento pessoal não foram exclusivas da Olívia. A Suri também comentou sobre um aprendizado que teve na Casassa e que alimenta a sua vida militante: “Ah, e teve uma coisa importantíssima que se eu mudei sim, que era a forma como eu defendia minhas ideias e me colocava diante das pessoas, sabe? Hoje eu não sou mais agressiva, assim desse jeito, de falar de forma grossa, de esbravejar, de impor de uma forma assim. Isso eu mudei de verdade, viu? Muita coisa que hoje eu vou me colocar em grupo, para me expressar (...). Hoje em dia eu vejo que não preciso mais porque eu consigo evitar (risos) essas relações e isso foi a Casassa que me ensinou e é pra vida toda” (SURI – Casassa, 2021).

Sobre mudanças e transformações internas e de percepção, a Fran também comenta que houve mudanças na forma de ver outras pessoas TLGB+. Segundo suas palavras: “...participar da Casassa mudou a forma como eu olho as pessoas LGBTs. Fez eu olhar para as pessoas de forma muito mais humanizada e com muita mais compreensão. Mesmo eu sendo uma pessoa LGBT, com a casa eu tive uma experiência de convívio real com o movimento e isso fez com que eu exercesse, aprendesse a exercer em mim esse papel, esse lugar de fala, esse papel de ouvinte, esse papel de compreensão, de entender que a dor do outro é diferente da minha e isso não faz dela maior ou menor, então acho que isso deixa pra mim” (FRAN – Casassa, 2021).

Conhecer todas essas histórias que passaram pela Casassa, das pessoas abrigadas e das pessoas acolhidas, nossas próprias histórias; falar das nossas experiências e trabalhar para que, um menino ou uma menina, pudessem ter um lugar acolhedor onde pudesse refletir e decidir, fez com que o sentimento de dororidade, mesmo sem falar o conceito, fosse cada vez mais claro, como no caso da reflexão do Vagner: “Ah sim, teve a mudança sim de sentir mais responsável, mais preocupado com a vida das pessoas, né? Cuidado em ser ético e humano ao mesmo tempo, porque o projeto envolve muitas nuances, de acompanhar quase vinte e quatro horas, não diretamente, mas através da equipe de psicologia, do grupo responsável por essa área. Então, a gente ficava participando quase que da vida dessas pessoas que eram acolhidas, e essa preocupação acabava fazendo com que a gente tivesse mais empatia com o próximo, com o ser humano e também se colocar no lugar deles. Que a gente uma vez ou outra lá atrás a gente sofreu o preconceito, né? Sofreu uma retaliação e isso faz com que a gente fique mais forte também né? Que a gente fique forte para enfrentar nossos problemas e também forte para ajudar os acolhidos a enfrentar os problemas deles” (VAGNER – Casassa, 2021).

Um grande presente que a Casassa trouxe para as pessoas que participaram foram as relações que se conseguiram construir dentro da casa, como comenta a Nane: “Nossa, começa pelo fato de ter feito amigos que eu considero amigos para vida toda, mesmo (...). Mas, a primeira coisa que mudou em mim foi a noção do trabalho que dá manter um trabalho



IMAGEM 54: Algumas mulheres da Casassa em uma atividade na UNESP, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

voluntário, a gente acha que é muito fácil, muito tranquilo, mas dá muito trabalho. Outra coisa que mudou em mim foi o aprendizado de que se pode fazer muito quando se está disposto, mas que infelizmente sempre vai ter mais gente pra atrapalhar do que pra ajudar” (NANE - Casassa, 2021) (IMAGEM 54).

90 A Nane também comentou sobre mudanças pessoais que nestes dois anos de Casassa se fortaleceram: “...eu acho que eu fiquei mais paciente também, melhorou minha escuta, entendi que tem mais gente com problema no mundo do que eu e que esses problemas que a gente acha que não acontece mais perto do que a gente imagina. A passagem pela Casassa me mudou assim, fez-me reconhecer, me fez conseguir olhar pra mim, apesar da gente estar ali pra ajudar os outros, consegui olhar pra mim com mais cuidado, sabe? Foi incrível” (NANE - Casassa, 2021).

Finalmente, e como uma grande reflexão que a Fran trouxe, outra coisa que fez valer a pena este tempo de convivência na Casassa foram: “nossos momentos de descontração. A gente se formava coletivamente, sabe? Como a gente se apoiava coletivamente eu acho que isso também valeu muito a pena. Eu sou muito feliz pelas amizades que fiz lá, embora elas foram desfeitas depois, mas os momentos que vivi intensamente. Desse coletivo afetivo que se formou e que de certa forma essa é a existência desses laços de afetos são importantes pra gente enquanto LGBTs somos negados em muitos espaços, então aquele espaço a gente não era negado, aquele era um espaço que a gente podia ser a gente mesmo. Eu lembro, é uma besteira, (...) mas eu lembro que na festa da Casassa eu beijei várias meninas (risos) e foi uma das primeiras vezes na vida que eu fiz isso, sabe? O extremo do me liberar do sentir que eu não vou ser repudiada em um lugar e isso acontecia com a nossa relação cotidiana. Se eu não era acolhida na minha casa, eu era acolhida nesse coletivo que ia entender o que eu estava passando. Por mais que a gente divergisse, ia entender e acolher de alguma forma, porque é isso a Casassa, acolhia quem estava lá, mas também acolhia outras pessoas LGBTs, e inclusive a gente mesmo. Era um coletivo que quando a gente iniciou, a gente se apoiava muito, a gente confraternizava muito, a gente construía nossos próprios ambientes sem violência LGBT, sabe? (...). E também, sem dúvida, um momento que vale a pena, foi ser reconhecidos e ter um lugar

em que você se reconheça; a Casassa era esse lugar onde os LGBTs se reconheciam, já que o histórico do movimento LGBT em Prudente era muito ruim, então era como se a gente tivesse um espaço físico dos LGBTs, sabe?” (FRAN – Casassa, 2021).

A Casassa começou sendo um espaço para nos acolher e cuidar, esse foi o tipo de militância que decidimos fazer. Por isso nosso empenho em propiciar um lugar acolhedor para as pessoas TLGB+ da cidade, para outras pessoas e também para nós mesmas. Cuidar de nós e das outras foi a premissa, mesmo que com o tempo esquecêssemos tentando resolver problemas que escaparam das nossas mãos; mesmo que no momento de fechar as portas, a dor foi imensa.

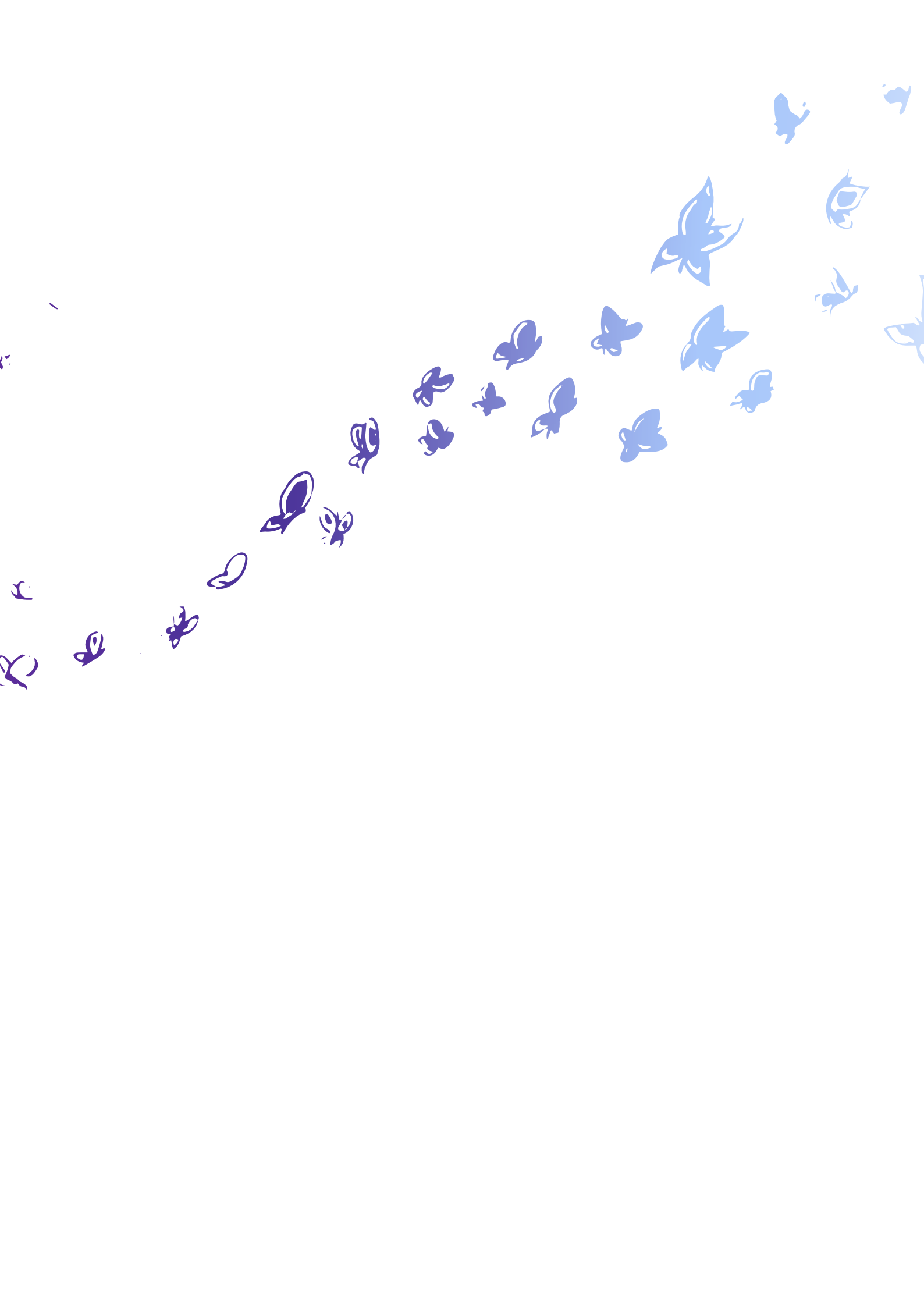
Tendo passado o tempo, longe da cidade de Presidente Prudente, em outros ares, respirando bons ares, *buenos aires*, consegui me reconciliar com tudo o que aconteceu e esse processo de reconciliação, olhando de longe, foi menos difícil. Foi possível enxergar o grande caminho percorrido, os inúmeros aprendizados nesse processo e os importantes vínculos construídos (IMAGEM 55). Foi possível identificar a força da dororidade nesse processo; a importância da militância do cuidado, das outras pessoas e o próprio; a relevância de ter lugares acolhedores onde seja possível ser e existir.

Acho soberbo pensar que aconteceu o que tinha que acontecer e que, se vivesse novamente, faria o mesmo, porque não; com a visão que tenho agora, acredito que, com certeza, faria muitas coisas diferentes, calaria a boca algumas vezes que falei e falaria quando calei; tentaria evitar tomar algumas decisões e tomaria algumas decisões que não tomei no tempo certo. Daria mais abraços, porque, sem dúvida, o que um lugar acolhedor para pessoas TLGB+ tem, o deveria ter, é a força feminina do contato, a força da “mulheridade” que a masculinidade tóxica reprime na gente.

A Casassa foi a porta de entrada, a primeira estação, nesta viagem pelos Lugares Acolhedores TLGB+ do Fim do Mundo. Ela foi a primeira proposta pela que acabei conhecendo outros projetos que militam desde o cuidado, a primeira casa que me fez refletir sobre o vínculo e a dororidade. Contudo, a Casassa apresenta só uma alternativa deste trabalho militante, como foi dito na introdução, outras casas trabalham desde a arte, desde o acompanhamento ou desde a assistência. E é conhecer estas outras experiências que foram visitadas no Fim do Mundo, o convite no capítulo seguinte. Uma viagem muito importante para entender que os lugares acolhedores para pessoas TLGB+, no Fim do Mundo, são espaços onde aqueles corpos mais rejeitados e vulnerabilizados podem “ser” e não apenas “estar”. Todos estes Lugares Acolhedores realizam um trabalho a partir da Militância do Cuidado, como a Casassa, em outras cidades do Brasil, a Bolívia, o Uruguai, o Chile e a Argentina. Será toda este percurso por estas casas que vai trazer as reflexões que serão compartilhadas nas Lições TRANSformadoras, do final desta tese.



IMAGEM 55: Encontro de algumas lideranças da Casassa e suas famílias, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Pre – texto 3

Cares Companheres:

Escrever para tanta gente não é uma tarefa fácil, ainda mais depois de ter vivido tantas coisas, de ter compartilhado tantas histórias e de ter brigado por tantos motivos. Estes anos foram uma oportunidade incrível para aprender umas com outras, e por isso não quero falar desses aprendizados de forma genérica; não vou escrever aqui para o grupo no geral, vou falar uma a uma, com cada uma destas cinco incríveis pessoas.

Vou começar escrevendo sobre a Sally, porque o mundo deveria conhecer primeiro você. Antes mesmo de aprender a escrever, você que foi o fogo da casa. As melhores brigas foram com você, as mais animadas, pelo menos. Você não é uma mulher que fica calada, e eu aprendi isso das formas mais diversas. E você está certíssima, porque o mundo já tenta calar você de muitas formas: tentou calar sua identidade, quando usou aquele nome que você matou; e continua tentando calar sua existência quando nega, por exemplo, a simples necessidade de um banheiro onde você possa se sentir segura, né Sally? Foram tantas histórias que compartilhamos neste tempo que não sei por qual eu admiro mais você, mas é claramente pela sua militância política, seu trabalho artístico, sua maravilhosa articulação e gestão, mas o que mais me faz amar você é sua incrível força e habilidade de sobreviver, que ainda encontrou energia para se permitir coordenar uma casa, um lugar acolhedor para todas nós.

93

Lembro daquela vez que, imprudentemente, perguntei pela queimadura em seu braço e você me contou sobre aquele ataque que você e algumas irmãs do Sindicato de Trabalhadoras Sexuais Trans e Travestis da cidade receberam. Lembro dos seus olhos contando os detalhes. Chego a visualizar aquele grupo de homens virando a esquina naquela madrugada, daquele 9 de outubro, tentando roubá-las, mas quando perceberam que todas eram trans, o roubo virou um ataque agressivo e brutal. E me questiono como a agressão chegou ao ponto de lhes jogarem combustível e atear fogo, ao mesmo tempo que as cortavam e as golpeavam violentamente. Foram vários dias no hospital tentando recuperar os danos que ficaram no seu corpo, não foi? Essa cicatriz no seu braço dá conta disso, e eu sei que devem haver outras cicatrizes tentando se curar ainda dentro da sua alma. Por isso jamais poderia reprovar a força da sua voz.

Às vezes, o medo nos faz falar mais forte, não é mesmo? Meu pai um dia disse isso: “Pode não ser soberba o que enche seu peito, senão angústia”, e ele repete desde que eu sou criança. Eu entendo a veemência da sua voz,

isso não me incomoda agora; confesso que no começo sim, eu não entendia; ignorava as tantas dores pelas quais você passou, os tantos medos. O medo nos faz falar mais forte às vezes, e eu entendi isso naquela noite musical em que ficamos conversando da vida, quando você me contou que foi, justamente, esse medo que fez você ser mais forte.

Essa noite você me contou que depois daquele outro ataque que sofreu chegando na cidade, nunca deixou mais que o medo comandasse. Você teve muito medo, você me disse, medo de voltar a trabalhar, medo de sair, medo da rua. Foram muitos meses temendo pela sua vida porque o agressor foi solto. Eu conseguia ver em seus olhos as marcas das agressões enquanto você falava, enquanto contava como ficou com receio de voltar ao seu local de trabalho, de encontrar ele de novo na rua e ele tentar algo pior com você. E seu trabalho não era difícil, só distribuir aqueles panfletos na frente da loja; o seu primeiro emprego ao chegar nesta cidade. Lembro que fiquei indignado quando você me contou algo que parecia inacreditável, mesmo as câmeras tendo gravado aquela terrível agressão, ele foi solto. Com um vídeo mostrando você parada, entregando os panfletos, e ele surgindo do nada e dando um soco em você; mesmo com as evidências, a polícia o deixou solto.

Esse dia entendi porque você é fogo e não fica calada, porque nesse dia você decidiu que jamais deixaria o medo comandar e, deixa eu confessar a você uma coisa: você tem tanta segurança que me faz sentir força, mesmo eu sendo um grande covarde.

94



Sally, são tantas histórias que você me contou, que seria impossível escolher uma para argumentar toda minha admiração. Talvez a mais triste foi aquela que aconteceu em Portugal, lembra? Quando você e seu namorado foram agredidos em Lisboa por aquele segurança do bar. Vocês estavam tão felizes pela viagem, tinham feito tantos planos; lembro que você compartilhava as fotos em sua conta de Instagram e a gente aqui, comentando o quanto vocês mereciam esse tempo de descanso e de férias. Foi um ano de bastante trabalho, não é? Mas para a gente nunca há descanso, pois, nossas vidas estão em constante risco; para você ainda mais; você jamais pode estar de férias.

Lembro como se fosse hoje, de tudo que você me contou quando voltou; tudo que aconteceu naquele 13 de novembro quando, uma vez mais, o seu corpo ocupando espaços incomodou. Incomodou o segurança e a outros 10 homens, que começaram a te agredir sem que ninguém fizesse nada, em uma das ruas mais lotadas do Bairro Alto, em Lisboa. Ser e estar naquele espaço incomodou muito; mas uma dúzia de homens batendo em duas pessoas não incomodou ninguém; ninguém foi defender você. Eu assisti o vídeo que você gravou fazendo a denúncia. Esse vídeo em que você disse que a gente não merece isso, que a gente não quer sobreviver, a gente quer viver. Esse dia, assistindo ao vídeo, eu queria também ser fogo, e queimar Lisboa inteira.

95

Mas eu não sou fogo, Sally, o fogo da casa sempre foi você; sua luz preenche os espaços que você habita. Ninguém fica indiferente ante tua presença. E também ninguém briga com tanta arte quanto você; ninguém luta com tanta força; ninguém defenderá todos nós, com tanta veemência como você fez. Sally, eu sou grato de conhecer você, de reconhecer sua história e de você abrir seu coração para permitir que dividíssemos nossas cicatrizes. Sou grato por você escutar as minhas histórias e me enxergar, como poucas pessoas me enxergam.

Necessariamente, sinto que nesta via de reconhecimentos, preciso continuar com nossa amada Francisca, porque se a Sally era o fogo, a Francisca foi nossa terra: o equilíbrio, a mais metódica, racional, paciente e, ao mesmo tempo, a mais prática da equipe. Francisca, suas vibrações, como as vibrações da terra, foram calmas, por isso, talvez sua busca por segurança e estabilidade, não é? Sua preocupação, o tempo todo, foram os alicerces e, mesmo com toda essa paciência, sua força, como a força da terra, foi imparável quando foi necessário. Nós falamos pouco das nossas vidas; você compartilhava mais suas histórias com os meninos, mas isso não significou que não tivéssemos uma maravilhosa amizade que possibilitou compartilhar algumas dores, algumas alegrias e nossas ilusões.

Lembro que fiquei chocado no dia que você me contou sobre aquela festa de aniversário na casa da sua amiga, quando você tinha 19 anos; todas

nós fomos agredidas por pessoas bêbadas em algum momento, mas isso que o tio da sua amiga fez, enquanto as outras pessoas estavam atentas à celebração, não tem comparação; você estava tranquila quando em um momento ele se aproximou e começou a ofender você. Pelas ofensas, você tentou ir embora assustada, como eu teria feito, mas foi agarrada e enforcada, e só porque familiares da sua amiga conseguiram contê-lo, ele soltou você. As palavras desse energúmeno ainda ecoam na sua mente: “você não devia estar aqui, este é um ambiente de família”; “é uma vergonha vocês os homossexuais”. Essas palavras também ecoam na minha desde esse dia que você me contou. Essas palavras ecoam nas nossas cabeças, ditas por outras pessoas, em outros ambientes, mas sempre no mesmo tom: o tom que dá a superioridade moral a quem se acha melhor por acreditar na “normalidade”.

Sei que por isso você procurou este espaço, porque aqui você não precisa se preocupar por beijar uma menina, ou duas... ou mais, se você quiser, como naquela festa que fizemos. Sei que é por isso sua preocupação com os alicerces da casa, para não acabar; para não precisar voltar ao Parque Avellaneda, onde você e sua namorada foram atacadas naquela tarde de domingo, curiosamente, depois da Marcha do Orgulho. Você trabalhou muito pela nossa casa para não precisar voltar naquele parque em que outros casais ficam abraçados, compartilhando e se beijando, mas que a tua presença e da tua namorada, abraçadas, é suficiente para alguém se sentir autorizado para defender as crianças do mundo. Foi isso que aconteceu, não é? É isso que sempre acontece. Aquele homem pediu para ficarem separadas, novamente, porque era um lugar familiar e havia crianças; crianças que, aparentemente, só ficavam incomodadas com vocês duas abraçadas e, como sempre, você fez o que achou correto: continuou abraçada com a Bárbara, curtindo a tarde. Duas mulheres que não se amedrontam ante um desequilibrado desses dá muito medo; e o medo de pessoas fracas, com uma masculinidade sempre em risco de quebrar em público, fez com



que esse cara precisasse gritar e xingar. Todas nós assistimos ao vídeo que a Bárbara gravou: “você estavam transando, tirem as camisas...”, gritava aquele homem. E esse vídeo só aumentou a raiva dele que lançou o *frisbee* que tinha na mão sobre vocês e depois as empurrou. Lembro que você me disse que o mais triste não foi a agressão, senão perceber

que neste parque, um lugar tão especial para vocês duas, um lugar que vocês gostavam tanto, muita gente presenciou o ataque e não fez nada. Só aquela moça que tentou ajudá-las depois. Parecia mentira que no sábado tínhamos marchando juntas pela nossa dignidade e nosso orgulho e, no domingo, vocês estavam sendo atacadas.

E o mais louco é que esse desassossego nos acompanha sempre, não é exclusivo da nossa cidade; onde a gente for, no local que a gente estiver, nossos olhos precisam ficar atentos. É um fantasma que segue a gente, uma assombração que não precisa de visto para viajar junto com a gente, como naquela vez que vocês foram até Santiago do Chile, lembra? Eu sei que você lembra e eu não esqueço, porque nem de férias, nem com o dinheiro para pagar pelos lugares que queremos habitar, estamos seguras. Vocês estavam postando muitas fotos de vocês duas naquela viagem nas redes sociais e, em um momento, só compartilharam paisagens. Não era normal, e aqui ficamos preocupadas, porque já tínhamos acompanhado a viagem da Sally para Lisboa. Só ficamos sabendo quando voltaram.

Eu vi nos teus olhos essa dor, e por isso não precisei dos detalhes. Eu entendi quando vi você entrar pela porta, porque teus olhos gritavam. Foi naquele 17 de setembro, às 20h, você disse, quando chegaram naquele hotel que tinham pago adiantado, quando esse guarda de segurança, que segundo você, talvez estivesse bêbado, incomodou-se com a proximidade de vocês duas. Eu ainda não consigo entender como aconteceram as coisas direito, pois tudo parece tão rápido, tão confuso, tão surreal; você sendo trancada no quarto enquanto tua namorada era golpeada, com uma garrafa, por aquele homem e a mulher que o acompanhava; bateram no rosto dela com diferentes objetos, morderam seu dedo e chutaram a sua cabeça no chão enquanto gritava, e você escutava do quarto o que o homem gritava: “por fim, encontrou um homem de verdade”.

Li nas suas lágrimas e nas suas mãos apertadas, o quanto foi desesperador



ficar nesse quarto trancada enquanto tudo acontecia lá fora com ela. E no momento que você conseguiu escapar e ameaçar com denúncia, aquele cara começou a enforçar você; novamente, ninguém fez nada para defender vocês, pelo contrário, algumas pessoas o ajudaram. Todas as denúncias não serão nunca suficientes para voltar no tempo e tirar da sua pele, e do seu coração, as cicatrizes; por isso eu entendo sua seriedade quando falamos da casa, sua necessidade de mantê-la aberta, de ter este lugarzinho acolhedor. Sei que por isso você insiste com esses assuntos da militância política, do compromisso, de criar bases sólidas e não deixar a gente se guiar só pela emoção. Eu entendo bem, Francisca, porque você sabe do que fala e eu aprendo muito escutando você.

Francisca, esta casa não teria dado certo sem sua força e isso precisa ser reconhecido, precisa ser celebrado. Nossa história não foi para sempre, mas a história que fizemos juntas nesta casa será para sempre, porque sempre teremos esses momentos; nossas reuniões, nossos documentos e relatórios; e suas risadas com as piadas do Werner, de quem vou falar a seguir.

Werner, Werner, Werner... o que falar do senhor que não tenha sido falado em alguma reunião. Continuando a lógica deste texto, se a Sally era fogo e a Francisca era terra, você, definitivamente, foi a água da nossa casa, sempre refrescante, sempre transparente, administrando as nossas economias e muito atento para não permitir águas turvas, sempre com muita paz e serenidade. E, também, como a água, você sabia se adaptar a todas as situações, participando de vários grupos, e ao mesmo tempo deixando tudo fluir. Contudo, nenhuma dessas habilidades podia evitar que a dor também marcasse sua vida, como a minha, como a nossa, né? A gente nunca falou das nossas dores, porque falamos de dinheiro, de doações, de pagar as contas da casa quase sempre; mas não precisávamos falar das nossas histórias, pois a gente viveu coisas parecidas e a nossa dor entendia a dor do outro, sem tantas palavras, sem tanta introdução. E bom, eu que sou de gêmeos, sou curioso e fiquei sabendo do seu passado pela Sally, que me contou.

Ela me contou daquela vez que você e o seu namorado estavam na rua e três caras começaram a lhes insultar de longe e, sem tempo para reagir ou fugir, se aproximaram e começaram a bater em vocês. Suas mãos, cotovelos e joelhos ficaram com ferimento tentando defender o Thiago; e você acabou recebendo um soco que lhe derrubou. Você nunca fala disso, e os detalhes foram contados pelo Thiago. A Sally me disse que foram os vizinhos do local que ajudaram vocês, que saíram nas varandas e começaram a gritar; talvez você não se lembre porque tinha recebido um golpe na cabeça e estava no chão, e se esses caras tivessem seguido batendo, você poderia ter morrido. Você sabe disso e, mesmo assim, não fala, só faz piadas e fica rindo. Você sempre tenta deixar as nossas reuniões mais leves; às vezes eu penso que você faz piadas para a gente não perceber que a dor está aí.



A dor de receber ódio gratuito, sem sentido e desproporcional, como aconteceu naquela campanha da loja de carros no Instagram.

Poucas vezes você se entusiasmou de verdade, e nesse dia você estava, eu me lembro; estava orgulhoso da foto junto com o Thiago, abraçados na frente daquele Polo Hatchback, da Volkswagen, e ser parte da campanha dessa loja. Vocês estavam felizes porque, no meio das várias imagens de todo tipo de casais reais postadas nesse perfil, estavam vocês dois; com uma legenda focada nos atributos do carro. Você achou que essa era uma conquista muito importante. Nós, em casa, comentamos quanta felicidade você irradiava. Mas a alegria não nos é permitida por muito tempo, não é? Ela é efêmera na nossa vida, pois bastaram algumas horas para essa alegria virar desesperação depois de ler vários comentários da publicação. Não foram elogios, como nas outras fotos, porque na de vocês pessoas escreveram que deixariam de consumir produtos da marca, xingaram e os ameaçaram. A sensação de conquista acabou, acabou para vocês dois e para todos nós. Veio uma sensação ruim, uma vontade de responder, de querer rebater, mas, novamente, você não fez; você sabe onde investir suas energias, a exemplo: pagando as contas da nossa linda casa, onde podemos ficar felizes pela foto de vocês. Tantas contas para pagar, tantas atividades para fazer, que não ficou tempo de responder esses comentários. No fim, como você mesmo disse, “as pessoas estão disseminando ódio e maldade, especialmente pela internet, onde acham que tudo podem, mas estar mais próximo da militância trouxe uma iluminação em como lidar com esses atos”.

Werner, eu enxergo você, e vejo que toda sua alegria esconde uma dor contida. Eu não estou pedindo para você ser uma pessoa amargurada nem agressiva, muito menos briguenta. Você é você. Mas saiba que a gente já pegou você no pulo, já sabemos seu segredo, já conhecemos seu coração. Nossas dores nos permitem enxergar as suas. Você repete constantemente que não se importa com os ataques, que são atitudes de seres inferiores que precisam de

atenção psicológica, mas eu sei que essa dor está aí e faz você chorar, como naquela vez do barbeiro desnecessário do Shopping. Quem iria se importar com um vídeo gravado por um barbeiro qualquer, né? Para que se incomodar respondendo um ataque desses? Werner, eu me importo; eu quero responder; eu não desejo que as coisas fiquem assim. Eu não fiz nada nesse dia, e me arrependo até hoje, porque o cara não tinha porque gravar vocês e gritar o que gritou, fazendo vocês se sentirem totalmente desconfortáveis. A gente não faz palhaçadas, nosso carinho não é putaria.

Eu fiquei indignado com esse vídeo, Werner, vocês tentando esconder os rostos e fazendo sinal negativo com a cabeça, enquanto o cara da mesa do lado estava rindo da situação. Cada vez que assisto esse vídeo, encho-me de motivos, traz a mim argumentos, não me deixa esquecer que a gente não está pedindo um favor, senão exigindo um direito. Eu aceitei não falar nada naquele dia, mas decidi nunca mais ficar calado, eu estou aprendendo com a Sally. Eu não sou de brigar, não faria um escândalo na loja do cara, embora iria se a Sally me convidasse. Mas eu quero responder, não posso seguir ficando calado; eu não consigo me adaptar com tanta facilidade, Werner. Não consigo ficar congelado quando está frio e evaporar quando tudo esquenta, e mesmo assim, admiro você, porque isso que você faz é um superpoder que lhe permite entrar em espaços que outras pessoas da casa não podemos. Por isso você é e será sempre nossa água.

Deixei para falar no final de duas pessoas que chegaram com novos ares na nossa casa: a Ninna e a Olímpia. Vocês trouxeram harmonia, inteligência e uma incrível comunicação para nosso projeto. Bastante comunicação, precisamos confessar, não é mesmo? Muita fluidez e muita criatividade. Criatividade como quando fizemos essa exposição no Museu ou a maravilhosa festa junina. Criatividade e compromisso, porque cada uma, a partir de seus



saberes, conseguiu, sozinha, levar nas costas algumas atividades.

Todas nós, na casa, aprendemos com vocês, aprendemos dos seus compromissos e, também, tivemos que aprender a entender e reconhecer as suas dores. Às vezes, a gente fica tão atento das próprias cicatrizes que acabamos desconhecendo as feridas das pessoas que estão ao lado. Às vezes, preocupamo-nos com alguns machucados com sangue, porque parecem mais graves e não entendemos lesões profundas que, superficialmente, não parecem sérias, mas que doem de uma forma terrível, como as feridas de vocês.

Com as duas, em momentos diferentes, falei e me compartilham muitas de suas dores, que por curiosidade, foram produzidas, principalmente, por nós. Nós, que deveríamos abraçar a diversidade, quisemos limitar a diversidade; embora vocês tenham ferimentos físicos, as feridas que a gente causou são mais psicológicas e emocionais; essas, aparentemente, são menos violentas que os ataques que as outras pessoas da casa receberam, mas não menos dolorosas. Lembro que aquele rapaz na roda de conversa disse para a Ninna que: “ela só queria chamar a atenção”, que era só uma modinha e que, segundo “estudos”, pessoas como vocês não existiam. “Pessoas como vocês”, ele disse, e todos olhamos sem entender; ele, um homem homossexual, que supostamente conhece sobre preconceito, disse “pessoas como vocês”; e falou desses estudos e também ninguém entendeu: como um estudo poderia apagar a existência de pessoas reais que falavam com ele nesse dia? Que tipo de estudo poderia validar os sentimentos reais ou a atração real de vocês e de tantas outras pessoas reais.

Lembro do outro dia que a Olímpia me confessou a insegurança que gerava participar da casa, a constante sensação de ocupar um espaço que não era dela, porque não estava namorando uma menina senão um menino, e não tinha como demonstrar que “fazia parte do clube”.

Você me disse que essa sensação apareceu depois do comentário que escutou daquela moça na universidade, que lhe disse que era só uma etapa e que acabaria ficando só com meninas com o tempo; que ao provar uma vez, posteriormente não poderia sair; que essa etapa de indecisão iria passar e acabaria se assumindo. Sei que não existe uma resposta amigável ante esse tipo de comentário, sei que você só levantou a sobrancelha e sorriu para não entrar em debates, mas doeu muito porque você sabe que o ar jamais vira terra e esse comentário só aprofundou aquela sensação de se sentir deslo-



cada, mas o desejo era responder que não existia indecisão, que você sempre teve clareza no que sente.

Indecisas, vocês? Você Olímpia, que é uma das mulheres mais corajosas que conheço? Você, que foi na primeira reunião sem conhecer ninguém e tomou para si grandes responsabilidades nesse mesmo dia? Indecisa, a Ninna? Quem disse que faria um evento que pensamos que seria impossível e acabou fazendo aquela incrível festa junina? Uma mulher com um relacionamento estável de muitos anos? Uma mulher que pega gatos e cachorros da rua e leva para casa sem pensar duas vezes? Indecisas? Não tem um adjetivo mais mentiroso para tentar descrever vocês duas. Vocês são ar, o ar não é indeciso; ele chega chegando, entra e preenche os espaços.

Lembro muito que um dos momentos mais incômodos foi aquela Parada do Orgulho, quando os beijos entre o povo rolaram e começaram as cobranças para a Olímpia: “você não beija todo mundo? Kd?” Esse incômodo era evidente, ainda mais porque você queria esse dia só beijar uma boca, aquela boca dessa menina que te olhava. E ela também estava a fim de você, até descobrir que você tinha beijado um conhecido dela. Esse dia a festa acabou em lágrimas quando você me contou que aquela menina, bêbada, disse a você que não podia beijar a boca “de quem chupa algo que ela não gostava”. Nosso abraço conseguiu ser mais longo porque precisávamos sair daquele local, mas tentamos parar o tempo naqueles minutos. Ela não tinha o porquê de falar isso, eu sei, e eu não soube o que dizer também, porque sei que alguma vez pensei igual; e me arrependi tanto nesse minuto que tentei, com nosso abraço, pedir perdão por todas as vezes que nós causamos todas essas feridas tão profundas em vocês.

Apreendi, junto de vocês, que pessoas discriminadas, discriminamos; que pessoas violentadas, podemos ser muito violentas; que pessoas com dores terríveis, podemos causar dores maiores. E por isso sempre compreendi a necessidade de falar do assunto na casa, de nos ensinar, de nos cutucar; de trazer ventos de mudança para nossas mentes e nossos corações, que graças a vocês duas ficaram ainda mais coloridos.

Todes vocês contribuíram de uma forma ou de outra para esta casa e para a minha própria vida; vocês foram fogo e lutaram pelo que acreditávamos, ao mesmo tempo que aqueceram nossos espíritos; foram terra e procuraram construir os alicerces fortes e estáveis para nossos corações; foram água, fluindo e se adaptando aos climas e mudanças; e foram ar, refrescando e dando oxigênio às nossas almas. Sem cada uma de vocês, não teria sido possível nossa casa, nosso sonho, nossa luta. Porque cada uma de nós vibrou em sua frequência e conseguiu que nosso projeto fosse éter, fosse espaço, virasse energia de mudança. Valeu por cada minuto.

Obrigado. Abraços.



IMAGEM 56: Primeiro Fórum de Casas de Acolhida TLGB+ do Brasil, Setembro de 2019.

Fonte: página do Instagram da Casa Miga LGBT.

MILITÂNCIA DO CUIDADO NO FIM DO MUNDO

A Casassa não foi o único lugar acolhedor para pessoas TLGB+ que conheci no Brasil, nem o único lugar acolhedor que trabalha a partir da Militância do Cuidado neste Fim do Mundo. Igualmente ao que aconteceu com a Casassa, existem muitos outros lugares acolhedores que começaram como alternativas de alguma coletiva de pessoas que se organizam e decidem trabalhar para construir lugares acolhedores para elas próprias e para outras pessoas TLGB+. Habitualmente, também, estes lugares acolhedores são motivados a partir da dororidade de algumas pessoas; o que faz com que pessoas diversas, de diversos níveis socioeconômicos e com histórias diferentes também se encontrem e enxerguem suas próprias dores nas dores das outras pessoas. É essa dororidade que movimenta a sororidade, a solidariedade, a empatia e até a caridade de muitas outras pessoas.

103

É o caso de algumas outras casas de acolhimento no Brasil, a exemplo da Casa1, em São Paulo, uma casa que virou referência e inspiração para muitas outras casas TLGB+ que acabariam se criando algum tempo depois, inclusive a própria Casassa. “Resistir a discriminação, pobreza ou vulnerabilidade que resultam das identidades sexuais é uma prática diária para muitas pessoas (...) [e a Casa1] promove essas práticas não só ao propiciar um espaço de cuidado e contenção, senão também possibilitando a aparição dessas identidades no espaço público graças a estratégias performáticas de escala comunitária” (SOUZA DUARTE; CYMBALISTA, 2020, p. 128).

A Casa1 organizou, em setembro de 2019, o I Fórum de Casas de Acolhida LGBT+ do Brasil (IMAGEM 56), com o apoio da OAB-SP (Ordem de Advogados do Brasil), e conseguiu reunir, pelo menos, doze (12) casas do Brasil para, durante três dias, falar sobre questões legais, burocráticas, administrativas, de saúde, comunicação, gestão e financiamento, entre muitos outros assuntos relevantes e inerentes ao trabalho que estas organizações desenvolvem. Algumas atividades aconteceram no próprio Galpão da Casa1 e outras na sede da OAB-SP ou no Teatro dos Arcos. A ideia desse Fórum foi iniciar a articulação e o fortalecimento de uma rede nacional, além do compartilhamento de práticas e desafios cotidianos do trabalho.

Como disse, esse encontro aconteceu em setembro de 2019, justo no tempo em que a Casassa fechava suas portas e, eu, como representante da Casassa, participei desse Fórum e

conheci diferentes lideranças de casas de abrigo e acolhida que trabalhavam pela população TLGB+ em suas cidades e regiões. Casas em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Sergipe, Ceará e outros estados brasileiros se encontraram para compartilhar experiências e projeções para o futuro; nesse dia aproveitei e marquei com três dessas lideranças para conhecer melhor seus projetos. Essas entrevistas foram realizadas em 2020, no começo da pandemia, e nelas consegui conhecer ainda mais a diversidade e potência da militância do cuidado que essas equipes fazem e constroem dia após dia. As lideranças das casas que convidei e aceitaram responder minhas perguntas foram de Rio de Janeiro, Manaus e São Paulo. Vou começar pelo Rio de Janeiro com a entrevista da Natália Pasetti, fundadora da Casinha, com ela falamos do trabalho que sua equipe desenvolveu na cidade maravilhosa.

RIO DE JANEIRO – A CASINHA⁰¹



IMAGEM 57: Significado da logo Casinha.

Fonte: página do Instagram da Casinha Acolhida.

3.1 VIAJEI O MUNDO TODO DENTRO DO RIO DE JANEIRO

Conversar com a Natália foi uma maravilha, como sua cidade. Ela começou me contando que sempre quis mudar o mundo e acabou descobrindo que no Rio de Janeiro pode-se encontrar o mundo inteiro. Isso me fez lembrar de um funk que diz: “vem que tá maneiro, eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro” (Canção: Eu Viajei o Mundo Todo Dentro do Rio de Janeiro; Mc Flavinho, 2018). Natália Pasetti é uma mulher lésbica CIS, formada em ciência política, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que, no momento de responder esta entrevista, trabalhava como pesquisadora do programa Diversidade, da Fundação Getúlio Vargas

(FGV) do Rio de Janeiro, e era a presidenta fundadora da Casinha (IMAGEM 57), um lugar acolhedor para pessoas TLGB+ na capital carioca; projeto que trabalha de forma virtual, com o objetivo de ser um centro de referência e uma casa de acolhida para jovens TLGB+ em situação de vulnerabilidade. Aqui, é importante deixar claro que todas as falas que foram registradas e

⁰¹ Informações do site da Casinha: “A Casinha é uma ONG carioca que atua desde 2017 apoiando a população LGBTI+, especialmente pessoas expostas a situações de vulnerabilidade e violações de direitos. Oferecemos atendimento emergencial-pontual ou contínuo, além de encaminhamento para uma ampla gama de profissionais da rede socioassistencial e outras organizações parceiras. Temos projetos e ações específicas nas vertentes de:

Serviço Social, Empregabilidade, Educação, Cultura e Saúde. Além disso, também participamos de eventos, conferências nacionais e internacionais, discussões de projetos, ações sociais e acadêmicas, sendo uma ONG de destaque na defesa da população LGBTI+ na cidade e no estado do Rio de Janeiro. DISPONÍVEL EM: <https://www.casinha.org/sobre.html>

transcritas sobre a atuação da Casinha pertencem a Natália, e por essa razão foi decidido não identificar cada uma delas, visando deixar o texto limpo.

No Rio de Janeiro não é fácil ser TLGB+, segundo a Natália, pois é um estado que tinha o advogado Wilson Witzel, do Partido Social Cristão (PSC), como governador, e quem, mesmo tendo um filho trans, nunca pautou nem abordou assuntos para a população TLGB+ até seu impeachment, no dia 30 de abril de 2021. Um estado que durante esse tempo tinha uma capital liderada pelo prefeito Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), um político e religioso que tampouco tem nas suas pautas os assuntos TLGB+. Isso fez com que a Natália e sua equipe, como muitas outras coletivas TLGB+, tivessem muitas dificuldades para conseguir um espaço físico na cidade, para poder construir o Centro de Referência e, a partir desse trabalho, poder se organizar para ter a casa de abrigo para pessoas TLGB+.

Natália comentou que no Rio de Janeiro existe o CEDES (Centro de Estudos de Direito Econômico e Social), um órgão voltado para a diversidade sexual, com pessoas muito comprometidas com o trabalho com a população TLGB+. Contudo, esse órgão pertence a uma prefeitura liderada por uma pessoa muito religiosa que se posicionou, publicamente, em várias oportunidades, contra as questões TLGB+, e contra qualquer pauta de população minoritária, o que fazia com que sofressem ataques de todos os lados. Todo este contexto político e social da cidade do Rio de Janeiro fez com que a Casinha, como comentamos, tivesse grandes dificuldades para conseguir um espaço físico. Segundo Natália, “a prefeitura demorou para aprovar; uma vez aprovado, chegaram as dificuldades com as pessoas proprietárias das casas para alugar”. Essa luta vem desde 2018, processo que fez com que tivessem, inclusive, que alterar os estatutos, retirando a parte de acolhimento, para não terem problemas com os proprietários dos imóveis no momento de alugar.

Mas a história da Casinha começou alguns anos antes desse processo de estatutos e os problemas com a prefeitura. A primeira semente veio quando a Natália fazia parte de um grupo no Facebook voltado para mulheres lésbicas e ali elas trocavam vivências e faziam encontros e debates sobre várias temáticas. Esse grupo na web foi por algum tempo um lugar acolhedor para a Natália, que se sentiu muito abraçada quando resolveu assumir, não só ela, senão muitas outras meninas, que era uma mulher lésbica. “Nesse grupo tinham meninas muito novas, entre 17 e 18 anos”, e a Natália ficava comovida quando encontrava publicações de meninas falando que os pais haviam descoberto, que estavam sofrendo dentro de casa, que tinham sido expulsas e não tinham para onde ir; uma dor que ela conhecia. Foi essa dororidade que levou a Natália, e outras meninas do grupo, a uma mobilização para tentar ajudar a resolver essas situações. Nesse tempo a Natália trabalhava com direitos humanos e começou a ver muitas notícias de ataques a pessoas TLGB+ no mundo, e saber que tanta gente é perseguida causou nela um terror; sentiu-se, então, na obrigação de fazer alguma coisa para mudar essa realidade.

A forma como veio a ideia da Casinha foi até engraçada, segundo a Natália, que contou que uma vez comentou para sua terapeuta sobre o seu desejo de querer fazer alguma coisa para mudar o mundo, tendo ouvido da terapeuta o seguinte: “Você não acha que tem muita coisa para ser feita aqui?” Natália queria ajudar a mudar o mundo, mas o mundo todo está “dentro do Rio de Janeiro”, segundo o funk. Então, quando a terapeuta falou isso, a Natália lembrou do grupo das meninas lésbicas que tinham manifestado precisar de ajuda; ligou para a Lorena, sua melhor amiga, e contou a história. Conversaram daquele grupo, dos perrengues das pessoas TLGB+ que são expulsas de casa; “da dificuldade que temos para namorar e manter relacionamentos

escondidos, porque a rua não é um espaço seguro e dentro de casa também não”. Falaram sobre aquele simples desejo que as pessoas TLGB+ temos de poder ficar no sofá, assistir um filme com a pessoa que amamos e pegar na mão; comentaram que para elas, como para muitas outras pessoas TLGB+, não é possível criar essa intimidade porque não há espaços seguros para viver. Falaram daqueles beijos nas escadas do prédio, dentro de um banheiro do shopping, onde os lábios podiam estar juntos, mas os sentidos estavam com atenção periférica, em todo lado menos no momento do beijo.

E conversando, conversando, começaram a pensar em como seria legal ter um lugar onde as pessoas pudessem ficar à vontade e pudessem falar sobre diversos assuntos; um espaço seguro, um lugar acolhedor. Refletiram, também, que não era só sobre ter um espaço seguro para passar o dia, senão um lugar para quando você não tivesse para onde ir, quando estivesse sofrendo violência, um espaço que pudesse abrigar as pessoas durante um tempo. No meio dessa conversa, a Natália pesquisou no Google: “espaço seguro para LGBT’S”, e apareceu a Casa1. Por coincidência, a Natália tinha uma viagem marcada para São Paulo, para visitar a sua família naquela cidade. Aproveitando a viagem, foi na Casa1 e conversou com o pessoal: Foram “o Iran e Bruno que me receberam, e a partir daí começamos a estruturar”. A partir desses dias, em 2018, passaram dois anos até nossa entrevista, dois anos de trabalho e luta.

“A Lorena é amiga de anos do Lucas Melo, que agora trabalha na Casa1, e precisávamos de alguém que entendesse de números e chamamos o Lucas”, assim, aos poucos, foram se juntando outras pessoas: “tínhamos uma amiga em comum, que também é cientista política, chamada Nathalia. Ela trabalhou muito tempo com a Casa Nem, então chamamos ela porque ela já tinha experiência com casas de acolhimento”. “Também se juntou ao trabalho a Isabela, que trabalhava com produção cultural e com editais” e assim, dessa forma, foram chamando amigos próximos para contribuir com os seus conhecimentos; chegaram a ser, no começo, sete pessoas estruturando juntas o projeto. Posteriormente, fizeram alguns encontros para conversar sobre a proposta com outras pessoas, e em um desses encontros conheceram algumas pessoas voluntárias.

Contudo, construir um projeto destes é muito complicado, segundo Natália: “um bando de jovens, alguns recém-formados, outros nem formados ainda, eu ainda estava na faculdade, então teve um momento onde as pessoas começaram a se dedicar a outras coisas e não estávamos conseguindo nos entender, no final eu me vi sozinha e pensava que não poderia deixar o projeto da minha vida morrer”. Foi então que conheceram o Douglas, que enviou uma mensagem falando que tinha percebido que estavam meio parados; a Natália explicou a situação e o Douglas decidiu se comprometer ainda mais, ficando uma equipe de três agora: Natália, Douglas e Lucas, durante algum tempo (IMAGEM 58).

Começaram, então, um trabalho de estruturar o projeto, as ideias e, então, decidiram



IMAGEM 58: Natália e Douglas da Casinha.

Fonte: página do Instagram da Casinha Acolhida.

fazer uma grande chamada de voluntários. Nessa oportunidade, entraram 30 pessoas de várias áreas, e desde esse dia continuaram entrando muitas mais, e saindo também algumas tantas, mas quase sempre conseguindo manter esse número de 30. Passado algum tempo, a Lorena voltou do seu doutorado e assumiu o seu papel de presidenta da Casinha. Presidenta de uma coletiva que organiza seus trabalhos por Grupos de Trabalho (GTs). Sobre isso, a Natália comentou: "... nos entendemos como um coletivo. Apesar de termos funções dentro da Casinha, consideramos a gestão coletiva, mas no estatuto estamos como ONG. Nós três - Eu, Lorena e Douglas - estamos na parte de gestão do projeto, e cada um de nós gerencia um GT diferente". A Natália era gestora da parte de comunicação e RH; a Lorena ficava com a parte educacional, empregabilidade e financeira; e o Douglas cuidava da saúde e da cultura.

3.2 SE BUSCAN VALIENTES

*Procuram-se valentes
Que ajudem e enfrentam o Darth Vader.
E algum outro babaca, que vão abusando sempre!
Acalma valentão e presta atenção à lição (...)
Você já não está sozinho companheiro,
Nada vai te acontecer
Você só olhe para frente,
Com um sorriso e a cabeça alta"
(EL LANGUI)*

107

Talvez Natália não conheça esta música de El Languí, um cantor cigano espanhol e PCD (Pessoa Com Discapacidade), que faz sucesso no hip-hop, mas enquanto falava com ela, eu lembrei desta música, porque, sem saber, Natália e sua equipe conseguiram encontrar pessoas corajosas que ajudam e enfrentam o Darth Vader, ou, no caso do Rio de Janeiro, o Witzel, o Crivella ou qualquer outro líder desses.

Pessoas corajosas como a quantidade de voluntários e voluntárias que ajudam com os projetos da Casinha que, geralmente, são também pessoas TLGB+, embora recebem colaboração de pessoas que não são. A Natália comenta: "quando vamos fazer a seleção das pessoas que vão trabalhar com a gente, nós damos preferência para pessoas trans, negras, periféricas, enfim, para podermos dar o merecido protagonismo para essas pessoas, a ideia é essa". E para os cursos e atividades que são realizados na Casinha: "nós oferecemos prioridade de vagas para pessoas trans e pessoas negras nos nossos cursos, além de oferecer bolsas para pessoas trans, passagens, serviços que não só contemplem essas pessoas, mas também incentive elas a participarem também".

Segundo os relatos de Natália, a Casinha tem desenvolvido muitos trabalhos. Nesses dois anos, foram muitas pessoas que passaram, que contribuíram, que apoiaram e foram também muitas pessoas beneficiadas; cada uma dessas histórias marcou a vida da equipe de uma forma particular. Uma das histórias que impactou a Natália se deu no começo, quando receberam uma das primeiras mensagens ao inaugurarem o grupo da Casinha em uma rede social. Nela um menino gay, muito jovem, procurou a coletiva falando em suicídio por não estar aguentando a situação dentro da casa: "a mãe dele mantinha ele em cárcere privado. Ela saía e prendia ele dentro do quarto e só abria quando ela estivesse em casa. Enfim, ele nos

pediu ajuda e no começo ficamos um tanto quanto desesperados porque não sabíamos o que fazer. Mantivemos um acompanhamento diário com uma psicóloga amiga nossa, porque, na época, a gente nem tinha a equipe ainda. Aprontamos um currículo para ele e pouquíssimo tempo depois ele começou a ir em um psicólogo e conseguiu um emprego. Depois conseguiu uma renda suficiente para confrontar a mãe e hoje em dia ele está super bem. Ficamos muito felizes de ver a mudança”.

Outra pessoa que conseguiu emprego, apoiada pela Casinha, foi uma travesti. E ela, muito animada, disse para a equipe um dia: “Agora eles vão ter que aguentar a travesti com carteira assinada”. Para as pessoas da Casinha tem sido muito gratificante acompanhar essas histórias: “Para gente foi uma realização ver essas pessoas sendo contratadas e felizes dentro do emprego delas”.

Como a Casinha não tem um espaço físico, o trabalho é feito pela internet. Para exemplificar, no GT de saúde se trabalha com psicólogas voluntárias que organizaram uma rede de prestadores de serviços, como médicos, psicólogas, psiquiatras; pessoas que trabalham com saúde tanto física quanto mental, que oferecem um horário e um espaço para atender pessoas que são encaminhadas pela Casinha. Na maioria das vezes, é um atendimento gratuito ou com um preço acessível. Antes de começarem a atender, “esses profissionais passam por um treinamento que oferecemos, então são profissionais que confiamos, e também fazemos o acompanhamento de um ano desses acolhidos que são encaminhados, para ver qual a evolução dessa pessoa”. Estas capacitações e treinos são importantes porque nem todos os profissionais sabem sobre assuntos de gênero, orientação ou identidade. A Casinha também tem seu próprio grupo terapêutico, e para conseguir atender bem, fez uma parceria com uma psiquiatra que empresta a sala dela para esses encontros acontecerem. Normalmente, as pessoas procuram a Casinha pelo Instagram ou pelo Facebook, quando não são encaminhadas por outras pessoas. Os contatos são feitos de forma virtual, pelas redes sociais ou pelo WhatsApp.

Além desses grupos terapêuticos, ainda há grupo de trocas entre profissionais: “...nós temos o nosso grupo terapêutico que é um grupo mediado por uma psicóloga, mas é um grupo de trocas também, tem grupo de profissionais da saúde que uma vez por mês esses profissionais da saúde se encontram e trocam experiências de atendimento”; alguns destes profissionais são TLGB+ ou trabalham com população TLGB+. Junto com esta proposta, a Casinha oferece também um grupo terapêutico para as pessoas voluntárias: “porque achamos importante as pessoas que cuidam serem cuidadas também”.

Outros projetos que a Casinha desenvolve são, por exemplo, grupos de reforço escolar, coordenado pelo GT educacional, que conecta pessoas que precisam de apoio em alguma matéria, ou precisam estudar para o vestibular com professores de diferentes matérias. Essas aulas são chamadas de monitorias virtuais, e podem acontecer de maneira virtual ou presencial, e para esses profissionais também se faz uma capacitação. A Casinha ainda tem cursos de formação que faz em parceria com outros profissionais, a exemplo de cursos de produção cultural ou de desenho, que concluem com a produção de uma cartilha e um curso de produção de moda, entre outros mais.

Arelado a este processo, o GT de empregabilidade faz suas contribuições em dois momentos: um primeiro momento de acompanhamento, quando se recebem as pessoas que estão desempregadas, fazem o currículo; e um segundo momento de empregabilidade, que

são as parcerias com empresas; empresas que também recebem treinamentos, com falas sobre a importância de contratar pessoas TLGB+. Fala-se das possibilidades de se fazer processos seletivos que incluam as pessoas cadastradas na Casinha. Até o momento da entrevista, já tinham conseguido que 10 pessoas fossem contratadas, sendo a maioria delas pessoas trans.

Natália trouxe uma lembrança que marcou seu trabalho. Uma vez ela estava em uma festa junto com o Douglas, e então um menino que não conheciam se aproximou: “ele chegou na gente perguntando se éramos da Casinha e agradecendo, dizendo que por causa da gente o melhor amigo dele não se matou, porque através da gente ele foi encaminhado e estava fazendo tratamento”. Cada uma dessas histórias chega sem ser anunciada, e são histórias que são gás para continuar com o trabalho.

Contudo, estas histórias não vêm só de fora da Casinha, de pessoas externas; não só as pessoas apoiadas pela Casinha sentiram que foram acolhidas, também os e as voluntárias e colaboradoras e suas famílias são acolhidas (IMAGEM 59). Natália lembrou de uma vez que a mãe de uma das voluntárias participou de uma festa, e se ofereceu para levar salgadinho e compartilhar com todos que ali estavam. A senhora, em meio a conversa, agradeceu a Natália porque antes da Casinha a filha estava passando por um momento muito complicado: “ela disse que tinha que agradecer porque, antes da gente, a filha dela estava com uma depressão muito profunda e nós demos para ela um novo sentido de vida, de poder ajudar o outro e ter uma motivação; isso foi muito importante para ela. Então uma das coisas que eu mais me orgulho na Casinha é que nós não só ajudamos pessoas de fora, mas também viramos uma família, somos muito amigos”.

Para Natália, uma das estratégias mais efetivas da militância é o cuidado, porque é através desse acolhimento que se fortalecem todas as outras formas de militância: “uma das táticas da militância é a gente se cuidar, a gente permanecer bem para poder enfrentar, para lutar pelos nossos direitos, acho que é muito importante a gente permanecer saudável apesar de tudo, para poder continuar, para não ceder e não deixar os fascistas tomarem a nossa vida e a nossa luta. Então, acho sim, que cuidar das pessoas é uma forma de militância, uma questão além de tudo de sobrevivência, de olhar para gente e se cuidar, de deixar todo mundo bem e poder continuar”.

Dois anos depois desta entrevista, falei de volta com a Natália, após a pandemia; depois de todas as mudanças que esta situação global trouxe. Sua vida mudou muito, novos trabalhos, novos desafios pessoais. Sobre a Casinha, contou-me que este tempo fez a equipe entender que, mesmo sendo importante o abrigo e acolhimento físico, não seria possível tão cedo executar esse projeto, e por isso seria melhor focar no trabalho que estavam realizando, ainda mais neste período tão complicado para todas as pessoas, especialmente para as pessoas TLGB+. Por essa razão, iniciaram um projeto de doação que, atualmente,



IMAGEM 59: Convocatória da Casinha para voluntários.

Fonte: página do Instagram da Casinha Acolhida.

está atendendo quase 250 pessoas por mês com cestas básicas; intensificaram o programa de saúde mental; fizeram alguns projetos virtuais como: cursos, encontros, festas, com o intuito das pessoas não se sentirem sozinhas e isoladas neste tempo de isolamento. No ano de 2022, começaram a retomar algumas atividades presenciais como reuniões e festas e o lançamento de um documentário sobre os cinco anos de trabalho da Casinha. Adicionalmente, durante a pandemia conheceram a Casa Dulce Seixas, uma casa de acolhimento na cidade do Rio de Janeiro, liderada por uma mulher trans, e criaram uma parceria para apoiar o trabalho deste lugar acolhedor na cidade maravilhosa.

MANAUS – A CASA MIGA⁰²

3.3 O TEMPO E A ETERNIDADE

O final da canção O tempo e a eternidade, do grupo manauense Chapéu de Palha, diz, em forma de poesia, que “foi então que um velho compadre meu disse que a vida não é assim, tão bela quanto eu pensava quando nasci. Mas que seria, sim, tão bela quanto eu a fizesse, do dia em que eu nasci, do lado daqui; até o dia em que eu nascesse do lado de lá” (Canção: O tempo e a eternidade; Chapéu de Palha, 2021). E longe do Rio de Janeiro, no coração da Amazônia brasileira, em Manaus, um grupo de pessoas fizeram da vida algo um pouco mais belo; fizeram de uma casa qualquer, uma casa amiga. A Casa Miga foi fundada na capital do estado do Amazonas por um grupo de militantes, entre eles o Emílio Félix Sánchez Morón, a quem conheci no Fórum de Casas de Acolhida, em 2019. Emílio me contou que é bacharel em Relações Internacionais e pós-graduando em Direitos Humanos e Questões Étnicas Sociais, com diploma superior em Diversidade Sexual e Direitos Humanos e, para o momento da entrevista, era Coordenador Voluntário de Relações Interinstitucionais da Casa Miga; além de ter sido tesoureiro e secretário geral do Manifesta LGBT, um movimento criado por jovens da cidade que não estavam satisfeitos com o movimento TLGB+ do Amazonas, porque, segundo comenta Emílio: “a parada LGBT de Manaus não é nem minimamente politizada como é a de São Paulo”. Além desse trabalho, Emílio também era membro do comitê técnico de saúde TLGB+ do estado do Amazonas e membro da comissão de minorias da OAB. Vale a pena esclarecer, portanto, que todas as falas relatadas nesse subcapítulo pertencem ao Emílio.

O nascimento da Casa Miga foi uma junção de acontecimentos aleatórios, que colidiram em 2017. Emílio comentou que o primeiro indício que eles tiveram de uma casa de acolhimento tinha sido com o Movimento Social do Amazonas, há 40 anos, iniciando com o Adamor Guedes que, como relatou Emílio, “foi um militante TLGB+ de Manaus, que foi assassinado”. À época, falava-se bastante de uma casa de acolhimento, mas ninguém, segundo o Emílio, ainda tomava a iniciativa. Foi então que aconteceram diversas coisas, todas elas culminando na criação da casa. Emílio, que estava em uma aula da pós-graduação com uma professora da assistência social, comentou

02 A Casa Miga é uma associação sem fins lucrativos que abriga pessoas TLGB+ em situação de vulnerabilidade, também refugiados e imigrantes, além de ajudar famílias com cestas básicas. A Associação Manifesta LGBT junto com ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) apoiam esta que é a primeira casa de acolhimento para o público TLGB+ da Região Norte, e que está localizada no Centro da cidade de Manaus, com capacidade para 24 pessoas.

que ela presidia um grupo que chamava os pais de pessoas TLGB+ recém assumidas, e que eram rejeitadas em suas casas, para uma conversa. O assunto não era especificado, pois apenas se exporia a importância da aceitação de todas as diversidades, o que contribuía para que as próprias casas pudessem ser lugares acolhedores para esses estudantes.

Saindo da aula, Emílio encontrou uma colega da turma que, tempos depois, seria a responsável pelo Ambulatório de Saúde TLGB+ do Estado do Amazonas. Durante a conversa, ela comentou sobre o TCC de uma aluna que pesquisava sobre saúde TLGB+ no Brasil, manifestando interesse, juntamente com a aluna, de instalar um ambulatório no estado do Amazonas. Quando ela falou sobre o assunto, Emílio lembrou de algumas informações que seriam importantes: “então quando ela falou isso, eu lembrei quando a Sebastiana Silva, que é a atual gerente de diversidade e é atual membro do Manifesta LGBT, tinha comentado que estava se falando ainda sobre a possibilidade de ter uma delegacia especializada para esta população”. Eram muitas informações girando na cabeça do Emílio: “Bom, já tem a perspectiva de uma delegacia, tem o cuidado pós-saída do armário, vai ter o cuidado da saúde, mas não tem ninguém que trabalhe com o meio termo, quando se é expulso de casa e está na rua” (IMAGEM 60).

Foi então que, ao chegar em casa, pesquisou na internet sobre casas de acolhimento no Brasil e no mundo. Ali, ele acabou descobrindo um programa de televisão dos Estados Unidos, da Ellen DeGeneres, que falava sobre o *Trevor Project*, e descobriu que eles tinham uma casa de acolhimento, com escola quando é necessário, linhas de prevenção ao suicídio e alguns outros serviços. Emílio gostou daquilo que descobriu e pensou que seria ótimo conseguir oferecer algo semelhante, levando em consideração o contexto brasileiro: “pensei comigo em adaptar isso para a realidade brasileira, e então fui fazer um *slide* sobre o que seria esse projeto que eu estava imaginando. E então teve uma reunião do Manifesta. Eu falei com o Gabriel Mota, que era e ainda é presidente do Manifesta LGBT e disse que estava com uma ideia que eu precisava apresentar para eles, sobre uma casa de acolhimento para se fazer em Manaus”. De fevereiro, que foi a primeira conversa com sua amiga do ambulatório, até abril, a reunião do Manifesta em que se apresentou a proposta: “A partir da apresentação dos slides deixa de ser um projeto só meu e passa ser coletivo, da Associação Manifesta LGBT+ e os escritores do Projeto final são Eu, Gabriel Mota e Maurício de Oliveira”. O Emílio ficou pesquisando serviços de acolhimento para a população TLGB+ nos sítios de pesquisa, momento que conheceu a Casa1. Tal descoberta o motivou ainda mais.

O primeiro nome que o Emílio apresentou para este projeto foi Casa de Acolhimento Dandara Dos Santos, em homenagem a Dandara, uma travesti assassinada no Brasil, à época, havia dois meses: “foi esse o primeiro nome que apresentei na reunião do Manifesta. Na apresentação desse projeto, muita coisa foi coletada, tanto que na primeira vez que foi calculado o



IMAGEM 60: Bloco da Casa Miga.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Miga LGBT.

quanto de verba precisaria, o valor chegou a quase 200 mil reais, o que é impossível de conseguir no Brasil se você não tem a quem recorrer”. Neste momento, o Centro de Acolhimento Dandara Dos Santos tinha como objetivo ser um centro de apoio para a população TLGB+ em situação de risco, oferecendo cursos profissionalizantes, palestras e abrigo. Esse espaço contaria com uma linha de apoio para prevenção de suicídio, que funcionaria 24 horas por dia, 7 dias por semana, e também com capacitação de pessoas para o atendimento ao público TLGB+. A proposta tinha muitas características que, com o tempo, precisaram ser avaliadas: “o projeto também queria fechar um círculo de atendimento para pessoas TLGB, fazendo parcerias público-privadas (...) Eu sempre falo que o que estamos fazendo agora na Casa Miga é apenas 10% do que a ideia toda era, porque não temos esse dinheiro todo”.

O trabalho na Casa Miga foi dividido em eixos, e nessa proposta inicial o primeiro eixo foi relativo à educação, verificando quem possuía o ensino médio completo ou não, com o intuito de buscar parcerias e oferecer para essas pessoas a oportunidade de terminar os estudos. Esse eixo também teria a responsabilidade de oferecer cursos de idiomas, curso de informática básica, cursos profissionalizantes e curso de defesa pessoal. A linha de apoio seria o segundo eixo, que abrangeria a prevenção ao suicídio através de uma linha telefônica disponível 24 horas por dia, *chat on-line* com conselheiro disponível sete dias por semana, mensagem de texto, fórum de comunidade para jovens TLGB+ e amigos, centro de suporte onde jovens da comunidade pudessem encontrar respostas para perguntas frequentes sobre orientação sexual e identidade de gênero.

Outros eixos propostos foram o eixo de saúde, que faria encaminhamentos para consultas, clínicas, ambulatorios para operações, acompanhamento para o processo de transição, quando for o caso, e assistência social, entre outros. Também havia o eixo da área do direito, que daria suporte legal para situações de risco, audiências, acompanhamentos jurídicos, elaboração de protocolo de petições, ofícios, reclamações, processos administrativos e todo processo que precise de advogados; também oferecia oficinas de legislação constitucional, direitos humanos, direitos civis, administrativo penal, ou seja, tudo aquilo que fosse útil para as pessoas TLGB+, assim como apoio para a elaboração de projetos de intervenção social, junto a profissionais do serviço social, psicologia aplicada, educadores sociais, entre outros, e elaboração de contratos e convênios com entidades públicas e privadas para fomentar as atividades da Casa.

A proposta continuou se transformando, crescendo, mudando e passou a se chamar internamente: Casa de Passagem Todxs, porque entenderam que envolver o nome da Dandara poderia trazer complicações legais: “Esse nome foi mais uma coisa interna, não chegou a ser o nome em si, até o Rhoger Félix sugerir o nome Casa Miga o projeto ficou só como casa de acolhimento”. Com esse projeto foram até a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Amazonas, de onde



IMAGEM 61: Primeira Reunião, 2020, Coordenação da Casa Miga.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Miga LGBT.

saíram com a tarefa de fazer um projeto, porque até agora, segundo a pessoa responsável, tudo era só uma linda e enorme ideia: “em julho de 2017 começamos a nos reunir, o Gabriel Mota, o Maurício Viana de Oliveira, que é advogado do Manifesta e hoje está afastado, e eu. Enquanto o projeto era elaborado, dentro do Manifesta nós criamos grupos de trabalho para viabilizar o projeto, nós capacitamos o pessoal do Manifesta, fizemos reuniões, estipulamos metas com cada grupo temático, e eles passaram a arrecadar dinheiro para o projeto”. Durante esse período, o nome mudou novamente para Casa de Acolhimento LGBT, e esses grupos de trabalho se mantiveram até fevereiro de 2018 (IMAGEM 61).

Durante esses meses de 2017, além de construir a proposta, redes foram sendo criadas com os trabalhos de militância, com a academia e com as entidades do governo; e as pessoas da cidade já falavam de uma casa em Manaus. Para janeiro de 2018, a ACNUR (Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) entrou em contato com a equipe para fechar uma parceria, porque tinham ficado sabendo da proposta, mas precisavam adaptar o projeto e, novamente, mudar de nome. Desta vez o nome definitivo seria CASA MIGA, que abriu suas portas em agosto de 2018. Segundo o próprio Emílio: “no dia 17 de agosto, às 17h, conseguimos abrir a Casa Miga, já com uma acolhida que não esperávamos e mesmo assim acolhemos, com pouco dinheiro. Em resumo, abrimos a casa no susto e no supetão”.

3.4 UN MUNDO MENOS MIERDA

“O ódio mata, o ódio mói,
Desigualdade, maldade e formas cruéis
O ódio queima (...) **113**
Mata em todos os níveis.
Então, sinto que
Desejo um mundo menos merda para viver
Gostaria de passar de era,
Cada um de sua maneira
Para mudar e que possamos ser
Um mundo menos merda...”
(MISS BOLÍVIA)

O sonho da casa de acolhimento em Manaus foi, durante 2017 e 2018, uma força motivadora; planos, ideias, propostas, debates, muitos planejamentos. Mas o sonho tinha que se realizar e começar de uma forma ou de outra. E foi então que a Casa Miga começou, do jeito menos planejado: na urgência, sem dinheiro suficiente, sem as condições mínimas; só com a energia e a certeza de que o trabalho que fariam era necessário; abriram as portas de uma casa aMiga na cidade, uma casa que faria do nosso mundo, *un mundo menos mierda*, porque um lugar acolhedor para tantas pessoas que não tinham um lugar onde se refugiar em Manaus, com certeza, poderia trazer alívio para muitas pessoas do Brasil e também da Venezuela e, até, de Cuba, como veremos a seguir.

Finalizando aquele ano de 2018, a Casa Miga já estava recebendo grupos de pessoas para abrigo e acolhimento; primeiro uma mulher trans, posteriormente seis mulheres lésbicas, todas venezuelanas e depois algumas brasileiras e até migrantes cubanos. Essa diversidade nos refugiados trouxe algumas preocupações para a coordenação da casa, porque agora

seria necessário adicionar à proposta, aulas de português e oficinas de economia criativa: “preciso ressaltar que a oficina mais interessante de todas foi a oficina de trufas, onde uma acolhida ensinou as outras a fazerem trufas, o que foi lindo, porém não funcionou, porque o plano era vender as trufas para levantar dinheiro, mas não conseguiram porque comeram tudo já que estavam muito gostosas”. Mesmo comendo as trufas que deveriam ser vendidas, com essa experiência perceberam que esse tipo de atividade ajudaria na resolução de alguns conflitos, e por isso foram instituídas as noites de cinema, rodas de conversa, noites de jogos e diversas atividades lúdico-recreativas que pudessem ajudar a ocupar o tempo e contribuir com a convivência.

Quanto mais pessoas estão sendo abrigadas, mais conflitos aparecem; ainda mais com a diversidade tão grande de procedências, orientações, históricos, idiomas e até convicções, e isso fez com que a tarefa não fosse fácil. Emílio comentou que na Casa Miga se estabeleceram regras a serem seguidas e houve situações que demandaram desligar pessoas da casa por quebra dessas regras: “não iríamos manter alguém que oferecesse risco para as outras. Desde a abertura da casa, até o atual momento (...) até aqui acho que já eram mais de 90 pessoas atendidas e desligadas umas 15-20, depois disto fizemos a checagem com base nas fichas de triagem”.

Para um maior controle, foram disponibilizadas oito (8) vagas na Casa Miga, e dessas, quatro (4) para pessoas refugiadas da Venezuela e outras quatro (4) para pessoas do Brasil, mas quase nunca essas vagas permaneceram fixas e, segundo lembra o Emílio, “as vagas são fluídas, dependendo da necessidade e demanda. Até hoje recebemos em torno de 10 brasileiros, 6 cubanos e o restante venezuelanos”. De todos esses atendimentos, vários foram sucesso, contando a partir de quando as pessoas conseguem ficar, pelo menos os 45 dias estabelecidos para o acolhimento, e também alguns fracassos: “chamamos de fracasso quando a pessoa é desligada antes do período de 45 dias por violação de regras”.

A partir de janeiro de 2019, a Casa Miga começou a receber diversos grupos, a grande maioria de mulheres trans, que, segundo o Emílio, foi uma população que demandou mais atenção e acompanhamento, em parte pelas suas histórias, em parte pelas suas atividades econômicas, pois uma porcentagem alta trabalhava na noite, mas também pelas suas formas de relacionamento, uma vez que passaram por muitas agressões, furtos e até ameaças de morte. Mas, também tiveram muitas respostas positivas, como o trabalho e participação de várias delas nas atividades da Casa Miga, até porque esses primeiros trabalhos de atendimento naquele local contaram com um grupo interdisciplinar limitado: “a Equipe da Casa eram a coordenação de Emílio, Gabriel, Gabriela, Bruno e Vanessa e os voluntários que eram Indira e Lucas, que depois veio ser Coordenador geral da Casa Miga”. Uma equipe reduzida, porém muito comprometida que também contava com um médico, um mestre em psicopedagogia e um colaborador que sempre estava com um sorriso constante e quem confessou para o Emílio o motivo do seu sorriso permanente: “sempre estava com um sorriso de orelha a orelha e me disse uma vez que estava sempre sorrindo porque se começasse a chorar não pararia, e então ele iria sorrir para a vida”.

Um acontecimento muito especial que o Emílio lembrou foi um documentário que um professor de Londres queria fazer, tendo a participação de alguns abrigados da Casa Miga: “Nós acolhemos um casal hétero, quando recebemos o contato de um professor de Londres que queria fazer um documentário colaborativo com os abrigados da Casa Miga. Ele veio

em junho de 2019 e ficou por dois ou três meses em Manaus, gravando o documentário *"Hasta Sentir"*. Todos os passos desse documentário foram feitos pelos abrigados, desde a gravação, captação de som, até a direção e nome. No meio desse processo, o casal hétero já tinha saído da casa, o marido estava com emprego, e eles voltaram para a casa depois, não como abrigados, mas como egressos, para trabalhar nesse documentário".

Para setembro de 2019, conseguiu-se alugar uma nova casa para ampliar o atendimento, mas não foi um processo fácil, porque nenhuma imobiliária aceitava que um dos seus imóveis fossem usados para uma casa TLGB+. Mesmo com as dificuldades, conseguiram alugar e na nova casa foi possível oferecer cursos e oficinas para todos os abrigados, ampliando, após, para o público da cidade. Ali ofereceram cursos de reciclagem, cozinha, maquiagem, entre outros. Assim como o espaço dentro de casa aumentou, o tempo para poder ficar nela também aumentou, passando de quarenta e 45 dias para três (3) meses.

O acolhimento nessa nova casa continuou acontecendo, tanto dos que ali ficavam quanto dos que eram "desligados". Uma história que o Emílio lembra com certa tristeza foi quando precisaram expulsar algumas pessoas abrigadas um dia antes de natal, foi uma das decisões mais complicadas que enfrentaram até esse momento: "Nós da Casa Miga temos a política de não expulsar ninguém em dezembro por ser um período de festividades, sendo assim, um momento complicado para uma pessoa ficar sozinha. Mesmo com regra quebrada, a não ser que seja completamente grave, o que pode acontecer assim como aconteceu, e eu mesmo tive que expulsar três pessoas no dia 23 de dezembro por terem cometido a falta gravíssima de chegarem à casa bêbados, com bebida na mão, foram para o quarto das meninas trans, jogaram bebida em cima delas, arrancaram lençóis, jogaram comida podre, um deles quebrou um armário novo com um soco, entre os três havia uma menina trans e dois cis gays". Nesse dia, mesmo véspera de natal, essas três pessoas precisaram ser desligadas da casa.

Além das histórias difíceis recordadas por Emílio, também há histórias incríveis para serem contadas, como uma que aconteceu perto do dia da entrevista, em que fizeram uma postagem no Instagram pedindo doações de alimentos e uma das pessoas que tinha sido expulsa da casa compartilhou a publicação pedindo para que ajudassem o projeto: "eu fiquei surpreso pela empatia da pessoa que eu não esperava, principalmente porque ela saiu escoltada pela polícia, porque ela ameaçou a coordenação e outros abrigados de morte. Fiquei realmente muito surpreso". Outra história que o Emílio lembrou foi de um abrigado estrangeiro que os procurou, contando que tinha aprendido a falar bem o português e queria dar aulas para o pessoal que estava agora na Casa Miga: "e ainda dá aulas de reforço todos os dias para um casal de namorados que está agora na casa e não tem tanta facilidade com a língua".

O trabalho da Casa Miga tem focado bastante no eixo de saúde mental, abrindo todo sábado uma roda de conversa e atendimento psicológico para os abrigados. O Emílio assegura que as atividades militantes precisam muito de um cuidado e um acolhimento: "Militar não é só gritar palavras de ordem, nem só dizer "ninguém solta a mão de ninguém", porque pudemos ver que no ano passado começou com essa frase e terminou com "você que lute". Militar também é você estender a mão para uma pessoa TLGB+, você ser, por exemplo, a única pessoa TLGB+ do seu curso, você ser TLGB+ em uma posição de poder

dentro de uma autarquia governamental de uma empresa. O acolhimento é uma forma de militância, principalmente quando é feito por TLGB+ para TLGB+”. Cuidar, então, é uma forma de militância para o Emílio, dependendo da forma como é feita; se a pessoa de fato é acolhida, se ela é de fato respeitada, se a identidade de gênero, a orientação sexual e a expressão de gênero não são um problema nesses espaços de acolhimento: “Então, tem umas nuances que entram na questão de ser militância ou não; quando se trata de freiras fazendo o acolhimento eu acredito que não entra em militância porque elas não militam, elas apenas estão fazendo um papel que elas têm que fazer porque é o dogma da igreja, um trabalho social”, mas quando um coletivo TLGB+ faz um trabalho de cuidado e acolhimento por pessoas TLGB+, a situação começa a ter uma conotação completamente diferente, porque são pessoas que compreendem o sofrimento pelo qual passa a outra pessoa, e novamente aqui protagoniza a ação da dororidade, muito mais que a solidariedade ou a caridade (IMAGEM 62).

O Emílio finaliza sua reflexão comentando: “considero que sou uma das pessoas mais privilegiadas do meio, porque apesar de não ser branco, sou um homem cis gay que nunca fui expulso de casa, nunca sofri lgbtfobia dentro de casa, sempre tive tudo o que precisei, estudei em escola particular, fiz faculdade, pós-graduação. Então quando surgem essas conversas, eu digo que sou uma das pessoas mais privilegiadas que conheço, porque não sofro. Logo, se quiserem me colocar de exemplo, coloquem meus pais como exemplo por serem pais de TLGB+”.

Passados dois anos desta entrevista, depois de uma pandemia, de uma situação sanitária em Manaus muito complicada, e retomando a escrita deste texto, liguei de novo para o Emílio. Quis saber sobre as novidades. Ele me contou que já não estava fazendo parte da equipe da Casa Miga, mas que continuava apoiando seus amigos. Me disse que a Casa Miga tinha conseguido trabalhar neste tempo, reduzindo suas atividades ao mundo virtual e com um trabalho muito cuidadoso no processo de abrigo. Finalmente, me disse que neste momento os novos líderes da Casa Miga estão a procura de uma nova casa para seguir ampliando o trabalho que desenvolvem em Manaus, onde continua existindo uma casa que faz deste mundo, um mundo menos merda.



IMAGEM 62: Recebimento de doações na Casa Miga.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Miga LGBT.

SÃO PAULO – A CASA CHAMA⁰³

3.5 NÃO EXISTE AMOR EM SP

São Paulo não é uma cidade fácil de definir. É a maior cidade do Brasil, com uma economia que movimenta boa parte do país, uma cidade com muitas desigualdades, com muitas pessoas morando junto, um labirinto, como diz o rapper brasileiro e cantor de MPB, Criolo: “Um labirinto místico onde os grafites gritam; não dá pra descrever numa linda frase de um postal tão doce (...). São Paulo é um buquê, buquês são flores mortas num lindo arranjo, arranjo lindo feito pra você. Não existe amor em SP. Os bares estão cheios de almas tão vazias, a ganância vibra, a vaidade excita; devolva minha vida e morra afogada em seu próprio mar de fel, aqui ninguém vai pro céu (...)” (Canção: Não existe amor em SP; Criolo, 2011).

E, mesmo em uma cidade tão complexa, no meio daquela capital hostil de relações frias entre tantas pessoas, nasceu do fogo uma casa, do fogo que produziu a campanha eleitoral presidencial de 2018 no Brasil. Nesse período, várias pessoas da cidade organizaram-se pelo WhatsApp para atividades e mobilizações relacionadas a esse processo eleitoral, e uma destas pessoas foi o Digg, o Rodrigo Franco, que conheci também no Fórum de Casas de Acolhida, e que fazia parte de alguns grupos que mantinham comunicação virtual para ver o que acabaria acontecendo com os resultados que se anunciavam para essas eleições de 2018. Importante ponderar que todas as falas apresentadas neste subcapítulo são do Digg e por isso não são identificadas cada uma com o intuito de deixar mais limpo o texto.

Um desses grupos convidou o Digg para organizar um outro grupo focado nas pessoas TLGB+ que pudessem se posicionar como resposta às declarações transfóbicas, homofóbicas e machistas de um dos candidatos: “Bolsonaro se mostrava transfóbico, homofóbico e tal, e usávamos esse grupo para compartilhar conteúdos que evidenciavam essas características do até então candidato. Esse grupo chegou a ter 300 membros e então resolvemos nos encontrar fisicamente, a fim de sair desse ambiente virtual”. O Digg lembra que não conseguiu dormir na noite anterior ao



IMAGEM 63: Primeira reunião, 2019, Casa chama.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Chama.

⁰³ Informações do site da campanha Salve a Casa Chama: “A ONG Casa Chama é feita por e para pessoas trans e temos por maior objetivo o prolongamento da vida a partir da autonomia e dignidade. Nosso espaço físico se localiza na Sé, Centro Histórico de São Paulo, e é ponto central para a distribuição de cestas, doação de roupas, acesso à internet para pessoas em situação de rua, encontros, reuniões, palestras, exposições de arte e muito mais. É também nosso escritório e local de trabalho onde todos são bem-vindos e podem visitá-lo se tiverem interesse, as quartas à tarde.” DISPONÍVEL EM: <https://benfeitoria.com/projeto/salveacasachama>

encontro devido a tanta ansiedade, pois ele não sabia quantas pessoas iriam comparecer, nem que tipo de pessoas seriam. Finalmente, o encontro aconteceu e participaram um número importante de pessoas: “compareceram entre 20 e 30 pessoas, em sua maioria pessoas brancas, privilegiadas e cisgêneras, e eu já nessa insônia, eu resolvi um *mind map*, uma organização de ação. Eu mal perguntei o nome dessas pessoas e isso foi uma característica nossa, a gente nunca parou e focou em ‘eu sou Maria/João/Fulano/Ciclano’, eu já organizei a reunião como: ‘o que eu faço?’, ‘o que eu posso fazer?’ e ‘como posso fazer?’. E aí assim a gente foi se encontrando”. Depois desse, chegaram outros encontros, quatro no total, com mais ou menos 30 pessoas quase sempre; pessoas muito preparadas, competentes, que acabaram criando quase 10 Grupos de Trabalho (GT); elas iam convidando novas pessoas para participar e esses GT foram se diversificando, “atiramos semente para todos os lados”, diz o Digg sobre esse primeiro processo (IMAGEM 63).

E conforme acontece com as sementes na terra, as sementes da Casa Chama foram brotando conforme as capacidades, vontades e oportunidades que jogaram a favor. Alguns dos GTs foram: GT Núcleo, GT de Retificação, GT de Saúde e GT de Oportunidades, este último voltado especificamente para as pessoas trans e que serve para procurar oportunidades de trabalho. Durante este tempo de fundação da Casa Chama, aconteceu algo que foi muito simbólico e significativo para o Digg: “Durante essa fundação da Casa Chama acontece uma crise que foi muito simbólica, onde eu começo a minha transição quando duas travestis, Guilhermina Urze e Mc Cecília Dellacroix, vão morar e serem acolhidas na Casa Chama. Até o momento que elas entram aquele grupo de 20/30 pessoas ainda não tinha nenhuma pessoa trans, além de mim, que ainda assim não tinha começado a minha transição, e então elas entram furando a bolha e apresentando a realidade delas, eu começo a conviver com elas e começo a minha transição que era uma coisa que eu sempre havia deixado para mais tarde na minha vida, eu achava que só iria transicionar quando eu estivesse mais velho e tal, e foi quando elas me empoderaram (...), então resolvi, nesse momento, que iríamos focar em pessoas trans que eram a maior audiência”.

Sobre o nome de Casa Chama, o Digg comenta que não tem uma explicação tão complexa como poderia parecer: “O nome Casa Chama não tem em si uma explicação direta. O espaço onde fica a casa era um atelier que eu dividia com a minha parceira Cinthia Marcelle, que é uma artista contemporânea brasileira reconhecida, co-fundadora e importante para a Casa Chama, financiando, apoiando de todas as formas e cuidando afetivamente da casa, sendo uma pessoa essencial para o projeto”. Nesse ateliê começou a funcionar a proposta no dia 3 de novembro de 2018, tempo muito movimentado para os grupos TLGB+ por terem passado as eleições para presidente, que acabou dando a vitória para o candidato com o discurso mais agressivo e perigoso para esta população. Contudo, as coisas não iriam ser tão diferentes com outro resultado, pois, segundo o Digg: “para as pessoas trans e travestis, as mais marginalizadas, tanto fazia aquela eleição, porque a vida continuava igualzinha, continuava uma merda, e isso não mudou nada porque foi tudo sempre tão ruim que não fazia diferença, fazia diferença apenas para as pessoas mais privilegiadas. Então a Casa Chama nasce no susto de pessoas que sempre tiveram mais privilégios estarem sentindo a opressão e sofrendo com ataques homofóbicos, digo apenas homofóbicos porque não conheci nenhuma pessoa trans que não abriu mão de seus privilégios para transicionar”. E assim nasce a Casa Chama, do fogo, o fogo que podia queimar algumas pessoas com privilégios e que podiam se queimar.

Por essa razão, o Digg tem muita clareza quando fala das pessoas TLGB+ na Casa Chama: “a Casa Chama articula muitos cis aliados, e talvez também por termos brancos conscientes

e pessoas de classes mais favorecidas como aliados, nós conseguimos ter acesso e ações bem executadas, mais efetivas. Assim conseguimos trabalhar realmente na linha da reparação histórica: nós colocamos as pessoas cisgêneras para colaborarem, não sendo protagonistas, mas sim bons aliados, o que colabora mesmo assim, sem ego e sem levar as questões da casa para o pessoal. Digo isso porque quando destacamos as questões de gênero, classe, raça e sexualidade, às vezes as pessoas cisgêneras aliadas ficam ofendidas, principalmente as brancas, então tentamos explicar que todas essas questões que abordamos são problemas estruturais, que não são sobre elas especificamente, às vezes encontramos dificuldades porque as pessoas têm muito ego e acabam levando para o pessoal e então tentamos reforçar que não é pessoal e sim estrutural". Toda esta reflexão fica muito bem resumida em uma afirmação que o próprio Digg comenta no vídeo de apresentação da Casa: "Na Casa Chama, antes da luta LGBTQIAP+, a gente é ANTIRRACISTA" (CANAL CASA CHAMA; 2020)⁰⁴.

E foi assim desde aquele primeiro encontro em 2018, desde aquela reunião em que as pessoas não chegaram se apresentando pelo nome, senão compartilhando o que podiam apoiar, as possibilidades de ação e de contribuição; desde essa primeira reunião na Casa Chama se foca mais no que pode ser feito pelo coletivo e não no protagonismo individual. De fato, este pensamento fez com que o próprio Digg tivesse resistência para se apresentar e não gostasse de receber reconhecimentos nem protagonismo por esta história, algo que pode-se perceber neste texto que não começou com a apresentação dele, mesmo sendo um homem trans que, junto com outros corpos trans, lidera uma casa de acolhimento e entende a potência disso; por isso o Digg não duvida em reconhecer: "eu ainda devo tudo às travestis, e às 'mulheridades'. Então tento segurar ao máximo para não ser o protagonista de outras coisas, por exemplo, embora eu seja fundador, não fico me promovendo ou promovendo fotos minhas, porque entendo que a Casa Chama acontece por ter a força de um coletivo, de todas as pessoas envolvidas, inclusive pessoas vulneráveis que trabalham muito e doam muito de si, às vezes até sendo as que trabalham e se doam mais, querendo colaborar financeiramente com a Casa Chama, mais do que as pessoas cisgêneras privilegiadas, e isso é muito interessante".

Como foi comentado alguns parágrafos antes, os trabalhos da Casa Chama foram organizados por GTs e têm, principalmente, quatro frentes: Cultura, Jurídico, Saúde e Empreendedorismo; além de construção de redes. Sobre a frente jurídica, o Digg comenta que envolve toda a parte burocrática: "organização de documentos, produção de portfólios e execução de currículos para as meninas da casa. Também prestamos consultoria para algumas empresas, fazemos mediação de conflito entre pessoas trans e patrões ou pessoas trans e boates LGBTs, e também fazemos navegação, que é onde colocamos uma pessoa cis para acompanhar uma pessoa trans em cartório ou em alguma função burocrática que a deixe fragilizada para realizar sozinha".

Na área de saúde, a Casa Chama trabalha com algumas parcerias: "também pagamos e fazemos almoços voluntários, convidando as meninas para comerem porque entendemos que alimentação é saúde, inclusive, fazíamos muitos almoços voluntários no espaço em que a Casa Chama nasceu. Articulamos também atendimentos médicos. Hoje temos um centro fixo no Centro Escola Barra Funda que foi trazido através do Alexandre Sizilio, que é um parceiro nosso, professor e doutor na Santa Casa e no [Instituto] Einstein, muito competente e com uma equipe

04 Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/c/CANALCASACHAMA>

muito sensibilizada, que faz atendimento digno e saem todos muito felizes de lá (...). Nós também colaboramos com doação de cestas básicas, quando recebemos (...); e nós também acompanhamos em casos de emergência em hospital; achamos importante a parte afetiva nesse acompanhamento. Também estamos articulados com o Programa Municipal DST e várias outras ONGs que mandam suplementos para nós, como por exemplo, a UNAIDS. E temos cada vez mais colaborado com conteúdo para pesquisas e também chamamos a presença de competências especializadas nessas questões. Recentemente tivemos um evento com o [Eduardo] Suplicy para entrevistar mais travestis e foram entrevistadas mais 30 só no nosso evento. Estamos ajudando também com uma cartilha de PrEP e PEP⁰⁵ na USP”.

Uma das frentes mais amplas em que a Casa Chama trabalha é a de construção de redes, justamente, porque esse é um dos principais objetivos do espaço, que é ser uma articuladora, característica que o Digg comenta que compartilha com a casa: “eu particularmente se tenho uma característica é ser um bom articulador. Criamos diversos suportes, fazemos captação de aliados, buscamos apoio financeiro para os projetos das meninas, as ações de marketing entram em matérias sobre nós, moradia, como essas mais de 20 garotas que passaram morando na Casa Chama que foi em Perdizes, porque agora nos mudamos (...), também fazem parte dessa construção de redes as reuniões, quando divulgamos as vaquinhas delas”.

Se a área anterior é ampla, a frente mais forte da Casa Chama é a cultura, porque são muitas as atividades que se realizam, a exemplo de ações para corpos *tranvestis-generis*: “nós escrevemos que fazemos ações para corpos *tranvestis-generis*, que é uma palavra inventada pela Indianara Siqueira, e muito divulgada pela Erika Hilton. Essa palavra engloba transgênero, travesti, não-binário e ela contempla, me contempla e contempla várias pessoas da Casa Chama e queremos também introduzir e oficializar essa palavra”. Nesta área, trabalham em um jornal com textos escritos por pessoas trans e que abordam todas as questões, a exemplo da gordofobia, o antirracismo, a realidade das pessoas encarceradas, entre outros; sempre trazendo informações relevantes para o debate (IMAGEM 64).

Uma regra muito importante que orienta as ações na Casa Chama é a valorização do trabalho que realizam os corpos *tranvestis-generis*: “a Casa Chama nunca chama um corpo trans e pede para fazer alguma coisa gratuitamente, pagamos todo mundo, e não só pagamos como ainda pagamos com uma média acima do mercado, para elas aprenderem o que é ter um valor



IMAGEM 64: A Casa Chama é FOGO.
Fonte: perfil do Instagram da Casa Chama

05 “A PrEP – Profilaxia Pré-Exposição ao HIV – é o uso dos medicamentos antirretrovirais antes da exposição ao HIV e a PEP – Profilaxia Pós-Exposição – é o uso de medicamentos antirretrovirais após um possível contato com o HIV”. Texto disponível em <http://www.aids.gov.br/>

digno, ensinando elas a se precificarem e se valorizarem”. Com essa filosofia, a Casa Chama organiza eventos variados, como um festival que, com protagonismo trans, aconteceu em junho de 2020 no Teatro Oficina. Às vezes, quando ficam sabendo que tem um show muito importante para alguma das artistas da Casa, paga-se o ingresso para essa pessoa poder prestigiar. Também dentro da frente cultural: “Temos uma biblioteca só de livros de arte que foi doada por uma curadora chamada Lisette Lagnado, e muitos dos nossos aliados vêm da arte contemporânea mesmo, acho que existe uma ‘mulheridade’ na arte contemporânea que sempre fortalece a gente, até colecionadoras de arte, pessoas que em geral são mulheres, mas também conseguimos usar os apadrinhamentos e pessoas que pagam, por exemplo, as retificações (...). Agora também tem um curador de arte que deu uma parte do tratamento dentário de uma trans, que é uma artista em quem acreditamos muito (...) e também a colocamos na fonoaudiologia”.

3.6 MEU MUNDO É O BARRO

*“Moço, peço licença, eu sou nova aqui (...)
Não tenho trabalho, nem passe,
Eu sou nova aqui.
Eu tenho fé.
Que um dia vai ouvir falar
De um cara que era só um Zé,
Não é noticiário de jornal, não é
Hoje ele é uma puta mulher,
Sou quase um cara,
Não tenho cor, nem madrinha
Nasci no mundo, sou sozinha;
Não tenho pressa, não tenho plano, não tenho dono...”
(URIAS)*

121

São pouquíssimas as músicas cantadas ou protagonizadas por pessoas trans ou travestis, e o mundo cis parece não enxergar que a arte também pode falar delas; muito menos músicas como a da Urias, cantadas por “essas corpos”, como dizem algumas pessoas tranvestis-generis. Ante a invisibilidade no mundo todo e, especificamente, no mundo das artes, as próprias pessoas trans têm precisado fazer suas músicas, criar seus eventos, organizar suas atividades, para poder protagonizá-las. A Urias, por exemplo, uma modelo e cantora trans brasileira, que decidiu não ficar esperando que a cisgeneridade falasse o que ela podia dizer, ou que a misericórdia de Deus permitisse ela cantar, no final das contas: “Tentou ser crente, mas, seu Cristo é diferente, a sombra dele é sem cruz, no meio daquela luz” (Canção: Meu Mundo É o Barro; Urias, 2008).

Essa força das pessoas trans no trabalho da Casa Chama trouxe um debate ao grupo sobre as pessoas cisgêneras, muitas vezes, terem mais voz e protagonismo que as pessoas trans. O Digg comentou que, para esse momento, algumas pessoas trans já tinham passado por momentos racistas e transfóbicos das próprias pessoas TLGB+; o que mostrava o quanto as próprias pessoas da grande e variada comunidade diversa precisavam de muita informação e consciência sobre diversidade.

Todo este entendimento do protagonismo das pessoas trans e travestis racializadas fez com

que na Casa Chama se começasse um trabalho sobre questões antirracistas e de gênero e, passados alguns meses desde o começo do trabalho, fosse tomada a decisão de fazer uma reorganização, colocando como obrigatória para participar da Casa essa formação: “Então começamos a trabalhar, principalmente, a questão do antirracismo, até que acontece depois de uns dois meses um momento em que eu tive que tomar uma decisão, que seria de fazer a ‘renunciatarização’ da Casa Chama, onde eu coloquei como obrigatoriedade uma formação juntamente com a Diran Castro, uma mulher travesti que hoje em dia é uma consultora, parceira, co-fundadora, intelectual, artista. E a Diran Castro começa a fazer essa imersão sobre antirracismo, onde ela aborda com foco em antirracismo, mas também aborda questões de gênero e classe”. Todo este movimento levou a Casa Chama a passar de ser um coletivo TLGB+ a uma Casa de Trans e aliados e, nesse fluxo, focar os seus trabalhos nos corpos trans e travestis, procurando aliados para concretizar essas ações.

Contudo, protagonismo não é necessariamente divulgação e exposição da vida e das suas histórias, e por essa razão, a equipe núcleo da Casa Chama resolveu não divulgar tudo o que faziam em um marketing sobre as realidades violentas das pessoas da casa: “não temos um marketing forte porque tomamos muito cuidado para não nos apropriarmos e explorarmos, de certa forma, questões que são de extrema vulnerabilidade de violência. E não gostamos de nos colocar como vítima, e sim como grandes competências capazes de fazer uma coisa melhor do que a que aqui está; que é patriarcal, branca, cisgênera, hetero, normativa; então pensamos o tempo inteiro quando fazemos uma ação em não divulgar porque temos esse cuidado de primeiro, não nos colocarmos como vítima e, segundo, não ser apropriado e explorar, principalmente, da vulnerabilidade desses corpos”.

Todas estas histórias alimentam o interior da casa, porque motivam os trabalhos, mas não são divulgadas ou expostas; histórias e objetivos de pessoas trans que a Casa Chama conseguiu realizar neste tempo, desde as retificações de nome social, até cumprir o desejo de tocar com a banda que gosta, por exemplo: “Teve um médico que iria fazer um trabalho com a gente que acabou não acontecendo, então ele colabora com duas retificações por mês e fazemos todo o processo com advogado pro bono e acompanhamento”. Mas, acima das realizações individuais, o Digg comenta sobre todas as realizações coletivas, como aquelas das travestis se apresentando em festivais, ocupando espaços ou participando de exposições de arte: “É importante mencionar também todas as realizações coletivas e individuais. Um exemplo são as retificações, toda retificação é emocionante, nós já estamos na décima segunda retificação, que pagamos, acompanhamos, fizemos tudo. Cada apresentação das travestis no festival, ou nos lugares onde as colocamos, como na Casa



IMAGEM 65: Primeiro Chama Festival: TRANSversalidades, no Teatro Oficina.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Chama

Natura, no Teatro Oficina, ou levar elas nas exposições, conseguimos inseri-las no sistema da arte contemporânea/conceitual. Isso tudo é muito emocionante, a gente se realiza de várias formas". Sucessos enormes para um lugar acolhedor que trabalha desde a coletividade e se alimenta da alegria das pessoas que participam (IMAGEM 65).

Um evento que o Rodrigo lembra com especial emoção foi uma apresentação na Casa Natura com três artistas da casa: "Uma jornalista veio fazer uma entrevista comigo, me perguntando como era estar presenciando aquele momento e eu respondi que era muito bom, apesar de no momento estar resolvendo por *WhatsApp* um problema de cárcere privado com exploração sexual e tráfico de pessoas, o que não mencionei para ela, mas é esse paradoxo. Que legal que a gente está lá fazendo parte de um evento artístico, mas, em contrapartida, temos todo o trabalho social que é completamente visceral e violento; então não têm só a parte fantástica da coisa, também tem a parte violenta". O sorriso na entrevista para essa jornalista precisava ficar evidente, porque era real o orgulho de estar ocupando esse espaço, mas o coração e a cabeça do Digg estavam tentando articular ações para resolver uma questão muito complicada. Essa situação, afortunadamente, conseguiu se resolver com o tempo. A equipe da Casa Chama conseguiu resgatar uma travesti de 22 anos de idade de uma situação de cárcere privado envolvendo cafetinagem. Conseguiram resgatá-la porque a família dessa travesti ficou preocupada e conseguiu acessar a Casa Chama através de um amigo de São Paulo. Depois de conseguir tirar ela desse lugar, escreveram para diretores de outras casas de acolhimento que conheciam e conseguiram articular um lugar para ela ser abrigada emergencialmente na Casa Florescer II. Esse resgate foi marcante para a equipe da Casa Chama e evidenciou um trabalho que pode ser feito quando as pessoas têm conhecimento e dororidade. Esta história teve uma boa resolução, pois conseguiram agir e tiveram sucesso, "mas foi muito perigoso e assustador".

123

Apesar deste caso, e vários outros que chegam na Casa Chama, o Digg não pensa em desistir do trabalho que faz. Por isso tem um grupo de *WhatsApp*, com pouquíssimas pessoas, que se chama "Motivacional". Nele, deixa áudios de agradecimento que escuta depois para se fortalecer um pouco, porque são áudios que não tem intenção de publicar: "é uma estratégia e é bonito demais. Nunca vou publicar esses áudios, os tenho como motivação mesmo, ainda mais quando recebemos críticas. E recebemos muitas críticas porque nem sempre acertamos". E estar cientes do erro marca outra das características da Casa Chama com uma frase muito especial: a "frase que veio das travestis, se não me engano seria da Guilhermina é 'Vamo errar junto', porque nós estamos errando e aprendendo"; e de fato o trabalho que a Casa Chama faz tenta ser cuidadoso, mas o medo de não errar não pode evitar a ação, então é errando e aprendendo que a Casa Chama vai caminhando, sem a pretensão de se achar o tempo todo tomando as decisões corretas, mas com o cuidado para errar o menos possível, tendo uma rede que apoie nessa tomada de decisões.

Esse cuidado no momento de decidir faz o Digg lembrar de uma outra frase muito importante para o trabalho da Casa Chama: "Quem acolhe é acolhido, e quem é acolhido acolhe", o que faz com que o objetivo da Casa seja construir uma relação de troca: "essa é a nossa forma de militância, todo mundo tem que se responsabilizar por todo mundo e com o que pode ser oferecido, não é sobre dinheiro, não é só sobre apoio emocional e etc. Essa frase tem a força da colaboração e da disponibilidade para troca, seja ela qual for", é esse lema que guia as ações da Casa Chama, uma forma de militância que tem a força da colaboração, da disponibilidade, da troca e, claramente, do cuidado.

Pedi para o Rodrigo, o Digg, refletir sobre a Militância do Cuidado que se faz na Casa

Chama e ele comentou: “a militância é um substantivo feminino que quer dizer atuação e desempenho, e sim, nossos cuidados de acolhimento e essas ações socioculturais são uma militância de desempenho e estruturas socioculturais com certeza, e de fortalecimento individual e coletivo, de construção de autoestima e dignidade, empoderamento e força para cada uma dessas pessoas conseguirem encarar as tarefas simples do cotidiano sofrendo menos. Então nós damos estruturas emocionais, psíquicas, fundamentais porque deveriam ser o direito de qualquer ser humano”.

Finaliza nosso encontro com esta reflexão: “O que eu reconheço como homem trans é que nós não temos nada, e que temos tudo para ser feito. Sou uma pessoa que me coloco nesse jogo para andar com algumas coisas e tentar resolver e melhorar; trabalhar nessa direção de fazer e resolver. De pedir ajuda também para quem pode ajudar. Sou uma pessoa que não tem vergonha de falar que não sabe certas coisas; acho que isso também ajuda. Embora, segundo as pessoas, eu seja incisivo, eu acho que eu sou uma pessoa que também não fala quando não sabe, por exemplo, hoje eu não sei nada sobre a questão carcerária e eu vou atrás; vou atrás de informação, vou começar a ler, vou começar a estar mais presente nisso porque isso é uma demanda crescente aqui para gente. Nós temos travestis presas e essa é uma questão que me importa e eu não conheço, e se eu não conheço, eu reconheço isso e eu quero aprender”.

Assim como as outras duas casas do Brasil, esta entrevista foi realizada em 2020, no começo da pandemia; por motivos de quarentenas e isolamentos, motivos mundiais e também pessoais, eu elaborei este texto dois anos depois, em 2022. Passados esses dois anos, falei de novo com o Digg pelo *WhatsApp*, que me contou que estava muito ocupado com o trabalho na Casa Chama, que o desejo da plataforma tinha acontecido e tinham um site: casachama.org, espaço onde eu podia ver todos os avanços. Dei uma olhada e descobri que muitas dos planos que o Digg falou eram uma realidade, que eram sonhos e desejos para a Casa Chama que se realizaram, o que me fez lembrar o que aprendi com ele: quando você não tem nada, nada pode ser tirado e tudo o que se faz já é ganho. E a Casa Chama só tem ganhado neste tempo; e graças a esse trabalho existe um pouco mais de amor em SP.

BOLÍVIA – COLECTIVO TLGB⁰⁶

3.7 UNA PENA TENGO YO

*“Uma pena eu tenho e ninguém se importa
O que pode me importar alguém,
Se ninguém se importa comigo?
Não quero humilhações, não quero compaixão
Só, sozinho nasci. Sozinho quero viver...”
(JAIME DEL RÍO)*

⁰⁶ Informações do site do Coletivo TLGB: “O Coletivo de Transexuais, Transgêneros, Lésbicas, Gays e Bissexuais da Bolívia é uma organização social com representação em nível nacional cujo objetivo é: influenciar a transformação política, social, cultural e econômica do Estado Plurinacional da Bolívia, que permita o total exercício da cidadania das populações com orientação sexual e identidade de gênero diversas no campo de seus direitos humanos, sexuais, reprodutivos, sociais, civis, políticos, econômicos, culturais e ambientais, e o desenvolvimento de suas capacidades na construção de uma sociedade justa, igualitária, equitativa e inclusiva, reunindo os grupos departamentais TLGB em todo o território boliviano. Atualmente, o Coletivo tem representações nos 9 departamentos do país mais El Alto, com 10 grupos locais que realizam trabalhos autônomos, mas em coordenação com a entidade nacional.”

No início, nas primeiras versões desta tese, quando comecei a escrever o texto, eu usava a sigla LGBTQIA+, como foi comentado, com o intuito de evidenciar a maior quantidade possível de diversidade no meu texto, e a banca, no dia da minha qualificação, questionou sobre a presença de cada uma das letras dessa sigla nas pessoas acolhidas pela Casassa, convidando-me a repensar se na Casassa tinham entrado ou participado pessoas que pudessem se identificar com cada uma dessas letras. Convidaram-me a refletir se usar todas essas letras não era também outra forma de colonialismo, já que muitos desses debates estão acontecendo em outros países e chegam nas nossas terras de forma pronta para a gente consumir. Perguntaram-me, por exemplo, quantas pessoas Q (Queer) tinham chegado na Casassa durante o tempo de trabalho.

Lembrei do caso de uma das pessoas acolhidas na Casassa, que chamarei de Ariel, nome inventado por mim para poder contar melhor a história. Depois de um dos encontros da Casassa, a partir do qual refletimos sobre orientações e identidades de gênero, Ariel me perguntou com qual dessas letras ela se identificaria; eu, no 'topo do meu conhecimento'⁰⁷, disse que era uma pessoa não-binária, e aproveitei para explicar o que significava. Dias depois, uma colaboradora da Casassa me perguntou: "você sabe onde a Ariel nasceu? Ela me disse que era "nombinária", mas não entendi onde fica isso". Aconteceu que, desde aquela minha explicação, Ariel tinha passado a repetir essa palavra sempre que podia, insistindo que era uma pessoa "nombinária". Escrevendo este texto e analisando as palavras da banca na minha qualificação entendi que eu, desde o início do meu conhecimento, não pensei na possibilidade de a Ariel ter uma palavra para se identificar ou, simplesmente, não ter nem necessitar de palavra nenhuma; ou de querer uma das palavras que nós usávamos pela nossa incapacidade de perguntar as palavras que ela usava. Eu tinha batizado sua identidade desde minha interpretação.

Depois da minha qualificação, continuei a consulta e leitura para corrigir o primeiro capítulo deste trabalho, e percebi que pessoas como Ariel protagonizaram as diversidades desde sempre na nossa Abya Yala; sem necessidade dessas palavras importadas ou com outras palavras para se identificarem, foram sempre esses corpos aqueles que quebraram a normatividade; foram esses corpos tranvestis-generis, como os identifica a Indianara Siqueira segundo lembrou o Dig da Casa Chama, os corpos que abriram os espaços e ficaram na foto da luta TLGB+ latino-americana.

Foi por essa razão que decidi que precisava usar uma sigla que contemplasse o trabalho realizado e reconhecesse o protagonismo dessas pessoas que sempre estiveram colocando o peito para a luta; e pensando, pensando, decidi que a sigla que poderia dar testemunho da realidade da Casassa seria: TLGB+, com o T na frente; com o intuito de reivindicar o protagonismo das pessoas Travestis, Transexuais e Transgênero, e de todos aqueles corpos tranvestis-generis que contribuíram na construção desse e de todos os outros lugares acolhedores para nós, na América Latina.

Fiquei resistente, e muito reflexivo com essa decisão; minha preocupação estava com as plataformas e sítios de busca que não iriam reconhecer meu texto, desassossegos do povo da academia, não é? Mas um dia lendo sobre a luta dos movimentos sociais latino-americanos, encontrei um texto intitulado *Movimiento TLGB en Bolivia: un movimiento social*

07 Na ocasião, eu acreditava, realmente, sobre a classificação informada a Ariel.

diverso, do Willmer Galarza (DAZA; HOETMER; VARGAS, 2012, p. 201). Eu não podia acreditar que alguém tivesse escrito um texto com a sigla que eu estava resistente em usar por medo das plataformas; não podia acreditar que o protagonismo das pessoas T estivesse sendo reivindicado em algum lugar do mundo e ninguém falasse disso. Entendi que era por ser na Bolívia, porque se fosse na Europa ou nos Estados Unidos, já teríamos adotado essa mudança. A Bolívia também faz parte do Fim do Mundo, e quase ninguém se importa com as dores do povo do Fim do Mundo, como disse lindamente o cantor e compositor boliviano, Jaime del Rio: *“una pena tengo yo, que a nadie le importa, que me importa de nadie, si a nadie le importo yo. No quiero humillaciones, no quiero compasión, solo, solo he nacido solito quiero morir”* (Canção: Una pena; Jaime del Rio, 1961). Comecei a pesquisar mais profundamente sobre o movimento TLGB+ na Bolívia, e essa pesquisa me levou a conhecer o Rodolfo Vargas e a Paris Galán, do Coletivo TLGB, que aceitaram se encontrar comigo e responder algumas perguntas. Nesta oportunidade, as falas que serão expostas pertencem a estas duas pessoas do Coletivo TLGB, e serão indicadas a quem pertence no início de cada depoimento.

Nossa reunião foi virtual, e começou com a apresentação que o Rodolfo fez da organização que preside; comentou que o Colectivo TLGB é uma organização nacional, com presença na Bolívia e com representação nos níveis departamental e municipal: “São mais de 2000 personas filiadas a este coletivo com população de todas as diversidades”, sendo essa a razão pela qual decidiram que a sigla seria com o T no começo, e sem outras letras como o I ou o Q: “porque ainda não temos presença ativa de pessoas *Intersex* ou *Queer*, e não queremos adicionar letras só por moda, sem participação real”. O Rodolfo afirmou que esta organização boliviana deseja ter presença ativa de pessoas que trabalhem com eles e elas e por eles e elas.

Depois desta apresentação da organização, o Rodolfo pediu para a Paris se apresentar. Ela comentou que é secretária de Relações e Assuntos Políticos do Coletivo TLGB da Bolívia e vice-presidenta deste coletivo de La Paz. Além do trabalho que realiza com a organização, é ativista, defensora dos direitos da população TLGB+ desde os anos 90, uma das mais antigas no ativismo TLGB+ da Bolívia, porque faz parte da organização desde o começo quando

IMAGEM 66: Apresentação da Agenda Política - Colectivo TLGB Bolívia.

Fonte: perfil do Instagram do Colectivo LGBT Bolívia.



foi fundada. Junto com seu trabalho de militância, trabalha como guia turística, já que é linguista de profissão, especialista em língua francesa. Outra militância da qual faz parte é aquela das Pessoas Com Discapacidade (PCD), já que tem baixa visão e por esta razão está se aproximando da Federação Nacional de Cegos da Bolívia.

A Paris me contou que por volta de anos 90, na Bolívia, o nome era Movimento Gay, só; e foi Movimento Gay até quase finalizar a década. No primeiro Congresso, em 1998, falou-se pela primeira vez de Movimento GLBT. Antes dessa década, nos anos anteriores, na Bolívia, como nos outros países do Abya Yala, identificava-se todas as orientações e identidades diversas como: Homossexual. As palavras Gay, Lésbica e Trans tampouco eram usadas antes dessa conferência. Foi no congresso de 2000 que pessoas T conseguiram participar como organização e não de forma independente, e ela e suas amigas e amigos participaram como: Fundação Galán, que agrupava pessoas que faziam transformismo, levantando o assunto trans porque, com seus eventos, conseguiam convocar muitas pessoas (IMAGEM 66).

Sobre o olhar que algumas pessoas têm da transexualidade na Bolívia, a Paris questiona que, por vezes, “para ser mulher transexual precisas ter tetos e bunda e ter o cabelo comprido e mudar seu documento de identidade. Se você não faz tudo isso, não é reconhecida como mulher trans ou como um homem trans (...). É algo que eu sempre

questiono. Tentamos voltar sempre aos parâmetros hegemônicos, ou seja, nos submeter aos parâmetros heterossexistas, para ser reconhecidas: ver-te como mulher biológica com tetos, cabelo comprido, nome legalmente feminino”. Foi, de fato, este o momento que me fez refletir sobre a Ariel, acolhida da Casassa, que eu tinha definido como não-binária, usando uma expressão que não fazia sentido para ela, mas que no meu entendimento a definia. Mas na Bolívia entraram a debater o protagonismo das pessoas T nesses encontros e se distanciaram de muitas das convenções importadas, definindo como pessoas Trans-diversas a todas aquelas com identidades de gênero diferentes das Cisgeneridade.

Esse debate aconteceu no interior das organizações e no Congresso seguinte, por volta de 2008, em Santa Cruz, houve uma forte participação Trans-diversa. Este congresso foi protagonizado por transformistas, travestis, transexuais, Drags e todos aqueles corpos atravessados pela transgeneridade. Ali decidiram, então, reivindicar a mudança da sigla porque era



evidente que a identidade mais protagonista nesse dia, e na luta da diversidade, eram essas pessoas identificadas com a letra T. Perceberam que a outra presença importante era das mulheres lésbicas e dos homens homossexuais, que desde umas décadas anteriores tinham começado a usar a palavra Gay; finalmente as pessoas Bissexuais, que mesmo com pouca visibilidade, faziam presença no evento. E foi nesse dia que a sigla ficou dessa forma: TLGB. E desde esse dia até hoje não tem mudado; mesmo com transformações, com presença de outras identidades e lideranças; ninguém mais propôs uma nova mudança da sigla até hoje, segundo comentou Paris.

Sobre o Colectivo TLGB, o Rodolfo comenta que não contam com um espaço físico para realizar suas reuniões de voluntários, mas essa foi uma decisão grupal, pois decidiram não se constituir como uma ONG, pelos problemas que causava a administração do dinheiro, já que tinham experiência de outras organizações em que as lideranças ficaram por anos e anos no poder. Por esta razão, no Colectivo TLGB, os cargos não são vitalícios, e sempre se dá espaço para que novas lideranças entrem e assumam as responsabilidades na luta. O Rodolfo comentou que uma reflexão que grupalmente abordaram foi que muitas vezes as organizações recebem financiamento para trabalhar com algum tipo de população e o dinheiro acaba indo para aluguel, material de escritório, papelaria, funcionários e o impacto na população fica no segundo lugar. Por esta razão o Colectivo TLGB decidiu ser um referente no nível nacional e realizar ações com a população através de parcerias com outras organizações sociais ou governamentais, como a Defensoria do Povo ou organizações de mulheres que contam com espaços físicos para poder se reunir.

128

Todas as informações que o Rodolfo e a Paris comentaram, dialogam com as informações que a própria organização dispõe em suas redes, onde menciona que o objetivo principal do Colectivo TLGB é “incidir na transformação política, social, cultural e econômica do Estado Plurinacional da Bolívia, para permitir o pleno exercício cidadão das populações com diversa orientação sexual e identidade de gênero no âmbito dos seus direitos humanos, sexuais, reprodutivos, sociais, civis, políticos, econômicos, culturais e meio-ambientais, e o desenvolvimento das suas capacidades na construção de uma sociedade justa, igualitária, equitativa e inclusiva” (COLECTIVO TLGB)⁰⁸. Por essa razão, este coletivo conta com representação nos nove departamentos da Bolívia, sendo em total 10 organizações locais que realizam um trabalho autônomo, mas em coordenação com a direção nacional.

Paris também reconhece que mesmo sendo interessante ter um espaço físico, a organização não tem procurado conseguir porque: “não temos o dinheiro (...) e na Bolívia o trabalho das ONGs tem sido positivo e expositivo na mínima porcentagem; não tem servido sempre, [tem servido] mais para enriquecer os diretores, os fundadores, os donos investindo muita gana da cooperação internacional na Bolívia; muitíssimo dinheiro de TGLB, mas de forma irônica a Bolívia é o país que menos avances tem conseguido. Então, aí a gente percebe o tanto de dinheiro da cooperação internacional que não tem servido realmente para poder conseguir objetivos que se tem marcado em muitos momentos. Temos agendas políticas que nunca se cumpriram porque há conflitos entre a gente. Porque temos nos separado. Neste momento, por um lado estão os coletivos que temos base social e, por outro lado, ONGs que sempre buscam o lucro”. Por esta razão, o Colectivo TLGB tem

08 Disponível em: <http://www.colectivotlgbbolivia.org.bo>

se mantido firme na decisão de não se constituir como uma instituição com espaço físico; tem registro jurídico, podem acessar financiamentos, mas são financiamentos pequenos focados em projetos específicos de empoderamento.

Rodolfo comentou que o Colectivo TGLB propicia lugares acolhedores na Bolívia para a população TLGB+, mesmo sem um lugar próprio onde trabalhar, através de eventos culturais como exposições fotográficas ou encontros (IMAGEM 67). Sobre a realidade das pessoas expulsas de casa ou que não têm um lugar onde morar, a Paris comenta que em Santa Cruz, uma das coletivas da cidade abriu, com o apoio do governo, uma casa para pessoas T que funciona em forma de albergue, e que começou faz pouco tempo seu trabalho de abrigo exclusivo para pessoas trans. Eles lembram também da existência de um *hostel TLGB friendly*, em La Paz e em Santa Cruz, mas não são albergues, senão espaços para o turismo onde, segundo a Paris, supostamente não há discriminação no momento da hospedagem pela identidade ou orientação, mas que, como foi explicado, são espaços exclusivamente comerciais.

Uma informação que a Paris lembrou e que achou importante de mencionar foi um relatório do governo municipal de La Paz, que recentemente comunicou um plano do município de criar albergues para a população com orientações e identidades diversas. Contudo, ela acha difícil de acontecer: “me parece pouco confiável, porque no município de La Paz há uma crise econômica muito séria, e para 2022 os recortes orçamentais serão enormes, mais do 50% do orçamento (...) e o governo municipal teve problemas na implementação dos programas de Saúde, Educação, Transporte, Mobilidade, etc. Eu duvido muito que possam implementar esses albergues. Sabemos que não são prioritários para nossas autoridades. Se fazem com dinheiro da cooperação internacional, poderia ser plausível, mas, honestamente, duvido muito”.

Uma realidade que acontece na Bolívia, e em geral nos outros países, é a disposição das pessoas TLGB+ de oferecer suas próprias casas em casos emergenciais, especialmente as pessoas T. A própria Paris teve em sua própria casa algumas migrantes da Colômbia, por exemplo. Contudo, algumas vezes isso gera problemas maiores pelas dificuldades de convivência, das brigas, dos roubos; segundo a Paris, “as próprias meninas não entendem essa casa como um albergue senão como um alojamento onde podiam ir, levar clientes, beber álcool, consumir drogas e gerar problemas. Não havia regras claras”. Finalmente, o Rodolfo lembra também de um grupo de pessoas idosas que têm procurado na cidade de La Paz, para que seja disponibilizado



IMAGEM 67: Reunião com voluntárias de “YO SOY MI PRIMER AMOR”, experiências da Oficina Região Livre de Discriminação.
Fonte: perfil do Instagram do Colectivo LGBT Bolívia.

um espaço para ter um albergue para idosos TLGB+, mas até o momento, como bem comentou a Paris, ante tanta demanda e sem orçamento, o governo municipal não tem respondido de forma positiva.

A conversa com o Rodolfo e a Paris trouxe novos horizontes para esta pesquisa, que até aquele momento tinha como propósito indagar se nas casas de acolhimento havia sempre uma perspectiva muito similar aos projetos que tinha conhecido no Brasil; mas o trabalho do Coletivo TLGB me fez refletir sobre a importância do trabalho das organizações que contribuem para que os lugares sejam acolhedores, mesmo sem ter um espaço físico; como é o caso da Casinha do Rio de Janeiro. De fato, fez-me lembrar de muitas outras casas, ou *House*, que trabalham desde a arte pelo bem-estar das pessoas TLGB+ do Fim do Mundo.

URUGUAI – HOUSE OF POLENTA⁰⁹

3.8 TE VOY A ENSEÑAR

*"Pula, dança da tua forma.
Não esquece, baby, de liberar a fera,
Hoje sinta seu corpo entre a gente,
Não deixe de dançar.
Eu sou o centro deste baile, já sei.
E você também é.
Vem aqui vou te ensinar"*
(KEVIN ROYK)

130

Na procura de lugares acolhedores para pessoas TLGB+, neste Fim do Mundo, acabei encontrando um mundo que eu já conhecia, mas superficialmente, o mundo da dança, o mundo da cultura *Ballroom*. A música, a dança e as artes em geral, para muitas pessoas TLGB+, propiciam ambientes confortáveis; muitas pessoas se isolam do mundo aterrador onde vivem com uma canção, e ali fecham os olhos e deixam seu corpo, tão julgado e atacado, liberar-se com ritmos variados e melodias que conhecem o caminho para tranquilizar a alma; corpos que cantam como a afro-uruguaia, cantora, artista e compositora andrógina Kevin Royk, *"Menea, salta baila a tu manera; no olvides de soltar la fiera. Suelta tu cuerpo entre la gente, no dejes ya de bailar"* (Canção: *Te voy a Enseñar*; Kevin Royk, 2021).

E dentre todas as artes, falo da dança porque é esta a arte que propicia a existência da Casa Polenta (*House of Polenta*), e muitas outras casas que, como ela, usam a dança e a cultura *Ballroom* para propiciar lugares acolhedores para pessoas TLGB+ no Uruguai e no Fim do Mundo. Essa cultura, como foi falado no primeiro capítulo, nasceu na cidade de Nova York, e poderia parecer, em um primeiro olhar, mais uma importação do centro do mundo para estas distantes terras (LIVINGSTON, 1991). Entretanto, como também foi informado anteriormente, esta cultura urbana nasceu de pessoas TLGB+ negras e latinas excluídas e se transformou numa alternativa de liberação e expressão destas pessoas, que eram violentamente perseguidas e discriminadas. Então, eu aqui, vou me permitir reivindicar

⁰⁹ La Casa Polenta es un colectivo cultural de Montevideo que desde el 2018 tiene como propósito generar espacios inclusivos que difundan la Cultura Ballroom en Uruguay.

a cultura *Ballroom* como nossa; como uma criação de pessoas do fim do mundo, da América Latina e da África que, por acaso, moravam na capital do mundo.

De fato, foi uma mulher trans afro-americana, Crystal LaBeija, junto com sua amiga Lottie, quem criou a *House of LaBeija* e marcou o começo da cultura *Ballroom*. A Crystal abriu as portas da sua casa para jovens marginalizados, afro-americanos e latinos, expulsos das suas casas. A partir desse movimento, muitas outras casas foram criadas, casas lideradas por “pais” e “mães” e se converteram em espaços seguros, sistemas de apoio emocional e econômico, e permitiram a materialização de lugares acolhedores para pessoas que não tinham nenhum outro lugar além da rua. Lugares acolhedores porque “é como cruzar o espelho do País das Maravilhas, você entra e sente que é 100% correto ser gay”, disse o David Xtravaganza no documentário *Paris is Burning* (LIVINGSTON, 1991).

Na América Latina a força da música e da dança não é uma importação, mas a proposta da cultura *Ballroom* veio com a mídia, os documentários, com algumas pessoas que viajaram para Nova York e voltaram motivadas em organizar batalhas de *Voguing* no Brasil, chegando também aos outros países, como Argentina, México, Colômbia, Chile,



IMAGEM 68: Josué em uma Kiki Ball, Categoria VOGUE.

Fonte: perfil do Instagram da House of Polenta.

Costa Rica e Uruguai. Quando chegaram na América Latina, as casas *Ballroom* sofreram algumas transformações, como acontece com tudo o que chega no nosso Fim do Mundo. Mesmo existindo competições, esta cultura, em muitos países da América Latina, virou uma política de afeto, uma forma de militância do cuidado, fazendo com que as casas comesçassem também a responder a movimentos e reivindicações inditárias: corpos gordos, corpos negros, corpos dissidentes. Sobre a importação da cultura, há um debate, pois em Nova York a cultura *Ballroom* foi fundada por pessoas vulnerabilizadas, a grande maioria pessoas trans, negras, latinas, trabalhadoras sexuais; e na nossa América Latina, muitas casas foram fundadas por pessoas cisgênero, brancas, profissionais da dança que fizeram

do *Ballroom* um estilo de vida. Sobre isso, falou-me Josué Araya, fundador da *House of Polenta* do Uruguai; todas as falas apresentadas neste subcapítulo são dele por essa razão não será feita nenhuma outra identificação para cada uma delas, visando deixar o texto limpo.

A Casa Polenta é uma casa de *Ballroom* fundada por um homem cis homossexual e migrante em Montevideu. Eu conheci o Josué pelo Instagram, procurando por casas para pessoas TLGB+ no Uruguai; não tinha pensado procurar por *House*, mas acabei achando referências ao trabalho que eles realizam. Enviei mensagem, ele me respondeu e começamos a conversar. Eu sabia muito pouco até esse momento sobre a cultura *Ballroom*. O que sabia vinha de algumas competições que assisti na televisão, algumas séries que falavam disso e alguns comentários de amigues que faziam com que o assunto não fosse desconhecido

totalmente; mas no primeiro momento não estava dentro dos meus planos aprofundar neste tema. Mesmo assim, escrevi para o Josué, ele aceitou conversar comigo e acabou plantando uma semente para eu querer conhecer mais sobre todo este movimento artístico e cultural.

O Josué me contou que antes da pandemia ele viajou para o Uruguai porque tinha terminado de estudar audiovisual no Chile. Ele é da cidade de Antofagasta e estudou sua graduação em Santiago do Chile. Acabando seus estudos, ele queria fazer algo novo; já conhecia algumas pessoas no Uruguai, porque tinha visitado o país na adolescência para conhecer, mas em 2017 decidiu se mudar definitivamente, sem pensar muito, “foi um impulso”, disse. Comprou uma passagem só de ida, fez uma publicação no Facebook e pediu para as pessoas orientarem ele para poder chegar em uma residência ou pensão. O Josué comentou que quando chegou não tinha um objetivo definido, “tinha acabado de estudar e era a primeira vez que estava considerando opções, assim que beleza, fui ver o que fazer e fiquei”. Toda essa primeira etapa foi muito importante porque o motivou para fundar uma casa *Ballroom*; ele tinha conhecido essa cultura em 2016, quando acabou seu último ano de audiovisual em Santiago do Chile; tinha ido para algumas *Kiki Balls* e até participado nelas (IMAGEM 68).

Antes de continuar com a história do Josué e a Casa Polenta, preciso fazer um adendo sobre as *Kiki Balls*. Finalizando o século XIX, a comunidade negra e latina de Nova York começou a organizar eventos que misturavam a estética da moda e do carnaval com a dança, que chamavam de *Drag Balls*. Estes eventos se popularizaram e continuaram acontecendo com sucesso durante as décadas seguintes; em vários momentos do século seguinte, foram ilegais e acabaram sendo perseguidos. Ao concorrerem nestes concursos, eram escolhidas as ganhadoras que seriam coroadas como rainhas; em 1967, a candidata negra Crystal LaBeija, que representava Manhattan, reclamou que os juízes tinham discriminado os candidatos negros e latinos; Crystal LaBeija não participou mais dos *Drag Ball*, e na década de 1970, junto com a *Drag Queen* Lottie LaBeija, organizaram sua própria *Ball*. Desta forma, bem resumida, nasceu a *House of LaBeija*, a primeira casa *Ballroom*. Estes eventos organizados pelas casas *Ballroom*, os *Ball*, acabariam sendo a tendência e a moda dominante e acabaram se distanciando, com o tempo, das *Drag Ball*, pois expandiram-se, cresceram, virando grandes e importantes concursos internacionais o que o Josué vai chamar de *mainstream*. Contudo, desde a década dos 2000 apareceu uma outra alternativa menos competitiva chamada *Kiki Balls*. As *Kiki Balls* começaram a ser organizadas por ativistas que conheciam a cultura *Ballroom*, e são festas ou reuniões para rir, compartilhar e dançar. Foi em um destes eventos, menos competitivos, mais sociais e descontraídos, uma *Kiki*, que o Josué acabou participando, em 2016, no Chile, onde também estava começando todo esse movimento.

Já no Uruguai, o Josué procurou alguma *House* para continuar aprendendo e compartilhando sobre a cultura *Ballroom*, e só encontrou uma academia de dança, que depois viraria uma *House* também. Segundo o Josué, as pessoas que lideram essas casas são chamadas, por vezes, de “*Xadres*”, nem “*madres*” (mães) nem “*padres*” (pais), *Xadres*, sem distinções de gênero. A *Xadre* dessa academia que o Josué achou chegando ao Uruguai, dava aulas e ele decidiu ir e participar das aulas. Foi a única opção que encontrou, mas percebeu que sabiam muito da dança, mas não tanto da cultura *Ballroom*. Ele viu que tinha alguma aproximação como uma dança, para fazer coreografias, mas faltava saber dos inícios. Então, pensou: “uau, não sabem tudo o que há por trás”, percebeu que a pessoa que dava as aulas tinha viajado para os Estados Unidos, tomou umas aulas e voltou; voltou e compartilhou isso:

umas aulas. Mas o Josué já sabia que o *Ballroom* era mais que dança e sentia a necessidade de ir além.

Uma diferença das casas latino-americanas e das casas dos Estados Unidos, que o Josué identifica, mesmo sem ter viajado para Nova York, mas baseado em suas leituras, pesquisas e conhecimentos, é a existência do *Ball Mainstream*, ou aqueles eventos de competição que falamos anteriormente. Nos Estados Unidos, “são casas que estão faz 25 ou 30 anos; nos eventos *kikis*, na verdade, são outras casas mais novas, mas que também têm regras. Os eventos *mainstream* são mais concorridos, mais sérios, o nível é maior. Aqui na América Latina os eventos *kikis*, têm menos anos”. Outra diferença que identifica é que aqui na América Latina “temos outras categorias; temos nossos próprios regulamentos, diferentes dos da Europa, para não patrocinar mais a superioridade de pessoas hegemônicas ou padrão”. Aqui no Fim do Mundo tem sido diferente, pois dá-se vez a pessoas diversas: “como que adequamos as categorias ao nosso contexto, ao nosso território”. Toda essa diversidade faltava nas aulas que estava tomando, mas: “sendo uma pessoa migrante, obviamente, não podia chegar impondo e também não conhecia a cultura do Uruguai, então fui me acomodando ao mesmo tempo que ia aprendendo”.

Nessas aulas, o Josué me confessou que não se sentiu no espaço correto e começou, então, a divulgar sessões pelo seu perfil de Instagram, sessões de graça que anunciou para todas as pessoas que estivessem interessadas em compartilhar com ele o que tinha aprendido, e ia pesquisando. Enquanto isso, começou a estudar *Vogue* na Universidade da República. O *Vogue* é o estilo de dança que se usa nos *Ballroom*, embora pessoas como o Josué poderiam afirmar que é muito mais que um estilo de dança marcado por “caras e bocas”; é um movimento de reafirmação de identidade de gêneros, de sexualidade, de orientações e também de interseccionalidades, por ser ter nascido nas comunidades TLGB+ negras e latinas dos Estados Unidos; um estilo de dança que se popularizou nos anos 90 com a música e clipe *Vogue*, da Madonna. Na primeira sessão que o Josué divulgou não chegaram muitas pessoas, mas com três já era suficiente; eram três pessoas que agora estavam mais próximas da cultura *Ballroom*. Em todo esse processo de estudo na universidade e encontros divulgados pelas suas redes sociais, o Josué conheceu várias pessoas com quem foi criando proximidade e, junto com elas fez algumas propostas de atividades, sessões abertas, e em 2018 pensou: “ninguém vai fazer porque ninguém tem a experiência de caminhar no *Ball*”. Juntou, então, seu conhecimento, as pesquisas que fazia na Internet, seus aprendizados na universidade e decidiu organizar, junto com seus amigos, uma *Kiki Ball*. Foi nesse evento que decidiu fundar sua própria *House*; ele queria fazer parte de uma casa, já tinha pensado nisso, desejava ter seu grupo e compartilhar com pessoas de confiança que trocassem e entendessem a cultura *Ballroom* além das possibilidades estéticas e artísticas.

Josué, então, convidou um amigo para fundar com ele a *House*; os dois começaram a convidar pessoas, um processo que agora se faz de forma coletiva na casa quando começam a perceber que uma pessoa está compartilhando com eles, e, então, sentem que essa pessoa “é Polenta” e a convidam. O nome Polenta veio de uma expressão que o Josué conheceu no Uruguai, em 2018, quando, pensando no nome da sua casa, compartilhava muito com pessoas da cidade, e estas falavam “*tremenda polenta*” quando queriam falar que algo ou alguém tinha muita força ou energia; de fato, não só no Uruguai, como também na Argentina e no Paraguai se diz coloquialmente “ter polenta” ao fato de ser forte, e quando uma pessoa “é polenta” significa que

é muito simpática e amigável. O Josué pensou, então: "...é isso, é Casa Polenta". Por essa razão ele fala sobre sentir que uma pessoa "é polenta" antes de convidar ela para entrar na casa.

Esse assunto do nome das casas é outra diferença entre o movimento *Ballroom* dos Estados Unidos e o nosso, aqui no Fim do Mundo: "nos Estados Unidos, no começo, os nomes estavam inspirados mais em casas de moda: *House of Gucci*, *House of Balenciaga*... Na América Latina, acontece que os nomes vão nascendo segundo o sentido que cada um quer lhe dar. Mas, continua usando a referência dos Estados Unidos, se fala de *House*". Os nomes das *House* não são a única referência à moda na cultura *Ballroom*, que tem uma forte inspiração nas passarelas e nas capas de revistas; fazendo um universo de danças urbanas com diversas categorias e ramificações que desconstróem os padrões relacionados à beleza, à feminilidade e, também à masculinidade.

A ideia de Casas, ou *House*, mantém-se desde as origens do movimento que, como falamos anteriormente, foram lugares acolhedores onde viviam pessoas TLGB+ que não tinham onde ir. Na atualidade, mesmo aqui no Fim do Mundo, o sentido permanece igual, pois tem uma ideia de comunidade e família; de fato, mantém-se em muitas casas a figura das mães, ou "Xadres", que como Josué já tinha comentado, são chamadas assim sem distinções de gênero. Mesmo com esta profunda ideia de família, na atualidade, nas casas as pessoas não precisam viver juntas, no mesmo espaço, para fazer parte de uma delas.

Em uma casa como a *House of Polenta*, fazem-se muitas atividades além das competições de dança, reuniões entre as pessoas da casa e outras convidadas, porque nem todas as atividades são exclusivas para os membros. Às vezes, organizam comidas, convidando outras pessoas, como também fazem "um serviço comunitário, por exemplo, [fazem] atividades e eventos beneficentes, também marcadas com o *Ballroom*; dentro da casa há maquiadores, designers gráficos, então [tentam] sempre ter algum projeto; há dançarinos, então [participam] em atividades políticas fazendo performances, (...) o ano passado [passaram] na prefeitura de Montevideo para fazer uma intervenção urbana e também [fizeram] performances com intervenções artísticas em atos de militância dos coletivos LGBT+".

3.9 CUIDAME

"Cuida dos meus sonhos;

Cuida da minha vida

Cuida a quem te ama;

Cuida quem te cuida

Não maltrates nunca a minha fragilidade

Eu serei o abraço que te dá sossego".

(PEDRO GUERRA)

Se tem algo que o Josué repete com insistências é que a cultura *Ballroom* vai além das competições, e claro, ele sabe disso; o *Ballroom* cuida das fragilidades, é um "abraço que dá sossego" e, por isso, a sua procura insistente de uma casa quando chegou no Uruguai. As *House* oferecem um respaldo para jovens que não necessariamente se interessam em competir, mas que precisam de um lugar onde sentir acolhimento; por isso o Josué comenta: "A primeira casa nasceu em Nova York (...) para muitas pessoas diferentes, mas desde esse tempo a casa é uma coletiva, um grupo de pessoas que decidem estar juntas. Mas cada casa tem suas razões particulares, a minha foi convidando pessoas de mais confiança que

tinham interesse, porém há outras casas que compartilham mais tempo e se juntam, eu também conheço casas que a única pessoa que convida é a xadre. A Casa Polenta agora somos 13, um monte de gente, até faz pouco tempo só eu convidava (...), eu nunca pedi que soubessem *voguing*, nem que tivessem grandes habilidades na dança, senão que soubessem da importância de onde vem, de aprender, de difundir; esse é o principal objetivo; e faz algum tempo, já que somos bastante, começamos a compartilhar espaços com pessoas; conhecemos alguém com uma energia e sentimos que esta pessoa é como da nossa família, literal, e acabamos gerando um vínculo além e acabamos convidando-a para entrar na casa” (IMAGEM 69).



IMAGEM 69: Casa Polenta 2019.

Fonte: perfil do Instagram da House of Polenta.

Mas como bem disse o Josué: “cada casa é diferente”; algumas casas têm espaços físicos para se reunir e outras não, como a Casa Polenta. O Josué comenta que no Uruguai só há uma casa com espaço físico, a *House of Glama*, que é também uma academia de dança e, por esta razão, formam-se em outras disciplinas diferentes de dança: “Eu amaria ter um lugar, porque a cultura *Ballroom* nos Estados Unidos nasce dessas casas onde as pessoas acabavam dormindo, porque não tinham mais onde ir. Mas aqui na América Latina não necessariamente, aqui se forma a coletiva com pessoas que estão afins. Ou seja, se forma como um espaço também para poder se expressar e desenvolver, um espaço onde coletivamente potencializamos todos nossos talentos, nossas habilidades; ou seja, também está esse suporte de que se alguém passa fome ou tem algum problema do tipo, nós arranjamos entre todos e resolvemos”.

Outra característica da Casa Polenta é que é um grupo de pessoas diversas que podem, ou não, ser TLGB+; há pessoas heterossexuais, embora o Josué reconheça o protagonismo das pessoas trans e travestis no movimento: “o *Ballroom* em si é sempre de pessoas trans; são as pessoas trans as que têm habitado o *Ballroom*”; talvez por essa razão o Josué comenta da necessidade dessas propostas de abrigo para esta população: “não tem se criado ainda mais ferramentas, nós não temos um lugar onde possam ficar pessoas trans, por exemplo, não temos chegado a nos organizar dessa forma”. Mas tem se propiciado outro tipo de espaços educativos ou de encontro para poder conhecer e saber sobre a cultura *Ballroom*; espaços para potencializar a autoestima ou para conhecer outras pessoas que pensam de forma similar: “sinto que também é o espaço para as pessoas estarem perto”, comenta o Josué.

Uma reflexão muito significativa que o Josué trouxe na nossa conversa foi sobre o trabalho que a Casa Polenta faz para a promoção da saúde mental: “Aconteceu também de muitas pessoas que têm dificuldade de se expressar, são muito tímidas para poder se expressar e aqui começam a entender e desenvolver formas para melhorar. Com uma casa se cria um espaço onde as pessoas podem ser elas mesmas, e isso é muito bonito, porque existem até cursos de dança onde as crianças têm que se comportar muito masculinamente para não serem agredidos, por exemplo, mas num espaço de *Ballroom* posso me expressar da forma que eu quiser”. A dança é, definitivamente,

terapêutica para muitas pessoas, e poder sair de espaços onde existe repressão sobre como se comportar, como falar; espaços onde até a identidade é padronizada: “capaz que as pessoas têm dias que estão sendo violentadas o tempo todo, mas no *Ballroom* sentem que isso não importa, que podem dizer o que quiserem que o *Ballroom* vai entender. Que é um espaço criado por pessoas trans para ser o principal suporte e apoio para todas as pessoas”.

Desde aquele 2017, quando não havia nenhuma casa *Ballroom* no Uruguai, até 2022 quando foi feita a entrevista, têm se fundado muitas casas: “se massificaram as casas e eu adoro, mas também foram formadas de diferentes formas”. Por exemplo, têm casas onde não existe a figura de *Xadre*, porque elas entendem isso como uma hierarquia e evitam essa proposta, mas para o Josué, uma *Xadre* “é a guia, na verdade são para mim minhas filhas, porque levo um tempo nisso e quero transmitir esta informação e ajudar neste caminho, para depois caminharem sozinhas”.

Mas nem todas as histórias são fáceis de contar. Como toda “mãe”, o Josué já passou por momentos complicados com suas “filhas”: “faz algum tempo aconteceu com um *filhe*, que estava num relacionamento muito tóxico e estava num processo de reconhecer sua identidade, de se aceitar, e eu senti a necessidade de lhe dizer: ‘aqui você pode ser você mesma, aqui ninguém vai te julgar’. Também aconteceram histórias muito fortes, histórias de abuso; tenho precisado mediar em situações de abuso que aconteceram, inclusive, dentro da própria casa, e isso é bastante forte, porque nesse momento, as pessoas me enxergam como uma *Xadre*, e eu o que faço? Nesse caso são dois *filhes* e eu quero apoiar os dois, mas também não posso apoiar um abuso, e bom, foi bastante difícil; nesse momento eu não sabia o que fazer”.

Por todas estas situações, o Josué e a Casa Polenta precisam, junto com o trabalho artístico e comunitário, fazer um trabalho de militância a partir do cuidado: “eu acho que a Casa Polenta cuida das pessoas, como um sentimento de apoio, sem importar o que aconteça e cuidar no sentido de dar suporte, para não passar fome ou se sua situação está complicada e precisamos juntar algum dinheiro, beleza, fazemos uma rifa. A Casa Polenta é um espaço de escuta, de conversação. Nossas motivações de militância são o zero-positivismo, as pessoas não-binárias, a migração, também, o feminismo; essas são lutas que nos atravessam e que igual, quando nós habitamos algum espaço, estamos levando conosco as dissidências. Estamos abrindo caminhos também; temos ido a lugares muito normativos com nossa dança, falando de pessoas trans, de dissidências, das nossas lutas. Quando entramos em lugares normativos e entra uma pessoa migrante, vestindo essas roupas, abrimos espaços para outras pessoas porque, por exemplo, o Teatro [Solís] não era um espaço aberto antes para nós. Em uma oportunidade conseguimos uma bolsa de estudo para uma mulher trans que fazia parte da *House of Polenta* numa escola de criativos de marketing” (IMAGEM 70).

Uma particularidade que quase todos os lugares acolhedores para pessoas TLGB+ que



IMAGEM 70: House of Polenta.

Fonte: perfil do Instagram da House of Polenta.

conheci tem é o dinheiro, ou no caso, a falta dele: “Uff... Não nos sustentamos de nenhuma forma; por nós mesmos, porque de fato todas as atividades, como por exemplo as *Kiki*, no começo, eram com o dinheiro do meu trabalho. Eu trabalho em outras coisas e investia todo esse dinheiro nas nossas atividades e aportes voluntários. Deixávamos uma mesinha com comidas para poder assim sustentar, mas até agora não temos um sustento ou um fluxo de dinheiro como grupos”.

Mesmo assim, a Casa Polenta continua trabalhando, fazendo eventos e militando a partir da arte no Uruguai. Esta conversa com o Josué me trouxe muitas ideias de como todos estes lugares acolhedores para pessoas TLGB+ são diversos quanto a gente é, e têm diferentes formas de acontecer.

CHILE – HOUSE OF C-PHER¹⁰

3.10 Y TODOS ME MIRAN

*“Você me fez sentir que eu não valia
E minhas lágrimas caíram nos teus pés,
Eu me olhava no espelho e não me enxergava,
Era só aquilo que você queria ver.
Mas soltei meu cabelo, me vesti de festa,
Coloquei meus saltos, me maquiei e era bela (...)
E olhei a noite e já não era escura,
Era de lantejoulas.
E todos olham para mim (...)
Porque sei que sou linda, porque todos me admiram.
E todos olham para mim (...)
Porque faço o que poucos se arriscar a fazer”.*
(GLORIA TREVI)

137

A entrevista com o Josué da *House of Polenta* do Uruguai me fez lembrar de outra alternativa artística que tomou muita força no Abya Yala, e no mundo todo, na última década. Uma arte que faz uso das casas como lugares acolhedores para pessoas TLGB+ e que, nos Estados Unidos, foi o berço da cultura *Ballroom*. Lembrei das Casas Drag e fui atrás de uma delas no Chile, que soube de sua existência, por acaso, em um concurso Drag mexicano que assisti durante a pandemia. Entendi esta como uma oportunidade excepcional para conhecer e aprender a respeito das diversas alternativas que as pessoas TLGB+ têm encontrado para sobreviver, resistir e se cuidar.

Antes desta pesquisa, eu já tinha conhecimento sobre a arte Drag e como tinha salvado muitas vidas TLGB+ no mundo, especialmente, no nosso Fim do Mundo. Pessoas que encontraram nesta disciplina artística uma possibilidade para se expressar, mostrar que conseguiram se sentir poderosas novamente e lindas, fazendo aquilo que muitas pessoas não tem a coragem de fazer, como disse a cantora mexicana Gloria Trevi na sua música: “Y todos

¹⁰ A Casa de C-Pher é um grupo de artistas Drag que se apoiam mutuamente, seja compartilhando fantasias, morando sob a mesma casa ou maquiando-se, se apresentando como coletivo em eventos e concursos dentro e fora do Chile.

me miran, me miran, me miran porque sé que soy linda, porque todos me admiran. Y todos me miran, me miran, me miran porque hago lo que pocos se atreverán” (Canção: Todos me miran; Gloria Trevi, 2017).

A Casa Drag que conheci na pandemia foi a Casa de C-Pher. A C-Pher foi uma das participantes da quarta temporada do concurso mexicano *La Más Draga*, e ela comentava sobre sua casa em algumas oportunidades, mas até depois da minha conversa com o Josué, essa informação não me chamava a atenção. Decidi enviar uma mensagem no perfil de Instagram da casa e me respondeu a Drag Queen Usagi Glitter, uma das fundadoras que aceitou agendar uma entrevista comigo. Contudo, considero importante para compreender melhor minha conversa com a Usagi, esclarecer algumas informações importantes.

Geralmente, pode se entender a arte Drag como uma prática de celebração, até um pouco paródica, um espetáculo em que, normalmente, um homem se caracteriza como uma mulher, exagerando tudo o que socialmente é entendido como feminino. Mas também existem as *Drag King* que são a proposta antagônica, mulheres exagerando o que é entendido por masculinidade, além de *BioQueen* e *BioKing*, porque esta arte não se limita a uma oposição entre gênero e uma mulher pode acabar criando uma personagem feminina e um homem uma masculina, independente de todas as variáveis, todas são *Drags*. Nenhuma delas fica limitada à binariedade, explorando muitas possibilidades intermediárias, porque a arte *Drag* nasceu como uma forma de TRANSformismo, que buscava caricaturar e gracejar as noções daquela Ideologia dos Dois Gêneros, suas funções binárias, suas frágeis limitações dentro da sociedade, toda esta crítica com glamour e exageração performática (CASTILLO BASTIDAS, 2014).

Esta disciplina artística não nasceu no nosso continente e, novamente, poderia parecer mais uma importação. De fato, segundo Shane Vogel no livro *The Scene of Harlem Cabaret: Race, Sexuality, Performance* (LOI, 2017), ela nasceu como uma ferramenta do teatro do século XIX, no Reino Unido. Contudo, como já vimos no primeiro capítulo, estas dissidências não aconteceram só na Europa, pois na nossa Abya Yala há referências de arte transformista, como por exemplo: “no folclore andino, o travestismo tem sido registrado na figura dos dançantes de *witite* – dança original da província de Caylloma, em Arequipa (sul do Peru) –, que levam saias tradicionais das mulheres andinas” (VILLANUEVA JORDÁN, 2017, p. 96). Contudo, desde a chegada dos concursos *Drag* no novo milênio, através de canais de televisão



IMAGEM 71: HOUSE OF C-PHER.

Fonte: perfil do Instagram da House of C-Pher.

e plataformas digitais, na América Latina, esta arte tem ganhado força e muitas casas têm se fundado; uma delas, como disse, no Chile, é a Casa de C-Pher e uma das suas fundadoras, a *Drag Queen Usagi Glitter*, me contou sua história. Todas as falas relatadas neste subcapítulo são dela e por isso não será feita nenhuma outra identificação.

Usagi Glitter é Fernando Guasile, um maquiador e estilista chileno que estudou desde adolescente maquiagem e cabelo, porque fazia parte de uma tribo urbana que tinha esses referentes e amava os visuais diferenciados. Quando Fernando chegou em uma idade mais adulta, e com tudo que tinha aprendido na tribo urbana que fazia parte, começou a trabalhar como maquiador. Além do seu trabalho, gostava muito do mundo do *Cosplay*, que é uma atividade que consiste em usar acessórios representando um determinado personagem do mundo do audiovisual, como o Anime. Longe de ser fantasias de personagens, as pessoas que fazem *Cosplay* vivem a personagem da forma mais realística possível. No caso do Fernando, ele era muito fã de Pokémon, chegando a participar de um evento chamado *Pokémon Day*, em Santiago. Nesse evento, ele olhou alguém fabulosamente vestido e maquiado, produzido de forma incrível; essa pessoa era a C-Pher, ou o Felipe Rivera, quem acabaria fundando a Casa junto com Fernando tempo depois. Fernando começou a seguir a C-pher no Instagram, que fazia *Cosplay* de muitos personagens; curti suas fotos e comentava tudo. Isso foi mais ou menos em 2015, segundo lembra o Fernando. Até esse momento, a relação do Fernando e do Felipe era de um fã que admirava muito um artista (IMAGEM 71).

Mesmo a relação tendo mudado com o tempo e virado uma grande amizade, o Fernando continua admirando muito o trabalho do Felipe: “ele era deslumbrante, e cada dia é mais, ele continua evoluindo, ele sempre tem uma presença, uma ótima produção, então é incrível vê-lo”. Era tanta a admiração que o Fernando tinha pelo trabalho do Felipe nesse tempo, que começou a comprar produtos cosméticos da loja em que trabalhava e pedir para um amigo enviar para a C-pher, dizendo que era de um fã que a amava e admirava muito o seu trabalho.

Um dia, em um evento, a C-pher e o Fernando se encontraram nos bastidores, pois o Fernando havia sido contratado para maquiar uma das artistas. No mesmo evento participava a C-pher, que teve um problema com a sua bolsa, o que a impedia de corrigir ou retocar sua maquiagem para sua apresentação, que estava borrada em algumas partes. Fernando, então, ofereceu sua própria bolsa de maquiagem para que C-pher resolvesse seu problema. Ele, então, convenceu-a a deixá-lo corrigir a sua maquiagem: “ele disse que nunca deixava ninguém tocar na sua maquiagem. Eu disse que estava em boas mãos e ele percebeu que eu era bom nisso e começou uma amizade, e me convidou para tomar umas “*onces*”, como dizemos aqui no Chile”. *Onces* é a expressão que se usa em alguns países sul-americanos, como Chile ou Colômbia, para falar de uma comida leve ou um lanche da tarde que, geralmente, é acompanhada com chá ou café com leite. Para quem não conhece, poderia parecer algo simples tomar umas *onces*, mas é algo incomum o que aconteceu nesse dia, porque as *Drags* são muito zelosas com sua maquiagem, por isso tomar *onces*, neste caso, era a assinatura para uma amizade; convidar o Fernando para sua casa seria o próximo passo na consolidação de uma amizade.

E essas *onces*, com um chá, foram as primeiras de muitas outras que tomariam o Fernando e o Felipe, que a partir desse momento começaram a participar de eventos. Fernando como assessor da C-pher, ajudando nos penteados e nas maquiagens. O Fernando me falou que esses eventos foram construindo os alicerces de uma linda amizade, que motivaria os dois

para entrar no mundo do *Drag*: “surgiu uma amizade super bonita; ele (o Felipe) motiva então meu primeiro *cosplay*. Depois percebi que no trabalho que estava me sentia reprimido, mesmo que deixassem me maquiar, me sentia muito coibido e decidi pedir as contas, dedicar mais tempo e investir mais no mundo *Drag*. Eu entro no *Drag*, enquanto a C-pher ainda era mais *Cosplay*, mas estava entrando também na arte *Drag*, e então começamos com isto e percebemos que amávamos demais isto”. É nesse momento que Fernando entra na arte *Drag*, quase junto com a C-pher. Foi pelo *Drag* que começaram a ter contato com outro amigo da cidade de Valparaíso, no Chile, que acabou viajando para Santiago. Como estavam começando a conhecer os eventos de *Ballroom*, decidiram ir produzidas em um desses eventos de temática natalina. Segundo o Fernando, naquele evento enorme eles não foram para participar como espectadores, porém vestidas como *Drag*. As pessoas perguntavam qual era a casa que representavam e por que não estavam participando: “perguntavam para nós porque não participamos que qual era nossa casa. A dona do evento (...) disse então em um momento: ‘chegou a casa do C-pher’ e depois ficou assim, a *House of C-pher* e já. E era verdade porque como C-pher vivia numa parte muito central da cidade, todos acabávamos nos maquiando, vestindo e arrumando na casa do Felipe, e começamos mais como para nos juntarmos para ir em eventos, para ir ao cinema, mais por amizade. [E assim] a casa nasceu para o natal de 2016”.

140 Passados alguns meses, a *House of C-pher* já era conhecida por muitas pessoas. Foi então que o Fernando decidiu criar um perfil no Instagram, visando deixar o nome ainda mais em evidência, e também para começar a trabalhar e produzir mais, além de ter uma vitrine para expor o trabalho e receber propostas para contratações de produtoras chilenas, participação em eventos e competições. Dessa forma, foram conhecendo mais pessoas que começaram a participar da casa, chegando a ser 12 *drags*. Hoje são 9: “todos nos unimos pelo bem comum que era o amor pela arte, o amor pelo *Cosplay*, o amor pelo *Drag*, o amor pela maquiagem; então cada um começou a desenvolver sua personagem e ir para eventos. Também com o tempo percebemos que nossa *House* já não era um grupo de amigos e que se tornou uma família, porque foram acontecendo coisas como por exemplo, a Tora, que hoje mora comigo, porque na sua casa o pai realmente agrediu ele, então eu disse para morar comigo, porque morava numa realidade super reprimida e super homofóbica. Foram acontecendo coisas que fizeram nos juntarmos mais, uns assuntos pessoais, os quais não posso falar em público, mas também foram se dando as coisas para nos apoiar na maquiagem e na vida, nos sentimos como uma fraternidade”.

Na *House of C-pher* cada uma das *drags* tem uma cor, segundo comentou a Usagi. De fato, ela é a cor rosa; a Ritsu, vermelho; e a C-pher, azul; e assim com todas. Essa foi uma marca da casa nas atividades, porque acabavam indo aos eventos com alguma temática, mas cada uma com a sua cor; cada uma pegava sua cor e incorporava no seu estilo: zumbi: cada uma de uma cor, piratas: cada uma de uma cor. Então, a Casa de C-pher começou a fazer barulho em Santiago de Chile e a receber convites para mais eventos; começaram a se relacionar muito com o mundo artístico e, segundo a Usagi Glitter, o Fernando, hoje são uma casa internacional que tem participado de diferentes concursos em outros países, já que cada uma tem diferentes possibilidades artísticas: uma é melhor nas coreografias, outra é mais uma garota da moda, outra é mais forte nas maquiagens, ou nas perucas. Cada *drag* tem habilidades diferentes que fortalecem o trabalho de todas.

Mesmo fazendo um trabalho muito disciplinado e profissional, a Usagi comenta que, segundo sua visão, no Chile, a arte *drag* é pouco valorizada e, por essa razão, estão com planos de

ir para México agora que a C-pher acabou de participar de um evento nesse país e tem recebido um apoio incrível: “Talvez não para sempre, mas sim ir embora para viver um tempo, trabalhar pelo menos seis meses, seis meses de puro trabalho e ficar com as portas abertas para depois poder nos mudar definitivamente. Eu estou resolvendo minhas coisas aqui no Chile para poder ir embora tranquilo para o México, viver um tempo e trabalhar mais”.

Se há algo que é muito interessante na conversa que tive com o Fernando, é como a *House of C-pher*, igualmente às outras casas que conheci, nasceram da dororidade e da necessidade de alguém, que achou outras pessoas com as mesmas dores e as mesmas necessidades, e se juntaram para propiciar um lugar onde essas dores fossem cuidadas, trabalhadas e superadas.

3.11 SIN TI NO SOY NADA

*“Sinto-me estranha,
As noites de festa se tornam amargas
Eu rio sem vontade
Com um sorriso desenhado na cara
Eu sou só um ator que esqueceu seu roteiro
No final, são só palavras que não dizem nada.
Os dias que passam,
As luzes da aurora
Minha alma, meu corpo, minha voz;
Não servem de nada
O que eu daria
Para ter teu olhar
Para ser como sempre nós dois,
Enquanto tudo muda
Porque eu sem você não sou nada”.*
(AMARAL)

141

Esta música do Amaral foi usada pela Usagi Glitter em uma apresentação muito importante que mudou tudo. Não foi seu primeiro show, mas foi sua apresentação de reconciliação com a arte *drag*; seu primeiro show depois de quase um ano de ter brigado com o palco. Esse show, para Usagi Glitter, não tinha sido o que ela esperava, nesse dia sofreu muito. No meio da apresentação viu seu ex-namorado no local do evento com outra pessoa, e nesse momento o Fernando teve uma crise de pânico porque eles tinham acabado o relacionamento fazia pouquíssimo tempo. O Fernando lembra que saiu chorando do palco no meio do show, enquanto a música ficou lá, tocando. Para Fernando foi um momento muito trágico, pensou até em desistir, e quase por um ano, efetivamente desistiu. Ajudava as suas companheiras a se maquiarem, mas rejeitava qualquer convite para se apresentar, pois tinha muita vergonha e crise de ansiedade só de pensar na possibilidade de pisar novamente em um palco.

Porém, tempo depois a *House de C-pher* foi convidada a um festival que se faz na Universidade de Santiago de Chile (USACH): “um ano depois fizeram um festival, muito importante, um espaço seguro para a comunidade, o *Drag Fest*, que se faz na USACH (...). Tinham convidado

pelo menos 50 *drags* para fazer seu show como num panteão grego. Chegou então um e-mail para C-pher, convidando alguma de nós a se apresentar. Justamente nesse tempo nossa agenda estava muito apertada e ninguém podia, só haviam duas de nós disponíveis, e eu não estava fazendo apresentações porque estava traumatizado. Então C-pher rejeitou o convite porque ninguém podia, mas eu, num ataque de coragem, aceitei e disse que eu faria. E a outra *drag* da casa disse que me acompanharia, ensaiamos muito uma música de um grupo que chama Amaral, apresentamos uma música deles que chama “*Sin ti no soy nada*”. Era uma apresentação muito linda, a gente fez um conto muito teatral e o povo ficou emocionado, em pé batendo palmas, ovacionando, gritando para nós, lançando flores”.

Aquele dia, finalizando a sua apresentação, com toda essa ovação, que foi incrível segundo a Usagi, e recebendo o reconhecimento como o melhor show, ela acabou chorando e conseguiu se reconciliar com o palco. Para essa reconciliação, foi fundamental o apoio da sua casa, das suas irmãs. Nesse dia, a Usagi Glitter decidiu que era isso que queria seguir fazendo para sempre. Seus medos morreram no palco, foram assustados pelas palmas e as flores, e começou a agendar todos os convites que recebia. Segundo ele, na Casa de C-pher, ela e suas irmãs não têm mais medo de se apresentar: “hoje a gente não tem medo do palco, a gente devora ele” (IMAGEM 72).

Mas a importância dessa música vai além da apresentação, pois ela resume o trabalho que a *House* faz; cada uma em separado é uma artista incrível, mas juntas, são maravilhosas. A *House of C-Pher* não é uma casa abrigo, é uma casa artística, um lugar acolhedor para nove pessoas que se juntaram para se proteger: “Eu te sou franco, a vida *drag* aqui no Chile é difícil e têm nos fechado as portas muitas vezes. Imagina, quando aconteceu tudo isto do México, você acha que alguma produtora, algum site compartilhou algo da C-Pher? E estávamos representando o Chile. E nada, absolutamente nada”. Elas precisavam de um lugar para escapar das ameaças de um mundo discriminador e, ao mesmo tempo, de um lugar para se proteger de outros artistas TLGB+.

A referência que o Fernando faz do México é o concurso *Drag* pelo qual conheci a C-pher, que foi uma das finalistas; e essas portas que falam, foram abertas por elas mesmas, porque não recebem apoio: “sendo sincero, as casas *drag* aqui no Chile praticamente são inexistentes, porque tem duas além da nossa que (...) não abrem as portas para novas artistas; muito complicado que uma *drag* nova possa crescer aqui, só se é muito corajosa e faz seu show muitas vezes para acabar ganhando 10 *lucas*, muito pouco dinheiro, então é uma realidade difícil, lamentavelmente”. ‘Lucas’ é uma expressão latino-americana, no caso do Chile, que representaria dez mil pesos chilenos, mais



IMAGEM 72: *House of C-pher.*
Fonte: Arquivo Usagi Glitter.

ou menos o equivalente a cinquenta reais.

Outro problema com que a arte *drag* precisa lidar é o perigo da noite: “Além de tudo, o mundo *drag* é noturno, hoje talvez esteja saindo um pouco mais, mas aqui no Chile, é muito noturno; há pouca cultura *drag*. Algumas marcas imitam muito o mundo *drag*, daí tem convites constantes, a gente igual se movimenta muito”. Como as *drags* trabalham na noite, o perigo para elas é aumentado, e por isso a importância de uma casa como esta, porque em um lugar assim, uma sem outra não é nada, como disse a música da Amaral: “*Las noches de juerga se vuelven amargas, me río sin ganas con una sonrisa pintada en la cara. Soy sólo un actor que olvidó su guión (...) porque yo sin ti, no soy nada*” (Canção: Sin ti no soy nada; Amaral, 2002).

E essa sinergia não fica limitada em uma dimensão laboral, pois cada uma delas poderia trabalhar sozinha, como outras *drags* fazem. O próprio Fernando já trabalha no mundo artístico como cabeleireiro e maquiador e reconhece ter uma renda aceitável. Graças a isso conseguiu passar pela pandemia mesmo com seu trabalho no salão totalmente parado pela quarentena: “Eu trabalho tanto no mundo artístico como de cabeleireiro, afortunadamente, tenho bons ingressos. Faço muitas coisas como estilista, 90% do meu tempo é investido nisso. Graças a isso consegui passar a pandemia, mas meu trabalho ficou parado, ninguém queria fazer o cabelo nem nada, então comecei a dar umas aulas virtuais de maquiagem; eu não sou a pessoa que mais seguidores tem nas redes sociais, mas recebi muita ajuda, e consegui agendar muitas aulas”. O trabalho não seria problema, pois todas as *drags* da casa são profissionais incríveis nas suas respectivas áreas, mas juntas são mais fortes: “Eu sou independente, e como meta pessoal decidi não sair da pandemia sem saber costurar. Então, durante a quarentena, estudei com o Fer e com a C-Pher, também de forma autodidata. Bom, C-pher é um estilista maravilhoso, você deveria ver as coisas que ele faz, é surpreendente. Eu aprendi dele e de diferentes pessoas que tem me apoiado e hoje já estou costurando; estou muito orgulhoso de fazer minhas próprias roupas”.

E a irmandade que há na Casa de C-pher faz com que todas se ajudem. De algum modo, a estabilidade econômica do Fernando, por exemplo, faz com que possa apoiar as suas irmãs, como no caso da Tora que, como foi comentado, mora na casa do Fernando: “Como eu disse, a vida da minha filha Tora tem mudado muito, ele mora agora aqui comigo. Eu disse para ele: ‘vem morar aqui, fica tranquilo. Aqui pode ser você mesmo’. E eu sinto que até agora ele está sendo ele mesmo, porque ele está muito mais livre. Já não está preocupado mais com a opinião da família, é feliz fazendo o que faz. Então, desde essa visão eu sinto que todas nós temos oferecido nosso apoio na casa e isso tem ajudado para as mudanças da Tora e das outras”. A Usagi comenta sobre esta história porque para ela é um exemplo de como a família que tem se criado na *House of C-pher* contribuiu para mudar a realidade de pessoas como a Tora: “é que dentro do nosso grupo, as coisas vão além do artístico, existem diferentes histórias. Por exemplo a Tora, que estava numa realidade muito homofóbica, na sua casa não podia se maquiar nem ter o cabelo comprido; imagina você não pode escutar suas músicas que gosta na casa que você mora, sendo dançarino; você precisar deixar de praticar dança na sua própria casa”.

Desde essa perspectiva, a *House of C-pher* tem oferecido lugares acolhedores para apoiar não só a Tora, como cada uma das outras *drags*, e como também pessoas fora da casa. De fato, fora do grupo da casa também têm conseguido contribuir de diversas formas, descobrindo juntas que podem ser melhores versões de si mesmas: “Fora da casa também temos conseguido viver de uma forma melhor, algumas pessoas que não são da casa, mas nós apoiamos, nossos amigos, pessoas próximas também têm descoberto, junto com nós, que podem viver de uma forma melhor.

Aqui nunca tivemos a intenção de querer rebaixar alguém, senão pelo contrário, que sonhem, e se precisam apoio, que falem que a gente se vira, sempre vamos estar aí do lado”.

Para fazer parte da *House of C-pher* não existe um requisito, uma prova nem uma postulação, mesmo tendo recebido muitas perguntas pelas redes sociais de pessoas que chegam de diferentes cantos da cidade pedindo para fazer parte. Vale a oportunidade para comentar que em muitas casas *drag* as pessoas não ingressam, elas são adotadas pelas Mães *drag*; de fato existe toda uma composição familiar dentro destas casas com irmãs, primas e até avôs. Na Casa de C-pher, as pessoas têm esse tipo de laços, vínculos fortes com amigos, mais que por um assunto profissional ou de capacidades artísticas, como acontece em outras casas: “é um assunto mais de amizade, que sempre foi a base da *House*. Com o tempo, a gente percebeu que tinham pessoas na *House* (...) que eram nossas amigas próximas”.

Contudo, não foi assim de início, pois essa também foi uma contribuição coletiva, porque em alguma oportunidade receberam pessoas menos próximas com uma intenção mais performática: “Alguma vez recebemos umas *drags* gêmeas que exigiam muito de nós e não retribuía na mesma medida, e era repetitivo, sempre pediam muito, mas não apoiavam quase nada; era uma coisa muito dependente das redes sociais e acabamos falando entre nós (...). No final, elas acabaram saindo porque perceberam que nós não estávamos à vontade com a participação delas. Não acabamos em briga, só percebemos que tínhamos nos apressado em incluí-las; porque não tínhamos um laço com elas, elas só queriam seguidores e atenção (...). Depois desse problema, as decisões são tomadas em coletivo; se uma das nove não concorda, não se toma a decisão, precisa ser um consenso. Nossa casa é 100% um coletivo artístico, alimentado pela nossa amizade e nosso carinho, muito compenetrado pela confiança que temos entre nós. Podemos nos equivocar e ter brigas, é muito humano errar, e ter confrontações, mas sempre resolvemos”.

E esses laços que se criaram na casa fazem com que mesmo com desencontros, elas possam continuar se apoiando: “posso estar brigado com alguma, mas no momento de ela precisar de mim, temos o carinho para ajudar; é um carinho muito grande. Então, as pessoas que foram se juntando na casa, foi porque acabaram mostrando que tinham algo além do interesse de se mostrar”. Foi o caso de outras duas *drags* da casa, a *Hidden* e a *Calypso*: “[elas] foram duas *drags* que estiveram muito tempo compartilhando com a gente sem ser parte da casa, nas boas e nas ruins. Um dia nasceu a ideia de se juntarem, sempre nasce do interesse da pessoa comprometida com a gente, não necessariamente como um assunto *drag*, senão como um tema de amigos, como pessoa”.

Como falei anteriormente, as relações em muitas casas *drag* têm uma inspiração nas relações familiares com mães, irmãs, avós e até o conceito de adoção para quando uma *drag* é apadrinhada por outra. E essa adoção funciona também de formas diferentes, dependendo de cada pessoa. No caso da *Usagi*, por exemplo, sua primeira adoção *drag* teve que passar por um longo processo para acontecer: “Isso da adoção *drag* depende muito, comigo aconteceu que um tempo atrás, como três anos mais ou menos, me convidaram para um evento em Valparaíso, uma região vizinha aqui de Santiago, era um evento muito grande (...). Então, estávamos numa competição de Cosplay e tinha um rapaz que era espetacular, usava um vestido muito lindo, juro, ele ganhou, então ele pede o microfone e diz que queria que eu desse um abraço porque me admirava muito e que gostaria que algum dia eu adotasse ele; que ele queria que eu fosse sua Mãe *drag*. Eu gostei muito do menino porque foi super fofo e começamos a conversar e fizemos uma linda amizade. Depois percebi que ele queria muito aprender, queria saber mais, tinha muito talento com as perucas; começamos a nos juntar para ensinar ele. Foi um interesse muito saudável

da parte dele, com muito respeito, como amigo, como pessoa; então um dia eu lhe disse: 'você quer ser minha filha *drag*?' Ele chorou, ficou muito emocionado; eu senti que queria dizer isso. Ela foi minha primeira filha *drag* e eu também aprendi muito dele".

Mas nem sempre esse processo de adoção é atravessado por uma relação de respeito ou admiração. Segundo a Usagi, tem muitas pessoas que estão começando e depois de um evento pedem para serem adotadas porque desejam patrocínio, visibilidade e uma plataforma, por isso para a Usagi Glitter, ser mãe *drag* vai além dos ensinamentos artísticos: "Meu posicionamento sobre ser uma Mãe *drag* vai além de ensinar a se maquiar. Tem a ver com um apoio emocional, um suporte. Têm pessoas que me pediram para eu adotá-las e eu decidi ensinar, mas elas esperam que eu faça por elas e não, assim não serve para filha. Não é só dizer que quer ser minha filha, senão também demonstrar que acreditam nisto, porque esta arte precisa de muita disciplina; porque muitas pessoas assistiram o *Drag Race*, muitas pessoas acreditam que podem fazer melhor e depois a gente percebe que não é algo para todo mundo; é uma disciplina que precisa de constância, que necessita de muitas áreas para poder fazer um trabalho completo".

De fato, desde a primeira temporada de *RuPaul's Drag Race*, em 2 de fevereiro de 2009, muitos outros concursos de arte travesti tem se popularizado na América-Latina e a arte *drag* tem virado uma moda, cada vez mais visível fora da noite, por isso que o Fernando fala desta como uma disciplina que precisa de constância, porque o advento destes produtos audiovisuais trouxe uma onda de pessoas entrando no mundo *drag*: "Fazer *drag* não é só um trabalho estético; precisa de interpretação, caracterização, dramaturgia. Mas também há algumas mães *drag* que procuram o que as pessoas podem trazer artisticamente para a casa; se alguém deseja se juntar na casa, elas analisam se são bonitas, dançam ou se fazem acrobacias. Existem várias casas que não estão pelo vínculo senão pelo interesse. Estão mais preocupados no exterior, na imagem. Se você faz piruetas, pula do segundo andar ou faz coreografias, te convido para minha casa. Às vezes prestam muita atenção nisso, mas vai depender também do que cada pessoa procura".

E dessa forma tem começado muitas casas que acabam fechando logo. De fato, não

são muitas as casas *drag* que conseguem fazer aniversários, pois algumas acabam muito rápido, porque, como disse o Fernando: "na verdade pensam só no show e não no caminho que precisa de muito comprometimento". Para usar o nome de *House*, precisa-se de muita responsabilidade, segundo a Usagi, porque elas não nasceram como uma alternativa senão como uma necessidade: "vem da guerra, um assunto de união, de luta; nasceu para nos proteger. E podemos participar como uma casa em alguma competição, mas o mais importante é que eu não vou deixar que nenhuma das minhas irmãs durma na rua. Aqui na minha casa podem ficar, tem muito colchão. Se alguma delas precisar, aqui vai ter pelo menos um colchão para dormir (...). Por exemplo, a Ritsu é mãe da Hidden, começou



IMAGEM 73: Marcha pela Diversidade 2017. **Fonte:** perfil do Instagram da House of C-Pher.

uma aprendendo com a outra e quando ficou muito entusiasmada, pediu para ser a filha (...). Na nossa casa tem a ver muito com o interesse de aprender e ter o apoio e carinho da pessoa, muito além que só a arte" (IMAGEM 73). Por isso, mesmo a dimensão artística sendo muito importante, a dimensão interpessoal é supervalorizada na *House da C-pher*, porque a arte que elas fazem é uma arte militante, que leva denúncias poderosas com seu talento e não faria sentido, para elas, focar na arte e não nas pessoas.

A arte *drag*, realmente, é muito política, e sempre tem sido uma arte disruptiva e de denúncias. As casas nasceram, como disse Fernando, como espaços de cuidado e defesa: "nós temos mais direitos graças a um monte de sangue derramada, e que ainda corre. Se hoje as *drags* podem sair, algumas vezes, e trabalhar, foi por todas essas que estavam antes. Antes era ilegal, as transformistas tinham que se esconder nos lixões aqui do Chile porque era completamente ilegal o ambiente. Então, nós temos que ser gratos pela época em que estamos, por poder lutar graças a esse sangue derramado. Para nós, esse sempre é o discurso, de quebrar, quebrar os esquemas de gênero, os padrões de beleza, os tipos de corpo".

Essa última é outra das lutas da própria Usagi Glitter, que percebe como os padrões de beleza acabam se impondo nas *drags*, que sempre foi uma arte sobre excessos e exageros, e ela que não tem um corpo magro, recebe quase diariamente mensagens de pessoas com corpos diversos que sofrem perseguição: "por gordo, por afeminado, por gay... Minha luta é por todas e todos os irmãos caídos pela discriminação e a gordofobia que existe na nossa própria comunidade. Então, eu, por exemplo, sou uma *Queen* grande, que faz uma grande produção, mas eu nunca sofri gordofobia, pelo contrário, sempre olham para mim enorme, toda produzida, maravilhosa, gigante e querem pedir uma foto. Então, eu penso que tudo se pode, todos os corpos, para cada um existem um propósito e essa também é uma das minhas lutas".

Como estas, cada uma das *drags* da *House of C-pher* tem uma bandeira para defender com sua arte, e juntas, como coletivo, também defendem a criação de um espaço seguro para as artistas *drags*, porque no Chile, segundo comentou a Usagi, não é fácil para as artistas *drags* trabalhar: "Como casa, também lutamos para ter um espaço seguro. Como te disse, a situação no Chile não é fácil para as *Queens* e há pessoas muito ruins que têm espaços para trabalhar, mas são pessoas péssimas, juro que isto estou tentando falar bem delas, porque têm sido pessoas muito ruins. Acabando a Pandemia, queremos ter nosso próprio espaço *drag* para apresentações no Chile, porque no México já existem, e hoje metade da casa está lá no México, dando show e fazendo espetáculos, mas queremos gerar espaços aqui no Chile".

Para uma casa artística como a *House of C-pher*, o palco é o centro de tudo, por isso também seu desejo de ter um espaço seguro para se apresentarem já que, segundo a própria Usagi Glitter, o trabalho delas é voltado para o seu público, porque é ele quem as alimenta e elas agradecem se entregando no palco: "devemos tudo ao nosso público. São eles que te dão um lugar e vamos ter uma melhor posição por e para eles". Toda esta devoção vai além das palmas e as ovações nos shows; esta devoção faz parte da militância que elas fazem, porque nas redes sociais da casa recebe mensagens de pessoas que asseguram ter sido salvas por elas: "temos recebido mensagens super lindas de pessoas que nem são próximas, mas que recebem nossa gentileza e disposição de dar um conselho, às vezes nem tão profundo, conselhos de maquiagem, por exemplo. E mesmo assim tem pessoas que têm falado para nós que temos mudado suas vidas, inspirado, motivado".

E existem diferentes histórias de vida que motivam a arte dentro da *House of C-pher*, uma

casa artística que faz um trabalho além do artístico; uma casa chilena que abraça pessoas dentro e fora das fronteiras do Chile, uma casa drag que dialoga com diferentes corpos, tentando fazer dos espaços que habita, lugares acolhedores para todas. Aqui é preciso esclarecer que estou ciente das múltiplas tensões entre a população trans e as artistas Drag através dos anos, brigas e confrontos desde final da década de 80 e começo de quando muitas artistas Drag ocuparam os espaços das mulheres trans em bares, boates e casas de show noturno, o que propiciou ambientes muito hostis para uma população que já sofre com insegurança laboral e alimentar, entre muitos outros. Por essa razão é muito importante conhecer uma outra casa, focada totalmente às pessoas trans, mas desta vez na Argentina.

ARGENTINA – CASA TRANS¹¹

3.12 AMOR PLANERO

*"Generalizemos o afeto,
Que isto não fique só entre eu e você
Não falo de flexibilizar,
Não mais precarização
Desejo liberdade e autonomia (...)
Só desejo um amor planero,
Um amor planero
Se você deseja saber qual é o plano:
Um amor que não busca propriedade".
(SUDOR MARIKA)*

147

Estes anos de pesquisa e de muita reflexão foram tempos também de reconciliação em vários sentidos: com uma história familiar, com o sentimento de fracasso depois dos anos de trabalho na Casassa, com a militância TLGB+ e, entre outras, também com a cúmbia. A cúmbia é um ritmo que nasceu na região caribenha da Colômbia, um ritmo festivo que traz lembranças da minha infância, do natal na casa da minha avó, dos meus tios dançando; porém, este nunca foi um ritmo, para mim e para as pessoas mais próximas, juvenil. Não era comum encontrar uma balada em Bogotá, no tempo da minha graduação, em que pudesse escutar uma cúmbia e curtir com pessoas da minha idade. Porém, tudo mudou chegando na Argentina, onde a cúmbia é protagonista das melhores festas, e não festas folclóricas ou regionais, senão festas de jovens adultos e adolescentes. Chegando na Argentina, eu precisei me reconciliar também com a cúmbia, escutar esse ritmo e senti-lo em meu coração, que batia lá no fundo, trazendo lembranças e aceitando que gostava, enquanto minhas pernas e meus braços marcavam as batidas. Neste processo terapêutico recebi ajuda de um grupo argentino de cúmbia chamado *Sudor Marika*. Na

11 A Casa Trans foi criada em junho de 2017 com o objetivo de proporcionar um espaço seguro para as pessoas trans onde possam se capacitar e adquirir conhecimento e cultivar suas habilidades sem medo de serem discriminadas, rejeitadas ou atacadas. Desde sua inauguração tem se consolidado como um espaço de contenção, sociabilidade e proteção dos direitos orientado à população trans. Uma casa de uma planta, localizada na avenida Jujuy 1341, centro da cidade de Buenos Aires, uma região muito comercial, onde são oferecidos diferentes serviços e programas para toda a comunidade.

minha cabeça tudo fazia sentido, mesmo não sendo um processo rápido.

Sobre a escolha dos lugares acolhedores para entrevistar na Argentina, houve outro processo longo. Eu já conhecia o trabalho de ativistas trans e travestis argentinas, devido ao trabalho na Rede Yumbrel, e do Seminário de Geografia, Gênero e Sexualidade, e mesmo conhecendo, à época, casas artísticas e culturais, casas de abrigo e casas *ballroom*, todas lideradas por pessoas TLGB+, eu insisti em conhecer a história de uma casa trans. Encontrei algumas casas pela internet e também através de amigas e pessoas conhecidas; mas só consegui contato com duas, uma delas a Casa Trans, liderada pela Marcela Romero, que aceitou responder minha entrevista depois da minha, não tão

moderada, insistência. Para a Marcela aceitar minha entrevista, decidi ir sem nenhum convite à Casa Trans, me apresentar e explicar meus objetivos. A Marcela, com a maior paciência e amabilidade, apresentou-me a casa e pediu para responder minhas perguntas de forma virtual, passou um pouco mais de um mês antes desse cyber-encontro, mês de mensagens, ligações e orações às deusas da Abya Yala para eu receber a honra de poder incluir a Casa Trans neste trabalho. As deusas me escutaram. Importante informar aqui que todas as falas desse subcapítulo pertencem a Marcela.

Nesse dia, a Marcela me contou que a Casa Trans foi a primeira da Argentina, fundada em 2017, e tem objetivos muito claros para apoiar e empoderar as pessoas trans e travestis de Buenos Aires: "A Casa Trans é um espaço de acompanhamento, de proteção; é um espaço em que fornecemos às companheiras ferramentas para poder acessar aos benefícios que nosso país tem. Foi a primeira na Argentina, e na latino-américa a primeira casa trans que é administrada desde e pela população trans. Nós temos este espaço em comodato com o governo da cidade. É um espaço que é dirigido por pessoas trans e administrado por pessoas trans. A Casa Trans oferece um espaço educativo, entrega de alimentos, e no relacionado com a saúde temos vacinação, teste de HIV. O que a gente faz na Casa Trans é empoderar as pessoas trans para depois irem atrás dos serviços que o Estado oferece e podermos, principalmente, enfrentar a discriminação, que existe dentro dos espaços do próprio Estado" (IMAGEM 74).

A entrevista com a Marcela foi a última que fiz para este trabalho e consegui enxergar e diferenciar da minha própria postura de escuta. Todas as entrevistas até agora tinham acabado se transformando em conversas de muita troca e reflexão, e todas essas entrevistas foram me levando para um momento em que precisava escutar e aprender. A entrevista com a Marcela foi uma aula em que só consegui perguntar o necessário para deixá-la continuar explicando. Ela me contou como nasceu a ideia da Casa Trans: "A Casa Trans, como experiência de espaço comunitário, a primeira que conheci fora foi em Toronto, Canadá; outra nos Estados Unidos, espaços nos que o Estado estava presente, que não eram só espaços para o momento, senão



IMAGEM 74: Marcela Romero na Casa Trans. **Fonte:** perfil do Instagram da Casa Trans.

para o futuro, que proporcionam lugares livres de discriminação e bom, quando vi esses lugares, gostei muito e voltei na Argentina com essa ideia, mas demorou mais ou menos oito anos em ser realidade, minhas solicitações ficavam na gaveta e não eram aprovadas pelo governo”.

A Marcela, ciente do trabalho que uma casa destas requer, construiu uma proposta com participação direta do Estado, apoiando-se na organização social da que faz parte, e cobrando das pessoas e instituições responsáveis a participação necessária: “Eu faço parte da A.T.T.A (Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros da Argentina), que é uma rede nacional com presença e liderança em cada província. Isto foi tudo pela associação que pedimos o espaço, começamos num espaço muito pequeno. O Estado começava a nos oferecer programas e eu falava: ‘não, não podemos fazer estes programas porque não temos um espaço adequado, não temos espaço para computadores nem para microempreendedorismo’. E fomos pedindo com mais força esse espaço, e no final deu certo, um dia ligaram do governo e disseram que nos dariam um espaço para nossa Casa Trans”.

Este trabalho na Casa Trans pode ser feito com ainda maior dedicação porque conta com o mínimo para se manter: um espaço físico. Ao conversar com a Marcela sobre as outras casas, entre elas as casas do Brasil, para ela esse apoio do Estado marca uma grande diferença: “Eu acho que conheço algumas das casas do Brasil, e tem uma grande diferença com a casa da Argentina. Nossa casa está dada como comodato a uma organização, a casa é financiada pelo governo, o governo argentino paga a luz, a água; mas a casa não é do Estado. A Casa Trans é um espaço da sociedade civil. Houve muitas confusões sobre isso com os governos. Eles pensavam que porque davam dinheiro e ofereciam uma casa isto aqui ia virar partidário. Eu nunca permiti isso, este não é um espaço partidário. É um espaço da população trans, feito pela população trans, onde o Estado, seja quem for o partido político, tem que contribuir e facilitar as ferramentas para poder cobrir com os serviços de saúde, contra a violência que sofremos com a polícia. Acho que essa é uma das diferenças com as outras casas dos outros países, em que as meninas alugam as casas, elas que pagam, elas que sustentam. Eu acho que é um esforço muito grande e acho ótimo e admiro muito, mas todo esse esforço é um esforço que deveria estar fazendo o Estado”.

Escutando a Marcela, eu ia refletindo um pouco sobre o trabalho da Casassa, e de algumas outras casas que conheci. Vi que essa experiência de militância da Marcela fazia todo o sentido, porque nós, na Casassa, decidimos não aceitar apoios de governos ou políticos, para não acabar vinculando nossa casa com políticas partidárias, mas não tivemos muito tempo para pensar com discernimento que essas ajudas não são esmola, mas sim uma obrigação dos governos e dos Estados. Afinal, essas contas se pagam através dos impostos e não de dinheiro dessas pessoas que estão no poder. O trabalho que se faz nas casas poderia ser ainda mais focado se pudesse tirar das costas das lideranças o peso dos pagamentos mensais, das dívidas e dessas obrigações monetárias. Toda essa pressão acaba tirando a energia das pessoas que coordenam as casas, e essa responsabilidade não pode ficar só entre elas, como sabiamente diz Sudor Marika, ao pedir um amor planero: “*Siento una devaluación emocional, sin paritarias, el amor no me va a alcanzar. Colectivicemos el afecto, que esto no recaiga solo en vos y yo (...) Y si esto te suena a populismo, puede ser que así sea; pero es lo mejor que hemos vivido aunque vos no lo veas. Este amor no sabe de deudas, de deudores, ni de ahorrar. Este amor es asamblea, corte de ruta y olla popular*” (Canção: Amor planero; Sudor Marika, 2019). Contudo, reconheço que cada contexto é diferente e cada casa acaba tomando as decisões que no momento considera as mais convenientes.

Esta experiência, segundo a Marcela, tem sido reproduzida no Paraguai, Chile, El Salvador, Peru, Costa Rica e Guatemala; países em que existem casas trans que replicaram a proposta da Casa Trans de Buenos Aires. Todas estas casas, fazem parte de organizações sociais desses países, mostrando que existe uma rede trans no Abya Yala.

Vale a pena esclarecer algo que a Marcela fez questão de comentar sobre a relação destas organizações e estas casas; mesmo umas fazendo parte das outras, as casas têm independência em relação à militância que as associações fazem, porque a Casa Trans, como um lugar acolhedor, recebe todas as pessoas que precisem de apoio, independentemente da associação em que militam, tendo em conta que, por vezes, entre organizações sociais podem existir brigas e inconveniente: “[A Casa Trans] acaba sendo um espaço diferente desses da associação, surge como um espaço diferente; a associação é uma coisa, algo mais da militância, mais de mobilizações. E a Casa Trans é um espaço onde oferecemos serviços para cuidar das pessoas trans. É um espaço aberto a todas as organizações, não só a nossa, por isso eu digo que é um braço do ativismo. É um espaço aberto para todas as organizações e toda a população. Se alguém que está em outra organização quiser, pode vir, pode ficar, pode participar sem problema nenhum”.

Mesmo que um lugar acolhedor para pessoas TLGB+ não necessariamente signifique o mesmo que um lugar aconchegante ou um lugar harmônico, a minha experiência ao conhecer a Casa Trans foi de acolhimento, aconchego e harmonia. Precisei perguntar para Marcela o que faziam quando havia brigas, que segundo minha experiência sempre aparecem, e fiquei surpreso com a resposta: “E olha, aqui temos muitos poucos inconvenientes. Eu acho que na Casa Trans se oferece tudo para que todas as pessoas possam curtir; os problemas que houver entre as pessoas, tentamos falar. Eu tenho uma equipe de 33 promotoras que estão atentas dentro da casa e devem resolver esses problemas, para ninguém acabar indo embora da casa. A casa está aberta para todas as pessoas, e claro que quando uma pessoa conhece a Casa Trans precisa querer voltar, precisa se sentir parte da comunidade. Para nós, se alguém vai embora e não volta, é uma falha, não existe essa possibilidade. A gente precisa que elas voltem, que continuem vindo na Casa; eu sempre digo para as promotoras que a pessoa que entra na Casa precisa querer voltar e quem entra, precisa sair com toda a informação possível e com toda a vontade de seguir participando. Se as pessoas não vêm, ou não voltam, a casa vira um espaço de problemas e brigas; acaba acontecendo a mesma coisa que acontece nas nossas casas (as casas da família), que muitas vezes precisamos sair pelas brigas” (IMAGEM 75).

As palavras da Marcela são firmes sempre, porém, neste quesito, são ainda mais claras:



IMAGEM 75: Algumas pessoas da equipe Casa Trans 2019.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Trans.

“Aqui é a Casa Trans, aqui não podemos repetir esses inconvenientes”, disse com um sorriso que aquelas professoras amorosas usam e que conseguem corrigir firmemente com um olhar contundente: “Aqui não. Brigas, machismo ou violência verbal; já é suficiente tudo o que nós vivemos no exterior, o que acontece fora da Casa. Este é um espaço livre de discriminação, um espaço de contenção; aqui não pode ser um espaço de ‘quem manda mais’ ou ‘quem é a quem tem mais força’. Porque nesse caso, efetivamente, as pessoas acabam indo embora, porque é voltar novamente àquilo que escaparam nas suas [próprias] casas. Têm muitos meninos e meninas que chegam e ficam o dia todo, porque nas suas casas são maltratados, são violentados. Buenos Aires é uma cidade de cimento e moram muitas vezes em prédios, em apartamentos pequenos com seus pais ou irmãos, o dia todo, então acabam saindo das suas casas e chegam procurando um espaço de tranquilidade onde possam compartilhar com outras pessoas trans”.

Fogem das suas casas, lugares que muitas vezes têm seus vínculos afetivos, mas são lugares onde não podem existir; na procura de um lugar acolhedor, onde além de “estar”, possam “ser”.

3.13 NO ME ESCONDO MÁS

*“Eu não me escondo por hobbie ou por diversão
É porque me perseguem e matam por ser quem eu sou
travestisídios, suicídios sem solução,
Na capa dos jornais não apareceu (...)
Detrás desta dança não me oculto mais,
A liberdade não se pede, se exige JÁ (...)
Não tenho medo de sair daqui
Porque agora tenho a força da comunidade (...)
Não vou ter mais medo, não me escondo mais”.
(FOLCLORE POR TODES)*

151

Durante o tempo que fiquei na Argentina consegui, por sorte, participar de diferentes atividades; um povo que estava se reencontrando depois de uma longa quarentena, de um forte isolamento pela pandemia, e que voltava a olhar suas caras ao vivo, sentir os cheiros, mesmo com máscaras, e curtir a proximidade das outras pessoas, mesmo em locais abertos. Minha agenda para os dias de carnaval esteve apertada, porque recebi pelo menos dois convites importantes: conhecer o tradicional carnaval de Ensenada, ou prestigiar o segundo Carnaval Travesti de La Plata. Por sorte, o Carnaval Travesti foi adiado e consegui participar dos dois. No tradicional carnaval de Ensenada havia muita gente desfilando e, em um momento, apareceram algumas travestis; lembrei da exposição do Museu de Presidente Prudente que organizamos, onde foram expostas fotos do Carnaval, que sempre foi um lugar para as pessoas TLGB+, especialmente as pessoas tranvestis-generis. Contudo, percebi que não necessariamente era um lugar acolhedor, pois dava para perceber nas expressões de uma delas, com o olhar fixado no chão, enquanto dançava, séria, concentrada em marcar com o quadril o ritmo da bateria. Esse, claramente, era um lugar onde um corpo, como o corpo dela, podia “estar”, mas as piadas, os olhares, os risos nada dissimulados, em geral, os comentários que se escutavam, deixavam claro que não era um lugar para “ser”. No meio dessa multidão, seu rosto, seu olhar, ficou gravado na minha memória.

Algumas semanas depois aconteceu o Segundo Carnaval Travesti de La Plata, e o desfile de *Las Chicas Prohibidas* era o show central. Todas as pessoas nessa praça esperavam por esse momento, quando elas chegaram, no meio da ovação geral. No meio de outras travestis e transexuais, vestidas de carnaval, dançando, estava ela, a moça do Carnaval de Ensenada. Seu olhar já não estava no chão, ela me olhou por um segundo e olhou as outras pessoas, e seus gritos eram de entusiasmo. O povo lhe pedia mais e ela entregava tudo, junto com suas companheiras. Na *Plaza La Moma*, uma praça tradicionalmente habitada por mulheres travestis e transexuais, ela não só podia “estar”, essa noite ela conseguia “ser”, o povo queria ela “sendo”, num lugar que a acolhia.

Essa é a força que oferecem os lugares acolhedores para as pessoas TLGB+, ainda mais para as pessoas tranvestis-generis, que conseguem “ser” em poucos lugares. Essa força também se sente na Casa Trans, segundo comenta a própria Marcela, uma força que faz com que muitas delas sintam este espaço como um lar, mesmo sem poder morar ali. Considero necessário esclarecer que quando falo de lar, não estou querendo usar o conceito supervalorizado da foto da família tradicional com um quadro pendurado ao fundo, que diz “lar-doce-lar”, senão essa ideia de um espaço onde uma pessoa desejaria e poderia ficar, morar, viver para sempre; esse lugar utópico que vem na mente quando se fecham os olhos e se pensa em um cafuné depois de um dia de trabalho.

E, talvez, por essa razão que a Marcela insista tanto que a Casa Trans seja um espaço que permita a convivência, mesmo em meio às dificuldades próprias de uma população que precisa estar o tempo todo em alerta: “O assunto do ativismo dentro da Casa Trans, insisto, são espaços comunitários, são espaços onde pode vir alguém que não quer, que não gosta de alguma organização e vem, aqui não falamos de organizações, aqui falamos de como resolver o problema cotidiano dessa pessoa que mora na Argentina ou que mora em Buenos Aires, e como facilitamos seu tratamento hormonal, como facilitamos os subsídios. Como fazemos, por exemplo, aqui em Buenos Aires, que está começando o outono e começa o frio, para facilitar as vacinas da gripe, que aplicamos aqui na Casa Trans; ou um colchão, roupa, e então fazemos essa militância de que as pessoas possam vir na Casa Trans e compartilhar um chá, compartilhar um café, bater um papo em um grupo de homens trans, de mulheres trans; formar equipes esportivas; se conhecerem e se apoiar no processo de identidade como pessoa trans”.

Escutando a entrevista da Marcela, transcrevendo o que disse, escrevendo o texto e pensando em uma música para este subtítulo, acabei pesquisando por artistas trans da Argentina e conheci um projeto chamado *Folclore Por Todes*, e achei na sua música *No Me Escondo Más* essa força que a Marcela me falou, a força que a comunidade oferece para as pessoas que chegam na Casa Trans: “Normalmente na Casa Trans transita muita gente, se conhecem e compartilham. Um espaço onde podem construir amizades entre elas. Um espaço muito, muito, muito lindo, um espaço liderado por nós e para nós. Eu sempre repito que é um espaço que construímos para a integração social da nossa comunidade, estamos falando da inclusão social, da visibilidade, esta possibilidade de socializar, poder criar novas amizades; que uma pessoa que chega na Casa Trans possa acompanhar a outra no hospital para fazer seu tratamento hormonal. Temos casos que quando alguém consegue que aprove a cirurgia, no hospital, estão os companheiros e companheiras pegando sua mão, apoiando a pessoa que vai fazer a cirurgia. Este sentimento de compartilhar, e a militância nunca fica de lado, mas se transforma em outra coisa. Tentamos que seja um espaço onde é possível falar dos sentimentos, as pessoas possam falar de como estão,

do que precisam nesse momento. Então, é um espaço de contenção, um espaço que toda pessoa trans gostaria de ter na própria casa. As pessoas chegam na Casa Trans e sentem que estão na sua própria casa, ficam sentadas no jardim dos fundos, tomam um *Mate*, agora estamos com o assunto da Covid, mas bom, quando é possível elas tomam um *Mate*, trazem algo para compartilhar, algumas chegam com uma roupa e se trocam, uma pessoa está atenta de porque não chegou sua amiga, por que não voltou”.

E em uma casa em que as pessoas falam, compartilham, olham-se, cuidam-se, poderia parecer óbvio que também se cultivem sentimentos amorosos e acabem se formando casais e novas famílias: “Então, [a Casa Trans] é um espaço comunitário, um espaço em que se formaram casais. De um desses casais já nasceu a primeira criança de família transparental, o Facundo, que fez um ano. Vários namoros começaram na Casa Trans, que hoje moram juntos, e que começaram seu projeto de vida aqui. É um espaço de socialização. Eu não participo muito porque sou a diretora e fico em muita coisa, mas olho de fora, e gosto de ver como se juntam e compartilham; como organizam suas reuniões, como propõem encontros, oficinas. Muitos cursos e oficinas são propostos pela própria comunidade” (IMAGEM 76).

E todo esse trabalho de acolhimento, acompanhamento e cuidado não poderia ser feito só pela Marcela, nem mesmo por um grupo de pessoas voluntárias: “na Casa Trans temos psicólogo, profissionais da educação, professores, instrutores, uma equipe administrativa, temos uma coletora de sangue e vacinadora, além das promotoras de saúde e direitos humanos”. E todas estas profissionais, que em sua grande maioria são travestis e transexuais, têm um salário, um horário e segurança laboral, outra diferença entre a Casa Trans e a Casassa ou outras casas: “Aqui na Argentina, as companheiras trabalham e têm um salário, de fato, eu fiz uma parceria com o Estado para que elas possam ser contratadas pelo Estado mesmo, mas trabalhar na Casa Trans. Aqui uma das companheiras é contratada pelo governo da nação e outras pelo governo da cidade. Uma grande conquista porque, além de ter mais segurança, tem contratos de trabalho com o governo, mas estão dentro da Casa Trans”.

Sobre esse assunto, a Marcela tem muito para contribuir: “Isso aqui que tem que se conseguir, que sejam contratos de trabalho para poder sustentar os espaços, porque ninguém vive do ar, então são espaços onde mulheres trans estão trabalhando com um salário, um contrato de trabalho e melhores condições, senão essas mulheres estariam sentadas num escritório fazendo um trabalho administrativo, totalmente invisibilizadas dentro de um ministério (...). O trabalho que as promotoras fazem para nós é muito melhor que ficar sentadas num escritório, porque jamais nos deixam em lugares visíveis como a recepção; sempre ficamos nos fundos, contando borrachas



IMAGEM 76: Encontro na Casa Trans 2019.

Fonte: perfil do Instagram da Casa Trans.

sintéticas, ou contando folhas, onde ninguém possa nos ver. Nos deixam escondidas num canto para cumprir as oito horas e nós temos muitas capacidades; capacidades humanitárias e de ajuda, sabemos o que é estar internadas, presas; sabemos como é ser discriminadas nos bancos. Então, as companheiras que trabalham comigo, na minha equipe, são contratadas pelo Estado, mas fazem uma importante função na Casa Trans”.

A luta da Marcela e sua organização tem conseguido que algumas mulheres trans e travestis sejam contratadas pelos governos da nação argentina ou da cidade de Buenos Aires, mas isso é pouco, porque esses escritórios onde acabam trabalhando são lugares onde elas podem estar -escondidas, invisibilizadas, ocultas - lugares onde seria melhor elas não ficarem, não aparecerem, não serem; ou seja, não são lugares acolhedores, mesmo sendo seus lugares de trabalho. Por essa razão, outra das lutas da Casa Trans é conseguir que essas pessoas possam trabalhar na própria Casa Trans; só sua presença já faz um trabalho duplo: dá um lugar acolhedor para essas trabalhadoras e faz da Casa Trans um lugar acolhedor para as pessoas que a visitam: “Tudo isto é parte do trabalho que fazemos. Aqui batemos na tecla da inclusão laboral e quando armamos estes espaços onde temos contratos de trabalho, as pessoas ficam curiosas e perguntam de onde conseguimos o dinheiro, e falamos que temos contrato de trabalho porque ninguém vive do ar e se alguém sabe como se vive do ar, pode vir nos ensinar porque eu gostaria viver do ar”.

Esta entrevista foi feita pelo Zoom para conseguir gravá-la, mas por segurança, decidi gravar também com meu celular, pois eu não podia correr o risco de perder esta informação, ainda mais depois da minha insistência para fazer a entrevista. Acabando as perguntas da entrevista semiestruturada, agradei a Marcela e desliguei a gravação do Zoom. Fiquei conversando um pouco mais à vontade com a Marcela e, nesse momento, ela começou a fazer algumas reflexões muito importantes. Eu não queria interrompê-la para começar a gravação novamente e confiei que meu celular estava gravando. Fecho, então, este subcapítulo, com as palavras da própria Marcela Romero, porque nada que eu possa agregar, seria melhor:

“Eu tive ontem dois pensamentos, estava numa reunião, e tive dois pensamentos sobre as Casas Trans. Estava numa reunião pelo 8M com mulheres líderes; fui convidada pela Defensoria Pública. O assunto da reunião era a COVID. Muitas mulheres de cooperativas populares que trabalham em restaurantes comunitários falaram sobre o assunto e comentaram que antes da pandemia, no refeitório havia 1500 pessoas e agora pela pandemia têm quase 2500, são 1000 pessoas a mais nos refeitórios. E tem vezes que a gente fica feliz quando se faz trabalho humanitário, ao ver os frutos, mas eu disse às companheiras que eu ficava muito triste de estarem abrindo restaurantes comunitários e continuarmos abrindo casas trans, porque eu acho que continuamos abrindo casas trans porque não funciona a política do Estado; e olha, eu fico muito feliz pelo trabalho que se faz na Casa Trans, mas também fico triste, porque estou fazendo aquilo que deveria estar fazendo o Estado. A mesma coisa acontece com a senhoras que cozinham nos restaurantes comunitários, para dar alimento cada vez a mais pessoas acabam abrindo cada vez mais refeitórios; e ficamos contentes e parabenizamos nosso trabalho, mas não é motivo de festa quando a gente vai criando esses espaços, porque só significa que não estão funcionando as políticas públicas. Então, acho que não é para permitir seguir nesse ciclo de criar restaurantes comunitários e casas, sem denunciar e visibilizar a pobreza extrema”.

“Na pandemia, como eu sou de uma organização, eu enxergo aquilo que não deveria acontecer, mesmo tendo recebido muita ajuda nesse tempo. Muitas pessoas apoiando, muitas organizações, da cidade e de outras partes do mundo, até da Europa, e dos Estados Unidos;

tive um apoio grande e até agora estamos recebendo ajudas em alimentos. Nos dois anos de pandemia, a Casa Trans esteve aberta entregando alimentos e ainda entregamos. Estamos preparando os colchões, cobertores e recebemos doações. Eu falava com a minha equipe que a gente recebeu apoio, doações, ajudas de todo lado, até de agências internacionais e o apoio que a gente precisava, de quem tinha que vir, do Estado, nunca chegou. Em outro momento estava em outra reunião sobre um relatório de trabalhadoras sexuais trans na Argentina e voltou o assunto da falta de apoio do Estado, o orçamento. Eu acho que está falhando o orçamento, não há orçamento para pessoas trans, na Argentina; são 10 mil pessoas trans e acho que se um Estado não pode solucionar o problema, pelo menos da metade, é porque não funciona corretamente esse Estado. Somos 10 mil pessoas trans na Argentina toda, e cada vez as companheiras estão vivendo mais em indignação e cada vez faltam mais políticas públicas; não só para pessoas trans, porque ninguém tem acesso aos direitos mínimos, sabe? De trabalhar, ter uma casa para morar, uma alimentação boa”.

“Na Argentina falar de alimentação neste momento é terrível, está tudo caro. Neste informe que te falei, dizia que a alimentação de uma pessoa trans é mínima e não consegue ter acesso às quatro refeições do dia; então há graves doenças como pneumonia, tuberculose. Nesse aspecto, é onde o Estado tem que apontar, nestes espaços como a Casa Trans e as outras organizações sociais. Por aqui, pela Casa Trans, passam tantas pessoas buscando alimentos, vacina da gripe, da hepatite, do pneumococo; aqui na casa aplicamos essas vacinas, porque as pessoas trans não vão aos hospitais da cidade de Buenos Aires, basicamente, porque o atendimento é ruim no hospital”.

155

AMÉRICA LATINA – REDE YUMBREL

3.14 QUÉDATE UN RATITO MÁS

“Vem, fica um pouquinho mais, por favor.

Vamos viajar juntos e te perder junto comigo (...)

Não deixes que entrem no nosso lugar

O que estamos sentindo é de alto impacto”

(JAVIERA MENA)

A entrevista com a Marcela da Casa Trans da Argentina foi a última que fiz e, no primeiro momento, pensava acabar este terceiro capítulo com ela. Depois de algumas releituras decidi que seria melhor incluir aqui o trabalho da Rede Yumbrel, que até esse momento tinha sido incluída, finalizando o segundo capítulo. Por essa razão, peço como pede a cantora chilena, Javiera Mena: “*Ven, quédate un ratito más, por favor acompáñame a viajar*” (Canção: *Quédate un ratito más*; Javiera Mena, 2014).

Começo comentando que a Yumbrel (ILUSTRAÇÃO 7) é hoje uma rede acadêmica latino-americana de pesquisa e militância de geografia e saúde TLGB+. Mas não foi sempre assim, pois ela começou como um aplicativo, ou pelo menos sendo a proposta de um aplicativo, para encontrar lugares acolhedores na América Latina. Não obstante, em um mundo que comercializa com tudo, as dores das pessoas TLGB+ não

são uma interessante fonte de lucro, mas sei que é preciso explicar este último com mais detalhe, então, vamos por partes.

O trabalho na Casassa fez com que fosse necessário abrir pontes de comunicação com as pessoas TLGB+ da cidade e da região. Muitas das nossas abrigadas e acolhidas não conheciam nosso trabalho até serem encaminhadas por uma assistente social ou alguma pessoa que nos seguia nas redes sociais. Falamos várias vezes de procurar formas para divulgar nosso trabalho, de forma mais prática e efetiva, para conseguir chegar nas pessoas que precisavam de nós. Ainda no primeiro ano de trabalho da Casassa decidimos, junto com o Derick, desenvolver um aplicativo que pudesse responder a esse problema, que percebemos era necessário, mesmo em uma cidade como a nossa, onde as pessoas não conheciam a Casassa, nem nenhum outro projeto que acolhesse, valorizasse e respeitasse às pessoas TLGB+; pensávamos que seria ainda mais complicado em outras cidades maiores como São Paulo, Buenos Aires ou La Paz.

Com isso em mente, criamos a Yumbrel, uma plataforma que visava aproximar pessoas com lugares que fossem inclusivos. Nosso foco principal foram casas de abrigo e coletivos, contudo, cientes que estes lugares não poderiam contribuir economicamente com a manutenção de um espaço virtual como a Yumbrel, incluímos locais comerciais que fossem amigáveis e acolhedores para pessoas TLGB+ na América Latina. O aplicativo desejava ser uma ponte entre esses empreendimentos sociais ou comerciais que são acolhedores, e aquelas pessoas que precisam ou desejam apoiar essas iniciativas; ao fim, o objetivo era ter um diretório que ajudasse a gente a encontrar aqueles lugares onde somos bem-vindas e, nessa ordem de ideias, deixar de apoiar locais que fossem hostis com a gente. Vale a pena comentar que começamos este processo e marcamos estes objetivos sem dimensionar a magnitude da exclusão digital que, sobretudo, a população trans sofre.

Entendíamos que não são necessariamente as instituições ou as empresas as que discriminam, e sim, algumas pessoas que se sentem habilitadas pelo silêncio das pessoas que se omitem frente a estas situações. Nossa proposta parecia simples: quando um local que tinha sido um espaço de discriminação era sancionado socialmente com a falta de público, ou quando outro local inclusivo era apoiado por aqueles que compreendem a importância da diversidade, acabava se enviando uma mensagem poderosa: “Não estamos sozinhos. Não somos minoria”. Quando uma pessoa sente que está sozinha e encontra outras pessoas, independentemente da sua orientação ou identidade, outras pessoas que como ela apoiam e trabalham por causas comuns, essa mensagem fica ainda mais forte: “Somos muitos e estamos cansados de ser invisíveis”.



ILUSTRAÇÃO 7: Logo Rede Yumbrel, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

Como proposta, o aplicativo Yumbrel era promissor. O nome foi escolhido de uma palavra mapudungun, o idioma ancestral dos Mapuche, um povo tradicional sul-americano que mora em regiões do Chile e da Argentina. Esta palavra, que significa “o arco-íris no seu maior esplendor”, fez-nos refletir que a plataforma, como o arco-íris que representa a população TLGB+, era uma ponte que podia tirar o melhor de nós, ser nós no nosso maior esplendor; uma ponte em que todas e todos podíamos nos comunicar, nos apoiar e nos empoderar.

O aplicativo Yumbrel esteve em funcionamento em 2019, podendo ser acessado através de qualquer dispositivo com internet, pelo endereço: yumbrel.org; ele esteve disponível em espanhol e em português, porque era uma proposta nascida na América do Sul e esperávamos que funcionasse nos países que falam estes dois idiomas. Dentro da nossa proposta, as pessoas podiam pesquisar locais por país ou por região; podiam encontrar as principais informações dos locais, tais como endereço, telefone, horários de funcionamento, fotos, entre outras muitas opções, e também um espaço para as pessoas avaliarem os locais. E, para facilitar ainda mais, no aplicativo estabeleceram-se cinco grupos para classificar os locais cadastrados, sendo estes: acolhimento, associações, coletivos, comerciais e lazer. As possibilidades do aplicativo Yumbrel iam além das suas ferramentas e permitiam a divulgação de vídeos, blogs e resenhas dos lugares (IMAGEM 77, 78 e 79).

Depois de fazer uma pesquisa superficial sobre projetos que eram acolhedores para a população TLGB+ na Abya Yala, percebemos que o problema não estava na falta de projetos, porque haviam muitos empreendimentos que apoiavam a população TLGB+ além de casas de acolhida, coletivos, grupos de apoio e até igrejas inclusivas; percebemos que o verdadeiro problema era que as pessoas interessadas nesses espaços não tinham ferramentas que as orientasse para chegar nesses lugares e, nessa ordem de ideias, também não podiam saber como ajudar. Uma das razões desta dificuldade, mesmo com acesso à internet, é que as guias ou os diretórios TLGB+ que se encontram na web ficam reduzidos a bares, lugares noturnos e, até espaços de prostituição; e quando a sorte acompanha pode-se encontrar informação sobre a Casa1. Uma procura rápida no Google permite comprovar este fato. Vários dos acolhidos que chegaram na Casassa durante os dois anos de trabalho, como disse, nem sabiam da existência do



IMAGEM 77: Aplicativo Yumbrel, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

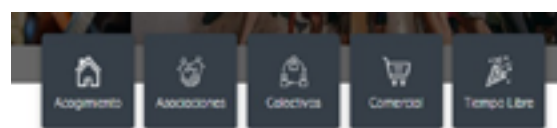


IMAGEM 78: Aplicativo Yumbrel, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 79: Aplicativo Yumbrel, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.

nosso projeto; uma casa que tinha sido divulgada na mídia, compartilhada nas redes; em uma cidade de trezentos (300) mil habitantes. O que esperar, então, em cidades como Rio de Janeiro, Santiago de Chile, Manaus ou Montevideú?

Outro problema adicional que o aplicativo quis enfrentar foi a inserção de pessoas TLGB+ no mercado de trabalho; a discriminação e exclusão por orientação sexual e identidade de gênero marcam, de forma bastante distinta, cada um dos grupos que compõem esta sigla, e em um olhar despretensioso pode-se perceber esta realidade nas prioridades de trabalho das casas que conhecemos nesta tese. Enquanto algumas pessoas cis sofrem discriminação no ambiente de trabalho, para muitas pessoas trans simplesmente não existe a possibilidade de ingressar no mercado laboral, formal ou informal, e se são contratadas, como comentou a Marcela Romero, são escondidas e invisibilizadas. Esta realidade leva várias pessoas a tentar alternativas informais de financiamento, a exemplo da venda de produtos alimentares ou artesanais, ou ao oferecimento de serviços, que também não são conhecidos; e por esta razão, o aplicativo visava apoiar nesta divulgação.

Foi nesse contexto que se criou o aplicativo Yumbrel que, além da necessidade, contava com a possibilidade de usar o famoso dinheiro rosa. Um diferencial muito importante que foi identificado neste processo foi o público alvo, um público com cada vez mais peso na economia mundial, movimentando o chamado *Pink Money*, também conhecido como “dinheiro rosa”, que se refere ao potencial de consumo das pessoas TLGB+ (OLIVEIRA; MACHADO, 2021). Esse dinheiro rosa, em 2018, só no Brasil, movimentou quase R\$ 420 bilhões de reais, segundo a consultoria norte-americana *Out Leadership*; e esse montante e poder aquisitivo é uma das explicações para o alto consumo deste público: “em abril de 2019, [Ricardo Gomes, presidente da Câmara de Comércio e Turismo LGBT do Brasil] emitiu uma carta, ressaltando o potencial econômico do segmento no mundo: US\$218,7 bilhões, em 2018, segundo dados da pesquisa *LGBT Travel Market*, promovido anualmente pela Consultoria *Out Now/WTM*. No Brasil, o potencial é dimensionado em US\$26 bilhões” (CNN BRASIL, 2020). A população que pode usar seu dinheiro para gastar no que quiser, como viagens, festas, restaurantes ou roupas de muita qualidade e podem fazê-lo, por terem um ciclo de vida diferenciado e, em muitos casos, optar por não terem filhos. E o mercado sabe disso; e por essa razão muitas empresas usam a imagem das celebridades TLGB+ para garantir que esta população gaste seu dinheiro com eles, mesmo não contratando, nem ajudando, nem contribuindo com as pessoas TLGB+.

Nossa proposta foi apresentada à Fundação Inova Prudente, que apoia empreendimentos na cidade de Presidente Prudente. Nela foi esclarecido que existiam outros diretórios, guias de turistas e plataformas de localização que poderiam fazer o mesmo serviço, mas não iriam focar no segmento específico que nosso aplicativo apontava, trazendo à proposta, além de possibilidades de lucro, a responsabilidade social das empresas. Nosso aplicativo Yumbrel foi apresentado, então, como uma plataforma com muitas vantagens, contudo, a maior de todas era a possibilidade de fortalecimento da população TLGB+, dando destaque para todos os projetos que nos empoderam. O modelo apresentado era básico: o aplicativo contava com uma plataforma digital e funcionava de forma que os usuários pudessem cadastrar locais acolhedores para



IMAGEM 80: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 81: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



IMAGEM 82: Inauguração da Plataforma Yumbrel - Presidente Prudente, Brasil, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

que estes espaços fossem cada vez mais divulgados, promovendo a diversidade e a segurança das pessoas TLGB+.

Defendemos esta ideia ante uma banca de empresários da cidade, exposição feita no modelo chamado *Elevator Pitch*, um anglicismo usado para a apresentação de projetos, especialmente, empreendimentos virtuais como *startup*, ante potenciais clientes ou investidores. Este tipo de exposição busca que os líderes dos projetos tenham as ideias claras, concisas e sucintas para poder passar para quem deseja investir, ou não; não é um discurso de venda e recebe o nome em referência ao tempo que se tem em um elevador, do momento em que as portas se fecham até serem abertas novamente, tempo para conseguir repassar as informações necessárias para cativar um possível investidor. Dentre mais de 30 projetos apresentados, o nosso foi aprovado entre os 10, e o Yumbrel passou em primeiro lugar na convocatória. Fizemos uma linda inauguração (IMAGEM 80, 81 e 82). O limite parecia o sucesso estrondoso, não é? Mas não foi assim, porque o limite foi uma pandemia.

3.15 QUE NO FALTE UN SUEÑO

*"Que não falte um sonho que me amarre,
Neste mar de esquecimentos que é viver
E se por um instante eu esqueço,
Então te peço estar ali (...)
Que não esqueça este momento,
Esta melodia, este LUGAR
Que não se dilua alguma lembrança,
Porque dói o ar se você não está".
(MARTA GÓMEZ)*

160 Todo este processo de construir e apresentar nosso projeto na Fundação Inova Prudente, aconteceu entre 2018 e 2019; paralelo, no segundo semestre de 2019, foi que enfrentamos o fechamento da Casassa. Precisei reorganizar as minhas prioridades e por isso quis focar minha energia no aplicativo. O sonho da Casassa tinha acabado, mas me sobrava o sonho deste aplicativo, e, assim, senti que precisava dele para que os dois anos de trabalho não perdessem sentido. Dezembro de 2019 e janeiro de 2020 foram meses de planejamento, reuniões com a equipe da Yumbrel e reorganização. Fortalecemos a ideia de divulgar o aplicativo indo a eventos, usando as redes, postando vídeos. Em um evento desses, no SexxBoxx em São Paulo, eu conheci o Nikita, de quem falarei depois. Foi criado também um canal de Youtube para fortalecer nossa publicidade, e o engajamento em redes sociais como Instagram e Facebook. Também participei de entrevistas, a exemplo do Podcast *Latitud Gay*, da Argentina, divulgando a proposta do aplicativo. Foram várias portas se fechando nesse 2019 e eu sentia que desta não podia desistir. Ainda dava tempo, ainda acreditava.

Contudo, já desde dezembro de 2019 estava se falando de um vírus respiratório muito perigoso, em janeiro de 2020 esse vírus tinha chegado na Europa e estava fazendo o comércio fechar; cidades europeias importantes e muito turísticas como Milão ou Barcelona fecharam ante o risco e, finalmente, em fevereiro começaram os anúncios da chegada da Covid-19 nas cidades latino-americanas. Março chegou com a quarentena e o isolamento e minha vela, que brilhava tênue, não teve mais força para iluminar. Seguramente, em outras mãos, em outras circunstâncias, esta seria uma oportunidade para o empreendimento, mas nas minhas mãos não, eu não consegui. Não tive forças. Eu sentia que junto com o isolamento, estava morrendo afogada minha última possibilidade, e então desisti. Um aplicativo que baseia sua proposta de negócio em locais comerciais, que agora estavam fechando por causa de uma doença respiratória, não conseguiu ter o ar suficiente para se manter vivo.

Passaram-se alguns meses, e minhas prioridades mudaram de novo. Agora estavam focadas em sobreviver, não morrer de fome nem adoecer; economizar o dinheiro que ainda tinha e fazer aquilo que pudesse render imediatamente. Não tive mais tempo nem energia para pensar em teses, lugares acolhedores ou aplicativos. Meu tempo e minha energia estavam focados em acordar, fazer algo produtivo para sobreviver e não sair de casa. Assim passaram-se os meses e em uma tarde de junho, escreveram-me do Laboratório de BioGeos para encontrarmos algumas pessoas, para fazermos um encontro pelo mês do Orgulho TLGB+. Esses encontros continuaram e acabamos encontrando pessoas que eram ou tinham sido orientadas pelo professor Raul Borges

Guimarães, e que eram, ou faziam pesquisas sobre assuntos TLGB+, sobre gênero, geografia e saúde. Nossos encontros, mesmo sendo virtuais, foram um novo lugar acolhedor; estávamos precisando de falar, de sentir que não estávamos sozinhos; estávamos precisando desabafar, falar e escutar e, assim, decidimos criar uma rede de geografia e saúde TLGB+.

O objetivo da Rede seria fortalecer a pesquisa latino-americana em saúde e gênero, considerando os aportes realizados pela Geografia da Saúde, e criando pontes entre grupos de pesquisa, laboratórios, coletivas militantes e organizações sociais. Falamos também da necessidade de fortalecer os canais de comunicação entre os atores sociais, ativistas, militantes e pessoas com uma longa trajetória de luta pelos direitos das pessoas TLGB+ e os projetos acadêmicos que abordassem a saúde da população TLGB+ na Abya Yala; em um primeiro momento, nossa rede seria formada por pessoas da área da geografia, mas visaria em se constituir como uma rede interdisciplinar.

A necessidade da Rede parecia clara, pelo menos para nós, e estava sendo vital; nossas reuniões, nossos desabafos, falar das nossas pesquisas, da nossa semana, da dificuldade de pesquisar na pandemia. Foi então quando fiz a proposta de usar o nome e as redes sociais da Yumbrel para nossa rede acadêmica, para não deixar morrer essa história. E assim nasceu a Rede Yumbrel, com a missão de responder às demandas históricas da população TLGB+ latino-americana, a partir de uma visão feminista, buscando trabalhar junto com a população e entendendo as realidades de cada comunidade. Falamos da necessidade de incorporar todas as formas de corpos, usando os meios acadêmicos de pesquisa e criando espaços livres de violência, espaços seguros, respeitoso à diversidade e onde não sejam aceitos discursos discriminatórios nem de ódio, promovendo, no fim, lugares acolhedores para a gente (IMAGEM 83).

Fruto das nossas reuniões, em setembro de 2020 decidimos inaugurar nossa Rede Yumbrel com dois encontros virtuais que chamamos Encontros de Saúdes Dissidentes¹². O primeiro deles foi realizado no dia 10 de setembro de 2020, e começou com uma linda performance da *Criatura Mitosis*, uma artista neo-travesti do Chile, que, através da sua arte, trouxe para o debate assuntos sobre o ativismo trans não-binário. Nesse dia o encontro foi coordenado pela Andrea Rosendo, da Universidade de São Paulo (USP-BRA), e ainda tivemos a participação da ativista Walleria Suri, que faz um trabalho de militância no Grupo OIA e o coletivo SOMOS, e que já apareceu nesta tese como parte da equipe fundadora da Casassa. Junto com ela esteve o professor Raul Borges Guimarães, da UNESP, quem foi, como comentado anteriormente, o orientador de diversas pesquisas dos integrantes da Rede, não só dos fundadores, senão também de outras companheiras e companheiros.

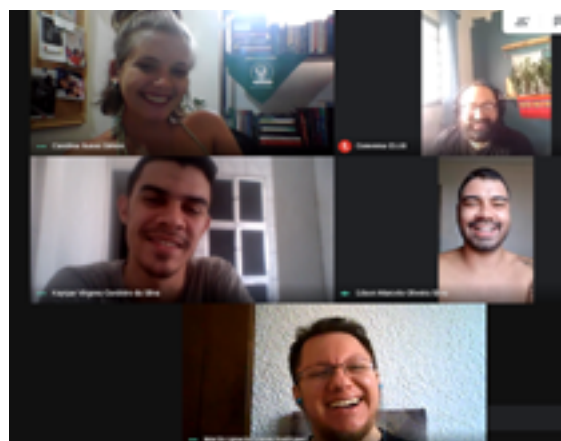


IMAGEM 83: Primeira reunião virtual Rede Yumbrel, 2020.

Fonte: Arquivo pessoal.

¹² Disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/YUMBRELorg>

O segundo encontro aconteceu duas semanas depois, no dia 24 de setembro de 2020. Começou com um impactante monólogo de subversão da Berê, uma artista que nos fez refletir sobre o enfrentamento das estruturas de poder. A mediação desse dia esteve nas mãos da Natália Gutiérrez, do Laboratório *Cuerpos X*, do Chile. Neste dia, estiveram presentes a Marcela Romero, da Casa Trans, ativista argentina que trouxe reflexões sobre a luta e resistência latino-americana, evidenciando o pioneirismo da Argentina no contexto continental para a criação de leis que assegurem o direito de identidade de gênero e a união estável. Junto com ela, esteve a professora Joseli Maria Silva, com todo seu conhecimento e experiência na construção de uma geografia dissidente, latino-americana e transfeminista.

No começo éramos cinco pessoas: Carol Simon, Martin Torres, Kayque Cordeiro, Edson Marcelo e eu. Com o passar do tempo, somos mais. Estes encontros trouxeram muitas reflexões interessantes e nos motivaram a fortalecer nossas reuniões e convidar mais pessoas para fazer parte desta Rede do arco-íris. Desde o começo insistimos em um desejo: “mudar o mundo de muita gente. Para isso, nós compreendemos que devemos trabalhar diretamente com as comunidades, não só acadêmicas, mas também militantes e população em geral para fomentar questões de Geografia da Saúde em relação à população TLGB+ (...). Este grupo é sonhador, intergeracional, composto inicialmente por corpos dissidentes do Brasil, Chile e Colômbia” (BOLETIM YUMBREL, 2022).

Novamente, um grupo de pessoas que se encontravam para criar um espaço em que pudessem ser. Os laboratórios e os grupos de pesquisa das universidades são, seguramente, lugares em que podem estar muitas pessoas, muitas de nós com certeza, mas não necessariamente lugares acolhedores onde possamos ser. Algumas vezes sentimos que estamos sozinhos, que nossos objetivos de pesquisa não dialogam com nossos e nossas companheiras; que nossas piadas, referências ou ditados não conversam com as pessoas que compartilham estes espaços. Novamente, um grupo de pessoas TLGB+ se encontrava para propiciar um lugar acolhedor para pesquisadores TLGB+.

Talvez, depois de toda esta discussão, ainda possa haver alguém que não veja a necessidade destes lugares acolhedores para as pessoas TLGB+; talvez alguém ainda não compreenda a razão pela qual nem todos os espaços, mesmo sendo lugares, são acolhedores e os motivos pelos quais acabamos criando estes lugares acolhedores, físicos ou virtuais. Talvez, essas pessoas que não compreendem precisarão trabalhar sua própria existência, nascendo em um mundo onde ser quem elas são, falar do jeito que elas falam e amar quem elas amam, tenha que ser dissimulado, escondido ou negado por muito tempo; talvez nesse mundo, essas pessoas compreendam que “ser”, muitas vezes, é mais importante que “estar”; mas poder “ser” e “estar” sempre vai ser melhor. Que bom poder escrever neste idioma que permite diferenciar estes dois verbos.

Para finalizar esta tese, fechar algumas ideias e concluir, se apresentam a seguir as Lições TransFormadoras.







LIÇÕES TRANSFORMADORAS

Eu não gostaria de ficar repetitivo, mas considero que é preciso reafirmar aqui que a compreensão do problema tratado nesta tese só teria sido possível graças ao conceito de lugar com o qual trabalhamos. Toda esta discussão foi possível graças à companhia deste conceito que é fundamental para entender todos estes espaços onde pessoas TLGB+ são acolhidas. Acompanhar estas casas, organizações, redes e projetos; todos estes espaços que acolhem pessoas TLGB+ no Fim do Mundo, foi possível ao entendê-las como lugares onde esses corpos podem “ser” e não só “estar”, e onde se trabalha a partir de uma militância do cuidado.

Este trabalho foi uma visão panorâmica da luta militante de alguns lugares acolhedores TLGB+ do Fim do Mundo; foi um sobrevoo pelo sul da Abya Yala, mas não foi um trabalho superficial; foi uma percurso sensível, um trabalho vivido e autobiográfico, a partir da posicionalidade, que construiu a trama desde a Casassa e, a partir dela, visitou outros lugares mediante as falas e o ponto de vista das militantes que estão à frente destes lugares. E toda esta viagem deixou muito aprendizado, porque me deparei com cinco lições transformadoras, não Conclusões, porque este percurso não acabou, ele continua.

É a partir do protagonismo das Mulheridades na luta TLGB+ do Fim do Mundo, o qual inspirou a decisão de usar o T no começo da sigla neste trabalho, do entendimento da dororidade que mobiliza os corpos TLGB+, que ficam evidentes as motivações e compromissos das lideranças destes lugares. Foi o trabalho de acolhimento que se faz nestes espaços, e que inspira uma luta militante que vai do cuidado até o entendimento destes espaços como lugares, e mais ainda, como lugares acolhedores, que possibilitou dar uma linha de sentidos para esta tese. Foram várias lições que me transformaram. Contudo, teve uma que não foi proposta, nem comentada diretamente neste texto, mas que chegou como um presente: a possibilidade de errar e aprender com o erro, a permissão de fracassar e do fracasso aprender. Foi essa também uma lição transformadora que me trouxe este trabalho e vai ser com ela que vou começar.

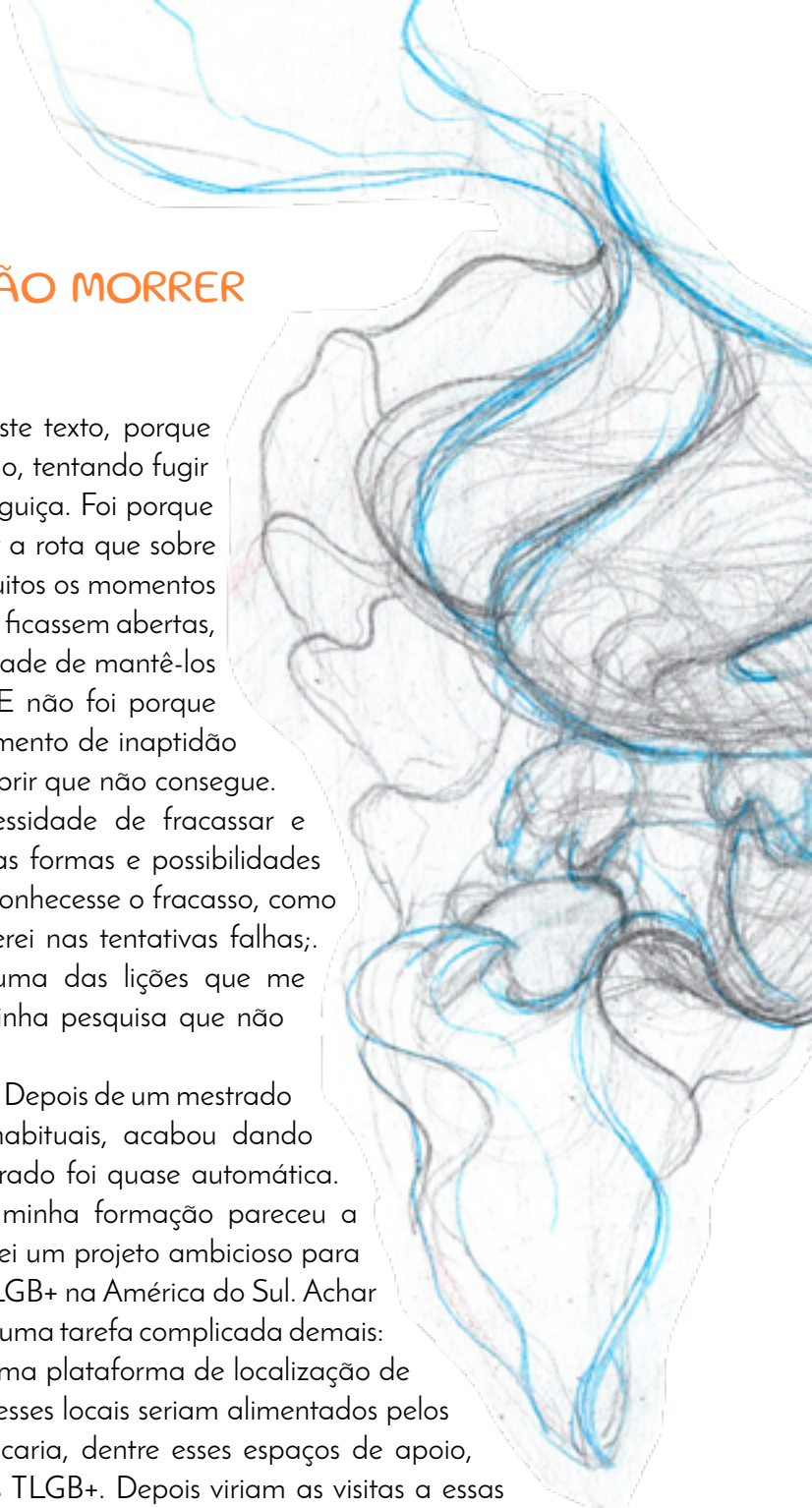
I SOBRE FRACASSAR E NÃO MORRER TENTANDO

Eu poderia não estar escrevendo este texto, porque por várias vezes cogitei desistir deste trabalho, tentando fugir desta escrita. E não foi por covardia ou preguiça. Foi porque este percurso tratou mais sobre redirecionar a rota que sobre resistir à caminhada. Nestes anos, foram muitos os momentos de fracasso, de fechar portas que desejei que ficassem abertas, de apagar contatos no celular, tendo a vontade de mantê-los em minha vida, de planejar e replanejar. E não foi porque eu não conhecesse o fracasso, aquele sentimento de inaptidão que fica depois de você tentar algo e descobrir que não consegue. Acredito que aprender traz junto a necessidade de fracassar e finalmente, após o fracasso, descobrir novas formas e possibilidades para resolver o que for. Não é que eu não conhecesse o fracasso, como disse, só que desta vez acredito que exagerei nas tentativas falhas;. Talvez por isso decidi incluir esta como uma das lições que me transformaram, uma das conclusões da minha pesquisa que não estava nos objetivos.

166

Vamos começar pelo começo, então. Depois de um mestrado que, mesmo com todas as dificuldades habituais, acabou dando certo, a decisão de continuar com o doutorado foi quase automática. Conseguir unificar minha luta militante e minha formação pareceu a melhor das ideias e, foi assim, que apresentei um projeto ambicioso para estudar Casas de Abrigo para população TLGB+ na América do Sul. Achar essas casas era desafiador, mas não parecia uma tarefa complicada demais: faria um aplicativo, para pessoas TLGB+, uma plataforma de localização de espaços comerciais e de espaços de apoio; esses locais seriam alimentados pelos próprios usuários e, posteriormente, identificaria, dentre esses espaços de apoio, quais seriam casas de abrigo para pessoas TLGB+. Depois viriam as visitas a essas casas, as entrevistas com as pessoas abrigadas e com as lideranças, escrever uma tese incrível, defendê-la e pronto. Fácil. Eu sabia que teria algumas dificuldades, mas estavam dentro da margem de ação proposta; o que eu não conseguiria imaginar era que neste parágrafo haveriam tantas formas estrepitosas e espalhafatosas de fracassar.

Depois de dois anos de trabalho na Casassa, veio a primeira mudança importante na rota desse mapa: não iria entrevistar as pessoas abrigadas. Foram dois anos eu respondendo entrevistas para projetos das universidades da cidade, investindo meu tempo em ajudar outros universitários a desenvolverem suas tarefas; dois anos de blindar as pessoas abrigadas de perguntas desnecessárias, entrevistas que eu preferia responder antes de deixar que elas, que estavam em situações vulneráveis, passarem por situações constrangedoras. Por vezes, nós, estudantes universitários, não fazemos ideia do quanto nossas perguntas podem ferir a intimidade e provocar desconforto. Cada vez que eu respondia uma entrevista, mais certeza eu tinha na decisão de não ir atrás dos abrigados, senão das lideranças. Essa escolha não



parece ser um fracasso, mas uma possibilidade de recalculer os caminhos, e foi assim, plano atrás de plano.

No segundo ano da Casassa, 2019, depois de fazer as disciplinas e conseguir os créditos, comecei a empreitada do aplicativo. Junto com o Derick começamos cursos, oficinas e reuniões para a criação da ferramenta digital. Conseguimos participar de um programa público da cidade de Presidente Prudente que, através da Fundação Inova Prudente, deu algumas bolsas de desenvolvimento para projetos que fossem criados na cidade. Nosso aplicativo Yumbrel, passou em primeiro lugar e, por um semestre, focamos nele; um aplicativo que iria mapear lugares que fossem acolhedores para pessoas TLGB+ na América do Sul. Queríamos saber de todo tipo de lugar onde as pessoas TLGB+ pudessem se sentir bem-vindas. Até aqui, nada fora da proposta inicial, e tudo estava sobre os trilhos, apesar das dificuldades esperadas. Foi no segundo setembro de 2019 que o GPS do meu projeto começou a perder a configuração e a rota se perdeu.

Os investimentos, tentativas e trabalho no aplicativo não davam certo, e cada passo que dávamos para frente, eram dois dados para trás. Chegou, então, setembro de 2019, e com ele o fechamento da Casassa; depois, fevereiro de 2020, e com ele uma quarentena que cancelaria os planos de visitar as casas de acolhida programadas na agenda; em seguida chegou abril de 2020 e com ele a decisão de focar o pouco dinheiro que tinha em sobreviver, porque a quarentena era evidente que duraria mais de 40 dias; os planos de promover o aplicativo, que tinha como objetivo divulgar lugares onde pessoas TLGB+ pudessem ir e compartilhar momentos, não era viável em meio a uma pandemia. Minha vida se reduziu a atividades virtuais e projetos, junto com o Derick, para conseguir dinheiro e não perder as nossas economias. Entretanto, as economias acabaram e a angústia e o desespero alugaram um espaço em minha cabeça.

Foi nesse contexto que chegou o momento de qualificar e uma dor incrível me invadiu; eu não conseguia sentar e escrever a história da Casassa (segundo capítulo). Mesmo com os diários de campo, os documentos, as matérias e as entrevistas era, literalmente, impossível começar essa escrita sem acabar chorando e me sentindo totalmente culpado, fracassado e incompetente. Como disse, eu já tinha fracassado antes em minha vida, mas esta havia sido a primeira vez que sentia ter fracassado várias vezes seguidas, com algo tão importante e que eu havia destruído com este fracasso. Mesmo assim, qualifiquei em junho de 2021.

Eu comecei esta pesquisa propondo um trabalho intitulado Casas de Acolhimento LGBT+ na América do Sul: O corpo como espaço de luta, marginalidade, resistência e práticas espaciais. Com ele, queria estudar, analisar e comparar as propostas das casas de acolhimento para pessoas TLGB+ da América do Sul, identificando primeiro esses projetos e suas redes colaborativas, analisando as práticas espaciais existentes nestes lugares e, finalmente, relacionando essas propostas e identificando como essas organizações sociais entendiam e assumiam a luta TLGB+. Com um trabalho de qualificação bastante mediano e tendo sido aprovado mais pelo potencial do texto que pelo trabalho apresentado, eu acredito; fiquei sentado várias semanas frente ao computador escutando e lendo as devolutivas da banca, sentindo-me bastante medíocre. Refleti sobre o que fazer, para onde ir, qual caminho tomar, o que decidir.

Depois de alguns meses as fronteiras abriram e consegui viajar para Argentina, graças à bolsa sanduíche do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES PrInt),

conseguida em 2020, para trabalhar no projeto Movimentos socioterritoriais em perspectiva comparativa, aprovado no marco do Convênio Capes-Print-Unesp - Propg 02/2019 - Redes de Pesquisa Internacionais (MSTPC-RPI) e Convênio Capes-Print-Unesp - Propg 02/2020 - Alianças Globais de Pesquisa (MSTPC-AG). A distância física me deu nova perspectiva. Eu vou confessar que não foi fácil, mas consegui me reconciliar comigo e com a história da Casassa, entender esses fracassos, aprender com eles, olhar com calma e escrever. Lendo sobre movimentos sociais latino-americanos, descobri sobre a sigla TLGB na Bolívia e entendi que era possível usá-la com o T na frente. Em Buenos Aires, participando de algumas atividades, chegou o livro *Dororidade*, da Vilma Piedade, e então reconheci na potência dessa palavra muitas das motivações na luta das pessoas que lideram e coordenam vários lugares acolhedores para pessoas TLGB+ que tinha conhecido. Foi na biblioteca da Universidade de La Plata que voltei às entrevistas que tinha feito com as pessoas que me acompanharam na Casassa e para outras lideranças de casas de acolhida do Brasil, e descobri que falávamos sempre de lugares, que eram os lugares, os espaços que acolhiam. E foi durante este tempo que fiz outras entrevistas em que me parecia cada vez mais evidente que o trabalho de cuidado que todas estas pessoas faziam era um trabalho militante.

Em meio a minha própria solidão, entendi que quem mais precisou da Casassa fui eu mesmo e reconheci que eu, elas e eles, as pessoas que contribuíram na criação desses lugares acolhedores, fracassamos algumas vezes e “erramos tentando acertar”, como disse o Dig, da Casa Chama, de São Paulo. Tomamos decisões difíceis, a exemplo da equipe da Casa Miga naquele 23 de dezembro, véspera de natal, e sentimos culpa por isso; abrimos as portas da nossa casa, como a Paris do Coletivo TLGB, da Bolívia, ou a Usagui Glitter, da *House of C-pher*, do Chile, esperando curar a nossa própria dor, dor que conseguimos enxergar na outra pessoa. Acertamos muitas vezes e erramos outras tantas e, mesmo assim, seguimos caminhando, na tentativa de não errar mais. Entendi que estes lugares acolhedores que conheci foram feitos na base da tentativa, do erro e do acerto, porque não existe manual.

Percebi nas histórias que escutei muitos momentos de fraqueza, de solidão; muitos momentos de fracasso e muitos, muitos mais de sucesso. Mas, qual seria a força que faz a gente se levantar depois de ter caído? O que motivou as pessoas de Presidente Prudente, do Rio de Janeiro, de Manaus ou de São Paulo no Brasil, a se juntarem para abrir casas de acolhida? O que fez com que pessoas que não se conheciam em Montevideú, ou em Santiago de Chile, juntassem-se e criassem uma *House*? O que aconteceu para que um grupo de pessoas trans e travestis na Bolívia levantassem suas vozes para não serem mais invisibilizadas? O que motivou uma mulher trans, junto com a organização em que militava, a enfrentarem o governo argentino para exigir um espaço físico onde trabalhar por outras pessoas trans? A Vilma Piedade me deu a resposta com seu livro: foi a dororidade, a dororidade das pessoas TLGB+.

Em meio a minha solidão, refletindo e me reconciliando com tudo o que tinha acontecido, enxerguei nesse adjetivo abstrato, a dororidade, a motivação concreta das pessoas que fazem sua tarefa militante a partir do cuidado. Não é compaixão ou solidariedade nem miséria, é dororidade. É uma dor que mobiliza uma ação, uma dor que faz entender a dor das outras pessoas. E essa, minhas irmãs e irmãos, é a seguinte lição apreendida.



II SOBRE A DORORIDADE QUE MOBILIZA



Uma particularidade das pessoas que entrevistei, das motivações que apontaram, do objetivo dos trabalhos que desenvolvem a partir da arte, o trabalho social, a militância política ou a gestão de projetos empreendedores, são a força mobilizadora das suas próprias dores. Não são empreitadas que visam resolver aflições de desconhecidos como orienta a bíblia: “não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor o seu penhor, não roubando, dando o seu pão ao faminto, e cobrindo ao nu com roupa” (EZEQUIEL 18:7). Não são trabalhos feitos a partir de um olhar cristão ou religioso em geral, a partir da caridade como virtude teológica. São ações concretas que nascem do reconhecimento das próprias dores e que, enxergando essas dores nas outras pessoas, procuram por ações que ajudem a resolvê-las.

Foi a dororidade da Natália, da Casinha, que a fez se mobilizar e convidar primeiro suas amigas para fazer algo. Muitas pessoas estavam naquele grupo de Facebook, muitas pessoas podiam ver as trocas das vivências que se faziam nele; não só ela se sentia abraçada naquele grupo de Facebook, não só ela podia ler as histórias das meninas que estavam passando momentos complicados em suas casas, e não só ela assistia aos jornais e ficava sabendo dos ataques a pessoas TLGB+ no mundo, mas foi ela quem sentiu a necessidade de fazer algo, sua própria dor abriu seus olhos e seu coração e a fez agir. Chegando no Uruguai, o primeiro que o Josué fez foi procurar uma casa *ballroom*; toda a revolução que ele começou em Montevideu com sua *House* foi possível porque ele precisava de um lugar que o acolhesse e entendesse a potência da cultura *ballroom* que ele conheceu em sua cidade, e “ninguém vai fazer porque ninguém tem a experiência de caminhar no *Ball*” (JOSUÉ - House of Polenta, 2022), disse ele antes de começar a convocar pessoas amigas, divulgar aulas e construir sua *House of Polenta*. Com certeza Marcela não foi a única argentina que conheceu experiências de casas trans no mundo, mas sua própria dor a motivou a criar a casa em Buenos Aires, com a força que dava a sua experiência de militância na ATTTA.

Natália no Rio de Janeiro, Josué em Montevideu, Marcela em Buenos Aires, até eu, em Presidente Prudente, tínhamos algo em comum, algo que também compartilhamos com o Emílio em Manaus, com o Ramiro e a Paris em La Paz, com o Digg em São Paulo, ou o Fernando em Santiago. Nosso trabalho, nesses lugares acolhedores para pessoas TLGB+, não é motivado pela solidariedade ou a caridade. Enxergando todas as histórias, compreendendo as motivações manifestadas e analisando os objetivos, consegui refletir e pensar que a solidariedade mobiliza muitas pessoas para doar, ajudar ou contribuir, mas é a dororidade que faz elas criarem estes lugares, porque não é qualquer pessoa que poderia entender a demanda da Natália e da sua amiga Lorena quando falam da “dificuldade que temos para namorar e manter relacionamentos escondidos, porque a rua não é um espaço seguro e dentro de casa também não, [o do] simples desejos que temos as pessoas TLGB+ de poder nos sentar no sofá, assistir um filme com a pessoas que namoramos e pegar na mão”

(NATÁLIA - Casinha, 2020).

As pessoas podem sentir empatia por estas situações, podem achar triste e se solidarizar; muitas pessoas podem sentir um chamado dos deuses e trabalhar desde a caridade por pessoas menos favorecidas, mas só a dororidade pode fazer que alguém se mobilize e construa este tipo de espaço. De fato, pode-se debater muito sobre o assunto, mas vai ser preciso um maior entendimento e uma porcentagem de dororidade para agir, como aconteceu com a Suri da Casassa: “na verdade, eu acho que até então eu não tinha tido contato com pessoas em situação de vulnerabilidade tão extremas. Eu acho que os espaços que eu frequentei, os espaços acadêmicos, a câmara, eu ficava de certa forma distanciada dessas situações concretas de vulnerabilidade. Eu acho que ter esse contato (...) me fez pensar muito qual é a minha posição na sociedade” (SURI - Casassa, 2020).

Assim como com a Suri, essa proximidade com este tipo de realidade fez a Usagi Glitter, da *House of C-pher*, entender a situação pela qual passava sua irmã Tora: “imagina você não poder escutar suas músicas que gosta na casa que você mora, sendo dançarino; você precisar deixar de praticar dança na sua própria casa” (USAGI - House of C-pher, 2022), algo tão simples que, aparentemente, mobilizou o Fernando a abrir as portas da sua própria casa; sua dor, a proximidade dele próprio com esse tipo de dor o fez agir. Nem todo mundo entenderia o que disse a Natália, da Casinha: “essa coisa de dar um beijo na escada do prédio, dentro de um banheiro do shopping” (NATÁLIA - Casinha, 2020), não é qualquer pessoa que entenderia, porque nem todas as pessoas sofrem essas dores.

A realidade que as pessoas TLGB+ passam faz com que precisemos propiciar espaços que contemplem nossas necessidades. O problema de lugares que não são acolhedores, mesmo sendo seguros, caritativos, espirituais ou até militantes ou políticos, é que alguns deles não só proíbem a possibilidade de amar, senão, e talvez ainda mais grave, proíbem também a possibilidade de SER, de existir. Muitas casas de abrigo recebem pessoas e separam elas por gênero; vários projetos artísticos continuam reproduzindo os estereótipos macabros da Ideologia dos Dois Gêneros; muitos postos de saúde não são espaços para SER, mesmo sendo espaços onde pode-se ESTAR, porque a lei disse. Por isso a necessidade de ir acompanhadas nos serviços de saúde, segundo comentaram, por exemplo, a Marcela da Casa Trans ou o Drigg da Casa Chama.

Por essa razão, é tão necessário ocupar esses espaços, protagonizar neles e fazer acontecer, como fizeram as mulheridades trans-diversas da Bolívia, ou como fazem na Casa Chama, em São Paulo: “a Casa Chama acontece por ter a força de um coletivo, de todas as pessoas envolvidas, inclusive pessoas vulneráveis que trabalham muito e doam muito de si (...), mais do que as pessoas cisgêneras privilegiadas” (DIGG - Casa Chama, 2020). Toda esta movimentação não é motivada por uma raiva contra as pessoas cis ou contra a heterossexualidade, até porque só junto com elas as mobilizações e mudanças podem acontecer; todas estas mobilizações são possíveis pela dororidade, que é a energia que faz acontecer nestes lugares acolhedores.

Quando escutava as histórias da House of Polenta do Uruguai, ou da House do C-Pher do Chile, não podia deixar de pensar que nos dois casos tinha sido a dororidade que fez essas pessoas procurarem por esses lugares acolhedores. Foi a solidão do Josué chegando em Montevideu, enxergando-se sozinho e com a necessidade de uma rede de apoio, o que o motivou a organizar as *kikis* e criar sua casa. Foi a identificação e admiração do Fernando



e, acima de tudo, a necessidade de ter um espaço de apoio e acolhimento, que o fez, junto com o Felipe, juntarem-se para fundar sua *House*. E, claramente, foi essa dororidade que fez a Olívia, a Fran, o Vagner, a Suri, a Nane, o Derick e outras várias pessoas se juntarem comigo para criarmos a Casassa. A força que essa dororidade deu para todas nós tem a particularidade de ajudar a curar as próprias dores, ajudando a cuidar das dores das outras pessoas.

III SOBRE O PROTAGONISMO DAS MULHERIDADES

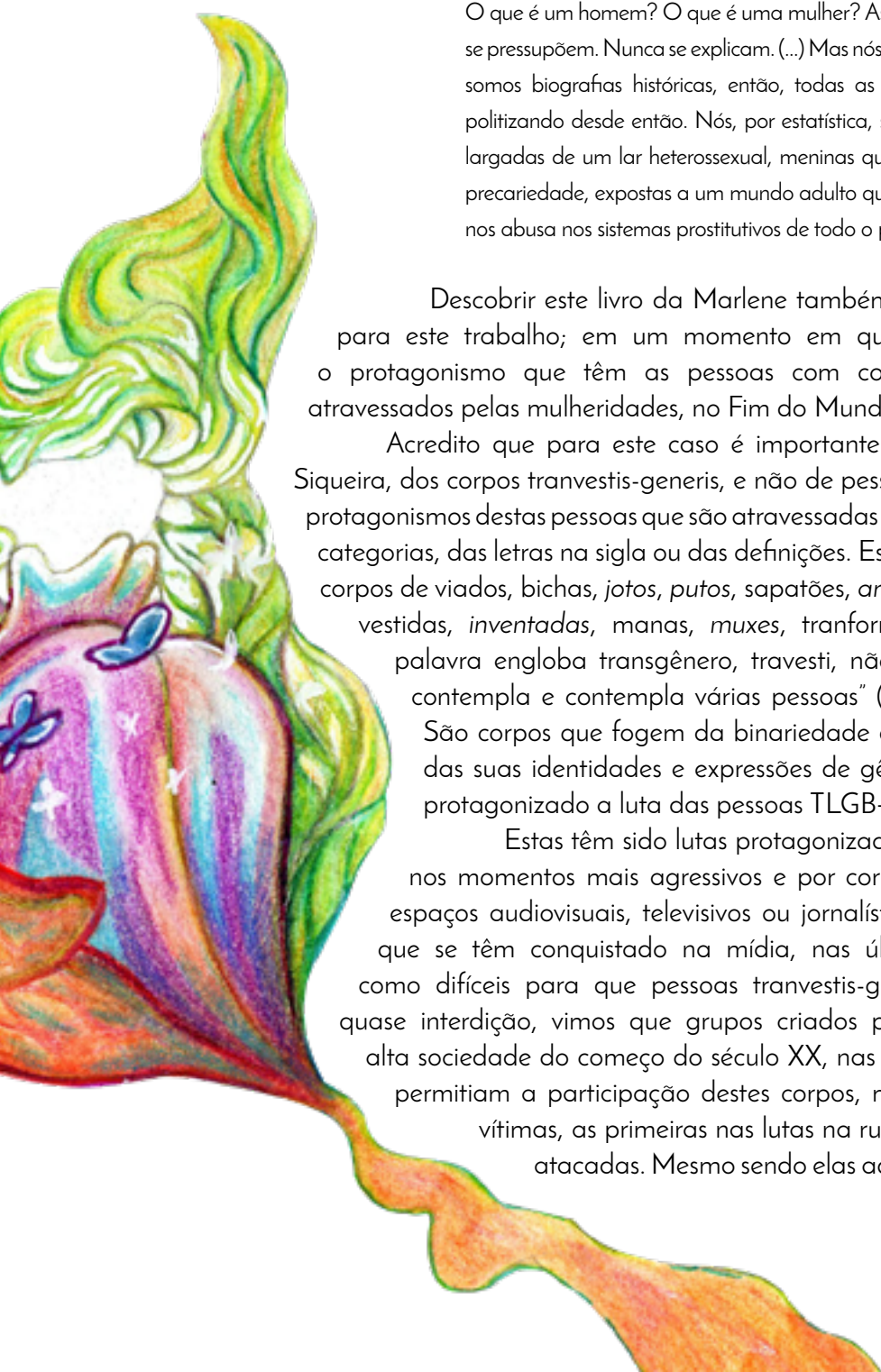
Sobre ser travesti, Marlene Wayar diz:

O que é um homem? O que é uma mulher? As respostas a estas perguntas se supõem, se pressupõem. Nunca se explicam. (...) Mas nós sabemos que somos processos históricos, somos biografias históricas, então, todas as meninas travestis que fomos, estamos politizando desde então. Nós, por estatística, somos meninas entre os 8 e os 13 anos, largadas de um lar heterossexual, meninas que ficamos na absoluta vulnerabilidade, precariedade, expostas a um mundo adulto que, neste momento de maior fragilidade, nos abusa nos sistemas prostitutivos de todo o país" (WAYAR, 2018).

Descobrir este livro da Marlene também foi um presente da Argentina para este trabalho; em um momento em que começava a enxergar todo o protagonismo que têm as pessoas com corpos tranvestis-generis, corpos atravessados pelas mulheridades, no Fim do Mundo.

Acredito que para este caso é importante falar, como disse a Indianara Siqueira, dos corpos tranvestis-generis, e não de pessoas trans ou travestis, porque o protagonismos destas pessoas que são atravessadas pelas mulheridades vai além das categorias, das letras na sigla ou das definições. Estes corpos tranvestis-generis são corpos de viados, bichas, jotos, putos, sapatões, areperas, tortilleras, camionheiras, vestidas, inventadas, manas, muxes, tranformistas, drags ou travas; "essa palavra engloba transgênero, travesti, não-binário e ela contempla, me contempla e contempla várias pessoas" (DIGG - Casa Chama, 2020). São corpos que fogem da binariedade da Ideologia dos Dois Gêneros, das suas identidades e expressões de gênero, e são os corpos que têm protagonizado a luta das pessoas TLGB+ no Fim do Mundo.

Estas têm sido lutas protagonizadas por corpos tranvestis-generis nos momentos mais agressivos e por corpos muito mais normativos em espaços audiovisuais, televisivos ou jornalísticos. Os pouquíssimos espaços que se têm conquistado na mídia, nas últimas décadas, configuram-se como difíceis para que pessoas tranvestis-generis os ocupem. Sobre essa quase interdição, vimos que grupos criados para homens homossexuais da alta sociedade do começo do século XX, nas cidades latino-americanas, não permitiam a participação destes corpos, mesmo sendo elas as principais vítimas, as primeiras nas lutas na rua, as mais perseguidas, as mais atacadas. Mesmo sendo elas aquelas que mais sofrem violência



e agressões, físicas ou psicológicas, pela “patologização das suas identidades e expressões diversas [que] costuma se traduzir em afetações da sua integridade psicológica e sua saúde mental, incluindo altos níveis de estresse, tristeza, depressão e sentimento de abandono” (CIDH, 2020).

E parecer-se-ia incrível a invisibilidade que as pessoas tranvestis-generis enfrentam, quando foi uma mão T que lançou o primeiro tijolo na mais famosa luta pelos direitos da população TLGB+ da história da humanidade; quando foi uma mulher trans afro-americana quem criou as bases da cultura *Ballroom* e abriu as portas da sua casa para jovens marginalizados, afro-americanos e latinos, expulsos das duas casas, como bem lembrou o Josué da *House of Polenta*, mesmo que na nossa América Latina várias casas sejam fundadas por pessoas cisgênero, brancas e profissionais da dança. Mesmo alguns homens cis fazendo *Drag* na atualidade, foram as pessoas tranvestis-generis aquelas que abriram esse caminho, porque como lembrou o Fernando, “antes era ilegal, as transformistas tinham que se esconder nos lixões (...). Então, nós temos que ser gratos pela época em que estamos, por poder lutar graças a esse sangue derramado” (USAGI - *House os C-pher*, 2022).

Muitas marchas, os protestos, as concentrações, as manifestações que têm conseguido importantes conquistas para a população TLGB+ no Fim do Mundo tiveram participação significativa de pessoas tranvestis-generis. E são elas que mais incomodam em uma manifestação contra qualquer pauta da Ideologia dos Dois Gêneros; seus corpos trazem a subversão implícita, mesmo sendo as pessoas cis as que acabam tendo o protagonismo audiovisual. Por isso, é muito importante a decisão da equipe da Casa Chama em debater sobre “as pessoas cisgêneras [que] muitas vezes, [têm] mais voz e protagonismo que as pessoas trans” e por isso tem tanto valor o reconhecimento que faz o Digg sobre o trabalho que desenvolvem: “eu ainda devo tudo às travestis, e às “mulheridades” (DIGG - Casa Chama, 2020).

Nós, as pessoas de corpos, orientações e identidades diversas do Fim do Mundo, devemos muito às pessoas T, e mesmo assim sua letra está, comumente, no final, escondida entre um monte de outras letras que as invisibilizam ainda mais. O mais grave é que vai além de uma localização de uma letra que só evidencia a sua própria realidade. Nós devemos tudo às mulheridades e, mesmo assim, as legislações no Fim do Mundo têm uma grande dívida com elas. Curiosamente, e só como uma informação interessante para ser analisada, tem sido em governos de mulheres que se aprovaram a maior quantidade de avanços para a população TLGB+ do Fim do Mundo: Na Argentina se reconheceram 9 dos 10 direitos para pessoas TLGB+ durante o governo da Cristina Fernández; durante o governo da Dilma Rousseff, no Brasil, foram aprovados 7 dos 11 direitos que se têm nesse país e, dois dos três direitos do Chile, foram reconhecidos durante o governo da Michelle Bachelet (CHAVES GARCÍA; ESTER, 2021). Algo que não aconteceu na Bolívia com a Jeanine Áñez e que não se aplica ao Uruguai, que nunca teve uma mulher na presidência. Mesmo assim, talvez como naquele Congresso na Bolívia em 2000, as pessoas T que protagonizam e lideram a luta TLGB+ não podem continuar esperando ser enxergadas, e esse reconhecimento precisa ser feito.

A população T, como disse, incomoda a normatividade. Nas mesmas experiências dos lugares acolhedores do Fim do Mundo, visitadas nesta tese, pode-se evidenciar que é um tipo de população com particularidades que precisam ser observadas com um carinho especial. Foi uma menina trans, menor de idade, que deixou a Casassa e as instituições da cidade em

xeque quando, depois de muitas horas de ir de um lado para o outro, procurando a melhor forma para solucionar sua situação, precisou ser ingressada na Casassa, mesmo com receio das consequências jurídicas (Conselho Tutelar) que poderiam se enfrentar, como foi comentado no segundo capítulo. Foram as mulheres trans que demandaram mais atenção e seguimento da equipe coordenadora da Casa Miga, pelas suas histórias, suas atividades econômicas, suas formas de relacionamento, agressões, furtos e até ameaças de morte feitas. Foram mulheres trans e travestis aquelas que criaram seu próprio carnaval na Praça La Moma, na cidade de La Plata, na Argentina. Uma praça que, como comentamos no terceiro capítulo, é habitado, tradicionalmente, por trabalhadoras sexuais e que, ante à solidão trazida pela quarentena da pandemia, decidiram se organizar e criar seu próprio evento; uma festa realizada em um contexto de muita hostilidade e violência, por parte de um grupo de vizinhas, que atuaram com total impunidade, e da própria polícia da cidade.

Foram dessas pessoas atravessadas por todo tipo de mulheridades que o Digg falou quando comentou sobre os riscos que as eleições de 2018 trouxeram para as pessoas TLGB+ e que motivaram a criação da Casa Chama: “para as pessoas trans e travestis, as mais marginalizadas, tanto fazia aquela eleição, porque a vida continuava igualzinha, continuava uma merda, e isso não mudou nada porque foi tudo sempre tão ruim que não fazia diferença, fazia diferença apenas para as pessoas mais privilegiadas” (DIGG – Casa Chama, 2020).

Por esta razão, é tão importante a visibilidade e reconhecimento das pessoas T na luta no Fim do Mundo, não só porque estão na primeira linha desta batalha, senão porque são a população mais vulnerável e quem mais precisa destes lugares acolhedores que foram visitados. Na Casinha, do Rio de Janeiro, quando fazem uma seleção de pessoas para trabalhar, dão preferência para pessoas trans, negras, periféricas; igual para os cursos e outras atividades que realizam, em que separam vagas para pessoas trans e travestis, e oferecem, também, subsídios para passagens ou alimentação. O eixo de saúde da Casa Miga, em Manaus, para exemplificar, faz encaminhamentos para consultas, clínicas, ambulatorios para operações, acompanhamento para o processo de transição, assistência social e tudo o que for necessário para as pessoas trans. Igual ao GT de Oportunidades da Casa Chama de São Paulo, que está voltado para procurar oportunidades de trabalho para pessoas trans. Até o trabalho quase terapêutico que a *House of Polenta* faz em Montevideu, através da dança e da cultura *Ballroom*, que como o próprio Josué confirmou: “é um espaço criado por pessoas trans para ser o principal suporte e apoio para todas as pessoas” (JOSUÉ – *House of Polenta*, 2022).

Todos estes lugares acolhedores, mesmo sendo para todas as pessoas TLGB+, precisaram focar seus esforços para atender pessoas trans e travestis, porque não são apenas elas que demandam desses lugares, como também são as mais comprometidas com esse tipo de militância. E lugares mais focalizados para esta população, como a Casa Chama, em São Paulo ou a Casa Trans, em Buenos Aires, são: “um espaço de acompanhamento, de proteção”, “tentamos que seja um espaço onde é possível falar dos sentimentos, as pessoas possam falar de como estão, do que precisam nesse momento. Então, é um espaço de contenção, um espaço que toda pessoa trans gostaria de ter na própria casa” (MARCELA – Casa Trans, 2022).

Por todas estas razões, uma luta, um evento, uma organização, um lugar TLGB+

não é verdadeiro se invisibiliza os corpos tranvestis-generis, se mantém esses corpos como uma cota sem dar o protagonismo que merecem; se mantém estas pessoas escondidas em um canto só para cumprir, porque são pessoas com “muitas capacidades; capacidades humanitárias e de ajuda, [sabem] o que é estar internadas, presas; [sabem] como é ser discriminadas nos bancos” (MARCELA – Casa Trans, 2022). Por isso, quando os espaços são ocupados por estes corpos, a militância já é só a sua presença, como quando a *House of Polenta* ocupou o Teatro Solis, de Montevideú, a Casa Chama ocupou o Teatro Oficina, em São Paulo, ou a Casassa ocupou o Museu Municipal de Presidente Prudente, com a instalação da Casa da Travesti.

Estes corpos, estas identidades, estas expressões de gênero incomodam os princípios da Ideologia dos Dois Gêneros, e não incomodam pouco. Em uma sociedade construída sobre uma base binária, que entregou ao masculino a força, a autoridade e o controle, e ao feminino a fraqueza, a obediência e o cuidado; aqueles corpos que fogem incomodam muito. Nessa lógica binária, o corpo dominante, o corpo masculino ativo, branco, heterossexual, é o centro do universo; poderia-se pensar que os corpos opostos a este são corpos do Fim do Mundo e que a militância do cuidado é uma potente estratégia de resistência, porque possibilita a super-vivência de pessoas condenadas, por este mundo binário, ao desaparecimento.

Talvez, por esse motivo, cada uma das pessoas que entrevistei, de uma forma ou de outra, manifestou o compromisso e responsabilidade que sentia à frente desses lugares, palavras que a Usagi Glitter da *House of C-pher*, seguramente, possa ter resumido melhor quando disse que estas casas “vem da guerra, um assunto de união, de luta; [nasceram] para nos proteger” (USAGI – *House of C-pher*, 2022).

Foram estas casas que cuidam destes corpos tranvestis-generis, estes relatos das suas lideranças, foi constatar esta história no Fim do Mundo o que me atingiu diretamente, o que me fez reconciliar com minha própria história familiar, levando-me a pesquisar o nome da Ângela, minha prima trans, que nunca conheci, que morreu; sobre a qual minha família não fala, mas a quem dediquei este trabalho. Por não a conhecer, decidi deixá-la representada na capa desta tese sendo abraçada pela Abya Yala, já que meu abraço não chegou a tempo.

IV SOBRE A MILITÂNCIA DO CUIDADO

Em um evento na cidade de São Paulo, em uma tentativa de apresentar o aplicativo Yumbrel, participei, junto com o Derick, de uma palestra do Nikita Simonne Dupuis, uma pessoa *Two Spirits*, da Colômbia. Esta palestra foi muito importante por duas razões: a primeira porque eu não conhecia sobre a existência das pessoas *Two Spirits*, e, segundo, porque foi ele quem me trouxe uma ideia e um conceito que marcaria a rota deste trabalho: a Militância do Cuidado. Ele falou que as coletivas TLGB+, ainda mais as coletivas Trans, normalmente têm dois momentos importantes em suas lutas: um momento que chamou de Militância de Trincheira, que seriam os eventos de confronto, de marcha, de passeata, de reivindicação, etc. E um outro momento que chamou de Militância do Cuidado, porque os corpos e os corações feridos das pessoas TLGB+, normalmente, não têm vaga nos hospitais, nem nas igrejas, e até o direito do luto, frente à morte é proibido; por essa razão, estas coletivas fazem trabalhos de

médicas, de psicólogas e até de sacerdotisas. Desde esse dia comecei a enxergar o trabalho que era realizado nos lugares acolhedores que visitei como um trabalho desenvolvido a partir dessa Militância do Cuidado.

Na própria Casassa foi falado algumas vezes que este era nosso tipo de militância. Aprendemos muito nos dois anos de trabalho; foram aprendizados que fizeram esse tempo valer muito a pena, mesmo com as dificuldades e as situações desconfortáveis. Porque normalmente, se percebe a militância a partir de uma posição de luta e enfrentamento, e a própria palavra faz referência a isso, uma vez que deriva da junção do latim *militare*, que significa ser soldado; e do sufixo “ância”, que significa ação ou o resultado dessa ação. E foram essas “ações de soldados” que conseguiram as principais mudanças nas nossas sociedades.

De fato, essa luta iniciada por uma militância de confronto, uma “militância de trincheira”, como disse Nikita, tem possibilitado que nos últimos anos a população TLGB+ seja protagonista no acontecer público dos países do Abya Yala, mediante ações coletivas que visam sancionar leis que reconhecem seus direitos. Tem sido a mobilização social coordenada e contínua que tem conseguido o cumprimento e garantia dos direitos das pessoas TLGB+ no Fim do Mundo. É um tipo de militância organizada que tem criado alianças com outros movimentos e organizações, unindo-se “de forma proveitosa com grupos de esquerda, e adotado ideias e estratégias com assuntos que ressoam com a esquerda, [mas] também existem grupos que optaram por utilizar estratégias e ideias mais a favor do mercado e pró globalização (...) isto tem permitido ganhar aliados através de diferentes setores e aprender sobre práticas alternativas à hora de fazer política no nível nacional” (CORRALES, 2015, p. 13). No entanto, acima de tudo, este tipo de militância tem conseguido vitórias e tem protagonizado os jornais e as revistas. Foram as concentrações, marchas, escraches ou protestos, a mobilização de rua e até a pressão política e mediática a principal ferramenta em defesa da vida das diversidades no Fim do Mundo (LÓPEZ, 2018).

Foi este tipo de militância de trincheira a que fez com que o matrimônio igualitário fosse legalizado na Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica e Equador; e também no Chile, mesmo que com uma nomenclatura diferente: “União Civil”. Têm sido este tipo de mobilização aquela que exigiu que se incorporasse parcialmente os direitos TLGB+ na constituição do Equador, o segundo país no mundo a fazer isso; e as que permitiram o reconhecimento de adoção conjunta de famílias diversas na Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica e Uruguai. Foi este tipo de luta que conseguiu a regulação expressa, no Brasil e no Equador, das terapias de conversão, chamadas também de “Cura Gay”. Graças a este tipo de mobilização, aprovaram-se medidas a favor da identidade auto percebida no Panamá, Uruguai e Brasil na primeira década do século XXI, e na Argentina, Colômbia, Bolívia, Equador e Chile na década seguinte (CHAVES GARCÍA; ESTER, 2021). São muitas as conquistas que as ações coletivas conseguiram, mesmo assim, são muitas também as dívidas dos Estados latino-americanos com as populações TLGB+.

É esse o tipo de luta que, normalmente, pensa-se quando se fala de militância; no final das contas, como foi dito, a própria origem desta palavra (*militaris*) anuncia sua relação com soldados e exércitos, com guerra; o próprio conceito já traz uma dedicação a um propósito particular, seja este no campo social ou na política, ecologia, religião ou qualquer outra luta. A militância, então, é uma conduta, uma atitude daquela pessoa que se esforça para defender uma causa, normalmente vinculada a uma organização, embora podendo ser feita de forma



isolada (BERARDI-SPAIRANI, 2020). Contudo, como disse Nikita, junto com esse tipo de militância de trincheira, tão protagonista nos jornais, há também uma que cuida, por vezes menos protagonista, mas também muito importante. Fran, da Casassa, conversou sobre isso: "O que significa militar? Militar para mim é transformar, é construir a transformação, são agentes que constroem a transformação, então a transformação ela começa na gente e ela transpassa o outro (...). Sabe aquele velho clichê de como cuidar dos outros se a gente não cuida da gente mesmo? Sim, cuidar das pessoas é uma forma de militar (...) existem inúmeras formas, eu não gosto dessa separação, mas eu diria que é uma que dá sentido à diversidade da militância (FRAN - Casassa, 2021).

Para a Suri, também da Casassa, outra pessoa muito vinculada aos vários tipos de lutas sociais com as causas TLGB+ e as reivindicações da PCD, fazer militância é, de fato, cuidar das pessoas, então, para ela, militar e cuidar estão intrinsecamente relacionadas: "na verdade, eu entendo que fazer militância é uma grande forma de cuidar das pessoas, porque na verdade a militância é um meio de reivindicar uma transformação na sociedade, transformação coletiva, social. A militância na verdade reivindica melhorar o cuidado das pessoas" (SURI - Casassa, 2021). Mesmo assim ela reconhece um sério problema na luta militante de alguns grupos: "tem muita militância (...) que é pra sacanear a sociedade [mas] realmente cuidar das pessoas é uma ótima forma de se fazer militância, porque se a militância é uma forma de transformar a sociedade, cuidar das pessoas, talvez seja, a principal forma de se transformar uma sociedade" (SURI - Casassa, 2021).

Natália, da Casinha do Rio de Janeiro, concorda com estes posicionamentos e acha que uma das táticas da militância é, justamente, o cuidado: "a gente se cuidar, a gente permanecer bem; para poder afrontar as lutas que diariamente aparecem; para lutar pelos direitos, para poder continuar, para não ceder e não deixar os fascistas, os anti-direitos, os grupos radicais, as pessoas que não suportam nossos corpos tomarem a nossa vida e a acabarem com a nossa luta" (NATALIA - Casinha, 2020). Para Natália, a militância do cuidado vai além de uma necessidade, pois é uma estratégia de sobrevivência: "cuidar das pessoas é uma forma de militância, uma questão, além de tudo, de sobrevivência, de olhar para gente e se cuidar, de deixar todo mundo bem e poder continuar" (NATALIA - Casinha, 2020).

Por esta razão, cuidar das pessoas TLGB+, a partir do trabalho militante, além de tudo, é promoção da saúde. Foi essa a reflexão que trouxe o Josué, da *House of Polenta*, do Uruguai, quando, falando sobre o trabalho que sua casa faz, comentou: "aconteceu também de muitas pessoas que têm dificuldade de se expressar, são muito tímidas para poder se expressar e aqui começam a entender e desenvolver formas para melhorar. Com uma casa se cria um espaço onde as pessoas podem ser elas mesmas e isso é muito bonito, porque existem até cursos de dança onde as crianças têm que se comportarem muito masculinamente para não serem agredidos, por exemplo, mas num espaço de *ballroom* posso me expressar da forma que eu quiser" (JOSUÉ - *House of Polenta*, 2022). A dança é terapêutica para muitas pessoas, como podem ser outros tipos de arte: "todos nos unimos pelo bem comum que era o amor pela arte, o amor pelo *Cosplay*, o amor pelo *Drag* (USAGI - *House of C-pher*, 2022); ou atividades mais acadêmicas, esportivas ou técnicas. Sobre sair de espaços onde existe muita repressão de como se comportar, como falar, como deve ser sua identidade, Josué argumenta: "capaz que as pessoas têm dias que estão sendo violentadas o tempo todo, mas no *ballroom* sentem que isso não importa, que podem dizer o que quiserem que o *ballroom* vai entender.

Que é um espaço criado por pessoas trans para ser o principal suporte e apoio para todas as pessoas” (JOSUÉ - *House of Polenta*, 2022).

Sobre esse assunto, a Nane, da Casassa, comentou que mesmo o trabalho da militância, mais de rua, é o que faz as mudanças acontecerem, o que promove as leis, o que consegue os logros mais evidentes; ele precisa daquela militância do cuidado para se complementar, e que está certo que algumas pessoas façam um tipo de militância e outras pessoas lutem de outras formas: “cara, esse foi um aprendizado muito importante, muito forte pra mim. Por que a gente tem realmente essa ideia de que militar é ir lá e gritar, fazer acontecer e eu acho super importante esse tipo de militância, sim. De fazer a militância ser vista, mas tem que ter o tipo de militância real, a que vai lá e põe a mão na massa e que era o que a gente fazia, porque não adiantava nada ir lá gritar, gritar, gritar e na hora do ‘vamo vê’ não fazer nada. Eu acredito que seja sim um outro tipo de militância, que uma militância complementa a outra, por isso que existem pessoas diferentes que militam de maneiras diferentes. Mas cuidar das pessoas é sim uma maneira de militar, é uma maneira de colocar à prova a militância que não sai do papel, que não é só falar nem gritar” (NANE - Casassa, 2021).

Já o Emílio, da Casa Miga, aprofundou um pouco mais sobre o assunto e trouxe uma reflexão ainda mais contundente: “Militar não é só gritar palavras de ordem, nem só dizer ‘ninguém solta a mão de ninguém’, porque pudemos ver que no ano passado começou com essa frase e terminou com ‘você que lute’. Militar também é você estender a mão” (EMÍLIO - Casa Miga, 2020). Para Emílio, qualquer tipo de ação solidária precisa do respeito à orientação sexual, à identidade e expressão de gênero para poder chegar a ser militância: “O acolhimento é uma forma de militância, principalmente quando é feito [da gente para a gente]. Acolhimento é militância a depender da forma como esse acolhimento é feito, se a pessoa de fato é acolhida, se ela é de fato respeitada, se a identidade de gênero e a expressão de gênero não é um problema no serviço. Então tem umas nuances que entram na questão de ser militância ou não. Quando se trata de freiras fazendo o acolhimento, eu acredito que não entra em militância porque elas não militam, elas apenas estão fazendo um papel que elas têm que fazer porque é o dogma da igreja, um trabalho social” (EMÍLIO - Casa Miga, 2020).

Por essa razão, talvez, na Casa Chama tenha uma frase que guia o trabalho: “Quem acolhe é acolhido e quem é acolhido acolhe”, deixando em evidência, segundo o Digg, que o objetivo de construir uma relação na sua forma de militância: “todo mundo tem que se responsabilizar por todo mundo e com o que pode ser oferecido” (DIGG - Casa Chama, 2020). Esse lema fala da força da colaboração e da disponibilidade para a troca, fala da necessidade de um tipo de luta que, procurando melhorar o futuro, não esqueça do que acontece no hoje, da vida das pessoas que estão do nosso lado, caminhando junto. Sobre isso, o Vagner, da Casassa, comentou: “acho que o bem mais valioso que se tem, é a vida das pessoas, do ser humano; se você está ajudando, cuidando da vida dessas pessoas, com certeza você está praticando um ato de militância bem intenso, bem forte e importante, né?” (VAGNER - Casassa, 2021).

Cuidar das pessoas não pode ser uma luta isolada e precisa de muitas outras ferramentas. Sobre isso, a Fran, da Casassa, trouxe uma reflexão acerca do cuidado que é uma forma importante de militância, mas não se basta sozinha: “sem dúvida, cuidar das pessoas é uma forma de militar. Inclusive, eu tenho sempre uma frase que eu aprendi muito

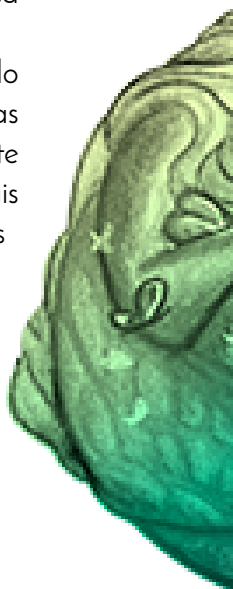
nos meus espaços de militância que é a 'mística do cuidado'. Quando a gente fala da mística do cuidado é mística de poder se olhar enquanto ser humano, de poder olhar para outra pessoa, então, cuidar das pessoas é sem dúvida uma forma de militar. Só que só o cuidado não basta na minha opinião. É o negócio da relação de classe, a gente não pode olhar uma coisa por si só, então a gente não pode olhar só a pessoa, a gente tem que olhar o contexto social dessa pessoa; a gente não está cuidando de qualquer pessoa, a gente vai cuidar de uma pessoa específica, em um contexto social específico, que tem uma cor de pele, que tem uma sexualidade, então são acúmulos de coisas que vão fazer a gente militar em tudo" (FRAN - Casassa, 2021).

E esse tipo de militância não só envolve cuidar das outras pessoas, senão, e talvez ainda mais importante, cuidar de nós. Foi a reflexão que trouxe a Olívia, da Casassa: "Olha, eu acho que cuidar das pessoas é uma forma importantíssima de militar; cuidar das pessoas não só dos outros, mas de nós mesmos, porque é uma premissa básica: a gente não consegue oferecer nada de bom se a gente não tem isso dentro da gente. Se a gente não está bem, dificilmente a gente vai desenvolver um bom trabalho, então, eu vejo que cuidar das pessoas é essencial porque as pessoas precisam estar vivas, bem, saudáveis para poder militar, ocupar os espaços, desenvolver as atividades. Eu acredito que é essencial, ainda que muitas vezes não seja uma parte muito vista da coisa. Porque é muito mais fácil a gente enxergar um trabalho que está sendo feito, digamos, na rua, na internet; a cara da pessoa lá, e muitas vezes o que é feito por trás não é visto, mas nem por isso é menos importante" (OLÍVIA - Casassa, 2021).

178 Talvez esteja aqui a verdadeira razão do fim da Casassa, nosso cuidado por nós mesmos enfraqueceu enquanto cuidávamos dos outros; nossos alicerces dependiam muito dos nossos vínculos pessoais e, talvez, como disse a Fran, por isso foi "que a Casassa se desmoronou, porque foi construída só em uma relação de afeto, porque a partir do momento que a gente deixou de se cuidar, quanto pessoas, como a gente ia cuidar dos outros?" (FRAN - Casassa, 2021). E sobre isso teríamos bastante para aprender da experiência da Casa Trans, que: "é um espaço da população trans, feito pela população trans, onde o Estado, seja quem for o partido político, tem que contribuir e facilitar as ferramentas para poder cobrir com os serviços de saúde, contra a violência que sofremos com a polícia. Acho que essa é uma das diferenças com as outras casas dos outros países, em que as meninas alugam as casas, elas que pagam, elas que sustentam. Eu acho que é um esforço muito grande e acho ótimo e admiro muito, mas todo esse esforço é um esforço que deveria estar fazendo o Estado" (MARCELA - Casa Trans, 2022).

Neste lugar acolhedor para pessoas trans em Buenos Aires, na Casa Trans, o cuidado e o trabalho militante que se faz fica separado de outros tipos de militância feitas pelas associações e organizações sociais, porque a Casa Trans, "acaba sendo um espaço diferente desses da associação, surge como um espaço diferente; a associação é uma coisa, algo mais da militância mais de mobilizações e a Casa Trans é um espaço onde brindamos serviços para cuidar das pessoas trans. É um espaço aberto a todas as organizações, não só à nossa, por isso eu digo que é um braço do ativismo. É um espaço aberto para todas as organizações e toda a população, se alguém que está em outra organização quiser, pode vir, pode ficar, pode participar sem problema nenhum" (MARCELA - Casa Trans, 2022).

É por isso que esta dimensão do trabalho militante partindo do cuidado feito nestas casas, realiza-se desde o vínculo que se cria nelas, e mesmo com o risco de parecer



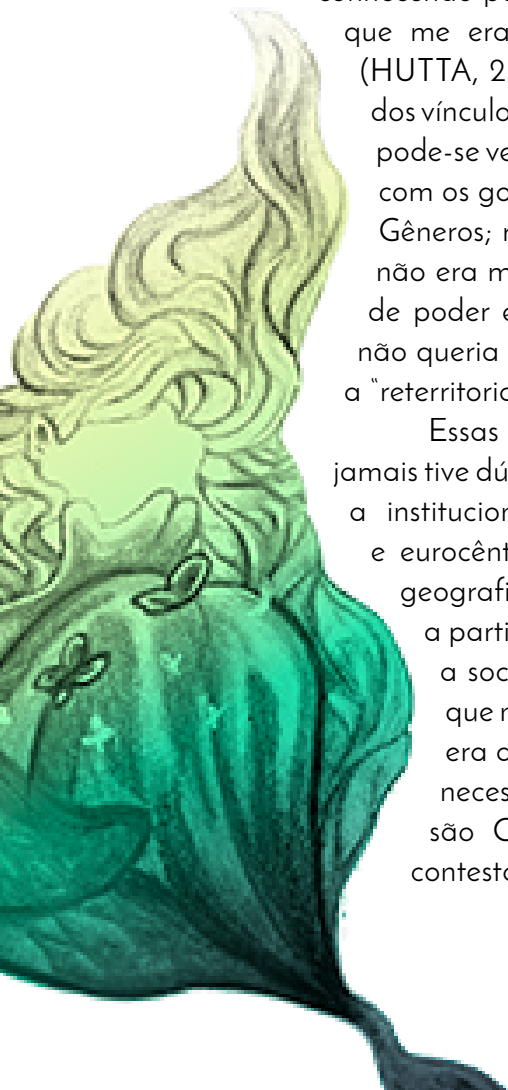
repetitivo, preciso insistir que só pode ser feito em lugares que não só recebem pessoas TLGB+, espaços físicos onde essas pessoas criam vínculos e podem “estar” senão, e talvez muito mais importante que isso, espaços onde esses corpos podem “ser”, verdadeiros: Lugares Acolhedores.

V SOBRE OS LUGARES ACOLHEDORES

De todas as lições transformadoras, talvez a que mais me custou trabalho racionalizar foi esta. O conceito de Lugar foi constantemente debatido por quase todas as geógrafas e geógrafos com quem falei na época. Como relatei na introdução, escolher este conceito me trouxe constantes questionamentos. Na Casassa sempre falamos de lugares, e quando falei com as lideranças que entrevistei, sempre me falaram de lugares e cada vez que eu lia sobre esse conceito, mais me identificava. Contudo, trocar Casas por Lugares no título só aconteceu quando consegui entender e aceitar que o foco da minha pesquisa seria esse, os lugares, e não foi uma tarefa fácil. Foi complicado pelo meu desconhecimento do assunto, pela insistente repetição das pessoas próximas para eu usar outras categorias e pelos meus próprios sentimentos encontrados quando me aproximava das leituras sobre Lugar, apesar da minha fascinação imediata por este conceito da geografia.

Durante o tempo de aprofundar na escolha do conceito de Lugar, sempre pensava: “qual o problema com o Lugar?”. Entrando nas leituras e aprofundando nos assuntos da geografia, cada dia entendia mais essa insistência, pois efetivamente, as Casas que ia conhecendo podiam ser observadas e analisadas usando vários desses conceitos que me eram oferecidos. Estas casas são, claramente, Territórios Afetivos (HUTTA, 2020), e existem nelas processos de “territorialidade” que vão além dos vínculos topofílicos das pessoas acolhidas com e nos seus territórios; e como pode-se ver nas entrevistas realizadas, existem relações de poder, destas casas com os governos, com a sociedade, com as lideranças da Ideologia dos Dois Gêneros; mas usar essa categoria levaria minha tese para outro destino que não era meu objetivo, precisando aprofundar e esclarecer algumas relações de poder e não podendo fugir de categorias muito interessantes, mas que não queria que fossem o foco deste trabalho, como a “desterritorialização” ou a “reterritorialização”.

Essas casas também são Espaços Subversivos (SILVA, 2009), disso jamais tive dúvida, pois são espaços construídos desde o feminismo que confronta a institucionalidade dominante, padrão, branca, cisgênera, heterossexual e eurocêntrica; são espaços que não podem ser compreendidos por uma geografia neutra, assexual e hegemônica que pretende interpretar o mundo a partir de uma limitada visão masculina e enunciar leis válidas para toda a sociedade; contudo, usar este conceito me localizaria em um debate que não seria o objetivo, totalmente, deste trabalho, pois minha proposta era aprofundar nos vínculos afetivos que se criam nestes espaços e não, necessariamente, na subversão deles. Também entendi que estas casas são Contra-Espaços (MOREIRA, 2006), e poucas casas poderiam contestar o espaço organizado e a realidade social vigente como estas



que são um ninho para pessoas que não se identificam e questionam o espaço disciplinar desta sociedade burguesa e, mesmo assim, usar este conceito deixaria o foco da minha pesquisa na organização social e, insistindo mais uma vez, o foco eram os vínculos que se possibilitam desse trabalho militante de cuidado.

Pensei sobre estes e outros conceitos, e refleti bastante, contudo, continuava sendo, para mim, muito mais significativo usar o conceito de Lugar para falar destas casas que conheci. Sim, estas casas podem ser definidas por estas e por outras muitas categorias; os olhos que as enxerguem verão nelas muitas dimensões, porque são espaços multidimensionais. De fato, acredito que se alguém estiver querendo argumentar alguma questão olhando para elas, quase que vai conseguir sua missão. Mas, na minha visão particular, só o conceito de lugar me permitia deixar os olhos na direção que eu queria: nas relações afetivas, nos vínculos; fortalecendo a proposta da militância do cuidado. Eu quis focar nos processos de aceitação, apoio e cuidado que estes espaços proporcionam a partir das relações afetivas e emocionais que se criam nestes espaços.

A literatura feminista dissertou sobre a construção de espaços emocionais e como alguns destes espaços silenciam outros tipos de emoções; como elas acabam afetando algumas pessoas política, social e economicamente (AHMED, 2014). Isto sem contar a forma como todas nossas vinculações afetivas influenciam as próprias identidades e contribuem com a nossa constituição como sujeitos. Como habitar esses espaços afeta nossos corpos, desde que estejamos cientes do mundo, desde onde nos localizamos, desde onde enxergamos o mundo, o enfrentamos, podemos ressignificá-lo ou subvertê-lo. A partir desse olhar, o Lugar é uma categoria muito importante para pensarmos o mundo de vínculos e cuidados das pessoas TLGB+; uma categoria sobressalente porque o lugar é aberto, dinâmico; um lugar que está em contato com outros lugares e sua identidade está sempre em questão, não é estável e imóvel, é diverso e tem movimento; nele existem multiplicidade de trajetórias de vida que dão novas interpretações para ele, sem perder o caráter que o faz único (MASSEY, 2004).

E é, justamente, a propensão que tem este conceito de lugar de contribuir na identidade das pessoas, o que é, para mim, muito mais interessante usá-lo ao falar de casas que cuidam de pessoas TLGB+. Porque as pessoas TLGB+, por vezes, não podem SER em alguns espaços, não são acolhidas; e muitas vezes os espaços onde não são acolhidos, foram aqueles onde têm suas vinculações afetivas, como sua casa, sua escola, a igreja. Ter criado um vínculo emocional com um espaço não faz dele um lugar acolhedor, mesmo podendo ser um lugar amoroso ou um lugar aconchegante. De fato, um lugar acolhedor para uma pessoa TLGB+ pode distar bastante da ideia de um lugar acolhedor que poderia ter qualquer outra pessoa.

Um lugar acolhedor para as pessoas TLGB+ não necessariamente é aconchegante, não são sinônimos. Poderia parecer que um lugar acolhedor faz referência a um espaço harmônico ou amoroso, e nada mais distante; porque um lugar acolhedor é um espaço físico em que as pessoas podem SER, e não todas as vezes esses lugares são aconchegantes. A Casassa, sem mobiliário e no chão, foi um lugar acolhedor; um ateliê em São Paulo; uma sala para um encontro nacional na Bolívia; um apartamento no centro de Santiago de Chile; uma sala de ensaios em Montevidéu. Nada mais distante da realidade pensar que um lugar acolhedor é um espaço confortável, mesmo sendo um espaço de cuidados.

E isso não significa que não possam ser aconchegantes, harmônicos, amorosos e também confortáveis, mas não é pré-requisito para sua existência.

Por isso não fazia sentido, para mim, usar outra categoria que não fosse a do Lugar. Não fazia sentido falar aqui destas casas chamando-as de Territórios Acolhedores, Espaços Subversivos e Acolhedores ou Contra-Espaços Acolhedores, para seguir com os mesmos exemplos, ou qualquer outra possibilidade, que, seguramente, mostra-se interessante e importante, mas que não conseguiria conter o objetivo da minha perspectiva. São os Lugares, esses espaços em que se criam vínculos e apegos, aqueles que precisam ser acolhedores. E nessa ordem de ideias, chamou-me muito a atenção o uso da categoria CASA para nominar todos estes espaços. Não foi usada a palavra LAR, mesmo tendo serviços de abrigo em várias delas; quase todos os nomes destes espaços são compostos com palavra casa ou house, que representa o primeiro lugar para criar vínculos, o primeiro lugar em que as pessoas deveriam se sentir seguras, bem-vindas e protegidas.

Mas essas casas, com suas famílias dentro, nem sempre são lugares acolhedores; muitas vezes, para as pessoas TLGB+, são espaços inseguros, e até os mais perigosos. Para muitas pessoas que têm que viver em um mundo caótico, agressivo e hostil, voltar para suas casas é um colírio; para a grande maioria das pessoas TLGB+, não. Esse lugar, que para quase todas as pessoas pode ser sinônimo de conforto e aconchego, para algumas pessoas TLGB+ é inacessível ante à negação da própria identidade. Natália da Casinha comentou sobre isto, quando pensou junto com suas amigas sobre a necessidade de uma casa com atividades simples que, para a grande maioria, podem ser rotineiras, para nós são desafios: "sentar no sofá, assistir um filme com a pessoas que namoramos e pegar na mão" não é possível, não há forma de "criar essa intimidade porque não [temos] um espaço seguro para viver" (NATÁLIA - Casinha, 2020).

Esses espaços continuam sendo lugares para todas e todos nós, mas não são acolhedores. Nesses lugares criamos vínculos, mas precisamos entrar como personagens para a ocasião, com roupas estabelecidas; que não gostamos, que são incômodas, ou que não vestiríamos se fosse nossa decisão; mudando a voz ou evitando falar demais; sem o direito de ser quem somos ou de convidar quem amamos. Nossas casas são lugares, sim; criamos vínculos neles, sim; mas não sempre entramos sendo nós, não nos acolhe. Esses lugares, por vezes, só dão a força para fugir: "A força, a insistência, a convicção de ter que ir embora desses lugares onde te maltratam. Tem que ir embora para procurar outros círculos, outros núcleos de relacionamento, outras familiaridades. Ir embora do conceito de heterossexualidade e que não significa que você é menina e gosta de estar com homens e você precisa mudar seu objeto de desejo, precisa modificar como você se aproxima ao outro e à outra, que é muito mais profundo que as relações sexuais ou genitas, que se distancia do romantismo barato que nos venderam e pelo que sofremos tanto" (WAYAR, 2018, p. 133).

Por isso as Casas, as House, Redes de Apoio e Organizações que foram entrevistadas são lugares que procuram se distanciar dessas relações que se constroem e vivem, muitas vezes, nas casas das famílias, como disse a Marcela da Casa Trans: "aqui não podemos repetir esses inconvenientes (...) Aqui não. Brigas, machismo ou violência verbal; já é suficiente tudo o que nós vivemos no exterior, o que acontece fora da Casa. Este é um espaço livre de discriminação, um espaço de contenção; aqui não pode ser um

espaço de 'quem manda mais' ou 'quem é a quem tem mais força'. Porque nesse caso, efetivamente, as pessoas acabam indo embora, porque é voltar novamente àquilo do que escaparam nas suas casas" (MARCELA - Casa Trans, 2022).

Estes lugares acolhedores, como conseguimos evidenciar nesta viagem, são espaços para recuperar a alegria; uma alegria que muitas vezes é roubada para os corpos TLGB+. "A alegria como vocação política e estética. Como 'sentimento ético de implicação com o mundo', proclama o poeta Luis García Montero. Ética da solidariedade e do compromisso. O compromisso de estar aqui, fazendo-se presente com o coração disposto e os olhos abertos. (...) O oposto da alegria não é a tristeza: são a desídia e a indiferença. Alegria é, pelo contrário, sinônimo de consciência, de resistência, de abertura; no final das contas, de solidariedade e empatia..." (RESTREPO, 2022⁰¹) e eu, talvez adicionaria, para o caso das pessoas TLGB+, de dororidade.

Para fechar, uma última reflexão: nesta tese, o T vai na frente da sigla porque se um lugar não é acolhedor para uma pessoa tranvestis-generis, não é acolhedor para nenhum de nós. Não é possível entender os lugares que acolhem pessoas TLGB+, no Fim do Mundo, se neles não entram primeiro os corpos atravessados pelas mulheridades; porque, como foi dito muitas vezes, estes precisam ser espaços onde todos estes corpos possam SER e não apenas ESTAR.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Promulgada Emenda Constitucional do Teto de Gastos Públicos.**

Redação | 15/12/2016, 09h37 - ATUALIZADO EM 23/04/2018. Disponível em:

<https://n9.cl/m8nyx>. Acesso em: 23 fev 2021.

AMNISTIA INTERNACIONAL. **Violaciones de los derechos humanos de los**

homosexuales, Documentación. 1 de enero de 1994. Disponível em

<https://n9.cl/9y255> >. Acesso em: 24/01/2022

ARAUJO, M. C. **Prospectos da democracia na América Latina em 2006.** CPDOC/FGV.

Rio de Janeiro, 2006, p.1-13. Disponível em: <https://n9.cl/fkkg>. Acesso em: 22 jan 2021.

ARUQUIPA PÉREZ, David; ESTENSSORO VELAOCHAGA, Paula; VARGAS, Pablo C.

Memorias Colectivas: Miradas a la Historia del Movimiento TLGB de Bolivia. Serie Estudios e Investigaciones 5. La Paz, Bolivia, 2012.

ATA FUNDACIONAL CASASSA. Aprovação de estatuto, eleição e posse da Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho Ética da Associação Beneficente Casassa LGBTQ+ (ABC LGBTQ+). 2017

AUGÉ, Marc. **Não Lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade.

Campinas: Papirus, 1994.

BÁEZ, M. La transexualidad desde la mirada de la sociología del cuerpo. **Salus**, vol. 19.

Valencia dic. 2015. Disponível em: <https://n9.cl/8266g>. Acesso em: 17 dez 2020.

BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011.

BAUMAN, Z. **Liquid love:** on the fragility of human bonds. Traducción: Mirta Rosenberg.

Editor digital: bigbang951, 2003.

BAYLINA, M; ORTIZ, A; PRATS, M. Conexiones teóricas y metodológicas entre las geografías del **género y la infancia**. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y**

Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (41). Disponível em: <https://n9.cl/pzh9u>. Acesso em: 21 mar 2022.

BBC MUNDO. **Quiénes son los muxes, el tercer género que existe en el sur de México:**

«Hay hombres y mujeres, y hay algo en medio». Ola Synowiec. BBC Travel. 28 noviembre de 2018. Disponível em: <<https://n9.cl/kiew4>>. Acesso em: 17 dez 2020.

BBC NEWS. **Paro nacional en Colombia**: 4 motivos detrás de las multitudinarias protestas y cacerolazos en Colombia contra el gobierno de Iván Duque. 21 noviembre 2019. Disponível em: <<https://n9.cl/dskan>>. Acesso em: 27 jan 2021.

BBC NEWS. **Protestas en Chile**: la histórica marcha de más de un millón de personas que tomó las calles de Santiago. 25 octubre 2019 Disponível em: <<https://n9.cl/ylucn>>. Acesso em: 27 jan 2021.

BETHELL, L. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 44, jul/dez, 2009, p. 289-321. Disponível em: <<https://n9.cl/ylucn>>. Acesso em: 23 jan 2021.

CAMPOY, Ana. La extrema derecha quiere venderte una teoría sobre el sexo y el **género que** no existe. **Quartz**, 17 de noviembre de 2017. Disponível em: <<https://n9.cl/a8l2m>>. Acesso em: 20 mar 2021.

CANAL CASA CHAMA. **Sobre nós - A Casa Chama**. 2020. Disponível em: <<https://n9.cl/b8q06>>. Acesso em: 13 abr 2022.

186

CANAL SUR. Gente Maravillosa | **El dúo Azúcar Moreno** - Las personas sin hogar en España. 27 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://t.ly/hCTw>>. Acesso em: 21 fev 2022.

CARO ROMERO, Felipe César Camilo. **Más allá de Stonewall**: El Movimiento de Liberación Homosexual de Colombia y las redes de activismo internacional, 1976-1989. hist. crit. nº.75, Bogotá Jan./Mar. 2020. Disponível em: <<https://n9.cl/lun63>>. Acesso em: 08 jul 2021.

CARRERA, Beatriz; RUIZ, Zara. **Abya Yala Wawgeykuna**: Artes, saberes y vivencias de indígenas americanos. Prólogo. Celebrado en la Escuela de Estudios Hispano-Americanos (CSIC) el 17 y 18 de noviembre de 2014

CARROLL, A. State-sponsored Homophobia. **A worldsurveyof sexual orientation laws**: criminalisation, protection and recognition. 11th edition. ILGA. 2016.

CASTILLO BASTIDAS, Anabel. **Performatividad y roles de género en lo Drag en el escenario quiteño**: el teatro Dionisios. Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador. QUITO, 2014.

CHAVES GARCÍA, Nery; ESTER, Bárbara. Los derechos LGBTI+ en América Latina. **CELAG**. 28 JUNIO, 2021. Disponível em: <<https://n9.cl/zdpsu>>. Acesso em: 01 abr 2022.

CIDH. **Informe sobre Personas Trans y de Género Diverso y sus derechos económicos, sociales, culturales y ambientales.** (OAS.Documentosoficiales; OEA/Ser.L/V/II) ISBN 978-0-8270-7101-8. cidh.org - 2020

CIDH. **Violência contra Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas.** OAS/Ser. L/V/II. Doc. 36/15 rev. 12 novembro 2015.

CLAUDINO, Guilherme dos Santos. **Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro:** O conhecer e o pensar na condição de nervuras. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Julia Mesquita, Presidente Prudente, 2019.

COLETIVO TLGB. **Misión y Visión.** Disponível em: <<https://n9.cl/pq4n8>>. Acesso em: 17 fev 2022.

COLOMBIA DIVERSA. **¿Quién nos va a contar?** Informe para la Comisión de la Verdad sobre experiencias de personas LGBT en el conflicto armado colombiano. AltaVoz Editores. ISBN: 978-958-52701-6-9. Septiembre de 2020

DAZA, Mar; HOETMER, Raphael; VARGAS, Virginia. **Crisis y Movimientos Sociales en Nuestra América:** Cuerpos, Territorios e Imaginarios en Disputa. **Coleção Teorias Críticas e Transformação Global.** Ed. 1. Biblioteca Nacional del Perú no. 2012-04126. Lima, noviembre de 2012

187

DENZIN, N.K. **Sociological Methods.** New York: McGraw-Hill, 1978.

DOCUMENTO DO MUSEU. Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto. 2018

DOMÍNGUEZ AVILA, C. F. Impedimento presidencial de Dilma Rousseff, rendición de cuentas interinstitucional, estrategias de subversión, y calidad de la democracia en Brasil. **Polis**, vol.16 n°.48 Santiago dic. 2017. Disponível em: <<https://n9.cl/bujxo>>. Acesso em: 23 fev 2021.

DUARTE, T. **A possibilidade da investigação a 3:** reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-WORKING PAPER, n° 60/2009.

EL COMERCIO. **Marchas y contramarchas:** la actual situación de Con mis Hijos no te Metas. Lima, 24 de mayo de 2019. Disponível em: <<https://n9.cl/u4c88>>. Acesso em: 27 jan 2021.

EL HERALDO. **Multitudinaria marcha en "defensa de la familia".** Barranquilla, 11 de Agosto 2016. Disponível em: <<https://n9.cl/61xvr>>. Acesso em: 27 jan 2021.

EL PAÍS. **Proponen sancionar a profesores que promuevan ideologías políticas en colegios.** Febrero 20, 2019. Disponible em: <<https://n9.cl/utitd>>. Acesso em: 27 jan 2021.

FARÍAS, Camila; TROTTA, Sofía. Historia LGBTQ+ 1: El Movimiento LGBTQ+ en América Latina. **Cuatica.com** - JUNIO 27, 2020. Disponible em: <<https://n9.cl/k44h3>>. Acesso em: 30 mar 2022.

FIGARI, C. El movimiento LGBT en América Latina: institucionalizaciones oblicuas. In: **Movilizaciones, protestas e identidades políticas en la Argentina del bicentenario.** Ed 1. 2010 Disponible em: <<https://n9.cl/2t79f>>. Acesso em: 14 abr 2021.b

FIGARI, C. PONCE, E. De los fusiles a las plumas: movimientos sociales de identidad de género en Argentina. **Separata Red de Filosofía y Teoría Social**, Secretaría de Ciencia y Tecnología, Universidad Nacional de Catamarca, pp. 1-11. 1999.

FIGARI, C. Sociabilidad, Política, Violencia y Derechos. La Marcha GLTTB de Buenos Aires. **Primera Encuesta.** Instituto Gino Germani, Universidad de Buenos Aires y CLAM/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Buenos Aires: Antropofagia. 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ideologia de gênero é coisa do capeta, diz Bolsonaro na Marcha para Jesus.** 10 de agosto de 2019. Disponible em: <<https://n9.cl/n7eny>>. Acesso em: 27 jan 2021.

b

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pai e filho são agredidos após serem confundidos com casal gay.** 19/07/2011. Rivaldo Gomes/Folhapress. Disponible em: <<https://n9.cl/u6xb1>>. Acesso em: 31 mar 2022.

FOUCAULT, M. **Historia De La Sexualidad I: La Voluntad de Saber.** Siglo veintiuno editores, s.a. de c.v. primera edición en español, 1977. Traducción de Ulises Guiñazú. Francia, 1976.

FRANCE 24. **EI VIH / SIDA:** desde la **década de** los 80 hasta hoy. 24/04/2020 Disponible em: <<https://n9.cl/7oksq>>. Acesso em: 18 dez 2020.

FUNDACIÓN JUAN VIVES SURIÁ. **Lentes de género:** lecturas para desarmar el patriarcado. Fundación Editorial El perro y la rana - Defensoría del Pueblo. Caracas, 2010.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes Violentas de LTBT+ no Brasil. **RELEASE RELATÓRIO 2021.** Editora Grupo Gay da Bahia, 2022

GUEILBURT, Matias. **O Papa do fim do Mundo.** Estúdio Anima Films. 2013.

GUIMARAES, R. B.; PICKENHAYN, J.A.; LIMA, S. C. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia: Assis Editora, 2014.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: **The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective**. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, pp. 575-599. 1988

HOLZER, W. Lugar. **GEOgraphia**. Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN: 2674-8126. Vol. 21, No 47, 2019: set./dez. Disponível em: <<https://n9.cl/bi9ez>>. Acesso em: 18 nov 2021

HOLZER, W. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. *GEOgraphia* -Ano V - No 10 - 2003

HUTTA, Jan Simon. **Territórios Afetivos: Cartografia Do Aconchego Como Uma Cartografia De Poder**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, Número Especial "Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades", p. 63-89, junho, 2020

KAIPPER, M. El alto precio de ser gay en Latinoamérica. **ILGA.ORG**. Publicado em 3/21/2014. Disponível em: <<https://n9.cl/xs75x>>. Acesso em: 06 dez 2018.

LEITE, A. F. O Lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 21, p. 8-19, 1998.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **QUEM SOMOS**. Disponível em: <https://levante.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 abr 2022.

LIVINGSTON, Jennie. **Paris is Burning**. DOCUMENTAL. Academy Entertainment; Off White Productions. 16 de agosto de 1991.

LOI, Marta. **Cuerpo y cultura visual en la deconstrucción de los roles de género**. Tesis doctoral. Facultat de Belles Arts. BARCELONA. 2017.

LUGONES, M. **Colonialidad y Género**. *Tabula Rasa*, 9, 73-101. PATTON, M.Q. "Enhancing the quality and credibility of qualitative analysis." *HSR: Health Services Research*. 34 (5) Part II. pp. 1189-1208. 1999. Julho/diciembre 2008.

MARINGONI, G. Medios masivos de comunicación. **Enciclopedia Latinoamericana**. Conteúdo atualizado em 20/05/2017. Disponível em: <<https://n9.cl/gzgfr>>. Acesso em: 21 dez 2020.

MARRONE, Mario. La Teoría del Apego. Un enfoque actual. 401 páginas. **Revista de psicoanálisis**, ISSN-e 1699-4825, nº. 10, Madrid: Editorial Psimática, 2002.

MASSEY, Doreen. **Lugar, identidad y geografías de la responsabilidad en un mundo en**

proceso de globalización. Conferencia presentada a la Sociedad Catalana de Geografía el 26 de septiembre de 2003 en el marco de la clausura del XVIII Congreso de la Asociación de Geógrafos Españoles. Treballs de la SCG, 57, 2004

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015

MEDINA-NARANJO, J. **Práticas espaciais, saúde e complexo de Catalina:** Caminho do desenvolvimento no Brasil e na Colômbia. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita. Presidente Prudente, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** 4.ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec Editora, 1996.

MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado - Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017 DISPONÍVEL EM: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=pdf&lang=pt> ACESSO EM: 08/11/2022

MONETA. Maria Eugenia. Apego y pérdida: redescubriendo a John Bowlby. **Rev. chil. pediatr.** vol.85 n°.3 Santiago jun. 2014. Disponível em: <https://n9.cl/uwlug>. Acesso em: 04 abr 2022.

MONTEIRO, C. A. A América Latina: da criação passada à invenção necessária. In: LEMOS, Amalia, et al. **América Latina:** cidade, campo e turismo. CLACSO, San Pablo. Dez. 2006. Disponível em: <https://n9.cl/4rq19>. Acesso em: 26 jan 2021.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, M. et al. Orgs.). **Território, territórios- ensaio sobre o ordenamento.** 2ª. Ed. Niterói: DP&APPGEO/UFF, 2006.

NOTICIAS ONU. **Unidos contra el odio y la violencia hacia las personas LGBTI.** Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2020/05/1474522>. Acesso em: 15/12/2022

O GLOBO. **No Rio, Casa Nem é refúgio para LGBTs excluídos das famílias nas festas de fim de ano.** Sarah Cozzolino. 26/12/2019. Disponível em: <https://n9.cl/iayv8>. Acesso em: 25 mar 2022.

PAINEMAL, X. **Identidad y espiritualidad Mapuche: la versión del Machi.** (Tesis para optar al título de psicóloga). Escuela de Psicología. Santiago, Chile. Año 2011 Disponível em: <https://n9.cl/O9zto>. Acesso em: 17 dez 2020.

PEDROSO, M. **Contextos geográficos da AIDS e os espaços vividos por jovens com HIV**

em **Presidente Prudente - SP**. Presidente Prudente: [s.n.], 2017.

PORTAL EBC. **Escola sem Partido**: entenda o que é movimento que divide opiniões na Educação. 20 de julho de 2016. Disponível em: <<https://n9.cl/sb12e>>. Acesso em: 27 jan 2021.

PSIQUIATRIA.COM. **Diccionario médico, definiciones y términos de psiquiatría**. Desde 1996. Disponível em: <<https://n9.cl/wbwrg>>. Acesso em: 04 abr 2022.

REVISTA LADO A. História: 28 de junho de 1969 - Stonewall. **Revista Lado A**. 28 Junho, 2013. Disponível em: <<https://n9.cl/Otqzs>>. Acesso em: 07 fev 2018.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen. 2019. 112 p.

RODRIGUES, N. **Donna Haraway e a proposta de conhecimentos situados**. LES Online, Vol. 7, No 1 (2015) DISPONÍVEL EM: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfefindmkaj/https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/donna-haraway.pdf ACESSO EM: 09/11/2022

ROSE, G. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, 1997, 21 (3), pp. 305-320.

ROTARY.ORG. **QUEM SOMOS**. Disponível em: <<https://n9.cl/sp52y>>. Acesso em: 07 abr 2022.

RUDNITZKI, E. "**Sejam bem viados**": Conheça a Casa 1, iniciativa de abrigo a pessoas LGBT. Disponível em: <<https://n9.cl/19yfy>>. Acesso em: 25 out 2021.

SABATÉ MARTÍNEZ, A; RODRÍGUEZ MOYA, J.M; DÍAZ MUÑOZ, M.A. **Mujeres, Espacio y Sociedad. Hacia una Geografía del Género**. Madrid: Síntesis, 1995.

SANZ, J. ¿Por **qué en México el número 41 se asocia con los homosexuales?** **Historias de la historia**. 17 SEPTIEMBRE 2013. Disponível em: <<https://n9.cl/2ygwq>>. Acesso em: 18 fev 2018.

SEIDMAN, S. **Queer Theory /Sociology**. Oxford: BlackwellPublishers. 1996.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Organizadora Joseli Maria Silva. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009.

SIMONETTO, Patricio. Movimientos de liberación homosexual en América Latina. Aportes historiográficos desde una perspectiva comparada entre Argentina, Brasil, Chile, Colombia y México (1967-1982). **Iberoamericana**, XVII, 65 (2017), 157-177. DOI: 10.18441/ibam.17.2017.65.157-177. Disponível em: <<https://n9.cl/7cs4a>>. Acesso em: 12 Jan 2022

SOLANA, Mariela. El debate sobre los orígenes de la homosexualidad masculina. Una revisión de la distinción entre esencialismo y construccionismo en historia de la sexualidad. **Tópicos**. nº. 54 México ene./jun. 2018.

SOUZA DUARTE, A; CYMBALISTA, R. Casa 1 y la Resistencia LGBT en **São Paulo, Brasil. ARQ (Santiago)**, nº. 105, Santiago, Ago. 2020. Disponível em: <<https://n9.cl/avyl8>>. Acesso em: 25 mar 2022.

TALARICO, Picky. **Rompan todo**: La historia del rock en América Latina. Documental. Producción de Nicolás Entel. Netflix. 2020.

TUAN. Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 1977

VILLANUEVA JORDÁN, Iván. "Yo soy una Drag Queen, no soy cualquier loco" Representaciones del Dragqueenismo en Lima, Perú. **Península**. Vol. XII, nº 2 julio-diciembre de 2017 pp. 95-118. Disponível em: <<https://n9.cl/vzOwt>>. Acesso em: 17 Mar 2022

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. Buenos Aires: Editorial MANDACARU. ISBN: 978-987-47671-2-7. P. 72. 2021.

WELZER-LANG, Daniel. The Construction of the Masculine: Women's Domination and Homophobia. Tradução de Miriam Pillar Grossi - Revisão de Helena Heloísa Fava Tornquis. **Caderno Pagu**. 2001.





